

**UFRRJ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM**  
**DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE**

**TESE**

**Desenvolvimento Local, Turismo e Lazer no Agreste  
Central de Pernambuco.**

**Margarita de Cássia Viana Rodrigues**

**2007**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO,  
AGRICULTURA E SOCIEDADE**

**DESENVOLVIMENTO LOCAL, TURISMO E LAZER NO AGRESTE  
CENTRAL DE PERNAMBUCO.**

**MARGARITA DE CÁSSIA VIANA RODRIGUES**

*Sob a Orientação do Professor*  
**Nelson Giordano Delgado**

*e Co-orientação da Professora*  
**Maria Salett Tauk Santos**

Tese submetida como requisito parcial para  
obtenção do grau de **Doutora** em Ciências,  
área de Concentração em Desenvolvimento e  
Agricultura.

Seropédica, RJ  
Agosto de 2007

338.479109 Rodrigues, Margarita de Cássia  
81 Viana  
R696 Desenvolvimento local, turismo e  
T lazer no agreste central de  
Pernambuco/ Margarita de Cássia  
Viana Rodrigues - 2007.  
204 f.

Orientador: Nelson Giordano  
Delgado.

Co-orietador: Maria Salett Tauk  
Santos

Tese (Doutorado) - Universidade  
Federal Rural do Rio de Janeiro,  
Instituto de Ciências Humanas e  
Sociais.

Bibliografia: f. 160-168.

1. Desenvolvimento local -  
Turismo - Brasil - Teses. 2.  
Turismo - Gravatá - Teses. 3.  
Gravatá - Teses. I. Delgado, Nelson  
Giordano. II. Santos, Maria Salett  
Tauk III. Universidade Federal  
Rural do Rio de Janeiro. Instituto  
de Ciências Humanas e Sociais. IV.  
Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E**  
**SOCIEDADE**

MARGARITA DE CÁSSIA VIANA RODRIGUES

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutora em Ciências**, no Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, área de concentração em Desenvolvimento e Agricultura.

TESE APROVADA EM 29/08/2007

---

Dr. Nelson Giordano Delgado - UFRRJ  
(Orientador)

---

Ph.D. José Ferreira Irmão – UFRPE

---

Dra. Regina Bruno - UFRRJ

---

Dr. Angelo Brás Fernandes Callou – UFRPE

---

Dr. Héctor Alimonda - UFRRJ



À memória de meu pai – José Maria.  
E a minha mãe – Orlinda

Dedico

Aos meus Irmãos, Cunhados e Sobrinhos.  
Aos meus tios Ema e Óscar.

Ofereço

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus e à minha família pelo apoio ao longo desses últimos 04 anos, aqui na Cidade Maravilhosa! Agradeço, ainda, porque foram os anos mais proveitosos e que mudaram as minhas aspirações de vida.

Agradeço o carinho dos amigos companheiros das horas difíceis e alegres Ricardo, Gilberto, Deluciana, Helena, Airam, Ceci e Marcos.

Ao meu orientador Prof. Nelson Giordano Delgado e a minha co-orientadora e amiga Prof. Maria Salett Tauk Santos.

Ao Prof. José Ferreira Irmão por aceitar coordenar o PQI-CAPES/UFRPE/UFRRJ.

À minha amiga Kika por ter cuidado dos meus interesses junto à Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Às minhas amigas Graça e Neuzinha pela paciência, e preciosos conselhos ao longo desse tempo.

Aos amigos Cláudio e João, pela força e apoio dados ao longo desses últimos meses.

À Marta e Marcos Freire pelo apoio que viabilizou as entrevistas com o Prefeito, e Secretário de Turismo de Gravatá.

À população de Gravatá e em especial a Eduardo Cavalcanti pelas preciosas informações e acolhida, sempre gentil e prestativo.

À CAPES pela bolsa que auxiliou os meus estudos.

Aos professores e funcionários do CPDA.

À Diva, Tereza e Sônia que nos momentos finais me apoiaram e me ajudaram, com suas palavras.

**A todos, MUITO OBRIGADA!**

## **SUMÁRIO**

ÍNDICE DE TABELAS  
ÍNDICE DE QUADROS  
ÍNDICE DE FIGURAS  
RESUMO  
ABSTRACT

	Pág.
<b>INTRODUÇÃO A CONTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO</b>	13
Contextualizando o Tema e o Problema	13
Metodologia: O Caminho se faz ao Caminhar	30
<b>CAPÍTULO 1. DESENVOLVIMENTO LOCAL, TURISMO E NOVAS RURALIDADES</b>	38
1.1. Desenvolvimento Local: Atores Sociais e Participação	38
1.2. Políticas Públicas de Turismo e Desenvolvimento Local	42
1.3. As Novas Ruralidades: Mundo Rural Tradicional X Mundo Rural Contemporâneo	52
<b>CAPÍTULO 2. DO BOI E DO ROÇADO AO RURAL CONTEMPORÂNEO</b>	55
2.1. Do Boi e do Roçado: Aspectos físicos, geográficos e históricos de Gravatá	55
2.2. Dados Oficiais de Gravatá na Atualidade	61
2.3. Era Uma Vez... O Rural Contemporâneo de Gravatá	66
<b>CAPÍTULO 3. GRAVATÁ: LUGAR DE GENTE FELIZ</b>	72
3.1. A Vida Cotidiana da População e suas Relações com o Turismo e o Lazer	72
3.2. A Moderna Agropecuária em Gravatá e suas Relações com o Turismo e o Lazer	90
3.3. O Trabalho e o Lazer em Gravatá	96
3.3.1. O Trabalho para a População de Gravatá	96
3.3.1.1. O Associativismo em Gravatá	101
3.3.2. O Lazer em Gravatá	108
<b>CAPÍTULO 4. GRAVATÁ: UMA USINA SOCIAL DE PROJETOS</b>	114
4.1. As Políticas Públicas de Turismo e Lazer em Gravatá	114
4.2. Desenvolvimento Local: A Geração de Emprego, Renda e Capacitação Profissional em Gravatá	135
<b>CONCLUSÕES</b>	148
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	161
<b>APÊNDICES</b>	170
<b>ANEXOS</b>	190

## ÍNDICE DE TABELAS

	Pág.
1. Tabela 1. Evolução Populacional de Gravatá entre 1970 e 2000.	21
2. Tabela 2. Número de Estabelecimentos e de empregados no Setor Formal em 2005	64
3. Tabela 3. Valores das Receitas e Despesas – 2004-2005.	66
4. Tabela 5. Indicadores de receita 2005.	66
5. Tabela 6. Gastos Sociais – 2005.	66

## ÍNDICE DE FIGURAS

	Pág.
1. Fotografia Mapa do Estado de Pernambuco, por Regiões.	56
2. Fotografia Mapa do Estado de Pernambuco.	57
3. Fotografia Bromélia Karatas ou Gravatá.	194
4. Fotografia Igreja Matriz de Sant' Ana no Centro de Gravatá.	194
5. Fotografia Capela São Miguel.	194
6. Fotografia Memorial e Biblioteca Pública.	194
7. Fotografia Prefeitura Municipal de Gravatá.	194
8. Fotografia Casario antigo de Gravatá.	195
9. Fotografia Percurso que corresponde à duplicação e ampliação da Rodovia BR 232.	195
10. Fotografia da Rodovia Luiz Gonzaga, BR - 232.	195
11. Fotografia Pólo Moveleiro de Gravatá.	195
12. Fotografia Artesanato em Barro em Madeira.	195
13. Fotografia Artesanato em Bronze.	196
14. Fotografia Artesanato em Trançado.	196
15. Fotografia Casa do Artesão.	196
16. Fotografia dos Artesões.	196
17. Fotografia loja de Móveis.	196
18. Fotografia loja de Móveis.	196
19. Fotografia Grupo de Forró de Pé de Serra.	197
20. Fotografia do Fondue gravataense.	197
21. Fotografia do Privê Mupuquara em Gravatá.	197
22. Fotografia do Condomínio Asa Branca.	197
23. Fotografia do Apart-hotel Vila Hípica.	197
24. Fotografia do Redondel do Centro Hípico Vila Hípica.	197
25. Fotografia das Baías no Centro Hípico.	198
26. Fotografia do Treinamento de Salto no Centro Hípico.	198
27. Fotografia do Hotel Vila Hípica em Construção.	198
28. Fotografia do Restaurante do Flat Vila Hípica.	198
29. Fotografia da Recepção do Hotel-Fazenda Portal de Gravatá.	198
30. Fotografia do Restaurante do Hotel-Fazenda Portal de Gravatá.	198
31. Fotografia da Recepção do Hotel Casa Grande.	199
32. Fotografia do Parque Aquático do Hotel Casa Grande.	199
33. Fotografia do Mini-boi.	199
34. Fotografia do Avestruz.	199
35. Fotografia do Haras das Acácias.	199
36. Folder da Associação de Turismo de Gravatá.	199
37. Fotografia do Centro de Informações Turísticas de Gravatá.	200
38. Fotografia da Placa de Sinalização.	200
39. Fotografia do Show no Palco do Pátio de Eventos.	200
40. Fotografia da Área do Pátio de Evento.	200
41. Fotografia Esportes Radicais na Cachoeira.	200

42.	Fotografia Esportes Radicais no Túnel Cascavel.	200
43.	Fotografia da Cachoeira da Palmeira.	201
44.	Panfleto de propaganda do “Resort” Condomínio Asa Branca.	201
45.	Panfleto de propaganda do Prive Chalés da Serra.	201
46.	Fotografia do “Resort” Condomínio Monte Castelo.	201
47.	Fotografia do Mercado Público reformado.	202
48.	Fotografia da plantação de Morangos.	202
49.	Fotografia . Plantação de repolho da agricultura tradicional.	202
50.	Fotografia Agricultura Tradicional e Estufa de Flores.	202
51.	Fotografia das Barracas da Feira Livre.	202
52.	Fotografia das Barracas da Feira de Produtos Orgânicos.	202
53.	Fotografia de Flores Cultivadas em Estufas.	203
54.	Fotografia de Flores Cultivadas em Estufas.	203
55.	Fotografia das Flores em Pacotes.	203
56.	Fotografia do Buquet de Flores.	203
57.	Fotografia de Gérberas cultivadas em estufas.	203
58..	Fotografia de Gérberas cultivadas em estufas.	203
59.	Fotografia de Orquídea.	204
60.	Fotografia do Cavalo da raça Quarto de Milha.	204
61.	Fotografia do Bode Bôer.	204
62.	Fotografia da ovelha da raça Dorper.	205
63.	Fotografia da ovelha da raça Santa Inês.	205
64.	Cartaz do I Leilão Caraotá 2007.	205
65.	Fotografia da Fábrica de Móveis Estrela.	206
66.	Fotografia da Fábrica do grupo DBD.	206
67.	Fotografia da Capacitação Profissional de Jovens em Marcenaria.	206
68.	Mapa Turístico de Pernambuco.	206
69.	Folder Gravata Lugar de Gente Feliz.	207

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. População Residente entre 1970 e 2000.	Pág. 21
--	------------

## RESUMO

VIANA RODRIGUES, Margarita de Cássia. **Desenvolvimento Local, Turismo e Lazer no Agreste Central de Pernambuco**. Seropédica: UFRRJ, 2007. p. 207. (Tese, Doutorado em Ciências, Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade).

Nosso objetivo foi analisar em que medida os fenômenos relacionados ao turismo e ao lazer (as segundas-residências) contribuem para o desenvolvimento local. Ou seja, a partir da compreensão do processo de transformação social, procuramos identificar e analisar como esses fenômenos contribuem para o atual processo de desenvolvimento no município de Gravatá, no Agreste Central de Pernambuco. Nossa pesquisa é um Estudo de Caso e as técnicas de pesquisa foram a observação participante e entrevistas semi-estruturadas. Das 75 entrevistas, selecionamos 43 entre trabalhadores formais, autônomos, produtores rurais, empresários, moradores de segundas-residências e representantes dos poderes públicos municipal e estadual. Como recurso metodológico utilizamos o estudo da vida cotidiana, analisando os espaços do trabalho e do lazer. Os resultados indicam que o poder simbólico da cultura hegemônica relacionada às atividades de turismo, em conjunto com os moradores de segundas-residências se constituem atualmente numa força política, ordenadora do espaço e do imaginário social de Gravatá. A população local tem consciência das possibilidades que as atividades de turismo e ao lazer de segundas-residências, quando bem exploradas, podem surtir efeitos multiplicadores em toda a economia do município, que nos últimos tempos tem se expandido e diversificado, com a instalação de novas indústrias. A nova dinâmica empreendida pelo turismo, segundas-residências e atividades diretamente relacionadas a elas como a gastronomia, tem se mostrado uma forma eficaz na defesa das culturas populares e o revigoramento das tradições e costumes locais, está possibilitando a geração de emprego e renda para a população local, apesar da baixa qualificação profissional ainda existente. Além disso, possibilitou o reforço do sentimento de pertencimento dessa população. E sendo assim podemos afirmar que o processo de desenvolvimento que vem acontecendo em Gravatá realmente atende, em parte, o conceito de desenvolvimento local. Se por um lado está ocorrendo a melhoria da qualidade de vida da população local no que tange a emprego, renda, capacitação profissional, educação e saúde, por outro, o sentido de “empoderar”, dar poder de decisão à população no processo de desenvolvimento não se cumpre ainda, uma vez que não participaram das negociações para a implantação de novas indústrias.

**Palavras chave:** Desenvolvimento Local, Turismo, Gravatá.



## ABSTRACT

VIANA RODRIGUES, Margarita de Cássia VIANA RODRIGUES, Margarita de Cássia. **Local Development, Tourism and Leisure within the Central Wasteland of Pernambuco.** Seropédica: UFRRJ, 2007. p. 207. (Tese, Doutorado em Ciências, Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade).

Our objective was to analyze in what measure the phenomena related to tourism and to leisure (secondary residences), contribute to the local development. In other words, starting from the understanding of the process of social transformation, we tried to identify and to analyze how those phenomena contribute for the current development process in the municipal district of Gravatá, in the State of Pernambuco, Brazil. Our research is a Case Study and involved the participant observation and semi-structured interviews. Of the 75 interviews, we selected 43 among formal workers, autonomous, rural producers, entrepreneurs, secondary residents and representatives of the municipal and state public powers. As methodological resource, we used the study of the daily life, analyzing the spaces of work and those of leisure. The results indicate that the symbolic power of the hegemonic culture related to the activities of tourism, together with secondary residents is constituted now in an political force, that orders the space and of the social imaginary of Gravatá. The local population is aware of the possibilities that the activities of tourism and the leisure of secondary residences, when well explored, can multiply its effects in the whole economy of the municipal district that has been lately expanded and diversified with the installation of new industries. The new dynamics undertaken by the tourism, secondary residences and activities directly related to them such as the gastronomy, has shown itself an effective way for the defense of the popular cultures and the revival of traditions and local habits, it is making possible the jobs and income creation for the local population, in spite of the low professional qualification still existent. Besides, it made possible the reinforcement of the feeling of “belonging” of that population. Thus, we can affirm that the development process that is happening in Gravatá really assists, partly, the concept of local development. If in a way we can observe the improvement of the quality of life of the local population with respect to job, income, professional training, education and health, on the other hand, the sense of “empowerment”, to give power to make decisions to the population in the development process still doesn't come true, since they didn't participate in the negotiations for the implantation of new industries.

**Key words:** Local Development, Tourism, Gravatá.

# INTRODUÇÃO

## A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

### 1.1. Contextualizando o Tema e o Problema

O principal objetivo desta tese é analisar o turismo e o lazer como fenômenos relacionados ao meio rural contemporâneo, e sua relação com o desenvolvimento local. A partir da compreensão da dinâmica desses fenômenos especificamente no município de Gravatá, Pernambuco, pretende-se revelar os processos de transformação social ocorridos, particularmente a partir da década de 1990. Ou seja, a partir da compreensão do processo de transformação social desse município, analisamos a contribuição do turismo e do lazer para o desenvolvimento local.

Atualmente, o turismo e o lazer estão sendo utilizados como estratégias de desenvolvimento local tanto de países desenvolvidos, quanto naqueles ainda em processo de desenvolvimento como alternativas que geram divisas para os governos, novos investimentos públicos e privados, e emprego e renda para as populações.<sup>1</sup> As atividades relacionadas ao turismo e ao lazer ao possibilitarem a criação de mercados para os mais variados produtos, também possibilitam a dinamização das economias locais. Ou seja, o turismo e o lazer podem ser molas propulsoras para alavancar o desenvolvimento de economias nacionais, regionais e locais se configurando, em tese, nos atores-agentes de desenvolvimento local no sentido dado por Arocena (1995, p. 26).

Pensar o mundo rural em termos de turismo e lazer (segundas-residências) como agentes propulsores de desenvolvimento local, nos levou a construir nossas questões de estudo considerando as orientações de Moreira (2003, p. 114-115). O autor afirma que a visão hegemônica do mundo rural, construída na modernidade encontra-se em processo de “mudança cultural”, o que faz “emergir, em nossa contemporaneidade, uma nova visão de rural e de mundo

---

<sup>1</sup> Para o Nordeste brasileiro o turismo vem recoberto por um discurso, proferido pelas classes hegemônicas, de atividade redentora para a pobreza da região. Nesse sentido, os setores - público e privado - vêm investindo significativamente na capacitação profissional de maitres, garçons, cozinheiros, camareira, etc., bem como na criação de cursos profissionalizantes, superiores e de pós-graduação relacionados ao segmento do turismo. Atualmente, Pernambuco conta com 27 cursos regulares.

rural”. Ou seja, nos faz pensar que não podemos estudar o processo de transformação do meio rural sem considerar a modernização empreendida em seu espaço, e, a constituição de uma nova dimensão de ruralidade onde os espaços de reprodução social das atividades tradicionais e modernas da agropecuária se mesclam, ou se ressignificam como espaço de turismo e lazer.

Esse mesmo autor (2003, p. 115-121) defende “uma compreensão de uma nova noção de ruralidade” nos estudos das sociedades na contemporaneidade, uma vez que para ele está em curso um “processo de ressignificação do rural”, da antiga visão dicotômica das oposições entre campo x cidade, atrasado x moderno, civilizado x incivilizado, tecnificado x não-tecnificado. Essa nova compreensão considera o mundo rural atual como um mundo, em que as culturas rurais são resultantes de um processo de “ressignificação” dessas dicotomias e que procura ver a realidade em mudança constante, em movimento no agora que ressalta a visão pós-moderna, e não como algo dado, imposto, mas em processo de transformação. Mas que seja uma compreensão que esteja

[...] associada aos processos recentes da globalização e do exercício da hegemonia das políticas neoliberais, de abertura dos mercados, de constituição de mercados supranacionais, de redimensionamento do papel do Estado, de descentralizações política e de desenformalização das relações de trabalho herdadas.

Essa visão, portanto, parece se opor com concepção de Souza (2000, p. 2) quando classifica o rural como um *continuum* do urbano, identificando-o apenas “pelo volume relativo da população e a densidade de seu povoamento”. Para outros autores, essas alterações não implicaram na homogeneização do campo, ou que o seu rural é um “continuum” do urbano. Ao contrário, a ruralidade, nos dias atuais, “se expressa de formas diferentes em universos culturais, sociais e econômicos heterogêneos” e deve ser entendida como “um processo dinâmico de constante reestruturação dos elementos da cultura local e a partir da incorporação de novos valores, hábitos e técnicas” que se mesclam aos velhos valores, hábitos e técnicas (CARNEIRO, 2000, p. 1-10). Processo este que leva, por um lado, a cultura local a fazer uma releitura e a se apropriar desses novos códigos e, por outro, a que a cultura urbano/industrial se aproprie de bens culturais e naturais do meio rural. Essa interação poderá contribuir “para alimentar a sociedade rural e reforçar os vínculos com a localidade”. (CARNEIRO, 2000, p. 1-10).

Veiga (2004, p. 15) por seu turno afirma que esse revigoramento do meio rural é “um fenômeno novo, que pouco ou nada tem a ver com as relações que essas sociedades mantiveram no passado com tais territórios”. E que, portanto, significa “mutação” e não “renascimento”.

O autor acima citado (VEIGA, 2004, p. 1-17) analisando o desenvolvimento de áreas rurais na Europa e Estados Unidos, nos informa que nos últimos 20 anos do século passado o meio ambiente passou a ser valorizado não só pelo viés econômico das vantagens comparativas, mas também “pelos encantos do meio rural – beleza paisagística, tranquilidade, silêncio, água limpa, ar puro – todas ligadas ao meio ambiente natural”. Segundo ainda o autor, “houve uma poderosa mudança locacional na distribuição de empregos e da atividade econômica” das grandes para as pequenas cidades ou áreas rurais. Isto se deve a dois fatores:

A capacidade de certas áreas rurais de atraírem os potenciais empreendedores devido às características ambientais de residências e um dinamismo empreendedor voltado para mercados emergentes, com muita inovação, e que explique as vantagens competitivas que resultam de condições de vida e de trabalho das mais comuns, além do mais, estabilidade, qualidade e motivação da força de trabalho por menor custo.

Isto nos reportou para Hirschman (*apud* CAVACO, 1996, p. 96) quando discute sobre a importância do planejamento, “o desenvolvimento depende não tanto da combinação ótima de recursos e fatores de produção como de fazer aflorar e mobilizar recursos e capacidades escondidas dispersas, ou mal utilizadas”. Ou seja, “não há territórios condenados, mas apenas territórios sem projetos... o desenvolvimento rural não se decreta, se constrói”.

Nos tempos atuais, observamos um amplo debate sobre a importância de um desenvolvimento que considere outras variáveis além do econômico, colocando na pauta das discussões a necessidade de se alcançar o desenvolvimento com sustentabilidade. Como assinala Franco (2005, p. 9), os formuladores das políticas públicas poderiam ampliar suas visões considerando as variáveis, social, política, cultural e ambiental, além da variável econômica, de suas propostas privilegiando um desenvolvimento que parta do local, onde a população participe do processo e onde essas variáveis sejam tomadas conjuntamente e não de maneira isolada.

A perspectiva do desenvolvimento local visa, em última instância, a transformação social de localidades, uma vez que as populações locais passam de expectadores a protagonistas de sua própria história. Os conselhos, fóruns, comissões, responsáveis pela elaboração e gestão de políticas e projetos de desenvolvimento municipal são os lugares por excelência para o exercício de uma cidadania ativa e propositiva que visa reduzir a pobreza das áreas rurais e promover a inclusão dessas populações no processo produtivo, através da capacitação profissional, geração de emprego e renda para a melhoria da qualidade de vida. Como afirma Jara (1998, p. 51-77), “municipalizar o desenvolvimento sustentável implica repensar os objetivos da sociedade, bem como sua relação com o Estado, procurando desenhar alternativas de vidas ligadas às novas

mentalidades e modos diversos de agir e pensar".

Porém, ressaltamos, que esses espaços públicos de gestão do desenvolvimento são, também, espaços de disputas de poder e os conflitos sociais permeiam as questões relacionadas ao desenvolvimento social e econômico. Sobre isto nos amparamos novamente em Hirschman (1998, p. 265-270), quando discute os aspectos positivos e o papel construtivo do conflito nas relações sociais, ao rejeitar a idéia de que o consenso esteja relacionado à existência prévia de um “certo espírito comunitário”. Para ele, essa visão representa “uma fuga à práxis necessária do desenvolvimento econômico”. Esse autor esclarece que o conflito pode funcionar tanto como cola (no sentido de colaborar com a construção do capital social) ou como solvente (no sentido de destruição das relações sociais), por isto é importante que ele “seja trazido para a realidade, mediante um exame mais atento da interação de um tipo específico de sociedade e seus conflitos característicos”.

Nesse ponto aproveitamos para fazer a observação que ao rejeitar a idéia de que o consenso está relacionado à existência prévia de um “espírito comunitário”, entendemos que Hirschman (1998, p. 265-270) se afasta do conceito de capital social desenvolvido por Coleman (1988) e Putman (1993) e se aproxima do conceito desenvolvido por Bourdieu (1980, p. 1-2) que o entende como algo inerente às relações sociais das pessoas, ou seja, capital social é um conceito relacional.<sup>2</sup> Para Bourdieu (1980, p. 1-2), os atores sociais estabelecem suas relações em vários campos sociais como o econômico, social, político, cultural, etc. e será o posicionamento desses atores nesses campos que estabelecerá a medida desses capitais (econômico, social, político, cultural, etc.). Nas palavras de Bourdieu (1980, p. 1-2), capital social é um:

conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis...<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup>Para James Coleman (1988) há uma relação entre a teoria da escolha racional e as relações sociais no desenvolvimento do capital humano. Já Robert Putnam (1998), procura estabelecer uma relação entre responsabilidade cívica, desenvolvimento econômico e políticas públicas. Para maiores detalhes da discussão sobre capital social entre esses Bourdieu, Coleman e Putnam vide AQUINO, Jackson A. (2000) e COSTA, Achyles B; COSTA, Beatriz Moren. (2005).

<sup>3</sup> Tradução nossa.

Porém, Bourdieu (1980, p. 1-2) nos informa que a formação do capital social se dá através do *habitus*, que são “as atitudes, concepções e disposições compartilhadas pelos indivíduos pertencentes à mesma classe social”. Em suma, “o volume de capital que um indivíduo possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar, e do volume do capital (econômico, cultural ou simbólico) associado a cada um daqueles a quem está ligado”. (COSTA e COSTA, 2005, p. 5). Lembrando que o capital econômico permeia os demais capitais.

Retornando à discussão sobre desenvolvimento Blos (2000, p. 203-204) nos orienta que o desenvolvimento local é um esforço que visa mudar o *status quo* de uma situação de “passividade ou de resignação”, uma forma de reagir “contra efeitos indesejáveis de um modelo de desenvolvimento tradicional”, e que aproveitando os recursos existentes procura gerar emprego “e excedentes externos aos circuitos hegemônicos do modelo vigente”. Para esse autor as pequenas cidades, ou áreas rurais, utilizando os recursos locais para impulsionar tanto as atividades tradicionais como as novas, têm possibilidades “de conseguirem um nível de desenvolvimento satisfatório, malgrado os modelos e as teorias clássicas de desenvolvimento regional”.

Segundo ainda Hirschman (*apud* BLOS, 2000, p. 204) o desencadeamento de tais processos poderá criar um ambiente que faça aflorar a “mobilização e habilidades não aproveitadas, dispersas ou mesmo insuficientemente empregadas”, uma vez que esses elementos em conjunto “com um agente que compreende não somente o desejo de sucesso, mas também a percepção da realização através da reestruturação do sistema produtivo, o aumento do emprego local e a melhoria do nível de vida da população”.

Para Blos (2000, p. 204), cada “iniciativa dá prioridade diferente a cada um dos objetivos, o que faz com que cada comunidade local seja levada a solucionar seus problemas específicos”. Assim, o modelo de desenvolvimento local representa

[...] uma utilização, em primeiro lugar, dos recursos ociosos, da recuperação de oportunidade de criação de atividades produtivas realmente existentes, porém nunca utilizadas, abandonadas, que podem voltar a ser aproveitadas a partir das oportunidades que oferecem as novas tecnologias, a reorganização dos processos produtivos, as mudanças de demanda, a melhoria das condições de comunicação e transporte e, entre iniciativas rurais, o acesso a novos mercados. Consiste, também, em descobrir essa possibilidade localidades com pouca ou nenhuma acumulação de experiências em empresarial ou técnica, identificando, estimulando e apoiando os atores capazes de conduzir as atividades e deixando implícita a dimensão voluntarista, de determinação para por em jogo recursos e oportunidades através de discussões voltadas para o desenvolvimento local.

Groulleau (*apud* BLOS, 2000, p. 204) analisando tal modelo não só concorda com ele, como afirma que o desenvolvimento local sob esse enfoque tem como diferença “o âmbito local de discussões, o controle local dos processos de desenvolvimento e a retenção, apropriação dos benefícios do desenvolvimento pela população”. Segundo ele, “os recursos locais” em conjunto com “os estilos locais de vida”, são não “só o ponto de partida” como também, “um parâmetro de avaliação de eventual utilização de elementos externos”.

Blos (2000) quando cita as teorias tradicionais de desenvolvimento regional, está se referindo àquelas que têm o enfoque verticalizado, de cima para baixo. Como, por exemplo, as teorias da Base de Exportação, a Difusão e a do Pólo de Crescimento. A primeira afirma que o desenvolvimento tem como força propulsora as exportações e o crescimento da economia “depende da dinamicidade das atividades econômicas básicas que, por sua vez, incentivam o desenvolvimento de atividades complementares”. A segunda e a terceira se complementam entre si, uma vez que o desenvolvimento ocorre através da industrialização “e com a concentração das atividades em reduzido número de grandes centros urbanos de onde são irradiados efeitos, ou melhor, encadeamentos capazes de dinamizar a economia das demais regiões”, (OLIVEIRA e LIMA, 2003, p. 1)<sup>4</sup>.

Silveira (2002, p. 239) destaca que independente “da diversidade de olhares, ênfases e prática”, os fatores que estão presentes nas formulações de desenvolvimento local são:

Ênfase na cooperação e na aprendizagem (formação de capital social e humano); gestação de novos arranjos produtivos ancorados no território, a integração de serviço de apoio à micro e pequenos empreendimentos (crédito, capacitação gerencial e tecnológica, informação e mercado), a articulação intersetorial de políticas públicas, a constituição de esferas públicas ampliadas com participação direta dos atores locais e, mais amplamente, a perspectiva do protagonismo local.

O autor acima em conversa com Franco (2005, p. 10) afirma que a diferença das experiências de desenvolvimento local iniciadas no final da década de 1990 das anteriores, é a constituição de uma

Matriz de projetos no território (o que chama de “usina social de projetos”), onde se combinam articulação interinstitucional e participação social (ou novos “arranjos sócio-institucionais ou “novas institucionalidades” vinculando ampliação da esfera pública e oferta de serviços territorializados). O que sabemos este diferencial de ambiente não é apenas um “aspecto contextual”, mas núcleo do processo. É aí que se dá o salto do pontual para o sistêmico.

---

<sup>4</sup> Sobre essa discussão das teorias clássicas regionais vide OLIVEIRA, Gilson B. e LIMA, José E. (2003, p. 1) que afirmam que essas teorias que “dão suporte as políticas públicas”, também, são “excludentes” porque não privilegiam a participação da sociedade civil.

Sobre essas novas institucionalidades criadas, Tauk Santos (2003, p. 45-54) já afirmava, há algum tempo, que elas emergem das “relações combinatórias do global e do local e das mediações do urbano e do rural, do massivo e do popular”. Com isto, tanto as organizações governamentais como as não-governamentais procuram estabelecer “parcerias com as populações rurais para a construção do desenvolvimento local”. Ou seja, o processo de desenvolvimento local ocorre quando o Estado procura fazer parceria com a população local que, por seu turno, se dispõem a assumir

[...] responsabilidades e dividir; existe um trabalho de promover a ‘concertação’ dos diferentes atores sociais no esforço para o desenvolvimento; há uma intenção de mobilizar as comunidades para o exercício da cidadania municipal. (SANTOS e CALLOU, 1995, p.29-34).

Para complementar o que os autores acima afirmam, acrescentaríamos a observação que Delgado (2002, p. 2–4) faz quando afirma que o objetivo “desses espaços institucionalizados”, onde participam diversos atores sociais, é a “criação de sinergias positivas na relação entre as comunidades locais e o Estado, os mercados e a sociedade civil”. Nesse sentido, podemos dizer que, em tese, o desenvolvimento local é um processo construído socialmente por diversos atores sociais no interior de um território que procuram aproveitar os recursos ociosos, as habilidades mal aproveitadas e que consideram não só o aspecto da busca e do aprendizado para se inserirem no mercado mas, também, o uso e preservação dos recursos naturais.

Também privilegiem e reconheçam as culturas locais, as relações sociais e políticas, estabelecendo um processo contínuo de busca de sinergias positivas através da negociação e da parceria entre Estado (agências estatais de desenvolvimento), sociedade civil (representações sociais) e mercado (segmentos econômicos produtivos), sob a égide das políticas públicas que são articuladas entre si, e que se materializam localmente na forma de uma “usina de projetos sociais”.

Porém, cabe ressaltar que na realidade esses processos de negociação e parceria não se dão de maneira harmoniosa. Ao contrário, são processos conflituosos porque envolvem disputas de poder entre os atores sociais envolvidos - que representam o Estado, a sociedade civil e o mercado – e que buscam canalizar as decisões em torno dos seus próprios interesses. Além disso, há disputas de poder entre os atores sociais no interior de cada uma dessas esferas. No âmbito do Estado, as disputas entre os atores sociais se dão porque as políticas públicas, cada uma,



representam interesses específicos e quase sempre são desarticuladas ou estão em desacordo entre si. Como exemplo, podemos citar os desacertos entre as políticas públicas do Ministério da Agricultura e do Ministério de Desenvolvimento e Reforma Agrária e desses com o Ministério do Meio Ambiente. Nas esferas da sociedade civil e do mercado o mesmo se verifica, como por exemplo, nas disputas entre os atores sociais que representam as classes de trabalhadores e de empresários diferentes entre si.

No âmbito do turismo Barretto (2004, p. 20) em sua revisão bibliográfica nos informa que os estudos sobre o turismo no Brasil e no exterior, são reflexões que se concentram sobre os “impactos na cultura, os processos de aculturação e a questão da autenticidade”. Aspectos como, por exemplo, “alteridade, constituição da diferença, relações de gênero, relações inter-étnica no trabalho, modos de produção e representações sociais” tem recebido menos atenção por parte dos estudiosos do tema no âmbito das Ciências Sociais. Segundo ainda essa autora (2004, p. 20), é expressiva a contribuição das Ciências Econômicas sobre a indústria do turismo ou “dos negócios turísticos”.

Não só na Comunidade Européia como no Brasil são diversos os autores (GRAZIANO DA SILVA, 1997; PORTUGUEZ, 1999; CARNEIRO, 2000; RODRIGUES, 1999, 2000, 2002; CAVACO, 1996, 2000; ALMEIDA e BLOS 1999, BLOS, 2000; dentre outros), que após estudos constaram o novo dinamismo que o turismo e das segundas-residências, enquanto atividades de lazer, estão promovendo no meio rural, gerando emprego e renda para a população local. Casos como Lages/SC, Venda Nova do Emigrante/ES, Bonito/MS, Friburgo/RJ são emblemáticos dessa nova configuração.

Pernambuco é um Estado que, nos dias atuais, tem ainda uma importância no cenário nacional e regional como produtor de cana-de-açúcar e o peso da história canavieira, tão bem estudada pela história, economia, geografia, antropologia, ciência política, folkcomunicação e cantada em verso e prosa, para o bem ou para o mal, é parte inerente da cultura do povo pernambucano. Mesmo tendo perdido a força política e econômica do passado, a cana-de-açúcar ainda predomina como cultura agrícola principal do Estado, com um crescimento anual da ordem de 6% na sua produtividade (CONDEPE/FIDEM, 2005), povoando o imaginário das pessoas, tanto do campo quanto da cidade, como uma representação de poder e de dominação. Mas estará Pernambuco condenado a viver à sombra de um passado, construído apenas em cima da cultura

canavieira? Será este o futuro rural de seu território e de sua sociabilidade? Será possível um futuro rural mais dinâmico, inovador e diversificado, com mais inclusão social e menos pobreza?

Sobre estas questões nos posicionamos entre aqueles que acreditam que Pernambuco não é só cana-de-açúcar! As transformações da sociedade contemporânea, como aquelas decorrentes do êxodo, da modernização da agricultura irrigada empreendida pelas empresas agrícolas e pequena produção, o melhoramento genético de plantas e animais e do crescimento das atividades não-agrícolas como o turismo e artesanato, também chegaram ao Estado possibilitando transformações na vida cotidiana dos seus moradores.

Quando pensamos sobre essas questões logo nos remetemos para determinados municípios que representam essas transformações como Recife, Petrolina, Ipojuca (Porto de Galinhas) e Caruaru localizados nas Regiões Metropolitana, do Sertão do São Francisco, da Zona da Mata e do Agreste Central, respectivamente, e que nos fazem buscar novas maneiras de olhar, interpretar e analisar esses espaços.

Porém, nosso olhar se volta para Gravatá, município da região do Agreste Central, localizado a 87 km do Recife, no Planalto da Borborema a 600 metros de altitude, que vem passando por um processo de transformação social que acreditamos necessitar de um estudo mais aprofundado sob a perspectiva do desenvolvimento local.

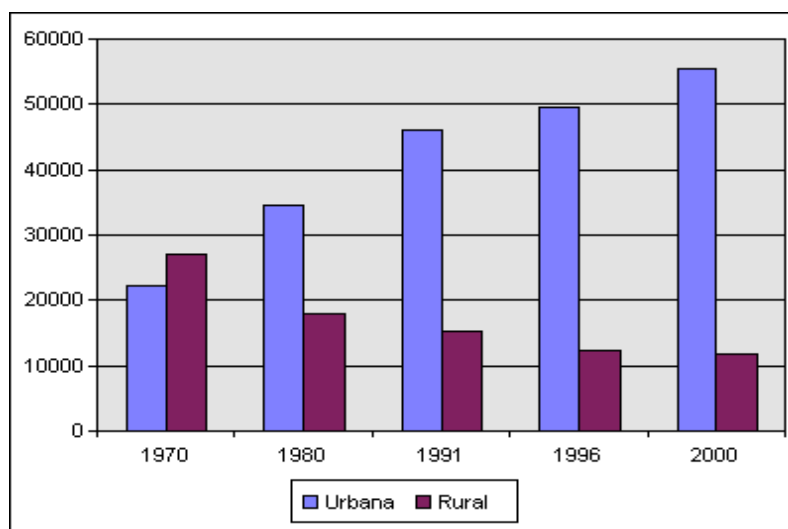
Gravatá tem uma área geográfica de 489,45 km<sup>2</sup> e conta com cerca de 67.273 habitantes, sendo 55.563 na área urbana e 11.710 na área rural. Para o Estado esses dados representam 7,19% da população e 4,83% da área regional do Agreste Central, ficando atrás apenas de Caruaru e Belo Jardim. A Tabela 1, abaixo, mostra a Evolução Populacional entre os anos de 1970 e 2000. A População Economicamente Ativa (PEA) é de 69,90% da população total (IBGE, 2000). Como mostra o Quadro 1, abaixo, sobre a População Residente entre 1970 e 2000, até os anos de 1970 a maioria da população está localizada na área rural, porém a partir dos anos de 1980 se inicia um processo migratório sempre crescente para uma maioria residindo na área urbana. (SEPLANDES/FIDEM, 1994). O Índice de Desenvolvimento Humano – IDH subiu de 0,561 (1991) para 0,654 (2000), sendo que os maiores indicadores foram na educação que passou de 0,547 para 0,694 e na longevidade de 0,587 para 0,674 (Associação Municipalista do Estado de Pernambuco/AMUPE, 2005).

**T. 1.** Evolução Populacional de Gravatá entre 1970 e 2000.

Situação	Ano				
	1970	1980	1991	1996	2000
Urbana	22.363	34.632	46.150	49.436	55.563
Rural	27.003	17.867	15.335	12.195	11.710

Fonte SEPLANDES/FIDEM – Plano Diretor do Município de Gravatá, 2004.

**Q. 1.** População Residente entre 1970 e 2000.



Fonte: SEPLANDES/FIDEM – Plano Diretor do Município de Gravatá, 2004.

Como veremos no capítulo 2 a intensificação do processo de transformação social em Gravatá teve início a partir da “descoberta” de pequeno restaurante de um imigrante suíço, pelas classes abastadas de Recife. Para estas classes, “c’ était très chic de monter la montagne pour manger le fondue!” A partir daí surgiram os primeiros hotéis-fazendas, hotéis e pousadas para atender à intensa demanda dos turistas nos finais de semana ao restaurante, e a ser construída uma imagem de Gravatá como lugar “sossegado”, “bucólico”, “rural”, “paraíso dos finais de semana”. Até então, Gravatá era um município cuja economia se assentava exclusivamente na agropecuária tradicional da agricultura de subsistência, e criação de gado leiteiro.

A partir desse momento inicia-se um novo processo: a construção dos primeiros condomínios e privês, o aquecimento do comércio em geral, a indústria artesanal de móveis rústicos, o artesanato em bronze e alumínio. Na agropecuária, as mudanças também se iniciam, com o surgimento dos primeiros Haras e as primeiras empresas agropecuárias. A duplicação da

BR 232, a Rodovia Luiz Gonzaga, além de melhorar o escoamento da produção advinda do interior do Estado, facilitou o tráfego não só de turistas, excursionistas, moradores de segundas-residências para Gravatá e cidades vizinhas. Em resumo, Gravatá tornou-se um lugar que foge totalmente da realidade construída pela cultura canavieira.

Nesse contexto, o apoio ao turismo, à construção de condomínios e privês de segundas residências, o reforço de consumo das tradições culturais e da natureza, às pequenas indústrias artesanais e às novas atividades agropecuárias (haras, leilões, produção de orgânicos, flores e plantas ornamentais), conformam essa nova ruralidade que se esforça para criação da marca “Gravatá lugar de gente feliz!”.

É inegável que as atividades relacionadas ao turismo (hospedagem, gastronomia e artesanato) e ao lazer (segundas-residências) têm um papel fundamental nessa nova configuração do espaço rural de Gravatá, que deixa de ser um espaço eminentemente de reprodução agrícola para se constituir também em um espaço de reprodução social e de lazer de que fala Chamboredon (*apud* RODRIGUES, 2001, p. 18).

Aspectos como paisagem rural, preservação e conservação ambiental, cultura e patrimônio histórico local, produção agrícola artesanal, gastronomia e o artesanato diversificados passam a ser valorizados e estimulados para atender a um público consumidor do Recife, arredores, estados vizinhos e até internacional, que buscam “recuperar suas energias” perdidas na vida cotidiana do meio urbano, no ambiente rural dos hotéis-fazenda, hotéis, pousadas e segundas-residências no fazer de conta ao “eterno retorno” às origens proposto pela visão romântica dos críticos da modernidade. Principalmente nos últimos tempos, depois do “atestado” da Organização Mundial de Saúde/OMS de ser o quinto melhor micro-clima do mundo!<sup>5</sup> É importante ressaltar que colaboram para o atual processo de desenvolvimento, as modernas atividades agropecuárias, como a criação de cavalos, caprinos e ovinos de raça e seus leilões e a produção de orgânicos, plantas e flores ornamentais.

Acreditamos que essa nova configuração do meio rural de Gravatá não está em oposição ao urbano, uma vez que suas atividades e funções – “tradicionais” e “modernas” - não só se interrelacionam entre si, como se imbricam e estão muito próximas. Muito embora a modernização da agricultura tenha utilizado como modelo o urbano/industrial, suas conseqüências na produção rural e a reação a ele são diferentes, como assinala Carneiro (2000)

---

<sup>5</sup> Folder Gravatá Lugar de Ser Feliz! Prefeitura Municipal de Gravatá em parceria com o SEBRAE.

para quem a modernização “não atinge com a mesma intensidade e proporções as diferentes categorias de produtores”.

Nesse sentido, procuramos compreender o processo de constituição do rural contemporâneo em Gravatá, inserindo-o no interior de um processo maior de remodelamento do mundo rural. Analisando a importância dos fenômenos relacionados ao turismo e ao lazer (as segundas-residências), uma vez que a relação global/local representa um novo desenho de ruralidade, baseada não exclusivamente na produção agrária, mas também considerando a diversificação de atividades econômicas e suas possíveis interrelações, tentando assim superar a visão dicotômica descrita acima por Moreira (2003, p. 115-121).

Iniciamos o processo de investigação buscando a bibliografia produzida nas áreas de turismo e lazer (segundas-residências), a fim de se encontrar aquela que abordasse o desenvolvimento local como articulador do processo de mudança social no meio rural. Neste sentido, partimos das considerações da nova dinâmica do meio rural brasileiro, promovida pela (re) organização da atividade econômica discutida por Graziano da Silva (1997, p. 43) quando afirma que o meio rural não pode ser mais caracterizado apenas como agrário, bem como o emprego rural não mais “pode ser explicado apenas a partir do calendário agrícola e da expansão e da retração das áreas e/ou produção agropecuária”. Pois como afirma o autor, são diversas as atividades não-agrícolas encontradas no campo como comércio, indústria e prestação de serviços.

Como base no autor acima citado, defendemos o termo “Novo Rural” para caracterizar o atual espaço rural entendendo que

é estratégico a criação de empregos não-agrícolas em áreas rurais, não apenas para impedir o êxodo rural como também para melhorar o padrão de vida dessas populações, por considerar que a modernidade também acabou no campo. Para ele, as novas tecnologias de comunicação e transportes não só acabaram com o isolamento do campo, mas provocaram, também, uma grande alteração no cotidiano e no imaginário do pessoal do campo. No Brasil tem crescido o número de pessoas com domicílio rural ocupadas em atividades rurais não-agrícolas, em atividades relacionadas à urbanização do meio rural como: moradia, turismo, lazer, segundas-residências e preservação do meio ambiente. Os aspectos positivos deste novo modelo poderiam ser objeto de novas políticas públicas, pois com a crise agrícola essas novas atividades rurais ganham importância por propiciarem novas oportunidades para uma população, que já não se pode chamar de agricultores ou pecuaristas e que, muitas vezes, nem são produtores familiares, uma vez que a maioria dos membros da família está ocupada em outras atividades não-agrícolas e/ou urbanas. Diversas são as atividades não-agrícolas encontradas no campo. Entre elas destacam-se as agroindústrias, turismo, comércio, indústria, construção de moradia, atividades lúdicas nos sítios de recreios, preservação do meio ambiente, artesanato, as quais poderiam receber incentivos para se desenvolverem, transformando-se em formas de desenvolvimento local. (VIANA RODRIGUES, 2001, p. 49).

Especificamente sobre a atividade turística, Swarbrooke (2000. p. 87-88) nos informa que o desenvolvimento do turismo deve ser orientado dentro de um contexto mais amplo de desenvolvimento, e que promova a melhoria da qualidade de vida não só através do aumento de salários, emprego e renda, mas também com: “melhor educação, padrões mais altos de saúde e nutrição, menos pobreza, um ambiente mais limpo, mais igualdade de oportunidade, maior liberdade individual e uma vida cultural mais rica”. O turismo se bem orientado é uma excelente ferramenta de desenvolvimento, pois ao contrário de exportadores de produtos seja agrícola ou industrial, que “têm de ser transportadas até o cliente, deixando lucros ao longo do caminho, os turistas precisam viajar até o produto. Por conseguinte, pelo menos teoricamente, a destinação deveria ser capaz de firmar com os lucros do turismo”.

Em seus estudos sobre a atividade turística nos “países emergentes”, o autor (SWARBROOKE, 2000. p. 87-88) chama a atenção que os impactos negativos são maiores que os positivos. Entre estes impactos, destaca que as políticas nacionais de turismo dão enfoque à construção de complexos turísticos auto-suficientes que não geram “efeito multiplicador na comunidade local e na região”; estímulo às grandes operadoras turísticas nacionais e estrangeiras em detrimento às empresas locais; centralização das decisões e, por conseguinte, a exclusão das populações locais no processo decisório; desrespeito à população local ao permitir e autorizar a desapropriação “para criar espaços turísticos” e corrupção no planejamento por ocasião da “aprovação de projetos inadequados”.

Uma questão extremamente relevante levantada, principalmente por partir de um autor estrangeiro (o que afasta a idéia de “mania de perseguição” ou “complexo de colono” dos críticos às críticas dos pesquisadores brasileiros à forma que o turismo vem se desenvolvendo no Brasil) e profissional especialista em turismo, é a que caracteriza o turismo como uma “nova forma de colonialismo”. Para o autor, os grandes operadores turísticos e o turista oriundo de países desenvolvidos exploram e usam os

países emergentes de modo comodista, para seu bem. Ao mesmo tempo, os investidores estrangeiros e as operadoras de viagem costumam ver os países emergentes como uma oportunidade para fazer dinheiro rápido. Esses grupos sabem que são mais poderosos que os interesses locais do país emergente, e que poderão fazer o que quiserem nesses países. A indústria do turismo sabe que, em muitos casos, ela pode explorar a necessidade desesperada de um governo por divisas e empregos, ou a natureza corrupta de um governo, para conseguir o que quer. Da mesma forma, os turistas sentem-se livres para se comportarem como quiserem. Até os que são pobres e miseráveis em seu próprio país, podem se sentir ricos e poderosos em um país emergente. Em ambos os casos, há matizes de império, reflexos do colonialismo anterior. (SWARBROOKE, 2000. p. 87-88).

Os “países emergentes” possibilitam e oferecem férias e lazer a custos baixos ou, como cita o autor, “a pobreza de uma pessoa significa férias baratas de outra pessoa”. As férias dos turistas dos países desenvolvidos “são construídas, principalmente, sobre a pobreza e os problemas sociais da população autóctone”. Assim, Swarbrooke (2000. p. 87-88) entre outras sugestões, chega a propor que as políticas de turismo dos “países emergentes” devam estar inseridas dentro de uma perspectiva mais global de desenvolvimento, incluída no bloco econômico regional, no caso brasileiro o MERCOSUL.

Já para Arlete Rodrigues (1999. p. 43), a atividade turística é incompatível com o desenvolvimento sustentável. Não é, sequer, compatível com a noção de desenvolvimento auto-sustentado porque é dirigido ao consumo dos lugares exóticos ou diferentes, transformando-os para os tornarem

[...] comercializáveis nos padrões de conforto e qualidade de vida do mundo moderno, retirando, portanto num curto espaço de tempo a característica de exótico. Como atividade econômica sua sustentação está pautada na contínua descoberta de paisagens naturais e históricas, de novos lugares exóticos que são rapidamente transformados para serem consumidos.

Por outro lado, a autora (1999. p. 57) reconhece que o local não pode mais apenas ser analisado na perspectiva do consumo da paisagem histórica e natural, uma vez que ele está “sendo cada vez apropriado e fragmentado pelo global e que esta atividade precisa ser compreendida, também, no âmbito das atividades econômicas”.

Em relação às segundas-residências, as classificamos como uma atividade de lazer por entendermos que estas residências, são formas de distração e descontraimento que as famílias encontraram para fugirem do estresse e da rotina da vida cotidiana e que sendo assim, elas podem ser inseridas dentro das orientações de Elias e Dunning (*apud* RUGISKI e PILATTI, 2005, p.1-8). Esses autores afirmam que o lazer está associado à necessidade que o indivíduo tem de se submeter - autocontrole das emoções e pulsões – para conviver com a modernidade da atual sociedade. As atividades de lazer seriam assim, uma compensação das “tensões conseqüentes deste autocontrole, através de ações que permitissem a produção controlada de tensões emocionais” (PRONI *apud* RUGISKI e PILATTI, 2005, p.1-8). Ao se procurar compreender “o caráter e as funções do lazer, deve-se levar em conta o elevado aumento do controle emocional em relação às sociedades menos desenvolvidas” (PRONI *apud* RUGISKI e PILATTI, 2005, p.1-8). Enfim as segundas-residências, enquanto atividades de lazer seriam o lugar onde os

indivíduos exercitariam aquelas atividades, que estão em oposição à rotina de sua vida diária profissional.

Nesse sentido, Proni (*apud* RUGISKI e PILATTI, 2005, p. 1-8), conclui que

para Elias e Dunning, as modernas atividades de lazer liberam as tensões provenientes do estresse diário ao mesmo tempo em que permitem manifestações intensas de sentimentos, contudo, sem ameaçar a integridade física e moral das pessoas e sem afrontar a ordem estabelecida. Em outras palavras, o lazer é um meio de “produzir um descontrole de emoções agradável e controlado”, cuja principal função é oferecer um antídoto para as tensões resultantes do esforço contínuo de autocontrole. A sociedade moderna reservou para o lazer a satisfação da necessidade que os indivíduos têm de experimentar em público a explosão de fortes emoções, sem com isso perturbar ou colocar em risco a organização da vida social. O lazer pode ser visto, então, como a antítese e o complemento das rotinas formalmente impessoais, característica do mundo premeditado do trabalho e das demais instituições que cerceiam as experiências emotivas mais intensas.

Diante da discussão acima sobre o rural contemporâneo, desenvolvimento local, turismo e lazer e a atual configuração do Município de Gravatá chegamos à formulação de nossas hipóteses e questões norteadoras.

## **1.2. Hipóteses e Questões**

1. Ao longo dos últimos 40 anos foi se construindo uma nova força política ideológica em Gravatá que está possibilitando a transformação do sentido de territorialidade local, através da reconfiguração do espaço rural e urbano. Essa nova força política foi se constituindo através da renovação das antigas lideranças agrárias por empresários que transformaram a antiga propriedade rural em empresa agropecuária, ou através da venda ou loteamento da propriedade para a construção de hotéis, condomínio e privês às classes abastadas do Recife, da região e de Estados vizinhos, estabelecendo assim, uma nova hegemonia.
2. Essa nova dinâmica em Gravatá empreendida pelo turismo e pelo lazer (segundas-residências) tem se mostrado uma forma eficaz no revigoramento das tradições e, que se materializa numa multiplicidade de manifestações culturais, estão possibilitando a geração de emprego, melhoria da renda e, conseqüentemente, melhoria na qualidade de vida da população local apesar da baixa qualificação da mão-de-obra trabalhadora.



3. O êxodo rural existente nessas novas atividades está relacionado principalmente aos jovens e às mulheres, que vêm nessas atividades não só a segurança dos direitos trabalhistas como também a possibilidade de sair do serviço pesado e pouco rentável da agricultura de subsistência.

4. Refletido pelo aumento no Índice de Desenvolvimento Humano/IDH, o fato é que Gravatá vem passando por um processo de desenvolvimento que atende em parte, ao conceito de desenvolvimento local. Se, por um lado, está ocorrendo a melhoria de qualidade de vida da população local no que tange a emprego, renda, saúde e educação, por outro, o sentido de “empoderar”, dar poder de decisão à população no processo de desenvolvimento, não se cumpre. Nesse sentido, o modelo de desenvolvimento obedece à antiga lógica de ênfase na economia para a modernização do meio rural, ou seja, verticalizado, de cima para baixo, comandado pelo empresariado local tanto da moderna agropecuária, quanto da rede hoteleira, bem como empresários ou profissionais liberais proprietários de casas de segundas-residências. Não é resultado de uma ação estratégica de um planejamento das políticas públicas nem do Município nem do Estado de Pernambuco, mas decorrência do senso de oportunidades empreendidos pela iniciativa privada seja empresário, artesão, comerciante ou agricultores. Vem a reboque dessas iniciativas privadas procurando atender a essas reivindicações e as acomodando a determinações das políticas públicas do âmbito federal.

Com a finalidade de responder nossas hipóteses de trabalho indagamos:

- Que tipos de empregos o turismo e o lazer das segundas residências estão gerando para a população local?
- Os contextos populares ligados à agropecuária estão abandonando as atividades tradicionais da agropecuária, pelas novas atividades de trabalho?
- Qual a visão desses trabalhadores sobre essas atividades?
- O turismo e o lazer (segundas-residências) contribuem para a revitalização da cultura local?
- O turismo e o lazer (segundas-residências) são agregadores de sociabilidades?
- No âmbito da capacitação profissional qual o papel do empresariado local e poder público municipal?
- Existe uma política pública local para o turismo e lazer (segundas-residências)?
- Existe uma “matriz de projetos” ou uma “usina social de projetos” que combinem articulação interinstitucional e participação social sobre essas atividades?

- Os recursos advindos dos impostos, IPTU e ISS, estão sendo aplicados em saúde e educação?

Em suma, considerando o rural contemporâneo em Gravatá, no Agreste Central de Pernambuco, os fenômenos relacionados ao turismo e ao lazer (as segundas-residências) contribuirão para o desenvolvimento local? Ou seja, a partir da compreensão do processo de transformação social de Gravatá, o turismo e o lazer (segundas-residências) contribuem para o desenvolvimento local?

### **1.3. Justificativa do Estudo**

Acreditamos que a análise e compreensão de tais processos se justificam na medida em que seus resultados poderão vir a contribuir para o conhecimento acadêmico das práticas do mercado turístico e de lazer das segundas-residências, nas formulações das políticas públicas e na elaboração de projetos, que visam promover o desenvolvimento de Gravatá. Principalmente nos tempos atuais, onde a orientação é de descentralização das políticas públicas.

Acrescentaríamos, ainda, a observação que despertamos para o aprofundamento do tema e sobre o Município de Gravatá foi a total ausência de estudos sobre o desenvolvimento local, em articulação com o turismo e o lazer (segundas-residências). Quando muito, os estudos encontrados estão relacionados à administração, gerenciamento e capacitação profissional da rede hoteleira. Não encontramos estudos sociológicos sobre os processos de transformação social que analisem a complexidade em que se constitui o rural contemporâneo em Gravatá, e que relacione os processos de turistificação e de lazer do seu espaço rural analisando-o como um vetor ou não de desenvolvimento econômico, social e ambiental, ou seja, sob o enfoque do desenvolvimento local. Sabemos apenas que havia uma tese de doutorado, em andamento em 2004, cujo objetivo é estudar o fenômeno das segundas residências, porém dentro do âmbito restrito do lazer das famílias, mas que até a presente data ainda não foi defendida.<sup>6</sup>

Por outro lado, a temática sobre desenvolvimento local e turismo já vem sendo estudada por nós a algum tempo. Nossa experiência pessoal sobre o desenvolvimento local e turismo teve início ao estudarmos a política estadual do Projeto Costa Dourada, por ocasião da construção do Resort Caesar Park Cabo de Santo Agostinho/PE. E seus resultados não foram dos mais

---

<sup>6</sup> Tivemos a oportunidade de estar presente por ocasião de uma das entrevistas à proprietária de uma casa de segunda-residência em Gravatá.

animadores no que tange às questões do meio ambiente, da eficácia das referidas políticas e na melhoria da qualidade de vida dos pescadores artesanais. (FAVERO *et al*, 1995, p. 1-20). Já por ocasião da dissertação de Mestrado ficou demonstrado que a participação de atores sociais mobilizados em torno do Conselho Municipal de Turismo não era garantia de desenvolvimento local, nem mesmo quando capitaneado pelo Programa Nacional de Municipalização do Turismo. Nossas observações indicaram que as relações sociais existentes entre o poder local e os atores sociais tinham como base a cultura assistencialista e paternalista e que, portanto, não fomentavam o desenvolvimento local. (VIANA RODRIGUES, 2001).

Uma observação aqui ressaltamos, com a finalidade de atender aos objetivos desta pesquisa. Não é objeto desse estudo, discutir a ambigüidade das definições dos tipos de turismo e lazer (segundas-residências) existentes uma vez que os autores que o discutem ainda não chegaram a um denominador comum<sup>7</sup>.

#### **1.4. A Metodologia – O Caminho se faz ao Caminhar:**

Nossa pesquisa pode ser classificada como explicativa, teórica empírica, do tipo Estudo de Caso. Como Minayo (1999, p. 22), estamos mais interessados em aprofundar o conhecimento das “relações, dos processos e fenômenos” referentes ao nosso objeto de estudo. Ou seja, nosso estudo está voltado para o mundo “dos significados das ações e relações humanas, num lugar não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”. Sob um outro enfoque, Grillo e Berti (*apud* VIANA RODRIGUES, 2001, p. 24) nos orientam que nos estudos sob esse outro olhar metodológico, “os indivíduos não são passivos repetidores da cultura hegemônica. Ao contrário, a cultura é dinâmica devido ao trabalho dos sujeitos sociais na produção e reprodução das estruturas que lhe dão sentido”.

O Estudo de Caso segundo Goode e Hartt (1975, p. 421-422) se desenvolve “preservando o cenário unitário do objeto social de estudo”, procurando olhar o objeto de estudo na sua totalidade descrevendo sua realidade. É “uma visão na qual se observa o fenômeno em sua evolução e suas relações estruturais fundamentais”.

Ressaltamos, ainda, em última instância, que estamos tratando da análise e interpretação de culturas diferentes entre si. E, apoiados em Clifford Geertz (1989, p. 36), não estamos

---

<sup>7</sup> A esse respeito Cf CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL, 1999. Piracicaba. Anais,...: Turismo no espaço agrário. Piracicaba: FEALQ. 1999. p. 239.

preocupados nas generalizações daí oriundas uma vez que “a tarefa essencial da construção teórica não é codificar regularidades abstratas, mas tornar possíveis descrições minuciosas; não generalizadas através dos casos, mas generalizar dentro deles”. Ou seja, os resultados obtidos a partir do Estudo de Caso poderão possibilitar a construção de hipóteses norteadoras de “novas pesquisas, as quais sim poderão tecer generalizações”

A população e amostra da pesquisa, foram selecionadas de maneira intencional. Foram atores que consideramos representativos para nos darem as respostas, às nossas questões e hipóteses referentes à formação de processos de transformação social. Para isso, pedimos ao Presidente da Associação de Turismo de Gravatá, Dr. Eduardo Cavalcanti, que nos indicasse algumas pessoas ligadas às categorias que tínhamos estabelecido como de interesse da pesquisa.

Utilizamos o diário de campo para as nossas anotações pessoais e o gravador como recursos de registros dos dados coletados. Os instrumentos de coleta dos dados primários para a pesquisa de campo foram as técnicas combinadas de entrevistas semi-estruturadas (vide roteiro nos apêndices) e a observação participante.

Organizamos nossas entrevistas em 06 Roteiros e seus respectivos blocos. Roteiro A - Agricultores Tradicionais, Orgânicos e Produtores de Flores e Plantas Ornamentais: 1) Caracterização Fundiária; 2) Uso da Terra e Processo Produtivo, 3) A Vida Cotidiana, 4) Turismo em Gravatá, 5) Políticas Públicas de Turismo e Desenvolvimento Rural, 6) Visão das Segundas-Residências, 7) Moderna Agropecuária; Roteiro B - Proprietários de Hotéis, Restaurantes e Similares, Comércio: 1) Estabelecimento, 2) Faturamento, 3) os Empregados, 4) Turismo em Gravatá, 5) Políticas Públicas de Turismo, 6) as Segundas-Residências, 7) a Moderna Agropecuária, 8) a vida Cotidiana; Roteiro C - Moradores de Segundas-Residências: 1) o Turismo em Gravatá, 2) Políticas Públicas de Turismo e de Desenvolvimento Rural, 3) as Segundas-Residências, 4) a Moderna Agropecuária, 5) a Vida Cotidiana; D - Empregados, Ambulantes e Autônomos: 1) Vida Profissional, 2) a Vida Cotidiana, 3) o Turismo em Gravatá, 4) as Políticas Públicas de Turismo em Gravatá, 5) as Segundas Residências, 6) a Moderna Agropecuária; Roteiro E - Artesões: 1) o Artesanato produzido, 2) a Vida Cotidiana, 3) Turismo em Gravatá, 4) as Políticas Públicas de Turismo em Gravatá, 5) As Segundas-Residências, 6) a Moderna Agropecuária; Roteiro F - Poder Público: 1) Turismo e Segundas-Residências em Gravatá, 2) As Políticas Públicas e as Articulações Institucionais, 3) A Moderna Agropecuária e 4) As Segundas-Residências.

Esclarecemos que embora não tenhamos conseguido agendar entrevistas com os proprietários das empresas Rebanho Carotá e do Haras Passira, as informações obtidas nos “sites” e nas entrevistas deram subsídios importantes para o estudo. Infelizmente, também, não foi possível entrevistar o Sr. Truan, proprietário da Taverna Suíça, que por motivos de saúde estava ausente da cidade.

Entrevistamos 45 pessoas distribuídas nas seguintes categorias: Poder Público: 03; Moradores de Privês e Condomínios: 06; Comerciantes: 08 dentre gastronomia, móveis e artesanato, supermercado; Trabalhadores Autônomos: 06, entre ambulantes de comida regional, mototaxistas e artesãos; Produtor de Flores: 03; Produtor de Orgânicos: 04; Trabalhadores Formais: 12 dentre gastronomia, hotelaria, condomínio, privê, Associação e ONG; 03 Hoteleiros. Ressaltamos que dentre os trabalhadores formais 02 são gerentes de Hotel e Flat e que todos os trabalhadores de condomínios e privês são também agricultores tradicionais de subsistência.

O procedimento para a coleta de dados com o Prefeito e Secretário de Turismo foi organizado em função da disponibilidade de horário dos entrevistados, e foram marcadas com antecedência. Esclarecemos que essas entrevistas só se efetivaram porque tivemos a interferência direta de um proprietário de uma segunda-residência, de um dos condomínios. Quanto aos demais entrevistados não houve a necessidade de uma “articulação política” uma vez que, quando abordados, logo se prontificaram a colaborar com a pesquisa.

Houve uma boa aceitação da pesquisa por parte dos entrevistados, que não só demonstraram seu interesse em saber dos resultados tão logo defendêssemos nossa tese, como também se prontificaram a contribuir com informações e documentos de ordem pessoal que relatasse a história da cidade. Importante ressaltar que durante a pesquisa de campo percebemos não haver nenhum estudo histórico e sociológico, sobre as oligarquias agrícolas do município. A nossa presença teve uma ampla repercussão na cidade, sendo notícia na Home Page da Prefeitura. Os momentos iniciais de inibição dos entrevistados logo foram superados, tendo em vista que as entrevistas começaram por temas genéricos. Porém, temos que informar que no que diz respeito aos condomínios residenciais houve resistências à nossa visita e entrevista como será discorrido ao longo do texto.

Como em nossa dissertação de Mestrado as técnicas de pesquisa seguiram alguns pressupostos teórico-metodológicos cuja finalidade foi nos orientar e evitar erros, por ocasião da

coleta e análise dos dados. Por ocasião da entrevista, o pesquisador deve ter consciência que ela é um processo de interação entre dois indivíduos e que, portanto,

por mais que procure captar dados ‘reais’ e ‘objetivos’, o resultado é sempre uma interpretação, uma versão dos fatos que poderá ser confrontada com outras. Assim, os esforços devem ser mobilizados no sentido de não anular as ‘interferências’ da subjetividade, mas sim de conhecê-las e transformá-las em instrumento de conhecimento. A interação em situação de entrevista é uma relação construída a partir das intenções dos agentes postos em contato, ou seja, uma relação em que os atores percebem-se e relacionam-se. (TRIGO E BRIOCHE, *apud* VIANA RODRIGUES, 2001, p. 28).

Nesse sentido, o pesquisador não poderá deixar de estar consciente que

mais que uma comunicação, onde a relação é de troca, a entrevista tal como se dá na pesquisa sociológica, é sempre uma relação de forças. Nesse face-a-face com o entrevistado, o pesquisador tem, em certa medida, uma posição de superioridade e domínio, a saber: ele é quem conhece o objetivo da pesquisa, é ele, como vimos, quem propõe o encontro e finalmente, é ele quem vai construir o objetivo do conhecimento, resultado da investigação. (TRIGO E BRIOCHE *apud* VIANA RODRIGUES, 2001, p. 28).

Considerará ainda que ao concordar com a entrevista o informante não se torna um ser passivo, muito pelo contrário, “ele reage, interage, detém um saber que é decorrente de sua própria experiência de vida, é capaz de atribuir significados às suas ações, articulando e expressando seus pensamentos à sua própria maneira” (TRIGO E BRIOCHE, *apud* VIANA RODRIGUES, 2001, p. 28).

Sobre a observação participante consideraremos a orientação de Haguette (1992. p. 72) que a entende como

um compartilhar, não somente com atividade externas do grupo, mas com os processos subjetivos – interesses e afetos – que se desenvolvem na vida diária dos indivíduos. Consiste em abrir novos caminhos para a compreensão. O observador se expõe a experiências que lhe dão um conhecimento direto das pressões e reações mais sutis a que estão expostos os membros da comunidade.

A entrada em campo teve início em dezembro de 2004, onde iniciamos a pesquisa exploratória. Nessa fase, que durou 08 dias, iniciamos nossas entrevistas com a Secretária Adjunta da Secretaria de Turismo, Prof.<sup>a</sup> Sandra Pagano, e fizemos as primeiras observações, contatos com a população local e a pesquisa dos dados históricos do Município. Nesse período, ainda, entramos em contato com a Empresa Pernambucana de Turismo/EMPETUR, Empresa Brasileira de Turismo/EMBRATUR e Ministério do Turismo para solicitar os seguintes documentos que nos foram imediatamente enviados: Inventário da Oferta Turística do Estado de Pernambuco, Plano Nacional de Turismo 2003/2007, Programa de Regionalização do Turismo e Programa de Turismo Rural 2003/2007.

A segunda parte da pesquisa ocorreu nos meses de dezembro de 2005 e janeiro de 2006, perfazendo um período total de 45 dias. Sua finalidade foi concluir as entrevistas e observações, porém isto não foi possível e tivemos que retornar em junho de 2006, por um período de 15 dias. Esse retorno no período das festas juninas, de 13 a 27/06/2006, possibilitou que observássemos quando Gravatá recebe o maior fluxo de turistas, visitantes e moradores de segundas-residências.

Os dados secundários foram coletados no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas/IBGE - Plano Nacional de Domicílios/PNAD, Censo 2000, e Censo Agropecuário 1996; Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Social do Governo do Estado de Pernambuco/SEPLANDES - Fundação de Desenvolvimento Municipal/FIDEM - Planta Diretora do Município.

Aproveitamos para esclarecer as nossas preocupações ao construirmos nossa metodologia uma vez que, como pernambucana, também me insiro dentro desse universo da cultura e do imaginário pernambucano. Como mergulhar nesse universo sem me envolver e manter a vigilância e o distanciamento? Como dar oportunidades a novos olhares quando esse velho território tão marcado por dores, mágoas, exploração, dominação, mas também de saudade, alegrias e amores contados e cantados pelo cordel e pela embolada e construir o diferente? Para isto, acreditamos ser necessário fazer o reconhecimento da produção de sentido dessa nova atividade econômica produtiva que se abre para a comunidade local de Gravatá.

Em decorrência dessas orientações acima citadas e considerando o conceito de desenvolvimento local e as definições de turismo e lazer (segundas-residências), optamos que nossa metodologia de investigação se desse a partir do olhar da vida cotidiana. No nosso ponto de vista, são nas relações rotineiras do cotidiano que a vida se tece, o que possibilitará uma melhor compreensão do processo de desenvolvimento que vem ocorrendo em Gravatá.

E, também, seguindo a orientação de Michel Maffesoli (*apud* TACUSSEL, 2002, p. 10)<sup>8</sup>, para quem o estudo da vida cotidiana é uma forma de se “evitar o fantasma da clausura”, porque possibilita “reconhecer a singularidade, respeitar o detalhe e o múltiplo”, como criação coletiva por “aproximações sucessivas”.

---

<sup>8</sup> Ressaltamos que essa abordagem metodológica é um aprofundamento da metodologia utilizada em nossa dissertação de Mestrado, onde nosso objetivo foi a análise do processo de participação dos pescadores no Conselho Municipal de Turismo.

#### **1.4.1. O Espaço da Vida Cotidiana.**

Para analisar o espaço da vida cotidiana dos moradores fixos e temporários de Gravatá, buscamos em alguns autores subsídios teóricos. Nesse sentido, lembramos a orientação de Kosik (1995, p. 80-83) quando ressalta que o estudo da vida cotidiana é “apenas a via de acesso à compreensão e à descrição da realidade; ir além de suas possibilidades, ela falsifica a realidade”. Segundo ainda esse autor, a cotidianidade é entendida com base na realidade, ou seja, “o mundo da intimidade, da familiaridade e das ações banais. Um mundo cujas dimensões e possibilidades são calculadas de modo proporcional às faculdades individuais ou às forças de cada um”.

É na cotidianidade que as pessoas constroem suas relações sociais e sua realidade, estejam eles onde estiverem, e são relações fundamentadas “na própria experiência, nas próprias possibilidades, na própria atividade e daí considerar essa realidade como seu próprio mundo”. (KOSIK, 1995, p. 35).

Existe uma diferença fundamental entre a opinião dos que consideram a realidade como totalidade concreta, isto é, como um todo estruturado em curso de desenvolvimento e de autocriação, e a posição dos que afirmam que o conhecimento humano pode, ou não, atingir a “totalidade” dos aspectos e dos fatos. No segundo caso, a realidade é entendida como conjunto de todos os fatos. Como o conhecimento humano não pode jamais, por princípio, abranger todos os fatos, a tese da concreticidade ou da totalidade é considerada uma mística. Na realidade, totalidade não significa todos os fatos. Totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato pode vir a ser racionalmente compreendido.

Nesse sentido, o estudo da vida cotidiana visa, em última instância, evitar cair na “totalidade abstrata” da formação social que Kosik (1995 p. 35) denomina, de “mundo da pseudoconcretidade”.

O mundo da pseudoconcreticidade é um claro-escuro de verdade e engano. O seu elemento próprio é o duplo sentido. O fenômeno indica a essência e, ao mesmo tempo, a esconde. A essência se manifesta no fenômeno, mas só de modo inadequado, parcial, ou apenas sob certos ângulos e aspectos.

Para o autor (1995, p. 81), as pessoas não podem ser analisadas isoladas de suas relações sociais, ao contrário existe uma construção, desconstrução e reconstrução dos indivíduos que são estabelecidas cotidianamente através das suas relações sociais. É na práxis do dia-a-dia que as pessoas determinam sua existência humana, seja ela no trabalho, na vida privada ou no lazer. Ou seja, a práxis se manifesta “na atividade objetiva do homem, que transforma a natureza e marca com sentido humano os materiais naturais” e, também, “na formação da subjetividade, na



qual os momentos existenciais como a angústia, a náusea, o medo, a alegria, o riso, a esperança não se apresentam como experiência passiva, mas como parte do processo de realização da liberdade humana”. Enfim, a cotidianidade é o lugar onde as pessoas cristalizam a sua vida cotidiana.

Procuramos analisar a cotidianidade dos moradores fixos e de segundas-residências, como a sua maneira particular de viver o dia-a-dia, no trabalho e no lazer. Para isto, buscamos em Agnes Heller (1995. p. 17-18) a explicação de vida cotidiana. Para a autora a vida cotidiana é a vida do homem na sociedade em que vive. Além do trabalho, vida privada e o lazer, a vida cotidiana é, também, “o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação”. A vida cotidiana é, na visão da autora

[...] a vida do homem inteiro por inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se em funcionamento todos os sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias.

A seguir, procuramos categorizar os aspectos da vida cotidiana a serem analisados, e que vêm ao encontro do objeto deste estudo. Ou seja, compreender a transformação social de Gravatá como um processo de cotidianidade para, assim, analisar em que medida os fenômenos relacionados ao turismo e ao lazer (segundas-residências) contribuem para o desenvolvimento local.

Esses aspectos foram encontrados em Henri Lefèbvre (1998. p. 61-62), que, sob outra perspectiva, instrumentaliza e amplia o campo de observação explicando como as pessoas organizam o dia-a-dia de suas vidas. Afirma o autor que a vida cotidiana subdivide-se em “trabalho, vida privada e lazer”, mas que ela é organizada, administrada e controlada pelo tempo. Tempo este, classificado em três categorias: o tempo obrigatório – o trabalho; o tempo imposto – o das atividades obrigatórias não relacionadas com o trabalho e o tempo livre – o lazer.

O autor (1998, p. 62) ressalta a importância do “tempo imposto” como o tempo que se impõe ante o tempo de lazer: “o tempo imposto se inscreve na cotidianidade e tende a definir o cotidiano pela soma das imposições (ou pelo conjunto delas)”.

Assim, levando-se em conta que o homem é um ser individual e social, inserido em determinadas condições sociais, historicamente construídas, privilegiou-se para o estudo do cotidiano os espaços da vida no trabalho (tempo obrigatório) e o lazer (tempo livre) dos entrevistados.

Esta tese está organizada em 4 Capítulos, Conclusões, Referências Bibliográficas, Apêndices e Anexos, além desta Introdução.

No Capítulo 1 intitulado Aportes Teóricos sobre Desenvolvimento Local, Turismo e Novas Ruralidades, apresentaremos no item 1.1. o marco teórico que norteou toda a pesquisa onde diversos autores discutem o conceito de desenvolvimento local. No primeiro item, apresentaremos os principais eixos conceituais que norteiam as políticas públicas de desenvolvimento local. No segundo, faremos algumas considerações sobre as políticas públicas de turismo e as orientações da atual política do governo federal para a atividade turística, o debate acerca das possibilidades e limitações do desenvolvimento local pela via do turismo. Por fim, no último item discutimos as implicações das relações mundo rural moderno e mundo rural contemporâneo ou Novas Ruralidades.

O Capítulo 2 intitula-se: Do Boi e do Roçado ao Rural Contemporâneo. Esse Capítulo subdivide-se em 3 tópicos. No primeiro, faremos a descrição dos dados geográficos e históricos de Gravatá e, no segundo, procuramos atualizar os dados oficiais do município. No terceiro tópico constará a história dos fatos recentes contada pelos entrevistados, para assim entendermos melhor o processo de transformação social, onde procuraremos estabelecer o período em que efetivamente se iniciou o processo de transformação social, do tradicional para o moderno no Município, e quais as principais atividades desenvolvidas.

No Capítulo 3, intitulado Gravatá Lugar de Gente Feliz! No primeiro tópico, procuraremos compreender as imbricações do turismo e das segundas-residências com as demais atividades econômicas produtivas do Município na vida cotidiana da população. No seguinte, faremos uma descrição das principais atividades econômicas produtivas, que estão em relação direta com o turismo e lazer no Município. No último tópico, procuraremos, à luz do aporte teórico da vida cotidiana, analisar o trabalho e o lazer da população de Gravatá.

No que diz respeito ao Capítulo 4, intitulado Desenvolvimento Local em Gravatá, faremos as análises das políticas públicas de turismo e lazer (segundas-residências) no Município e suas articulações com as demais políticas dos governos Estadual e Federal e a destinação dos recursos advindos dos impostos arrecadados. No tópico seguinte, discutiremos o papel do poder público local e do empresariado no âmbito da geração de emprego, renda e capacitação profissional tentando identificar a existência de uma “usina social de projetos”.

Nas Conclusões procuraremos, além de responder às questões levantadas nesta pesquisa, aprofundar as discussões as nossas hipóteses; a seguir as Referências Bibliográficas, Apêndices e os Anexos.

## CAPÍTULO 1

### DESENVOLVIMENTO LOCAL, TURISMO E NOVAS RURALIDADES

#### 1.1. Desenvolvimento Local: Atores Sociais e Participação

Segundo Dowbor (1999, p. 5), o conceito-chave que norteia o desenvolvimento local é o mecanismo da “articulação”, uma vez que “não se trata mais de escolher entre o Estado e o privado, entre o social e o econômico”, mas articulá-los em um objetivo comum. Ou seja, o desenvolvimento local pressupõe a articulação entre Estado, Sociedade Civil e Mercado que em conjunto procuram estabelecer a formação de uma rede de parceiros ativos, integrando todos os atores sociais envolvidos no processo.

Em seus estudos, Gallichio (2003, p. 81) defende que o desenvolvimento local se baseia nos seguintes pressupostos: “visão estratégica de um território, atores com capacidade de iniciativa, identidade cultural como alavanca do desenvolvimento”; e nas seguintes características: “tratar-se de um enfoque multidimensional, onde coexistem no mínimo as dimensões econômica, ambiental, cultural e política; é um processo orientado para a cooperação e negociação entre atores, é um processo que requer atores e agentes de desenvolvimento”. Ou seja,

Desenvolvimento de um setor, ou território, não pode ser considerado como uma atividade independente da evolução econômica geral do sistema a que pertence. Pelo contrário, significa um processo dinâmico e multidimensional que deve afetar todo o território, os diferentes setores produtivos e a população. (RAMOS LEAL, *apud* CAVACO, 1996, p. 101).

Sobre isto gostaríamos de ressaltar as observações de Arocena (1995, p. 25-26), sobre a diferença entre ator local e agente de desenvolvimento. Segundo ele os “múltiples y variados procesos de generación de actores locais” não passam de expressões resultantes da história de um território. Sua definição se relaciona à ação empreendida no cenário social ao qual está inserido, que poderá ser positiva ou negativa, isto é, “no se incluye la calidad de la acción, sino la escena en la qual se desarrolla”.

Para Barreiros (*apud* AROCENA, 1995, p. 25-26), o ator local é ao mesmo tempo “motor y expresión del desarrollo local”, podendo ser definido em 03 categorias - políticos institucionais (atores responsáveis pelas tomadas de decisões), técnicos experts (atores técnicos profissionais) e o ator que empreende uma ação no território (população e todas as suas manifestações ativas). Nesse sentido, a noção de ator se aproxima da noção de desenvolvimento e além do cenário, onde a ação se desenvolve, há o aporte da ação que realiza o desenvolvimento local. Ou seja, o que importa é o sentido que o ator imprime na ação. Assim, nem todo indivíduo, instituição que atue no local pode ser considerado ator local de desenvolvimento ou agente de desenvolvimento local. Resumidamente, podemos concluir que ator local é aquele que atua no local; e ator-agente local de desenvolvimento é o que se preocupa com a qualidade da ação no local<sup>9</sup>.

Diante do exposto, Arocena (1995, p. 25-26) define o ator local de desenvolvimento como todos aqueles agentes que no campo político, econômico, social e cultural são portadores de propostas que tendem a capitalizar melhor as potencialidades locais. Na verdade, trata-se da busca de um melhor aproveitamento dos recursos, mas que destaca a qualidade dos processos em termos de equilíbrios naturais e sociais. Neste sentido, procurará cuidar do equilíbrio natural e submeter às iniciativas de desenvolvimento, tais como as inovações tecnológicas e pólos turísticos, adaptando-as aos interesses e características da localidade. (tradução nossa).

Para Augusto de Franco (2000, p.11-56), a promoção do desenvolvimento se dá a partir da geração de renda, multiplicação do número de proprietários produtivos, elevação do nível de escolaridade da população e o aumento do número de organizações da sociedade civil. Sua proposta é que o desenvolvimento local procure "aumentar a produção e democratizar o acesso à riqueza, ao conhecimento e ao poder (no sentido de empoderar as populações)".

A articulação com vistas à gestão participativa dos processos de desenvolvimento local envolve não só relação de poder, como também relação entre culturas diferentes – a institucional e a cultura popular. Tauk Santos (1994, p. 110) chama a atenção para uma passagem do texto de Pedro Demo, onde o autor afirma que o processo participativo é alcançado através da conquista e das negociações dos interessados e que, por isso, é conflituoso, uma vez que esse processo se dá em “contextos de desigualdade”. Dessa forma, a participação não pode ser “doada, concedida,

---

<sup>9</sup> A geração desse tipo de ator-agente de desenvolvimento local é uma das condições para o sucesso dos processos de desenvolvimento local e, por isto, as políticas públicas de formação destes agentes deveriam ocupar um lugar de destaque nas suas formulações.

outorgada. A participação emerge somente se conquistada”. Em suma, a participação popular é compreendida como o

processo que objetiva a autopromoção, a realização da cidadania, a implementação de regras democráticas de jogo, de controle de poder, controle da burocracia, o estabelecimento de negociação e a construção de uma cultura democrática. (CALLOU e TAUKE SANTOS, 2000, p. 4).

Ao delimitar conceitualmente a participação, também se faz necessário considerar a questão referente ao poder político. Poder este que não deve ser confundido

com autoridade ou Estado, mas supõe uma relação em que atores, com recursos disponíveis nos espaços públicos, fazem valer seus interesses, aspirações e valores, construindo identidades, afirmando-se como sujeitos de direitos e obrigações. (TEIXEIRA, 2001, p. 26).

Teixeira, analisando Cotta (2001, p. 26), afirma que a participação “situa-se entre várias dicotomias: direta ou indireta, institucionalizada ou ‘movimentalista’ orientada para a decisão ou para a expressão”. Porém, o autor entende “que as várias formas estão presentes no processo político de maneira mais ou menos intensa, conforme a conjuntura e os atores políticos”. Outro fator relevante para Teixeira (2001, p. 26) diz respeito à diferenciação entre participação voltada para a decisão, e participação cuja orientação está na expressão. Segundo ele,

a primeira caracteriza-se por intervir, de forma organizada, não episódica, atores da sociedade civil no processo, e tem sido enfatizada, até pelos seus críticos, como fundamental e definidora. A segunda, de caráter mais simbólico e voltada para a expressão, caracteriza-se por marcar presença na cena política ainda que possa ter impacto ou influência no processo decisório. (TEIXEIRA, 2001: p.26).

Porém, esse autor entende que não se trata de se privilegiar uma ou outra. O que importa é considerar

quanto à sua possibilidade de fortalecer e aprofundar a democracia, e às suas limitações para efetivá-las. Independente das formas que se pode revestir, a participação significa ‘fazer parte’, ‘tomar parte’, ‘ser parte’, de um ato ou processo, de uma atividade pública, de ações coletivas. Referir ‘a parte’ implica pensar o todo, a sociedade, o Estado, a relação das partes entre si e destas com o todo e, como este não é homogêneo, diferenciam-se os interesses, aspirações, valores e recursos de poder. (TEIXEIRA, 2001: p.26).

O problema surge devido ao “particularismo” e o “corporativismo” dos envolvidos, em detrimento ao atendimento dos interesses gerais. A participação exige “condições objetivas e subjetivas e espaços públicos onde possam ocorrer negociações e compromissos para que as argumentações, livremente expostas, permitam chegar-se a um consenso traduzível em decisões no sistema político”. Nas palavras de Teixeira (2001, p. 30-33) a participação cidadã

é um processo complexo e contraditório entre sociedade civil, Estado e mercado, em que os papéis se redefinem pelo fortalecimento dessa sociedade civil mediante a atuação

organizada dos indivíduos, grupos e associações. Esse fortalecimento dá-se por um lado, com a criação e exercício de direitos. Implica também o controle social do Estado e do mercado, segundo parâmetros definidos e negociados nos espaços públicos pelos diversos atores sociais e políticos.

Destaca, ainda, a necessidade de se diferenciar participação cidadã de participação social e comunitária, ou participação popular. A participação cidadã se diferencia porque é mais ampla e não almeja apenas a “prestação de serviços à comunidade ou à sua organização isolada”, ou a apenas a participação em “grupos ou associações para a defesa dos interesses específicos ou expressão de identidades”. Tampouco tem “caráter reivindicativo – visando ao atendimento de carências ou à realização de protestos”. A participação popular é uma expressão que tem caráter ideológico, e se refere aos segmentos mais explorados da sociedade, tais como trabalhadores, favelados e desempregados

tem sido usada por governos e organismos internacionais ao envolver segmentos dominados da população em seus projetos e políticas, inclusive como estratégia de redução de custos (mutirões, parcerias) e com objetivos de manipulação ideológica, pretendendo-se conferir legitimidade a governos e programas de compensação aos efeitos das políticas de ajuste estrutural. (TEIXEIRA, 2001: p. 32).

Telles (apud TEIXEIRA, 2001, p. 32) defende a necessidade de se reavaliar a participação popular “nos termos de uma participação cidadã que interfere, interage e influencia na construção de um senso de ordem pública regida pelos critérios da equidade e justiça”. São duas as contradições na participação cidadã, segundo Teixeira

primeiro, o ‘fazer ou tomar parte’, no processo político-social, por indivíduos, grupos, organizações que expressam interesses, identidades, valores que poderiam se situar no campo do ‘particular’, mas atuando num espaço de heterogeneidade, diversidade, pluralidade. O segundo, o elemento ‘cidadania’, no sentido ‘cívico’, enfatizando as dimensões de universalidade, generalidade, igualdade de direitos e responsabilidades, à propensão ao comportamento solidário, inclusive relativamente àqueles que, pelas condições econômico-sociais, encontram-se excluídos dos direitos, do “do direito a ter direitos”

Sendo assim, esse autor (2002, p. 32) define participação cidadã como

o processo social em construção hoje, com demandas específicas de grupos sociais, expressas e debatidas nos espaços públicos e não reivindicadas nos gabinetes do poder, articulando-se com reivindicações coletivas e gerais, combinando o uso de mecanismos institucionais com sociais, inventados no cotidiano das lutas, e superando a já clássica dicotomia entre representação e participação.

Porém, consideraremos a advertência de García Canclini (1996, 23-24) que nos informa que geralmente a política participativa busca "repensar a cidadania como estratégia política para reivindicar os direitos de aceder e pertencer ao sistema sócio/político, como também o direito de

participar na reelaboração do sistema, definindo, portanto, aquilo que queremos fazer parte". Para o autor, essa mesma política participativa ao considerar essas "novas condições culturais de articulação entre o público e privado", não passa de uma "nova concepção estratégica do Estado e do mercado que articula as diferentes modalidades de cidadania nos velhos e novos cenários".

Além disso, é importante se considerar, também, o conflito como parte integrante dos processos de desenvolvimento e, nesse sentido, é necessário ter em mente a orientação de Hirschman (1998, p. 271) quando afirma que o conflito é inerente às sociedades de mercado pluralistas; são a “contrapartida do progresso técnico e da conseqüente criação de nova riqueza, atributos estes que conferem justa fama à sociedade de mercado”. Os conflitos são decorrentes da existência de “desigualdades e declínio setoriais ou regionais recém-surgidos” e funcionam como uma “contrapartida de vários desenvolvimentos dinâmicos em outras partes da economia”. O conflito geralmente aparece em sociedades que gozem de “liberdade de expressão e associações”, mobilizando tanto as pessoas diretamente atingidas pelo processo como aqueles “cidadãos suscetíveis a sentimentos de justiça social compartilhados de modo mais ou menos geral”.

Segundo esse autor, esses dois grupos

fazem reivindicações por ação e reforma corretivas, reivindicações baseadas tanto no interesse próprio como na legítima preocupação com o bem comum... baseadas tanto em negociações como em discussões. O segredo da vitalidade da sociedade de mercado pluralista, e de sua capacidade de renovação, pode estar nessa conjunção e na sucessiva erupção de problemas e crises. A sociedade, assim produz uma dieta regular de conflitos que precisam ser resolvidos e que ela aprende a administrar. (HIRSCHMAN, 1998, p. 271).

Esse autor (1998, p. 273-274) nos informa, ainda, que os conflitos podem ser divisíveis ou não-divisíveis. O primeiro são conflitos “concernentes à obtenção de mais ou menos” e o segundo é aquele do tipo “ou-ou” em que “apenas uma das partes sai vencedora, os quais caracterizam as sociedades fragmentadas por facções rivais, étnicas, lingüísticas ou religiosas”. A diferença entre ambos não é de fácil identificação, porque as “questões não-divisíveis comumente possuem alguns componentes que são negociáveis” e os divisíveis apresentam componentes não-divisíveis. O primeiro diz respeito àqueles conflitos em que a solução conciliatória para os mais diversos grupos sociais tem um caráter temporário, “ligados às circunstâncias específicas nas quais foram firmados e podem voltar à baila na próxima oportunidade”. Já o segundo tipo é aquele em que a sua superação pode se dar “pela eliminação pura e simples de um dos grupos



antagônicos, ou por um acordo de tolerância mútua”, e que, geralmente dão a impressão que os conflitos foram superados.

## **1.2. Políticas Públicas de Turismo e Desenvolvimento Local**

Foi por ocasião da Conferência Mundial de Turismo de 1995, que foi estabelecido que a conceituação do turismo se embasaria no referencial teórico do desenvolvimento sustentável: o desenvolvimento turístico se fundamenta em critérios de sustentabilidade de longo prazo, viável economicamente e equitativo dentro de uma perspectiva ética e social, que inclua as populações locais. (SEGRADO, 2004). O objetivo desta definição é propiciar o desenvolvimento de atividades diversificadas - que poderiam ser favorecidas com a chegada dos turistas, através da comercialização de seus produtos - a educação ambiental, a capacitação profissional da população local e o planejamento integral. Assim, a proposta do Turismo Sustentável procura fomentar a diversificação das atividades econômicas, a autonomia e a auto-suficiência da população local em conjunto com preservação do meio ambiente e da cultura da região. Ou seja,

rescatar y proteger los recursos naturales y culturales de una región, favoreciendo la permanencia de los ecosistemas y sus procesos biológicos básicos y generando beneficios sociales y económicos, al fomentar mejores niveles de vida para el visitante y la comunidad, a partir del aprovechamiento y conservación de estos recursos. (SEGRADO, 2004).

Segundo Cármen (2004), os fundamentos que regem o planejamento turístico sustentável têm como referência a superação do enfoque setorial nos âmbito local, estadual e federal; possibilitar a maior autonomia aos governos locais e propiciar a participação da população local nos projetos de intervenção; impulsionar o desenvolvimento local/regional dentro de um contexto estatal e nacional; enfatizar a geração e difusão de valores éticos ambientais; respeitar a identidade local e considerar as condições geográficas da região que possam limitar ou favorecer o desenvolvimento da atividade turística (paisagem, atrativos culturais, recursos naturais como o solo, água e vegetação).

No âmbito das políticas públicas voltadas para o turismo no Brasil, Bezerra (2002, p.107-146) nos informa que, a partir de 1990, “as expectativas otimistas foram infladas” em virtude de quatro fatores: implementação do Programa de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR) no Nordeste (resultado da parceria entre governos e o Banco Interamericano de

Desenvolvimento/BID); a entrada no País dos grandes conglomerados internacionais hoteleiros; a participação dos Fundos de Pensões, como, por exemplo, a PREVI, do Banco do Brasil, e o FUNCEF, da Caixa Econômica Federal, que passaram a investir no setor; e a abertura e liberação de créditos pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Social/BNDES para investimentos. Ressalta essa autora, que embora a orientação do governo federal tenha sido priorizar as regiões mais pobres, a verdade é que o BNDES priorizou o Nordeste, “mas, ainda assim, atrás da região mais desenvolvida, o Sudeste. Em se tratando do Norte e Centro-Oeste, as evidências recentes revelam que estas medidas foram inócuas como meio de priorizar investimentos com recursos públicos federais em tais áreas”.

A autora (2002, p. 107-146) discute, ainda, que a avaliação das políticas públicas de turismo poderia ser sistematizada, a partir dos seguintes aspectos. O primeiro, “a perda de qualidade do diagnóstico do setor nos últimos anos, quando a questão do financiamento passa a ser vista como um fator secundário”, porque a EMBRATUR “não julga necessário estabelecer uma articulação” com o BNDES, que é “a maior instituição de fomento do país” e que detém “uma carteira de empréstimos voltada para atender as demandas dos tomadores de crédito com negócios no setor turístico”. O segundo, é que o turismo, como qualquer empreendimento capitalista, “não opera no sentido de contrabalançar as desigualdades regionais do país, pois o recurso ao diferencial de custo do crédito entre as regiões não é suficiente para romper com a atração que as regiões ricas proporcionam”. Destaca, ainda, o fato de que o “governo brasileiro estabeleceu o turismo como uma atividade estratégica e a maior instituição de fomento, o BNDES, destinar menos de 1% de seus recursos para aplicação no setor”.

Apesar da abertura de crédito pelo BNDES para financiar o setor com recursos públicos Bezerra (2002, p. 152-156) afirma, em suas conclusões, que muito embora as políticas voltadas para o turismo tenham dado ênfase à descentralização

a EMBRATUR não teve nenhuma injunção neste processo, que deveu-se exclusivamente a avaliação feita pelo Banco da rentabilidade do negócio; o que demonstra uma completa falta de articulação entre o órgão planejador do setor turístico e a grande instituição de fomento existente no país, capaz de potencializar os investimentos no setor.

Por fim essa autora (2002, p. 152-155), ao analisar o Programa Nacional de Municipalização do Turismo/PNMT, nos informa que essa política poderá “favorecer o turismo predatório” de algumas localidades, devido à “incapacidade” da EMBRATUR de “dirigir incentivos que dêem suporte às demandas de financiamento de um crescente número de

municípios que passam a ser designados como Municípios Prioritários”. Nesse sentido, lembra as críticas ao PNMT de Beni (1997, *apud* BEZERRA, 2002, p. 152-155) quando afirma que

Essa orientação global para todos os municípios brasileiros indistintamente, que os obriga a lançarem-se em busca de atrativos turísticos próprios para a conquista de segmentos de mercado, induz administradores e empresários locais a verem no turismo a solução definitiva para o rápido desenvolvimento sócio-econômico [...] prejudicando a própria sustentabilidade do desenvolvimento turístico.

Em seu estudo sobre o financiamento do Turismo no Brasil afirma que a lógica que permeou o pensamento do BNDES, resultou como uma “medida inócua”, pois “as regiões mais pobres e que deveriam ser beneficiadas com o crescimento do turismo, apresentavam: Nordeste, 18%; Centro-Oeste, 5%; e Norte, 4%”. Para a autora (2002, p. 155) o problema está na “desarticulação entre as ações da EMBRATUR, e as agências de financiamento”. E nesse sentido finaliza

Em tais circunstâncias, e da forma como os responsáveis pela formulação das políticas para o setor pensam o turismo no Brasil, não creio que haja realmente justificativa para o fomento desta atividade com recursos públicos subsidiados em grande monta. Favorecer a expansão acelerada do turismo, sem que conjuntamente se considere a criação de políticas industrial, agrária e de renda no país, produzirá como resultado a concentração dos ganhos nos segmentos mais ricos da população brasileira e em investidores estrangeiros, cuja reversão não será feita sem custos sociais e ambientais. Logo, a decisão a respeito de seu fomento não constitui uma simples decisão técnica. É, principalmente, uma opção política a respeito dos caminhos pensados para o País.

Atualmente as políticas públicas voltadas para o turismo seguem as diretrizes estabelecidas no Plano Nacional de Turismo (EMBRATUR, 2003. p. 18-26), do governo federal. Dentre elas, nos interessa mais de perto o macroprograma: Estruturação e Diversificação da Oferta Turística que norteia as Diretrizes Políticas do Programa de Regionalização do Turismo/PRT e o Programa de Segmentação (EMBRATUR, 2004, p. 9), uma vez que essa proposta de gestão das políticas públicas tem como objetivo o desenvolvimento local.

A regionalização do turismo é um modelo de gestão de políticas públicas, descentralizada, coordenada e integrada, baseada nos princípios de flexibilidade, articulação, mobilização, cooperação intersetorial e interinstitucional e na sinergia de ações. Regionalizar é transformar a ação centrada na unidade municipal em uma política pública mobilizadora, capaz de provocar mudanças, sistematizar o planejamento e coordenar o processo de desenvolvimento local e regional, estadual e nacional de forma articulada e compartilhada.

As estratégias desse Programa para implantação de um modelo de gestão regionalizado são: gestão coordenada, planejamento integrado e participativo, promoção e apoio à comercialização. (EMBRATUR, 2004, p. 12).

No Programa de Segmentação, acima citado, encontram-se as Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural para 2003/2007. Tais Diretrizes procuram entender o Turismo Rural como um conceito que reúne no seu bojo aspectos referente “ao território, à base econômica, aos recursos naturais e culturais e a sociedade”. E sendo assim, define o Turismo Rural como

o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade. (EMBRATUR, 2003, p. 7).

Segundo essas Diretrizes (EMBRATUR, 2003, p. 7), o meio rural é entendido de acordo com a “noção de território, com ênfase no critério da destinação e na valorização da ruralidade”.

Assim, considera-se território um espaço físico, geograficamente definido, geralmente contínuo, compreendendo cidades e campos, caracterizados por critérios multidimensionais como ambiente, economia, sociedade, cultura, política, e instituições, e uma população com grupos sociais relativamente distintos, que se relacionam interna e externamente por meio de processos específicos, onde se pode distinguir um ou mais elementos que indicam identidades e coesão social, cultural e territorial... Tais elementos manifestam-se predominantemente pela destinação da terra, notadamente focada nas práticas agrícolas, e na noção de ruralidade, ou seja, no valor que a sociedade contemporânea concebe o rural, e que contempla as características mais gerais do meio rural: a produção territorializada de qualidade, a paisagem, a biodiversidade, a cultura e certo modo de vida, identificadas pela atividade agrícola, a lógica familiar, a cultura comunitária, a identificação com os ciclos da natureza.

A agregação de valor a produtos e serviços se refere à prestação de serviços – atendimento hoteleiro – e que, portanto, não pode ser apenas relacionado à produção de alimentos. Agrega-se ao atendimento hoteleiro “as práticas comuns à vida campesina, como manejo de criações, manifestações culturais e a própria paisagem passam a ser considerados importantes componentes do produto turístico rural e, conseqüentemente, valorizadas por isso”. (EMBRATUR, 2003, p. 8).

Já o resgate e promoção do patrimônio cultural e natural são compreendidos como “implementos da oferta turística no meio rural”. E, portanto

os empreendedores, na definição dos seus produtos de turismo rural, devem contemplar com maior autenticidade possível os fatores culturais, por meio do resgate das manifestações e práticas regionais (como o folclore, os trabalhos manuais, os ‘causos’, a gastronomia), e primar pela conservação ambiental. (EMBRATUR, 2003, p. 8).

Na realidade essa política pública de turismo se constitui em um aperfeiçoamento, fundamentado teoricamente, das políticas públicas de desenvolvimento do Turismo do governo Fernando Henrique Cardoso.

No âmbito do Nordeste brasileiro o que podemos constatar foi que a prioridade da atividade turística sempre esteve voltada para o âmbito do litoral, através dos investimentos viabilizados pelo PRODETUR (VIANA RODRIGUES, 2001). Em relação ao Estado de Pernambuco, Favero *et al* (1995) quando analisaram a implantação do Caesar Park no município do Cabo de Santo Agostinho, já informaram que a ênfase do PRODETUR era o turismo de litoral.

Só recentemente o governo do Estado de Pernambuco, em parceria com o Ministério do Turismo e com o SEBRAE, criou um programa de Regionalização do Turismo, voltado para o público internacional. E dentro desse novo programa o Turismo no Espaço Rural, ganha alguma visibilidade com os 10 roteiros criados. Esses roteiros segundo a Empresa Pernambucana de Turismo/EMPETUR são: 1) Rota Náutica Coroa do Avião: Paulista, Igarassu, Itapissuma, Goiana e Itamaracá; 2) Rota Luiz Gonzaga: Moreno, Gravatá, Bezerros, Bonito, Caruaru e Brejo da Madre de Deus; 3) Rota da História e do Mar: Recife, Olinda, Camaragibe, Jaboatão dos Guararapes, Cabo de Santo Agostinho, Ipojuca e o arquipélago de Fernando de Noronha; 4) Rota Águas da Mata Sul: Quipapá, São Benedito do Sul e Palmares; 5) Rota da Crença e da Arte: Belo Jardim, Pesqueira, Poção, Arcoverde, Buíque, Garanhuns, Bom Conselho e Saloá; 6) Rota da Moda e Confeção: Toritama, Santa Cruz do Capibaribe e Taquaritinga do Norte; 7) Rota Sertão do São Francisco: Petrolina, Lagoa Grande e Santa Maria da Boa Vista; 8) Rota Costa dos Arrecifes: Serinhaém, Rio Formoso, Barreiros, Tamandaré e São José da Coroa Grande; 9) Rota do Cangaço e Lampião: Triunfo, Santa Cruz da Baixa Verde, Serra Talhada, Afogados da Ingazeira, São José do Belmonte e São José do Egito; 10) Rota Engenhos e Maracatus: Paudalho, Carpina, Tracunhaém, Nazaré da Mata, Vicência e Lagoa do Carro. (EMPETUR, 2006).

Na verdade, ainda são incipientes as informações que esclareçam sobre a implementação desses roteiros, ou sobre qualquer política pública efetiva do Governo do Estado para o turismo. No âmbito institucional, as únicas informações que conseguimos foram as que constam no box abaixo e disponível no site da EMPETUR (2006).<sup>10</sup>

#### **O Turismo em Pernambuco**

As diretrizes que norteiam o Turismo em Pernambuco são realizadas de forma integrada. Em âmbito estadual, o segmento é fomentado e direcionado sob a responsabilidade de órgãos coordenados pela Secretaria de Turismo (SETUR), responsável pelo planejamento, controle, avaliação e execução de projetos por organismos distintos. Confira a composição do turismo no segmento do Estado e suas funções:

---

<sup>10</sup> <http://200.238.107.167/web/empetur/institucional>

**Secretaria de Turismo (SETUR)** – Criada em julho de 2006, planeja, avalia e controla as políticas e ações voltadas para o segmento no Estado, bem como é responsável pela captação de recursos para a realização de projetos na área e pelo relacionamento institucional com os parceiros.

**Conselho Estadual de Turismo (CONTUR)** – Formado por 35 membros de entidades públicas e privadas, instituições financeiras e associações ligadas ao segmento no Estado, o CONTUR foi criado no segundo semestre de 2006 com o objetivo de promover a consolidação da política estadual de turismo e partilhar, com o Poder Público, as definições estratégicas para o setor.

**Empresa de Turismo de Pernambuco (EMPETUR)** - Fundada ainda na década de 1960, EMPETUR é uma empresa de economia mista subordinada à Secretaria de Turismo (SETUR). Seu objetivo é desenvolver o planejamento operacional das ações de turismo no Estado e realizar ações de fomento, articulação e gestão turísticas.

**Programa de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR)** – O PRODETUR é uma entidade subordinada à Secretaria de Turismo (SETUR) voltado para projetos de infra-estrutura turística no Estado. Os recursos para a realização dos projetos são obtidos sob forma de financiamentos junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Os projetos do PRODETUR são multiinstitucionais e realizados em parceria com as Prefeituras contempladas pelas obras estruturadoras e executadas por organismos do Governo do Estado.

Froehlich (2000, p. 181) nos informa que foi partir de 1997 que começaram a surgir os primeiros estudos sobre o setor de serviços relacionados ao desenvolvimento meio rural, mais especificamente sobre as atividades turísticas no Brasil. Ao analisar a relação entre turismo rural e agricultura familiar, esse autor afirma que são diversas as abordagens que discutem o turismo no meio rural brasileiro. Porém, são enfoques que discutem o turismo no meio rural de maneira uniforme, sem atentar para a complexidade do rural brasileiro e “a polêmica sociológica, já é histórica, a respeito das possibilidades de definições (ou não) de tal categoria”. Para ele, esses relatos não passam de uma “visão deslumbrada e ufanista”, sem nenhuma crítica consistente sobre o turismo no espaço rural.

Quando analisa o turismo na Comunidade Européia, Cavaco (1996, p. 105) se aproxima dos autores brasileiros, e afirma que uma proposta de turismo para o desenvolvimento local terá que se preocupar “em evitar custos ambientais e sociais”. As formas de turismo devem privilegiar:

aquelas que em princípio respeitem as capacidades de cargas dos meios de acolhimento, em termos naturais, culturais e sociais, com conservação dos recursos locais, físicos e humanos, diminuindo custos e elevando benefícios e, não menos importante, reduzindo as saídas de divisas.

Todo o processo de promover o desenvolvimento com base local é lento, de longo prazo e incerto para áreas que se encontram em declínio econômico, estagnadas ou abandonadas sem recursos financeiros e sem lideranças – “autarquias, cooperativas e associações” – e profissionais

técnicos – “agentes de desenvolvimento e gestores”. (CAVACO, 1996, p. 97). Segundo essa autora, as estratégias de promover o desenvolvimento local valorizam

os aspectos global, holístico, integrado, transsetorial e sistemático, abrangendo todas as dimensões da vida econômica e social local e do espaço, e valorizem a parceria, com mobilização de vários atores e associações, incluindo agentes externos, portadores de recursos diversos (saber, criatividade, poder, capital ou facilidade de inserção no mercado). Preferencialmente, deve haver alguma homogeneidade em nível dos grupos, ajustamento das ações às expectativas, motivações e cultura dos beneficiários potenciais, para que estes se comprometam com as iniciativas, o que recomenda opção primeiramente orientada para a obtenção de resultados visíveis em curto prazo, sobretudo para as populações mais desfavorecidas (trabalho e emprego, rendimento, habitação, serviços e domicílio), capazes de as convencer, animar, dinamizar e ganhar a sua fidelidade ao projeto e com ela a paciência e a perseverança necessárias.

Por outro lado se não bem dirigido o turismo se massifica e pode provocar impactos ambientais, sociais e culturais; abandono das atividades agropecuárias; terceirização da atividade econômica e dependência econômica. Essa dependência está relacionada à falta de desenvolvimento de atividades alternativas, para a população local. (GRAZIANO DA SILVA, *et al* 1998, p. 57).

Almeida e Blos (1999, p. 34) defendem um modelo que procure reunir os aspectos do desenvolvimento autocentrado, endógeno, que priorize as necessidades da população local, ressaltando a participação e decisão dessa população nos projetos. Para os autores, esse modelo de desenvolvimento local pela via do turismo poderia contribuir para o desenvolvimento de pequenas cidades em áreas rurais, que utilizando os recursos locais, não só poderia evitar o êxodo rural como também impulsionar as atividades tradicionais da agropecuária.

Cooper *et al* (2001, p. 264) nos adverte que o turismo é uma atividade fragmentada e diversificada onde a multiplicidade de agentes, com interesses diferentes envolvidos, agindo isoladamente, pode produzir um resultado não favorável à atividade em si, como à sociedade e ao meio ambiente.

Para Holanda e Vieira (2003, p. 5), o turismo é resultado da união e interdependência de várias atividades econômicas onde seus bens e serviços, utilizados conjuntamente e classificados como produto turístico, são oferecidos para consumo<sup>11</sup>. Para que ocorra o desenvolvimento local é necessário o estabelecimento de “complementação das ações envolvendo todos” e de sinergias positivas destas atividades entre si e com a comunidade local, ou seja, “a interação e a articulação é pré-requisito para o desenvolvimento local”. Segundo esses autores a articulação existente

---

<sup>11</sup> O conjunto dessas atividades é denominado de Trade Turístico (PAIVA, 1995, p. 15).

apenas entre os principais atores desse processo – empresário e governo - “na tomada de decisão sobre os rumos do turismo”, não configura “o tripé social formado por Estado, Mercado e Sociedade Civil. A sociedade civil é fracamente representada no que diz respeito ao turismo de modo geral”.

Raco (apud HOLANDA e VIEIRA, 2002, p. 42) afirma que a participação da sociedade civil se efetiva pela parceria de “maneira ambígua”, uma vez que embora seus representantes sejam “formalmente reconhecidos como parceiros iguais frequentemente”, não dispõe dos meios - poder, recursos ou conhecimento técnico – necessários, “para atuar no mesmo nível que os outros parceiros”.

Em suas análises, esses autores (HOLANDA e VIEIRA, 2002, p. 42) estão se referindo aos resultados encontrados em pesquisas sobre o turismo realizadas, sobretudo no âmbito do litoral, onde a parceria público-privado é estabelecida entre os grandes empresários do setor e a classe política, prevalecendo a lógica da competição internacional e das vantagens comparativas. Este é o caso dos grandes conglomerados turísticos existentes nas capitais do Brasil e dos Resorts, que se constituem em verdadeiras “Ilhas da Fantasia”.

Dentre as críticas ao desenvolvimento local temos a de Benevides (1997, p. 29), que questiona o conteúdo ideológico do modelo dominante, que vem embutido na noção de desenvolvimento local. Para ele, há dois equívocos no discurso dos defensores dos “movimentos sociais localistas” – no caso os que defendem o turismo ecológico. O primeiro se refere “a geografização da análise dos fenômenos políticos, ao associar a redução da escala, como possibilidade de ampliar os espaços de participação democrática”. De acordo com o autor, essa questão da participação democrática se refere apenas “à dimensão política e não da espacialidade”, assim, “desconsidera a significação dos microspoderes na constituição das relações sociais de dominação (WEBER, 1964)”. O segundo se refere “ao elogio da identidade local”, em oposição aos projetos de expansão e modernização capitalista “em lugares onde persistem comunidades tradicionais”. Segundo o autor, esses movimentos esquecem que as relações existentes nestas comunidades não são mais “comunais”, em virtude de estarem submetidas “a hegemonia de um bloco tradicional”.

Portuguez (1999, p. 27), ao analisar o turismo rural no Espírito Santo, critica a proposta que vê o desenvolvimento como processo integrado “cuja idéia se põe acima das fragmentações a ela impostas, mas que na prática se perde quando delimitada no tempo, no espaço e nas práticas



sociais que a engendram”. Segundo ele, a orientação que norteia o planejador, seja – desenvolvimento urbano, rural, turístico, industrial, ecodesenvolvimento, etnodesenvolvimento, desenvolvimento sustentado – não passa de “um número incontável de fragmentos de um mesmo processo, que tem como principal objetivo a satisfação de planos, também parcelados, de intervenção nas esferas da vida social”.

Dentro de uma perspectiva econômica, Lage e Milone (1996, p. 94) alertam aos países em desenvolvimento e que adotam políticas de crescimento econômico regional, baseado especialmente na expansão do setor turístico de suas economias, de estarem utilizando uma estratégia extremamente perigosa. Se, por um lado, é uma atividade capaz de gerar emprego e renda de forma rápida, por outro, basta uma diminuição na demanda turística para provocar desemprego. “A magnitude e a extensão dessas crises, dependerão do grau de dependência que essas regiões tenham do turismo”.

Esses países ou regiões, geralmente, têm na agricultura sua principal atividade. O turismo cria expectativas de melhores salários, o que faz com que a atividade agrícola tenda a diminuir, uma vez que ela é considerada de “baixa produtividade”. Essa mudança de atividade provoca uma diminuição na produção agrícola, “justamente quando a demanda de alimentos aumenta devido à entrada de turistas”, o que vai acarretar um aumento nos preços e fragilizar ainda mais essas economias. “As autoridades governamentais devem ter como objetivo a otimização das relações custos-benefícios, advindos da expansão do setor turístico” (LAGE E MILONE, 1996, p. 96-98).

Rodrigues (2000, p. 61-67) defende em seus estudos que o turismo rural está relacionado ao patrimônio cultural, e só a partir da década de 1970 começou a surgir no país. Onde o que se destaca são os hotéis fazendas, pousadas rurais, fazendas hotéis, “spas” rurais, segundas-residências e campings rurais.

Essa visão da autora se aproxima do que Graziano da Silva *et al* (1998, p. 14-15) denomina Turismo em Áreas Rurais (TAR), ou Turismo no Espaço Rural (TER). Para os autores o TAR ou o TER são as atividades não-agrícolas desenvolvidas dentro da propriedade rural, “tradicionalmente denominadas de turismo rural ou agroturismo,... mas também aquelas atividades de lazer realizadas no meio rural, denominadas de turismo ecológico ou ecoturismo, turismo de negócio, de saúde, etc.”, e que podem gerar renda para as populações residentes geograficamente inseridas em zonas rurais.

Sobre esses novos empreendimentos no meio rural, mas que não fazem parte da “dinâmica tradicional da agropecuária da região”, os autores (1998, p. 15) destacam que eles devem ser “analisados dentro da ótica das ‘múltiplas funções’ que o meio rural vem adquirindo além das atividades produtivas tradicionais. O que tem sido chamado de produção de bens e serviços não-materiais”.

Essa mesma visão é compartilhada por Ruschamann (1998, p. 56), que vê a necessidade de formulação de planos estratégicos para o setor do turismo que leve em conta os aspectos relacionados com o desenvolvimento social, econômico, ambiental, físico, administrativo. E que procure ampliar a diversificação da base econômica, por meio de estímulos a outras atividades complementares, além de se transformar em uma fonte de captação de recursos para o Município através dos impostos.

Nesse sentido, entendemos que Turismo no Espaço Rural (TER) ou Turismo em Áreas Rurais (TAR), como todas as atividades não-agrícolas relacionadas ao turismo e ao lazer que se desenvolvem dentro de um território, cuja cultura e economia, giram prioritariamente em torno das atividades ligadas ao mundo rural. Tais como: Turismo Cultural, Turismo Ecológico ou Ecoturismo, Turismo Religioso, Agroturismo (Hotel Fazenda, Fazenda Hotel, Pousada ou “Spa” Rural), Turismo Esportivo, Turismo de Eventos.

Em todos os autores é possível perceber a preocupação que os impactos sócioambientais podem provocar nas áreas receptoras, como também a defesa de novas estratégias que considerem o turismo como um vetor a ser incluído em uma nova política de desenvolvimento no meio rural. Política esta que considere o patrimônio natural e cultural das populações, além dos fatores sociais e econômicos e que vem ao encontro do nosso objetivo de pesquisa.

### **1.3. As Novas Ruralidades: Mundo Rural Tradicional x Mundo Rural Contemporâneo**

As novas ruralidades têm sido explicadas a partir da constatação de que o mundo vem passando por transformações sociais, econômicas, políticas e ambientais e de reordenamentos espaciais, cuja origem está no acelerado processo de desenvolvimento do capitalismo, ou globalização. A superação das distâncias físicas e geográficas promovidas pela velocidade dos

meios de transportes, construções de rodovias, complexos industriais, agroindustriais e turísticos e a sofisticação dos meios de comunicação e novas tecnologias de equipamentos, implementos e insumos agrícolas aceleram os processos de mudanças das localidades, e suas interconexões alteram as culturas reorganizando o espaço. (HARVEY, 1989, p. 266).

Essa é uma das explicações da dissolução entre campo/cidade, rural/urbano, uma vez que nesses novos espaços criados, a entrada do capital transforma e cria novos espaços e outras relações sociais de produção. Ou seja, o espaço é destruído e homogeneizado no mesmo processo pela velocidade do tempo que trabalha a serviço do capitalismo. A respeito diz Harvey (1989, p. 266): “A produção ativa de lugares dotados de qualidade especiais se torna um importante trunfo na competição espacial entre localidade, cidades, regiões e nações”.

Frederic Jameson (1994, p. 40-43), quando estuda as sociedades avançadas no período de 1980/90, assinala que estava em curso um movimento por uma nova globalização e que, portanto, se faria necessário reorganizar a produção agrícola, “às vezes chamada de revolução verde, devido as suas inovações tecnológicas e mais especificamente químicas e biológicas”. E foi assim que consumou a transformação de “camponeses em operários agrícolas, e as grandes propriedades ou latifúndios (assim como as aldeias neles encravadas) em agronegócios”. Dessa maneira, o campo desaparece como uma “realidade essencialmente provinciana” porque “tornou-se estandardizada, escuta o mesmo inglês, vê os mesmos programas, consome os mesmos bens que a velha metrópole”.

José Graziano da Silva (1997, p. 46), já algum tempo, discute que essas novas alterações contemporâneas da organização industrial também chegaram ao campo brasileiro, promovendo mudanças nas relações sociais e de trabalho. Devido às novas tecnologias trazidas pela industrialização e modernização, as mudanças provocadas nas localidades trouxeram novos paradigmas que “pressionam novos modos de regulação por parte do Estado que incluíam as políticas ambientais de planejamento do uso do solo e da água, de bem-estar social, de desenvolvimento rural etc.” (GRAZIANO DA SILVA, 1997, p. 46).

Partindo do entendimento que “a realidade humana é culturalmente construída”, Moreira (2003, p. 117-121) defende “uma compreensão de uma nova noção de ruralidade” nos estudos das sociedades na contemporaneidade. Para ele, está em curso um “processo de ressignificação do rural” da antiga visão dicotômica, que considera os “processos recentes de globalização e do exercício da hegemonia das políticas neoliberais... de descentralizações política

e de desformalização das relações de trabalho herdadas”. Ou seja, o rural deve ser entendido dialeticamente em relação ao urbano na modernidade.

O rural passa a ser compreendido como um campo de análise que procura ver a realidade em mudança constante, em movimento no agora que ressalta a visão pós-moderna, e não como algo dado, imposto, mas em processo de transformação.<sup>12</sup>

Na visão de Moreira (2003, p. 114-115), o rural é entendido como uma fase de “exercício e da legitimação da hegemonia cultural e política”, resultante “das revoluções burguesas e das lutas pela independência colonial das sociedades ocidentais”. Em sua retrospectiva sobre o mundo rural da modernidade, conclui que aquele rural foi concebido de maneira dicotômica, pela visão “burguesa industrial e urbana”. Segundo ele, o rural “foi apreendido na cultura e na política pelas oposições cidade-campo, tradição-moderno, incivilizado-civilizado e não-tecnificado-tecnificado”.

Isto se deve ao entendimento de que o rural estaria, nessa visão hegemônica, ligado aos “domínios da natureza e da tradição”. E que, portanto, “um rural a ser transformado seja pelos processos civilizatórios burgueses, seja pelos processos de modernizações, dentre os quais os de tecnificação e os da lógica e racionalidade dos mercados”, tendo como parâmetro o modelo urbano-industrial da cultura e economia, desqualificando os saberes e técnicas diferentes “da racionalidade técnico-científica e do mercado”. Para o autor essa visão de mundo burguesa urbana-industrial representa a “ideologia de legitimação de forças hegemônicas”, e que por isto as políticas são concebidas e colocadas em ação “quer como intervenção sobre, quer como serviços ao, ou ainda como participação do mundo rural”. (MOREIRA, 2003, p. 115-116).

Esse autor (MOREIRA, 2003, p. 123), numa outra perspectiva, orienta que outra possibilidade de se estudar o mundo rural é a que considere “as relações entre o local e o global da pós-modernidade e da globalização”. Para ele, o “rural imaginário” dos processos de transformação da modernidade que via o mundo rural como sociedades pré-capitalistas do tipo modelo europeu, ou como no caso brasileiro do tipo rústico, atrasado, oligárquico, “estaria desaparecendo num paradoxal processo de desterritorialização e presentificação”. Esse desaparecimento se daria através de “um duplo processo de desenraizamento”, uma vez que esses

---

<sup>12</sup> MOREIRA, Roberto. Notas em Sala de Aula. Abril, 2004.

dois imaginários “seriam construídos e mesmo criados como tradições do e no tempo presente”, caso dos “simulacros, das realidades virtuais e teatralizações”.

Para o autor (2003, p. 123), as “relações de tempo-espço fariam desaparecer o passado e antecipariam o futuro”. Assim, só o presente teria sentido e essas relações de tempo-espço, “carregariam a possibilidade de construção de um global hegemônico sem lugar, sem território: desterritorializado”. O tempo desenraizado seria o ressurgimento desse tempo passado desaparecido, que volta como um tempo passado nostálgico, bucólico.

o passado que desaparece e reaparece como representação do passado desaparecido, tais como seriam as representações presentes do patrimônio e das tradições que sedimentam os turismos rurais contemporâneos e a produção e a mercantilização dos produtos e artesanatos culturais “da fazenda” e das tradições “camponesas”, seja no centro ou na periferia.

O espaço desenraizado seria o desaparecimento do local ou do território que ao ser globalizado como, por exemplo, o agronegócio ou estilo country americano, surge “como representações econômicas e culturais” em qualquer lugar do globo totalmente desterritorializado, “fazendo desaparecer o original americano”. (MOREIRA, 2003, p. 123).

Auxiliada pelas orientações teóricas que se encontram no nosso problema de pesquisa, buscamos olhar o processo de transformação social de Gravatá considerando também essas novas informações teóricas acima descritas.

No próximo capítulo, contextualizaremos o município de Gravatá com o objetivo de entendermos o seu processo de transformação social.

## CAPÍTULO 2

### DO BOI E DO ROÇADO AO RURAL CONTEMPORÂNEO

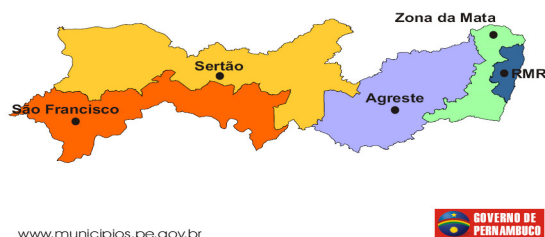
“Só merece a liberdade quem tem a coragem de lutar por ela”  
Cleto Campelo

Neste capítulo procuraremos contextualizar os aspectos físicos, geográficos, históricos e sociais do Município de Gravatá registrados; a descrição dos principais dados sócio-econômicos; e, por fim, procuramos ouvir, também a história contada por alguns entrevistados, não só dos fatos históricos como dos recentes que não constam na historiografia oficial para assim entendermos melhor o processo de transformação social.

#### 2.1. Do Boi e do Roçado – Aspectos Físicos, Geográficos e Históricos de Gravatá.

Antes de entrarmos na história de Gravatá, gostaríamos de ressaltar que a ocupação do território pernambucano teve como eixo norteador a cultura canavieira, em toda a área litorânea e das Zonas da Mata Norte e Mata Sul.

##### PERNAMBUCO - REGIÕES



**F. 1.** Mapa do Estado de Pernambuco, por Regiões. Fonte: Governo do Estado de Pernambuco. Disponível em: [www.municipios.pe.gov.br](http://www.municipios.pe.gov.br), Acesso em: 20/05/2005.

As culturas de subsistência e a pecuária se deslocavam para regiões do interior, seguindo os cursos fluviais que eram as principais vias de transportes. O rio São Francisco era utilizado como meio para transportar rebanhos de corte e tração, e transporte de cargas dos engenhos de açúcar. Isto facilitou a penetração da pecuária por toda a região que se expandiu e chegou ao Sertão por volta do século XVII, fazendo com que essa região fosse colonizada antes

do Agreste. Lembramos que nessa época, o rio São Francisco era navegável até a Cachoeira de Paulo Afonso. (LINS, 1965, p. 77).

Gravatá é uma palavra de origem Tupi das tribos Tapuias, Cariris e Carapotós e aparece nos primeiros documentos como lugar do Karawà-tã (croá duro), carauá-atã (caroá rijo), caraguatá (planta espinhosa), caranje-atá (planta com folha que arranha) e finalmente como gravatá. Seu nome significa erva que fura, mato que espinha devido a abundância desse arbusto que arranha quando tocado. É um vegetal da família das bromeliáceas, cujo nome científico é *Bromélia Karatas*, L. (LINS, 1965, p. 77).

Como dissemos anteriormente, Gravatá está localizado a 87 km do Recife, na mesoregião do Agreste Central e Microregião do Vale do Ipojuca em pleno Planalto da Borborema, a 600 metros de altitude. Possui uma área geográfica de 491 km<sup>2</sup>, com temperatura média de 22°C. . (LINS, 1965, p. 76).



**F. 2.** Mapa do Estado de Pernambuco. Fonte: CONDEPE/FIDEM – Plano Diretor do Município de Gravatá, 2004.

A ação das massas de ar associada ao relevo, confere ao município a posição de melhor estação climática do Estado. Situada numa zona climática indefinida, entre o tropical e o semi-árido, apresentando duas paisagens fitogeográficas bem distintas. Na primeira paisagem, a vegetação situada na Serra das Russas é típica da Zona da Mata Seca, agrupada em bosques pouco denso e, ou, em unidades arbóreas isoladas. Trata-se de resquícios de Mata Atlântica, onde apresenta espécies de orquídeas, bromélias, visgueiro, maçaranduba, jucá, pau-santo, juquiri, abacate do mato. (CONDEPE/FIDEM, 2004, p. 27).

Quanto à fauna é possível, ainda, encontrar o caranguejo de água doce. A segunda paisagem situada ao Norte apresenta solos rasos, menor índice pluviométrico e cobertura vegetal

de caatinga, embora apresente algumas pequenas áreas isoladas de mata onde é possível encontrar árvores frutíferas, como mangueira e oiti e árvores como algaroba, baraúna, angico, sabiá, mororó e jurema. (CONDEPE/FIDEM, 2004, p. 27).

Ao Norte se limita com o município de Passira, ao Sul com Barra de Guabiraba, Cortês e Amaragi, a Leste com Pombos e Chã Grande e a Oeste com Bezerros e Sairé. Cortado pelo Rio Ipojuca, sua área é considerada de transição entre a Zona da Mata e o Agreste e por isto apresenta um solo de diversos tipos, raso e pedregoso, profundo e bem drenado com boa retenção de água e reserva de nutrientes. Já o relevo está representado pelas encostas e elevações da borda oriental do Planalto da Borborema, a qual leva os nomes de Serra das Russas a Leste, Serra da Batata ao Norte, Serra Mundo Novo (ponto mais alto com 700 metros de altitude) a Noroeste, e Serra do Caipora a Sudoeste. (CONDEPE/FIDEM, 2004, p. 27).

A história oficial conta que o criador de gado e agricultor José Justino Carreiro de Miranda, descendente de portugueses, adquiriu, em 1808, em Recife, um sítio que media cerca de 2 léguas de terras que se encontravam abandonadas por seus “primitivos povoadores”. Em homenagem à bromélia, o sítio passou a ser chamado de Fazenda Gravatá e sua localização era conhecida como “Curato de São José dos Bezerros”. (LINS, 1965, p. 77).

Essas terras eram cortadas pela única via de acesso ao interior - conhecida como o “Caminho das Boiadas” - e faziam parte da sesmária de 20 léguas entregues pelo governador D. João de Souza a 09 “velhos guerreiros”, de Jaboatão dos Guararapes, que haviam combatido na Guerra dos Holandeses que aconteceu entre 1643 e 1654. Com a ajuda do filho, João Félix Justiniano Carreiro de Miranda, esse proprietário construiu casa-grande, casas para agregados, senzala, curral para gado, depósitos de produtos agrícolas, ranchos para transeuntes e outras “coisas vitais à sobrevivência de uma grande propriedade rural, em local onde anteriores povoadores inegavelmente haviam fracassado”. (LINS, 1962, p. 76).

Entre os anos de 1810 e 1857, a Fazenda se consolida como povoado do Município de Bezerros, seu proprietário constrói a Capela de Sant’Ana, e o local torna-se passagem obrigatória para aqueles que se dirigiam ao Sertão. Por volta de 1845, o proprietário das terras resolve parcelá-las em 100 lotes para vendê-los aos moradores, o que vai promover um novo impulso no povoamento urbano dos arruados e a criação dos núcleos de Uruçu-Mirim, Três Vendas e Cotunguba. (CONDEPE/FIDEM, 2004, p. 16-17).



Em 1822, passa a ser Povoado, Freguesia pela Lei Provincial nº. 442 de 25/05/1856; Vila pela Lei Provincial nº. 1560 de 30/05/1881. Gravatá foi desmembrada de Bezerros e criada oficialmente como Cidade e Comarca, em 13/06/1884 pela Lei nº. 1805. Em 08/02/1893 Gravatá passa a Município autônomo por força do art. 6º, da Lei Orgânica nº. 52 de 03/08/1892. (LINS, 1962, p.76).

Dos quatro distritos que faziam parte de Gravatá nesse período a Sede, Uruçu-Mirim, Chã Grande e Russinha, apenas Uruçu-Mirim continua como distrito. Russinha juntamente com os arruados de Avencas e São Benedito passaram para povoados da Sede, e Chã Grande passou a município. Mandacaru é um distrito que surgiu posteriormente à esse período acima citado<sup>13</sup>.

Dentre os fatos históricos mais marcantes de Gravatá, registramos a primeira Missa, rezada no Brasil, pelo Doutor em Teologia Dogmática Pio Giannotti, mais conhecido como Frei Damião de Bozzano, em 05/04/1931, na Capela São Miguel. O “Andarilho de Deus”, como era chamado, recebeu títulos de cidadão honorário em 27 cidades de Pernambuco. Na Literatura de Cordel Frei Damião inspirou vários poetas e escritores cordelistas, que nos seus folhetos narraram sua vida, trajetória missionária, milagres e o prestígio que detinha junto à população e à classe política.

E foi justamente essa vida missionária, principalmente junto aos contextos mais populares, que despertou o interesse da classe política que ao lhe agraciar com títulos e honrarias, aproveitavam a oportunidade para fins eleitoreiros através da mídia imprensa e áudio-visual como foi o rumoroso caso do Ex-Presidente Fernando Collor. Frei Damião faleceu e foi sepultado em Recife em 31/05/1997, aos 98 anos de idade, muito embora a população de Gravatá tenha reivindicado o seu sepultamento naquela cidade, este se deu no Convento São Félix na capela de Nossa Senhora das Graças.<sup>14</sup>

Gravatá também ficou marcada na história da Coluna Prestes. O pernambucano Tenente Cleto da Costa Campelo Filho, formado na Escola Militar de Realengo no Rio de Janeiro, veio secretamente para Pernambuco com a missão de organizar o exército em Pernambuco para posteriormente “juntar-se à Coluna Prestes”, que em 02/02/1926 entrou no Estado pelo Vale do Pajeú. A insurreição marcada pelo Tenente para o dia 17/02/1926 logo foi descoberta, e o grupo de 25 “conspiradores”, liderados pelo Tenente, para fugir do legalistas “se apossaram” de um trem em Jaboatão dos Guararapes que havia saído de Recife com destino ao Sertão do São

---

<sup>13</sup> Disponível em: <[http://www.pe-az.com.br/politica/memoria\\_politica.htm](http://www.pe-az.com.br/politica/memoria_politica.htm)> Acesso em: 11/05/2005.

<sup>14</sup> Disponível em: <[http://www.pe-az.com.br/politica/memoria\\_politica.htm](http://www.pe-az.com.br/politica/memoria_politica.htm)> Acesso em: 11/05/2005.

Francisco. Sua intenção era encontrar parte da Coluna Prestes, que se encontrava no sertão pernambucano. Porém, na parada em Gravatá, em 18/02/1926, o grupo, que já contava com 80 rebeldes, recrutados nas diversas paradas do trem, foi atacado pelos legalistas. Após um intenso tiroteio o Tenente Cleto Campelo caiu morto em frente a antiga cadeia pública de Gravatá, hoje Memorial e Biblioteca Pública de Gravatá, situada à Rua Cleto Campelo. Com ele faleceram mais 25 “conspiradores”.<sup>15</sup>.

A Prefeitura (Paço Municipal) ou Palácio Joaquim Didier foi construída em 1908, pelo então prefeito João Didier, e custou a “vultosa quantia” de 15.500\$000 (quinze mil e quinhentos contos de réis), típica arquitetura portuguesa, com lustre de cristal Bacará. Por muito tempo ostentou o “título de Prefeitura mais luxuosa do interior de Pernambuco”, segundo João Gabú em artigo na revista Gravatá (2004, p. 6-7).

A Professora D. Loudinha nessa mesma revista (2004, p. 8) relembra que em 1894 o antigo conjunto musical que “abrilhantava as festas cívicas, religiosas e populares”, se transformou na Sociedade Musical 15 de Novembro que funciona até hoje, em um Salão doado por volta dos anos de 1970 pelo Prefeito Dr. Pedro Ribeiro Malta.

Do belo conjunto arquitetônico construído no final do século XIX na cidade só resta as 08 residências da Av. Didier, a casa e o externato paroquiais, a Cadeia Velha (atual Memorial de Gravatá), a Ponte Preta, a Estação de Trem da Great Western e a Prefeitura Municipal juntamente com a casa vizinha. Para Lins (2004, p. 10), a destruição ou modificação do patrimônio histórico e cultural de Gravatá “é um crime e o opróbrio deste delito recai sobre aqueles que, podendo evitá-los, omitem-se no silêncio medroso da ignorância”. Como exemplo esse autor cita a alteração do interior do atual prédio onde funciona o Memorial e Biblioteca Pública, e que, nas suas palavras, não passa de “um ridículo memorial de ocasião, sem capacidade alguma de informar alguém ou nele haver pessoa competente para elucidar os problemas da História e do passado do Município”. Para ele, as pessoas que “zelam” pelo patrimônio local das cidades brasileiras, “sem exceção e permanentemente”, são “ignorantes, geralmente orgulhosos de sua incultura, mediocridade e cegueira artística”.

Dentre os fatos pitorescos de Gravatá e que foram registrados estão as histórias do Nego Diz de Orobós; a do golpista Zé Cego; a de Manuel Sapateiro e seu retrato “Isabel 1890, meu amor”; a não aceitação popular do atual nome do Hospital Dr. Paulo da Veiga Pessoa que para

---

<sup>15</sup> Disponível em: <[http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcp\\_pe/vitoria.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcp_pe/vitoria.htm)> Acesso em; 11/05/2005.

todos é conhecido com Virgínia Guerra; Zé do Gelo o engraxate. (GRAVATÁ, 2004, 2006). Peixoto em artigo nessa Revista Gravatá (2006) adverte que com o atual desenvolvimento que vem passando a cidade, a tendência será o esquecimento de certos “discriminativos pessoais... frutos da sabedoria popular no facilitar da identificação de específicas pessoas”, tais como Zeca da Charque, Gerson do Posto, Deto da pipoqueira, Fernando da Santa André, Biu do ônibus, Lula do álcool, Zezinho da água, Vavá do farelo, Vavá do feijão, Dirceu da farmácia, Luiz prequé, Zé do gelo, Raminho das tintas, Paulo da casa de farinha, André do mungunzá, Dona Quinhô, D. Madalena do cartório.

Como forma de dar oportunidade às crianças pobres do município o Monsenhor José Elias de Almeida fundou, em 1953, diversas escolas paroquiais, inclusive na área rural, a qual denominou de Obra de Defesa da Infância Pobre/ODIP e que sobrevivia com recursos da Igreja, doações de contribuintes, Prefeitura Municipal e Governo Estadual. Essa ONG foi registrada no Conselho Nacional de Serviço Social em 1954 para receber ajuda financeira, e em especial leite. Devido às dificuldades financeiras o funcionamento das escolas foi suspenso, mas em 1973, sob a supervisão da irmã Maria de Lourdes de Carvalho da Congregação das Irmãs de Caridade Salesianas foi reinaugurado em regime de semi-internato, onde hoje funciona a Rádio Canção Nova. (GRAVATÁ, 2004).

A ODIP funciona desde 1979 num local de 02 hectares, doado pela família Oliveira, e a construção de sua sede contou com doações de pessoas físicas e empresariais, Fundação Nacional de Bem Estar/FUNABEM, Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente/AMENCAR, e também de doações oriundas da Alemanha, de amigos da Irmã Gertrudes. Atualmente a ODIP é mantida pela Prefeitura, atende 350 crianças e adolescentes na faixa etária de 04 a 18 anos, que apresentem “características de abandono social”. Seu lema é o “resgate do valor da vida do jovem como cidadão consciente dos seus direitos e deveres”, atuando nas áreas de educação formal (infantil e fundamental até a 4º Série), artes e oficinas de Iniciação ao Trabalho, Educação Complementar, Esportes, Cultura, Lazer e Reforço Escolar. Para isto utiliza a metodologia Sistema Preventivo D. Bosco. (GRAVATÁ, 2004).

Gravatá é um município que teve sua economia baseada em torno da agropecuária tradicional até final dos anos de 1960, com imensas fazendas para a produção de gado leiteiro e de corte, embora tenha tido também seus senhores de engenhos de açúcar. Em menor escala,

contava com a agricultura de subsistência e o pequeno comércio. (LINS, 1962, p.79).<sup>16</sup>

## **2.2. Dados Oficiais de Gravatá na Atualidade**

Segundo o IBGE (2000), atualmente a população fixa gira em torno de 64.000 habitantes e o índice de urbanização é de 80,21%. A faixa etária de 60% dessa população urbana está entre 0 e 29 anos. A População Economicamente Ativa/PEA é de 67,90%, da população total. Em 2006 foram 49.991 eleitores, sendo que 23.575 homens e 26.338 mulheres. Porém, os dados que constam na Planta Diretora do Município dão conta que o índice de urbanização é 82,59% (CONDEPE/FIAM, 2004).

A comarca é constituída pelas 1ª e 2ª Varas e a Câmara conta com treze Vereadores. O Fundo de Participação dos Municípios/FPM é de 64% do total das finanças públicas. Além da Sede, conta com os distritos de Mandacaru, Urucu-Mirim e os povoados de Russinhas, São Severino de Gravatá, Avencas e Ilha Energética.

O sistema de abastecimento de água do Município é operado pela Companhia Pernambucana de Saneamento/COMPESA, que atende 13.917 domicílios na área urbana. A distribuição se dá através de duas barragens alimentadas por 02 mananciais, mas não atende às necessidades da população local, uma vez que além dos 13.917 domicílios registrados, segundo os dados do IBGE (2000), consta ainda como outras 2.830, e fonte ou nascente 1.156. Quanto ao sistema sanitário é precário já que esses mesmos dados indicam a existência de 15.734 banheiros ou sanitários, sendo que desses 10.315 eram ligados à rede geral e 2.169 não tinham ligações. O restante de todo o material de esgoto é despejado no rio Ipojuca, o que representa 75% de dejetos. Poucos contam com fossas sépticas. Como coleta de lixo consta 12.012 domicílios, e 5.891 tem destino ignorado.

---

<sup>16</sup> Cabe esclarecer que não encontramos registros históricos que nos permitissem um aprofundamento sociológico das relações de poder, estabelecidas no Município em nenhum documento ou bibliografia consultada seja nas bibliotecas da Fundação Joaquim Nabuco, Universidade Federal de Pernambuco ou Arquivo Público. Fato esse que nos causou certa estranheza, uma vez que em nossa pesquisa de Mestrado a historiografia do Município estudado deixava evidenciado as disputas de poder existente entre as famílias, desde a época de sua emancipação. Não encontramos na Biblioteca Pública Municipal nenhum registro sobre a história de Gravatá, e também não encontramos entre os servidores ninguém que pudesse nos dar uma informação sobre o assunto. Ao serem questionados sobre isso, informavam que existia, mas que tais livros e documentos estavam “emprestados”, mas não conseguiram encontrar o registro dos nomes das pessoas que haviam tomado por empréstimo. Caso do livro *Homens e Causas de Gravatá* de Antônio Farias e Lamartine Farias Castro, de 1942, Editora Type, Recife. O único livro que tivemos acesso que nos forneceram informações históricas foi *Gravatá* de Alberto Frederico Lins, de 1965.

Segundo informações da Companhia de Eletricidade de Pernambuco/CELPE em 2006, o serviço de energia elétrica atendeu um total de 28.786 consumidores, sendo que 25.236 domicílios, 188 estabelecimentos indústrias, 1.534 comerciais, 1.668 na área rural, 136 ligados ao poder público, 18 referentes à iluminação pública. O que representa um consumo total de 68.050 Mwh. (CONDEPE/FIAM, 2004).

Na área das comunicações, dispõe na Sede e nos distritos e povoados de agência dos correios e postos de telefonia para DDD e DDI, telefonia fixa, móvel, linhas públicas e comunitárias. Conta ainda com 01 estação de rádio AM e 03 FM sendo que dessas, 02 são rádios comunitárias. Além dos jornais da capital, circula mensalmente 03 jornais locais: Gazeta do Agreste, Viva Gravatá, Cidade e Conexão, as revista de circulação mensal Gravatá, Revista Interior e o Boletim Gravatá em Foco. No âmbito da internet são 02 provedores [www.gtinet.com.br](http://www.gtinet.com.br) e [www.viagravata.com.br](http://www.viagravata.com.br), ambos com acesso a rede wireless. (PREFEITURA MUNICIPAL DE GRAVATÁ, 2006).

Na Segurança Pública o efetivo é de 67 Policiais Militares, uma Delegacia com um Delegado e 14 agentes e um Posto da Polícia Rodoviária Federal. Além de uma empresa de segurança, com 21 empregados. (PREFEITURA MUNICIPAL DE GRAVATÁ, 2006).

Em relação à educação há escolas públicas e privadas, de ensino fundamental e médio. Além disso, as Secretarias de Desenvolvimento Social e Educação, em conjunto com diversos parceiros como SEBRAE, e financiados pelo Fundo de Amparo ao Trabalho (FAT), oferecem diversos cursos de capacitação que são oferecidos gratuitamente à população, tais como, informática, jardinagem, garçom, atendente, camareira, recepcionista, etc. (IBGE, 2000; PREFEITURA MUNICIPAL DE GRAVATÁ, 2006).

Quanto à saúde, há 01 hospital público e 01 privado que juntos somam 51 leitos; 17 unidades ambulatoriais, 09 postos de saúde (incluindo as unidades relativas ao Plano Nacional de Saúde Familiar/PSF) e 03 centros de saúde. O pessoal especializado é composto por 25 médicos, 07 dentistas, 100 enfermeiros, 108 agentes de saúde. Existem ainda 04 clínicas particulares filiadas aos planos de saúde, 04 maternidades, 02 pronto-socorros 24 H e uma cooperativa com 14 médicos e consultórios médicos e dentários. (IBGE; 2000, PREFEITURA MUNICIPAL DE GRAVATÁ, 2006). Em relação ao Plano Nacional de Saúde da Família e Programa de Agentes Comunitários de Saúde, a Secretária de Saúde do Estado (2006) informa que são 12 equipes e 124 agentes respectivamente.

O sistema de transporte coletivo é regular entre a Sede e os distritos, dispondo de 22 coletivos pertencentes a uma empresa. Esses transportes não atendem os privês, chácaras, condomínios e hotéis que margeiam a rodovia BR - 232. Já o transporte interurbano é oferecido por 05 empresas, o interestadual por 02. São 122 taxis licenciados (sem taxímetros), 380 mototaxis e uma locadora de veículos. Gravatá foi, recentemente, o Município escolhido pelo então Governador Mendonça Filho, como o local para assinatura do Decreto Estadual que regulamenta a atividade de Mototaxista. (CONDEPE/FIDEM, 2004).

Segundo o IBGE (2000), 51% dos chefes de domicílios ganham até 01 salário mínimo, de 01 a 03 salários mínimos 40% ,e acima de 03 salários mínimos 9%. Nos dados do Plano Plurianual 2002/2005 constam 550 estabelecimentos industriais, 1.755 estabelecimentos comerciais onde predomina “os setores de vestuário, eletrônicos, artesanato e gêneros de primeira necessidade”. (CONDEPE/FIDEM, 2004). Porém, em outro documento, o CONDEPE/FIDEM (2005), as atividades em Gravatá que mais empregados possuem são a Administração Direta e Autarquias (1.789), o Comércio Varejista (1.029), o Comércio e Administração de imóveis (686), e Serviços de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção, Redação rádio e televisão (658).

**T. 2.** Número de Estabelecimentos e de empregados no Setor Formal em 2005, RAIS/MTE.

Setores de Atividades	Estabelecimentos	Empregados
Administração Direta e Autarquia	04	1.789
Agricultura, silvicultura, criação de animais, etc.	61	213
Comércio e Administração de imóveis, etc.	205	686
Comércio Atacadista	47	141
Comércio Varejista	802	1.029
Construção Civil	32	31
Ensino	66	69
Extrativa Mineral	03	07
Indústria de borracha, etc.	09	65
Indústria química, farmacêutica, etc.	15	239
Indústria de madeira e mobiliário	37	46
Indústria de calçados	01	-
Indústria de produtos alimentícios, bebidas, etc.	63	226
Indústria de minerais não metálicos	24	73
Indústria de material elétrico e comunicação	011	-
Indústria de papelão, editorial e gráfico	05	10
Indústria mecânica	01	-
Indústria metalúrgica	06	11
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	17	16
Instituições de crédito, seguros e capitalizações	10	43
Serviços de alojamento, alimentação, etc	342	658
Serviço Industrial de utilidade pública	03	09

Serviços médicos odontológicos e veterinários	33	26
Transporte e Comunicação	21	33
<b>Total</b>	<b>1.808</b>	<b>5.415</b>

Fonte: CONDEPE/FIAM. Disponível em: <http://www.condepefidem.pe.gov.br>. Acesso em: 14 nov. 2005.

No âmbito específico da economia municipal, segundo o Censo Agropecuário do IBGE (1996), o total é de 3.074 estabelecimentos agropecuários, ocupando 8.941 pessoas numa área territorial de 39.677 Ha., cujo valor de produção animal vegetal foi da ordem de R\$ 10,5 milhões. A produção leiteira é de 4.117 mil litros/ano; ovos de galinha são 399 mil dúzias/ano e mel de abelha é de 958 Kg/ano. Os produtos agrícolas de maior destaque são: morango, mandioca, abacaxi, fumo, laranja cravo, jaboticaba, milho, feijão, banana e algodão, verduras e legumes. O município é o maior produtor de morango do Nordeste, com uma produção anual de 126 toneladas (PREFEITURA DE GRAVATÁ, 2006). A mandioca produzida foi de 1.567 t/ano, milho 1.163 t/ano, feijão 338 t/ano e abacaxi 4.000 t/ano. Além desses, há a produção de orgânicos e flores e plantas ornamentais.

Porém, em 2005, o IBGE informa que a Produção Agrícola Municipal foi em toneladas/ano 2.400 de tomates, 3.750 de abacaxi, 2.200 de tangerina, 1.280 de banana, 78 de feijão, 187 bata doce, 209 de coco da baía, 153 de limão, 540 de mandioca, 1.400 de cana-de-açúcar, 120 milho em grão e 07 de café beneficiado. Na pecuária, essa mesma fonte informa que são 25.979 bovinos, 3.360 suínos, 2.224 caprinos, 2.011 eqüinos, 1.196 ovinos, 990 asininos, 515 muares, 31 bubalinos, 68.504 galos, frangos e pintos e 16.366 codornas. (IBGE, 2005).

O município é o maior centro moveleiro do Estado de Pernambuco, com destaque a produção de móveis de madeira no estilo “country”. É destaque, também, na confecção e comercialização do artesanato de couro, cerâmica, bronze, ferro, tecido, cestaria e trançados. Alguns desses classificado como semi-industrial. (CONDEPE/FIDEM, 2004).

Além dos dados atualizados a Prefeitura de Gravatá (PREFEITURA DE GRAVATÁ, 1996) destaca a seleção genética de animais desenvolvida nas empresas agropecuárias, como o Haras Passira das raças eqüinas: Marchador e Quarto de Milha; e a Rebanho Caraotá com ovinos das raças Santa Inês e Dorper; e caprinos da raça Bôer. Os bovinos leiteiros são das raças: Holandesa, Jérsey, Gir, Girolando e Guzolando, e de corte resultante do cruzamento das raças: Nelore com Limuzin, Red Angus, Hereford e Chianina.

Há investimento na criação de cães que estão sendo exportados para o resto Brasil – Rottweiler, Boxer e Cocker Paulistinha. Outras raças são os cães de pequeno porte, como Lhasa

Apso, Shih-Tzu, Poodle, Shinauzer, etc. Ainda, segundo a Prefeitura são 46 propriedades rurais: fazendas, haras, sítios e ranchos pertencentes a pessoas não residentes. Gravatá tem a maior concentração de haras do Nordeste e a maioria desses haras e fazendas está aberta à visitação e alguns, além da hospedagem, oferecem outras atividades de lazer e negócios com festas, enduros, leilões, vaquejadas, etc. (PREFEITURA DE GRAVATÁ, 1996).

Em relação à floricultura são 40 hectares dedicados ao cultivo de flores e plantas ornamentais, que emprega de 10 a 20 pessoas por hectare cultivado. A produção mensal é de 200 mil hastes de gladiolos, além de variedades de rosas, crisântemos, amarylis, gypsophila, entre outras, movimentando cerca de 2 milhões de Reais/ano, o que vem consolidando o município como produtor regional. Esses produtores estão organizados através da Associação dos Produtores de Flores do Agreste de Pernambuco/FLORAPE e da Cooperativa de Produtores de Flores do Agreste/FLORAGRESTE. (PREFEITURA DE GRAVATÁ, 1996)

Em conversa com o Diretor de Tributos da Secretária da Fazenda de Gravatá, Sr. Ivo Silva, a situação fundiária do município em 2005 é de 1.651 imóveis cadastrados numa área total de 40.660,7 hectares, 12 propriedades produtivas com área de total de 6.607,5 hectares; 29 médias propriedades produtivas com área total de 4.776,5 hectares; 88 pequenas propriedades com área total de 3.418,8 hectares, sendo que 50 dessas propriedades, não são produtivas e 1.287 minifúndios produtivos. O volume de Imposto Sobre Serviços/ISS arrecadado foi da ordem de R\$ 928 mil, e a arrecadação do Imposto Patrimonial e Territorial Urbano/IPTU de R\$ 1.288 mil. Em relação ao IPTU a previsão de arrecadação era da ordem de R\$ 6 milhões, mas o índice de inadimplência é de 70% e está localizado na maioria nos condomínios e privês. Alguns até, já em fase de execução judiciária. A Dívida Ativa é de R\$ 20 milhões. De maneira geral são 45 mil imóveis residenciais registrados, sendo que desses, 13 mil são condomínios e privês. São 42 imóveis cadastrados como Restaurantes ou Bares e 26 estabelecimentos de hospedagem.

No âmbito das finanças públicas a Secretaria do Tesouro informa as seguintes planilhas de 2004 e 2005 (CONDEPE/FIDEM, 2005). Receitas Totais de R\$ 32.282 e R\$ 42.779 e Despesas Totais de R\$ 30.349 e R\$ 39.815 respectivamente. Os indicadores de Receita em 2005: Receita Total per capita R\$ 603,30, com a cota-parte do FPM per capita de R\$ 159,61 e cota-parte do ICMS per capita de R\$ 65,33. Já os Gastos Sociais em 2005 foram: Educação per capita R\$ 163,01; Saúde per capita R\$ 133,62; Assistência Social per capita de R\$ 12,97; e Urbanismo per capita com R\$ 40,88. Já a Secretaria da Fazenda do Estado de Pernambuco informa que em



janeiro de 2005, Gravatá recebeu R\$ 318.435,30 de recursos provenientes do ICMS<sup>17</sup>.

**T. 3. Valores das Receitas e Despesas – 2004-2005. (R\$ 1,000) Secretaria do Tesouro Nacional.**

Discriminação	2004	4005
RECEITA TOTAL	32.282	42.779
Receita corrente	32.282	42.097
Receita de capital		678
DESPESA TOTAL	30.359	39.815
Despesa corrente	28.338	35.452
Despesa de capital	2.012	4.363

Fonte: CONDEPE/FIDEM. Disponível em: <http://www.condepefidem.pe.gov.br>. Acesso em: 14 nov. 2005.

**T. 4. Indicadores de receita 2005, Secretaria do Tesouro Nacional.**

Discriminação	Valor (R\$ 1,00)
Receita Total	603,30
Cota-parte FPM per capita	159,61
Cota-parte ICMS	65,33

Fonte: CONDEPE/FIDEM. Disponível em: <http://www.condepefidem.pe.gov.br>. Acesso em: 14 nov. 2005.

**T. 5. Gastos Sociais – 2005. Secretaria do Tesouro Nacional.**

Discriminação	Valor (R\$ 1,00)
Educação per capita	163,01
Saúde per capita	133,62
Assistência social per capita	12,97
Urbanismo per capita	40,88

Fonte: CONDEPE/FIDEM. Disponível em: <http://www.condepefidem.pe.gov.br>. Acesso em: 14 nov. 2005.

Segundo Banco Central o município tem 03 agências bancárias: Brasil, Bradesco e Real. Conta ainda com restaurantes, lanchonetes, bares, sorveterias, clubes sociais, centro comercial, galerias, postos telefônicos, de gasolina, taxi e mototaxi. (CONDEPE/FIDEM, 2004, PREFEITURA DE GRAVATÁ, 1996).

O CONDEPE/FIAM (2005) informa que o PIB per capita de Gravatá subiu de R\$ 1.994,00 em 2000 para R\$ 3.205,00 em 2005, o que representa em relação ao Estado 0,47%. Já a composição setorial do município é de agropecuária 12% (bois e produção de abacaxi que coloca o município em segundo colocado estadual); Industrial 21,11 (construção civil devido à ampliação e duplicação da rodovia BR - 232); e Serviços 66,29%. (CONDEPE/FIDEM, 2004).

O governo do Estado de Pernambuco ampliou e duplicou 118,4 Km da BR-232 que liga Recife a Caruaru, e mais 14,8 Km de Caruaru a São Caetano. Além disso, incluiu as pistas de acesso a algumas cidades o que fez aumentar o total da obra para 197,4 Km. Os recursos financeiros foram viabilizados através da privatização da CELPE e do Orçamento Geral da União que até a conclusão do trecho Recife/Caruaru, já havia consumido o valor de R\$ 335 milhões. (CAVALCANTI e CAVALCANTI, 2003, p. 13-19).

<sup>17</sup> Disponível em: [http://www2.portaldatransparencia.pe.gov.br/flash/perfil\\_municipal/gravata/pdf](http://www2.portaldatransparencia.pe.gov.br/flash/perfil_municipal/gravata/pdf) Acesso em: 14 nov. 2005.

O objetivo dessa ampliação e duplicação foi melhorar o escoamento da produção oriunda do Sertão e do Agreste do Estado, bem como melhorar o acesso e o tráfego para o turismo. (CAVALCANTI e CAVALCANTI, 2003, p. 13-19). Atualmente, a Rodovia recebeu o nome de Rodovia Luiz Gonzaga, porque parte do seu principal traçado está inserido no circuito turístico “Rota do Forró”, que se inicia em Gravatá e vai até Caruaru.

O próximo tópico é fruto da nossa pesquisa empírica realizada durante os períodos em que estivemos no Município, para as entrevistas. Aproveitamos a boa vontade das pessoas, procurando extrair o máximo de informações que nos levasse a identificar o período do início do processo de transformação social de Gravatá, do tradicional ao moderno.

### **2.3. Era. Uma vez.... O Rural Contemporâneo de Gravatá.**

Pelas conversas informais e entrevistas realizadas, acreditamos que o processo de transformação da agropecuária tradicional para a empresarial se deu a partir da iniciativa do pecuarista e engenheiro Isnar Amorim, que, no final da década de 1960, transformou sua fazenda na empresa Haras Passira, passando a investir na criação de diversos animais tais como: gado da raça Gir, cavalos das raças Manga Larga Marchador e da criação de jumentos da raça Pega. Assinalamos que também foi na década de 1960 que chega a Gravatá o imigrante Suíço Sr. Truan, que inaugura o Restaurante Taverna Suíça. Chegamos a essas conclusões após recebermos as seguintes respostas:

Aqui o desenvolvimento se deu por osmose! Não teve nenhum planejamento público. Quem começou toda essa história foi o Isnar que é doido por boi e cavalo, até hoje! Mais ou menos no mesmo período chega o Sr. Truan, da Suíça, e abre o Taverna Suíça com o negócio do fondue. O resto foi consequência! (E. C. Hoteleiro).

Foi o Sr. Isnar que começou a criação de cavalos e depois chegou o Sr. Truan com o Fondue. Aqui o povo não perde tempo... Viu uma coisa diferente na televisão ou na revista... Pronto! Pode está certa que vão imitar! (D. A. Comerciante).

No âmbito da moderna agropecuária, já no final na década de 1990, mais uma empresa é aberta, a Rebanho Carootá, especializada no melhoramento genético de embriões de caprinos e ovinos. Nesse período a agricultura tradicional de subsistência, embora ainda exista, começa a se diversificar com a produção de flores e plantas ornamentais, fumo, morango; café, legumes, frutas e hortaliças orgânicos e se intensifica também a produção artesanal de doces, licores, mel,

tanto de engenho quanto de abelha. Outro destaque é o Orquidário Dois Irmãos que recentemente se transformou em uma ONG, conhecido internacionalmente e aberto à visitação pública:

Teve uns que não são “crias” daqui, e que compraram fazendas ou sítios e estão criando cavalos, bodes, ovelhas ou plantando flores. Tem até japonês e sueco, aqui plantando flor e orgânicos! (L. S. Morador e Comerciante).

Tem fazenda aqui que se transformou e hoje eles trabalham com melhoramento genético de bodes e ovelhas, vendendo em leilões no país inteiro e no exterior. Começaram a investir nas flores e no morango. Até o único engenho de açúcar - o Engenho Caranguejo – entrou nessa e resolveu aproveitar e está produzindo rapadura e mel de engenho, e vendendo como produto artesanal. (J. S. F. Morador e Artesão).

Por outro lado, moradores contam que o grande atrativo de Gravatá sempre foi o excelente clima. Desde 1920, era conhecida como estação climática para tratamento de doenças pulmonares, assim como Garanhuns. Sendo que, para Garanhuns se dirigiam aqueles de maior poder aquisitivo, pois contava com a melhor da “Colônia de Férias” do Estado, o Tavares Correia, inaugurado em 1927, e ainda em atividade, que oferecia melhor infraestrutura de hospedagem para os familiares. Em Gravatá, ficavam os de menor poder aquisitivo e por ser razoavelmente perto de Recife, permitia aos familiares visitantes o retorno no mesmo dia:

Gravatá, como Garanhuns, desde a década de 1920, atraía o pessoal como estação de tratamento de doenças pulmonares. Eram conhecidas como as “Colônias de Férias”. Os mais ricos iam para Garanhuns que tinha melhor estrutura, e o resto ficava aqui em Gravatá. (I. P. M. Moradora e proprietária de Pousada).

A instalação do restaurante “Taverna Suíça” pelo imigrante suíço, Sr. Truan - que encantado pelo excelente clima e a proximidade com Recife escolheu Gravatá como local de moradia e trabalho – transformou-se nos finais de semana no ponto de encontro da população de Recife, e outras localidades próximas, que utilizavam Gravatá como lugar das férias escolares no mês de junho.

Era comum nesse período da década de 1960 e 1970 o aluguel de casas para as férias juninas, de algumas pessoas de Recife. Isso acontecia não só em Gravatá, mas também, em Brejo da Madre de Deus, cidade próxima, que contava com uma instância de água mineral. Atualmente o município de Brejo da Madre de Deus é conhecido nacionalmente pelo espetáculo da “Paixão Cristo”, encenada no Distrito de Nova Jerusalém, no período da Semana Santa:

O pessoal de Recife costumava alugar casas pra passar as férias do meio do ano. Além do clima, fica perto de Brejo que tinha uma estação de águas. (I. P. M. Moradora e proprietária de Pousada).

Além desse público em férias no período de junho, logo o restaurante tomou fama, despertando o interesse das classes mais abastadas de Recife ou das redondezas, que nos finais de

semana costumavam subir a serra em busca do “fondue”:

A história do turismo começou pelo seu clima que já era utilizado, antes da penicilina, como tratamento da tuberculose. Em seguida, chegou um suíço aqui, Sr. Truan, que fundou a Taverna Suíça e as pessoas de Recife vinham a Gravatá pra comer um fondue e tomar um bom vinho, e voltava pra Recife. (R. F. Secretário de Turismo).

Mas isso de turismo mesmo foi a uns 35 a 40 anos atrás quando veio morar aqui, o Truan. Muita gente achou estranho uma cidade no Agreste, servindo fondue. É uma incoerência! Mas era que Gravatá era bem mais frio!” (I. P. M. Moradora e proprietária de Pousada).

No inverno Gravatá se enchia de gente! Uns vinha porque alugava casa nas férias. Outros vinham atrás do fondue. (D. A. Comerciante).

Mais ou menos nesse período, a Companhia de Habitação de Pernambuco/COHAB, construiu um condomínio, para atender à necessidade de habitação dos moradores da cidade, mas, foram poucos os que efetivaram a compra devido o alto preço da prestação. A abertura das vendas para pessoas de outras localidades, mostrou a existência de uma forte demanda por habitações de segundas residências:

Em 1968, meu pai comprou uma casa na COHAB 1, só que, na minha rua, só tinha nós daqui de Gravatá. O resto era tudo de fora. (I. P. M. Moradora e proprietária de Pousada).

Esses condomínios começaram depois que a COHAB construiu umas casas na cidade, mas a maioria das pessoas daqui não podia pagar a prestação. Então, pra não ficarem no prejuízo, venderam pra o pessoal de Recife que já conhecia e gostava de passar férias em Gravatá. Depois desse, aí foi aparecendo um atrás do outro, e está assim até hoje. (D. A. Morador e Comerciante).

O surgimento de áreas para a construção de condomínios e privês na área rural se deve à visão de alguns empresários que perceberam essa demanda e construíram os 03 primeiros, nas áreas urbana e rural, e cuja arquitetura lembra os chalés suíços. Inclusive, havia alguns, que contavam com seus clubes particulares. Nesse mesmo período iniciou a transformação total ou parcial de antigas fazendas, pelos proprietários ou seus filhos que após concluírem seus cursos de graduação não tinham interesse pela atividade agropecuária. Na grande maioria fazendas ociosas, ou de baixa produtividade. Mais recentemente, contou também para a expansão dos condomínios e privês o medo da ameaça de desapropriação de terras ociosas, pelo Instituto Nacional de Colonização Agrícola e Reforma Agrária (INCRA), e as ocupações dos movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST):

O aparecimento dos condomínios e privês foi depois da abertura da Taverna Suíça! Os judeus construíram os 03 primeiros condomínios aqui porque entenderam que as pessoas que vinham comer esse fondue e tomar esse vinho, poderiam querer dormir na cidade para aproveitar mais do clima. Daí começou esse turismo, mas um turismo de visitantes de final de semana, das pessoas de condições financeiras privilegiadas de Recife. (R. F. Secretário de Turismo).

Esse pessoal novo daqui depois que estudou, não quer saber de trabalhar na terra. Só uns pouquinhos voltaram e estão criando ou produzindo alguma coisa. O resto está virando condomínio. Imagine... já tem até privê dentro de hotel-fazenda aqui! (J. S. F. Morador e Artesão).

Ah professora, tinha muita terra parada aqui! Antes eram fazendas lindas, cheia de bois pastando, ou com imensa plantação de laranja como a da Fazenda da Sukita. Mas os filhos, depois que viraram “doutor” e foram morar em Recife, nem ligavam mais. Dava dó ver tanta terra abandonada! Com essa dos condomínios, cresceram os olhos e venderam tudo. Já outros fazendeiros venderam só parte das terras, mas pode escrever que é só eles fecharem os olhos, e vai tudo virar condomínio. (L. S. Morador e Comerciante).

Estava ficando tudo largado... mas aí apareceu um “boato” que o INCRA ia desapropriar... e viram na televisão o MST invadindo tudo que era de fazenda... Num instante resolveram dar um jeito de virar condomínio. (J. S. F. Morador e Artesão).

Também foi nesse período que começaram a surgir os primeiros hotéis-fazendas, hotéis, pousadas, “spas” e apart-hotéis para atender a intensa demanda dos turistas nos finais de semana ao restaurante, e a ser construída uma imagem de Gravatá como lugar “sossegado”, “bucólico”, “rural”, “paraíso dos finais de semana”:

O primeiro hotel-fazenda daqui de Gravatá foi idéia do meu pai que comprou essas terras há muito tempo atrás, quando passava por aqui e viu que estavam à venda. Meu pai é um visionário! Foi dele a idéia de montar o negócio do Hotel-Fazenda, já que não havia nada disso por aqui, naquela época. Os 02 apart-hotéis, que tem aqui dentro do Hotel-Fazenda são idéias dele também! (E. C. Empresário).

O primeiro hotel-fazenda foi o Portal de Gravatá. Foi idéia de um Doutor que tinha umas terras aqui, e que hoje os filhos é que tomam contam. (L. S. Morador e Comerciante).

O surgimento dessas novas atividades decorrentes da moderna agropecuária, dos estabelecimentos hoteleiros, gastronômicos, da construção de condomínios, privês, possibilitou o aquecimento do pequeno comércio e a indústria artesanal de móveis rústicos, e o artesanato em geral de Gravatá:

Mas o lado bom foi que os negócios melhoraram em tudo depois que o pessoal começou a descobrir Gravatá, e seu clima e sossego! Seja por parte de gente daqui mesmo, seja de gente de fora que veio pra ficar. O povo daqui sempre mexeu com madeira e fez artesanato de bronze e alumínio, foi só se aperfeiçoar. (D. A. Comerciante).

Aproveitamos esse tópico onde os principais fatos da história recente de Gravatá são narrados pelos entrevistados, para inserir uma informação que achamos de suma importância para o estudo sobre o desenvolvimento de Gravatá. Não a incluímos nos tópicos anteriores porque são informações que não foram encontradas em nenhuma referência bibliográfica, mas que sempre era citada pelos entrevistados e também em folders e cartazes.

Trata-se do trabalho que vem sendo desenvolvido pelo Círculo de Trabalhadores Cristãos de Gravatá/CTC, fundado em 20/05/1962, cuja finalidade é promover o desenvolvimento humano através da educação infantil, ensino fundamental e ensino profissionalizante (Marcenaria, Corte e Costura e Pintura em Tecido). Suas ações estão voltadas para o atendimento das famílias carentes do Município. Sua manutenção se deve às mensalidades de seus sócios e da venda dos artigos produzidos:

Trabalhar pelos pobres só vejo a ODIP e o CTC fazendo alguma coisa. Principalmente o CTC com seus cursos, que já tirou muita gente da miséria. A maioria dos artesões de madeira daqui passou por lá. Eu mesmo passei! Esse pessoal que está com negócio de artesanato de tecido, também. (J. S. F. Morador e Artesão).

São três (03) escolas mantidas nos bairros mais pobres da cidade (Bairro Novo e Vila Maria Auxiliadora), que atendem atualmente 450 crianças. Outras atividades educativas são na formação social (cidadania, relações humanas, associativismo, liderança comunitária, políticas públicas de gênero) e na saúde preventiva (unibiótica, medicina preventiva pelo uso de plantas medicinais e segurança alimentar):

Ensino e ajuda para o pessoal pobre da cidade, tirando as do governo e os cursos financiados pelo FAT, só tem mesmo a ODIP e o CTC e que mesmo assim recebe ajuda. Mas são entidades antigas e sérias. O CTC é uma entidade combativa, que participa ativamente mesmo dos conselhos daqui. (D. A. Comerciante).

Diante do exposto havemos de concordar com Kosik (1995, p. 83) e Lefèbvre (1995, p. 90), quando afirmam que o processo de modernização se cristaliza no espaço da cotidianidade e que sendo assim, só poderá ser compreendido baseado na realidade historicamente construída.

Nesse sentido, podemos afirmar que ao longo dos últimos 40 anos, um novo sentido de territorialidade em Gravatá foi construído, com a substituição gradual das antigas oligarquias tradicionais agrícolas. A reconfiguração do espaço rural e urbano empreendido pelas modernas atividades ligadas à agropecuária, turismo e as segundas-residências, fez surgir uma nova hegemonia política que, ao que tudo indica, é a responsável pelo atual processo de desenvolvimento do Município.

No próximo capítulo faremos as análises sobre turismo e lazer (segundas-residências) onde confrontaremos o empírico à luz da vida cotidiana.

## **CAPÍTULO 3**

### **GRAVATÁ LUGAR DE GENTE FELIZ!**

Neste capítulo, procuraremos, no primeiro tópico, compreender as relações existentes entre a população local com o turismo e o lazer (segundas-residências), suas imbricações com as demais atividades econômicas produtivas do Município e na vida cotidiana da população. Em seguida, faremos uma descrição das principais atividades econômicas produtivas da agropecuária, que estão em relação direta com o turismo e lazer no Município. No último tópico procuramos à luz do aporte teórico da vida cotidiana, analisar os espaços do trabalho (tempo obrigatório) e o lazer da população de Gravatá.

#### **3.1. A Vida Cotidiana da População e suas Relações com o Turismo e o Lazer**

Como dissemos anteriormente, o estudo da vida cotidiana possibilita não cair "totalidade abstrata" da formação social, ou "mundo da pseudoconcretidade" de que fala Kosik (1995, p. 35). Para esse autor, esse mundo é recoberto de "duplo sentido". Ao mesmo tempo, ele revela e esconde a essência do fenômeno vivido que se manifesta. Manifestação esta que sempre é "de modo inadequado, parcial, ou apenas sob certos ângulos e aspectos...".

Nesse sentido, as relações sociais, enquanto fenômeno vivido, e que se estabelecem na vida cotidiana, são decorrências desse "duplo sentido" que as pessoas têm do seu mundo concreto. Um mundo de construção e reconstrução que se estabelecem na vida de cada dia, através de suas relações sociais. Assim, a práxis diária das relações sociais estabelecidas na vida cotidiana é resultado desse movimento que as pessoas fazem entre a objetividade, que dá sentido às suas vidas na vida material, e a subjetividade, dos seus pensamentos e sentimentos. Movimento este que nada mais é que a experiência vivida e, sendo assim, não é algo passivo ou determinado, ao contrário, é "parte do processo de realização da liberdade humana". (KOSIK, 1995, p. 35).

Segundo Lefèbvre (*apud* SOUZA MARTINS, 1998, p. 6) o momento "vivido é mais que isso", porque ele também é um momento contraditório. Ou seja, no estabelecimento das

relações sociais o movimento entre o objetivo e o subjetivo das pessoas contém “fontes de contradições”

A reprodução social, lembrou Lefèbvre mais de uma vez, é reprodução ampliada de capital, mas é também reprodução ampliada de contradições sociais: não há reprodução de relações sociais sem uma certa produção de relações – não há repetição do velho sem uma certa criação do novo, mas não há produto sem obra, não há vida sem História.

São nesses momentos que o homem se faz, “como criador e criatura de si mesmo... que as contradições fazem saltar fora, o momento da criação e do anúncio da História - o tempo do possível”. Nesse sentido, a vida cotidiana é contraditória porque é o “tempo da rotina, da repetição”. Um momento da vida que não passa de “fragmento de tempo”, que é vivido ou deixado viver, liberado pelo “processo repetitivo produzido pelo desenvolvimento capitalista” e que por isso, parece ser impossível de ser concebido. Ou seja, é na vida prática cotidiana, ou comum, das pessoas que “se instalam as condições de transformação do impossível em possível”. (SOUZA MARTINS, 1998, p. 6).

A partir daí em seu estudo sobre o senso comum e vida cotidiana Souza Martins (1998, p. 6) afirma, com base em Heller (1978), que a vida cotidiana é marcada por rupturas uma vez “que só quem tem necessidades radicais, pode querer e fazer a transformação da vida”. Lembra que, “essas necessidades ganham sentido, na falta de sentido da vida cotidiana. Só pode desejar o impossível aquele para quem a vida cotidiana se tornou insuportável, justamente porque essa vida já não pode ser manipulada”. São nos instantes em que as pessoas percebem a

inviabilidade da reprodução, que se instaura o momento da invenção, da ousadia, do atrevimento, da transgressão. E aí a desordem é outra, como é outra a criação. Já não se trata de remendar as fraturas do mundo da vida, para recriá-lo. Mas de dar voz ao silêncio, de dar vida à História.

Diante dessa compreensão da vida cotidiana, acrescentaríamos as orientações de Featherstone (1996, p. 10-23) quando alerta que ao se estudar a vida cotidiana de um lugar, de uma comunidade local há de se ter o cuidado de não se deixar levar por visões que identifiquem esse lugar, como uma comunidade orgânica integrada,

onde o passado é visto numa imagem de coerência e ordem, algo que era mais simples e mais gratificante emocionalmente, com relações mais diretas e integradas... É importante também não trabalhar com a visão de que as localidades só mudam por um processo linear de modernização, implicando o eclipse da comunidade e da cultura local.

Para o autor (1996, p. 22-23), as teorias da modernização que pressupõe esse “eclipse da comunidade” foram “mal concebidas”, no que diz respeito ao entendimento das “tradições e



significados culturais”. Apoiado pelos textos de Knorr-Cetina (1992), esse autor afirma que ao analisar a vida prática cotidiana, ela comprova a existência

de ‘significado’ e ‘tradição’, do ‘corpo’, da ‘intimidade’, ‘saber local’ e tudo o mais que frequentemente se supõe ter sido eliminado dos ‘sistemas abstratos’. De fato, as práticas cotidianas dos participantes, mesmo quando trabalham em instituições altamente tecnificadas, operam com e por meio de ficções. Assim, se observarmos as práticas em ambientes locais, vemos que as classificações compartilhadas e profundamente valorizadas que as pessoas usam, são uma forma do sagrado. A modernidade não significou a perda da mágica ou do encantamento, nem o uso ficcional de classificações simbólicas em instituições locais.

É com base nesse olhar, que procuramos compreender as relações existentes entre a população de Gravatá, com o turismo e o Lazer (segundas-residências). Relações que foram construídas em rupturas individuais, no dia-a-dia da vida cotidiana, e que revelam a importância do papel da população local na transformação social. À medida que o “diferente” ou o “novo”, iam dando seus contornos no processo de reconfiguração do lugar, a população percebia e as rupturas se sucediam e o querer fazer parte, também, desse processo se instalou como pudemos sentir na entrevista com o comerciante dono da Lanchonete O Rei das Coxinhas. A Lanchonete que acreditamos ser a mais famosa do Estado. Ou de outro comerciante antigo, do ramo moveleiro:

Eu tenho 38 anos e minha família é toda da zona rural, mas quando eu tinha 8 anos meu pai resolveu se mudar pra cidade porque viu que a gente tinha melhores condições aqui. Eu só estudei até a quinta série, porque tinha que trabalhar e ajudar em casa. Essa coxinha eu e meu irmão começamos vendendo, viajando nos ônibus que passavam por aqui. No começo, a gente comprava e revendia, mas eu queria uma coisa diferente que não fosse só galinha. Aí comecei a vender mais e mais, e tive que ficar em casa só fazendo coxinha. E aí, começou a correr de boca em boca no meio do povo daqui, e dos ônibus. Todo mundo conhece... Eu nunca fiz marketing... Teve só minhas placas que coloquei primeiro de pano, quando era só barraca. Agora está essa aí fora, e uma pagina na internet que é recente. (J.S.S. Comerciante).

Moça, aqui a gente não brinca em serviço. Viu chance de aproveitar a idéia, a gente aproveita. O que interessa é que a gente ganha dinheiro, e se diverte. Se disserem que estamos imitamos, não estou nem aí, porque não fica igual mesmo. A gente sempre coloca uma coisinha da gente. (D. A. Comerciante).

Independente do direcionamento das políticas públicas, a iniciativa de investir no aspecto da revitalização da cultura regional partiu da população local através do comércio, seguido de perto pela construção dos primeiros hotéis e privês, com suas casas no estilo “Suíço”, e a instalação do primeiro Haras que impulsionou a mudança visual na cidade. Não foi à toa que Gravatá, por muitos anos, ostentou o título de a “Suíça pernambucana”. Aos poucos, e gradativamente, esse cenário foi se mesclando ao regional e posteriormente ao nacional. Depois

da entrada no cenário, promovido pelos meios de comunicação, o turismo em Gramado/RS e de Barretos/SP passou a ser copiado pela população local:

Olhe, Gravatá mudou muito! Hoje somos uma mistura de tudo! Temos um pedacinho da Suíça, outro pedacinho de Gramado, outro de Barretos... E o que aparecer mais, a gente vai pegando. Eu não acho ruim porque a gente ganha dinheiro, mas se diverte com isso. Você precisa ver quando tem vaquejada esse pessoal todo, passeando a cavalo por aqui, parecendo que estão em Barretos! (I. P. M. Dona de Pousada).

O estilo “country” dos móveis, flores nas janelas e a maneira de se vestir viraram moda, tanto da população flutuante como dos moradores de segundas-residências. A lareira e a decoração gaúcha foram incorporadas, misturando-se ao artesanato regional. No rastro midiático dos rodeios de Barretos/SP a vaquejada, de uma modalidade de esporte de interesse apenas regional dos praticantes e de um pequeno público, tornou-se um evento que vem despertando o interesse da população estadual, principalmente dos jovens, através da criação pelo governo do Estado do “Circuito Vaquejada”. Em Gravatá, no período de maio a agosto é possível ver na cidade, jovens de botas, chapéus, roupas de couro ou nas festas “country” animada pela música sertaneja ou passeando pela cidade nos cavalos alugados nos haras:

Aqui nunca foi terra de música sertaneja ou brega, mas pode estar certa que Leonardo, Zezé de Camargo e Luciano, e o Calypso estão fazendo show aqui! É aquela misturada... porque o nosso forró ninguém deixa de lado, e aí entra a Elba, Dominguinhos, Santana pra botar ordem! Sem falar no nosso xodó, o forro Pé de Serra! Mas criatura como é que eu não ia gostar dessa misturada toda? Eu ganho dinheiro e me divirto. (D. A. Comerciante).

Você não tem noção do que tem de casa aqui com lareira... Quando entra, pensa que está num outro lugar... Menos que é Gravatá, uma cidade do interior de Pernambuco! Nos shows você vê axé baiano, brega, sertanejo e o nosso forró! Só falta agora o forró universitário de São Paulo aparecer... (G. S. Comerciante).

Gramado não tem aquela festa no tempo do Natal? Pois Gravatá já está começando a imitar isso também... Não duvide, escute só essa: na festa do “Natal da Paz”, qualquer hora vai cair neve aqui! (E. A. L. G. Comerciante).

Nos finais de semana o município chega a receber por volta de 50.000 pessoas entre moradores de segunda-residência, turistas de final de semana que se hospedam em casas de amigos, ou na rede hoteleira. Encontramos também turistas que vêm apenas passar o dia. Segundo os entrevistados, o turismo e as segundas-residências são importantes para os seus negócios:

Nos finais de semana isso aqui fica cheio! É o povo daqui, mais o pessoal dos condomínios, privês e os turistas. Tudo de uma vez! Trabalhamos muito! Trabalhamos até tarde nos finais de semana, e folgamos na segunda de manhã. Enquanto tiver gente na rua, estamos abertos trabalhando. (G. S. Comerciante).

O normal no final de semana é de umas 50.000 pessoas de fora, entre turistas e o pessoal dos privês. Mas quando tem feriadão ou algum evento, vai para umas 150.000 pessoas. Agora no São João chega a mais de 1 milhão de pessoas aqui! (R. F. Diretor de Turismo).

Vixe Maria! nem quero pensar o que seria da gente, sem esse pessoal dos privês e dos turistas. (N. F. Comerciante).

Aqui vem turista de tudo que é parte! Até da Suíça e Alemanha já recebi. São casados com gente daqui, que vem ver os parentes e preferem ficar nas pousadas e nos hotéis. Já conheço muita gente que tem casa nos condomínios, porque compram a casa e enquanto estão arrumando, ficam aqui com a gente das pousadas. (I. P. M. Proprietária de Pousada).

O aspecto que chama atenção é o fato que a revitalização cultural mexeu com os sentimentos da população, em relação à cidade. Há orgulho de pertencer a Gravatá e os entrevistados sempre procuram elogiar, ressaltando o belo, o bonito, o gostoso do lugar, independente do turismo e das segundas-residências. Pelo que percebemos, o turismo e as segundas-residências foram fenômenos que fizeram reforçar o sentimento de pertença, e eles têm consciência disso:

Gravatá não é uma cidade largada, não! Veja aí que “belezura” que são os casarões, o prédio das Salesianas! Nem em Caruaru, se come tão bem como aqui! Você come aqui não é só fondue, não! Tem do bacalhau dos portugueses e do macarrão dos italianos, ao churrasco dos gaúchos! Mas ninguém vence a nossa carne de sol e a nossa charque! O Rei da Coxinha já fez fama no mundo, e só não exporta porque não quer... Tem gente que vem à Gravatá só para comer... Muita gente “forroza” em Caruaru, mas come e dorme em Gravatá! Esse pessoal do turismo e dos condomínios só veio para ajudar a gente a conservar. (G. S. Comerciante).

Aqui tem muita coisa bonita! Não só na cidade, mas na zona rural também. Aqui tem de um tudo, e coisa de qualidade! O povo gravataense zela pela cidade, e não é só porque ganhamos dinheiro, a gente gosta mesmo de ser daqui. A gente tem orgulho! Mesmo antes dessa coisa de turismo e dos privês, a cidade era bonita com seus casarões, jardins, igrejas. Imagine que o prédio da nossa Prefeitura já foi considerado o mais bonito do Estado. Até lustre de cristal Bacará tem! O pessoal de mais recursos daqui, sempre foi chique! Só gostava do que era melhor, e mais bonito. Imagine agora como é que não está, com essa coisa de turismo e privê. Cada um que quer ser mais bonito que o outro! Tem até disputa de qual jardim é mais bonito! (I. P. M. Proprietária de Pousada).

Gravatá é uma cidade muito aconchegante. Quem vem pra cá, sempre volta! (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa.)

Para a população local, apenas os hotéis e segundas-residências não atrairia tantas pessoas à Gravatá. Há uma conjugação de fatores que colaboram como o clima, a boa gastronomia, a tranquilidade, os eventos e o lazer proporcionado no meio rural. Já para o pessoal ligado ao ramo da hotelaria, é o clima e a hospitalidade do povo o grande atrativo. Se, por um lado, a população em geral não usufrui de alguns dos equipamentos turísticos, como determinados bares e restaurantes, a de maior poder aquisitivo não sai da cidade para procurar

lazer e diversão, porque a cidade tem uma vida social intensa registrada em revistas, jornais e na internet:

Só o hotel não atrairia, de forma alguma, esse povo pra cá. O que traz o povo pra cá é o clima e outros atrativos como o turismo de evento, o lazer no meio rural. Os hotéis e os restaurantes são equipamentos lindos que favorecem a estadia das pessoas aqui, mas não seriam os causadores de trazer essas pessoas. (R. F. Diretor de Turismo).

Pra mim o que atrai em Gravatá é o clima, a tranquilidade e as festas. O pessoal vem porque gosta da cidade! Esses bares e restaurantes não ficam no prejuízo, porque compensam no final de semana com o pessoal dos privês e com o pessoal de melhor renda daqui mesmo. O pessoal de melhor poder aquisitivo daqui de Gravatá gosta de se divertir aqui, raramente sai para Recife ou Caruaru. A gente sabe de tudo que acontece na alta sociedade, pelas revistas e jornais. Gravatá está no mundo, porque o Gtanet dá conta de tudo pela internet, do que acontece aqui. Até as fofocas você fica sabendo! (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

O que atrai o turista são o clima e a hospitalidade do povo gravataense! A gente vem depois! (E. C. Hoteleiro).

Nossos hóspedes vêm por causa do clima e do povo de Gravatá! Eles são muito hospitaleiros. (N. S. Gerente de Hotel).

Em conversas informais com hóspedes que se encontravam na cidade a trabalho houve queixa dos preços cobrados por algumas pessoas na prestação de seus serviços, e que pudemos constatar tanto na feira livre, como na cobrança do táxi. Isto se deve ao fato de sermos considerados turistas. Para os contextos populares de Gravatá, aqueles que não são do lugar, logo são classificados como turista, mesmo que ele se encontre a trabalho.

Para a população local há um custo maior, porque os preços cobrados no comércio local em geral, é um dos mais altos da região. Como, por exemplo, os preços praticados na feira livre, supermercados e nos pólos moveleiro e gastronômico. Isso faz com que eles se desloquem para cidades próximas com Chã Grande para a compra de alimentos, e Caruaru para a compra de material de trabalho:

O Comércio de Gravatá é todo voltado para o turista e algumas pessoas sofrem com isso, por causa do poder aquisitivo. O poder aquisitivo da população daqui é pequeno, e os preços altos. O que você pensar em Gravatá tem, mas a maioria do pessoal daqui vai fazer compra em Caruaru porque é bem mais barato, ou feira em Chã Grande. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

Eu faço minha feira e todas as minhas compras pra as comidas que vendo, em Chã Grande, porque é mais barato (T. S. Vendedora ambulante de comida regional).

Minha feira eu faço em Chã, e meu material de trabalho compro tudo em Caruaru porque é mais sortido e tem preço mais em conta. (J. S. F. Artesão).

Nas entrevistas, pudemos perceber que os moradores de segundas-residências gostam de fazer suas compras no Município por oferecer produtos de qualidade, a preços ainda mais baratos que em Recife, mas informam que os preços estão subindo. Também procuram os artesãos para encomendarem móveis e produtos de decoração para suas residências. E, em decorrência disso, a Prefeitura e a Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Gravatá/ACIAG vem procurando desenvolver um trabalho voltado para a conscientização dos contextos populares. Não só daqueles que trabalham na feira, como nas demais atividades voltadas para o turismo e lazer, como a prestação de pequenos serviços como bombeiro, eletricista, mototaxista, taxistas, etc.:

Na feira aqui tem aquela coisa: se você for de Gravatá é um preço, se for de fora é outro. Essa exploração está até afastando os turistas. Eu conheço muita gente que faz isso. A ACIAG faz um trabalho de conscientização sobre isso, mas essa coisa já está na mentalidade do povo daqui. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

Olhe essa questão é um trabalho diário de conscientizar essas pessoas para não explorar nos preços, porque isso espanta tanto o turista como o pessoal dos condomínios e privês. Minha mulher, na Secretaria, trabalha direto nisso. (J. N. Prefeito).

Pelo que percebemos nas entrevistas, há um forte embricamento entre as atividades agropecuárias modernas e as atividades do turismo e do lazer. Os envolvidos têm consciência que é isto que faz girar a economia do Município, inclusive na instalação de novos empreendimentos de grande porte ou mesmo de pequeno porte como uma indústria de roupas íntimas. Para os artesãos, pequenos produtores rurais, comerciantes e o grande empresário agropecuário, a divulgação do turismo e do lazer (segundas-residências), possibilita que seus produtos ganhem visibilidade no mercado regional, estadual e nacional. Os grandes empresários aproveitam os períodos dos eventos festivos no Município, e promovem leilões de ovinos, caprinos e eqüinos que, por sua vez, movimentam o segmento do negócio de flores e plantas ornamentais:

Os organizadores de leilões das empresas Parque Haras Dr. Luiz Inácio, Caratá e Haras Passira aproveitam os grandes eventos que estão se realizando em Gravatá como a Semana Santa, São João, para realizar seus eventos. Acontece muito isso. A gente não vê muito desses leilões fora desses períodos. (R. F. Diretor de Turismo).

O que movimenta a economia de Gravatá é a divulgação em cima do turismo, dos condomínios, o agronegócio de flores, eqüinos, ovinos e caprinos. Um aqui precisa do outro, e se ajudam! Veja bem um exemplo: A empresa Caratá ou um Haras Passira promove um leilão que traz um monte de gente que fica nos hotéis, nós das flores entramos também na ornamentação. Esse povo que vem, vai para os restaurantes e para o comércio. E alguns desses compradores gostam tanto, que já tem gente comprando casa nos privês ou condomínios. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

Eu acho que essa é a grande função econômica do turismo porque ele consegue fazer com que tudo que é produzido aqui na região, tenha uma boa divulgação lá fora. Além da indústria de laticínios Natural da Vaca, tem até uma fábrica de calçinhas aqui que é famosa, que o pessoal chega e pergunta logo e fica ali numa ruazinha... Não tem uma mulher que seja daqui ou venha de fora de Gravatá, que não conheça. (L. Z. Produtor Rural e Presidente de Cooperativa).

Os preços aqui estão aumentando, mas ainda assim, faço compras de parte do supermercado e tudo de feira de rua. (M. F. Moradora de Condomínio).

Eu faço minhas compras aqui em Gravatá. Só uma coisa ou outra, trago de Recife. Todos meus móveis foram feitos pelos artesãos daqui, e faço compras nas lojas da cidade. Conheço algumas pessoas no comércio. (G. R. B. A. Moradora de Condomínio).

Aqui em casa é tudo produto “made in” Gravatá! Chegar numa loja, no café, em qualquer lugar que você entra se sente em casa. Sabe aquela coisa de ser reconhecido pelo seu nome... Além do mais, tudo mais barato. (D. F. Morador de Privê).

As únicas coisas que trago para Gravatá são roupas, o resto compro aqui, porque na feira tudo é fresquinho. Até para mobiliar fiz tudo por aqui com os artesãos e comprei nos antiquários. Os artesãos fazem arte de qualidade! (S. C. Moradora de Privê).

Atrelado ainda aos eventos da Semana Santa, acontecem outras atividades específicas, ligadas ao turismo e lazer no município, como o Circuito Pernambucano de Vaquejada, o campeonato Kawatá brasileiro de MotoCross, JeepCross e o enduro equestre. Segundo a pousadeira entrevistada o público que pratica turismo de aventura, no espaço rural, é um turista consciente das questões sobre preservação do meio ambiente:

No inverno tem o pessoal da moto ou do jeep que adora lama! Chegam aqui na pousada enlameados das trilhas, mas todos felizes da vida! Tem público pra essa atividade e é um publico legal, com outra cabeça, que não vem pra destruir a cidade, nem trazer lixo, nem fazer pega. Tem consciência ecológica e preservam. (I. P. M. Proprietária de Pousada).

Ainda no âmbito da economia pudemos perceber que o artesanato, os móveis rústicos ou estilo “country”, são grandes atrativos turísticos e na sua grande maioria as lojas encontram-se no pólo moveleiro. Nesse pólo, também é possível encontrar casas de chá e cafés. Dificilmente quem vai ao pólo, deixa de passar no Café do Abel<sup>18</sup>, famoso pelo seu chocolate quente.

No artesanato, destacam-se as peças de bronze e alumínio, cestaria, cerâmica, trançados de cipó e as bonecas de pano. As fábricas são regularizadas, mas todas de “fundo de quintal”. Suas peças costumam ser levadas por seus donos, que participam ativamente de feiras e exposições em todo o Estado e na Região Nordeste. Já os artesãos de menor poder aquisitivo, tem como espaço de venda a Casa da Cultura situada na antiga Estação de Trem. Os móveis também

---

<sup>18</sup> Tentamos uma entrevista com o Sr. Abel, mas ele se encontrava em Porto de Galinhas, na nova filial que abriu no verão naquela praia.

já estão sendo exportados para outros estados próximos. Em determinada loja, foi possível encontrar móveis e artesanato importado da Índia. E, próximo, estão as lojas de Antiquários:

Aqui na loja eu vendo de tudo um pouco, mas o forte são os móveis rústicos que eu compro dos artesãos. Vendo até importado da Índia. O nosso público principal é o pessoal dos privês e condomínios, que mobiliam suas casas com a gente. Mas temos clientes de Alagoas, Paraíba que se hospedam nos hotéis. (G. F. Comerciante).

No artesanato, o xodó daqui são as bonequinhas da sorte e os brinquedos educativos do CTC, que já ganharam o mundo na exportação! (N. F. Artesã de Tecido).

Eu e meu marido trabalhamos agora com bronze, mas a família dele está com o alumínio. Tudo começou com meu sogro nos anos de 1950, fazendo crucifixo de bronze. Minha cunhada que está no alumínio vive mais viajando do que na loja, aí do lado. Ela não perde uma feira e exposição. Pode ir lá ver que estão embalando as peças porque já vai viajar novamente, pra um evento em Natal. (A. M. Artesã de Bronze).

Aqui no Município tem a Casa da Cultura, a Estação do Artesão. Você faz o produto, e leva pra vender lá. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

Eu vendo, tudo que produzimos, aqui na Casa da Cultura, mas tem uns comerciantes do pólo moveleiro que ajudam. Nós colocamos as nossas peças lá para enfeitar na entrada, quem se interessa ele manda procurar a gente aqui. Aqui na Casa do Artesão, tem exposto, à venda de tudo que é produzido de forma artesanal. Do meu trançado em cipó, ao doce, aos bordados. Temos exposto aqui, também, algumas obras dos artistas da cidade. (R. S. Artesão).

Em nossas entrevistas verificamos que os móveis são comercializados também pelo próprio fabricante, que tem sua loja. Há ainda artesãos que trabalham sob encomenda, só para atender ao público dos condomínios e privês. Todos os entrevistados reconhecem que depois dos condomínios, privês e da chegada dos turistas a vida melhorou em Gravatá. E que nos períodos de grandes festas ou nas férias de julho, quando os condomínios e privês estão totalmente ocupados, eles contratam mão-de-obra temporária.

Essa minha loja foi a primeira aqui do pólo moveleiro. Meu marido foi quem começou nesse ramo, e ensinou a esse povo todo. Nossa fabricação é toda nossa. Mas a vida só melhorou mesmo, depois dos privês, condomínios e do turismo. (C. V. C. Comerciante).

Na fabricação de móveis eles fazem igualzinho... Eu não fabrico nada, só vendo móveis e artesanato. Esse pessoal dos condomínios pega essas revistas estrangeiras de decoração e o pessoal faz igualzinho os móveis. Tem artesão tão bom aqui, que tem fila de espera para atender os pedidos! Eles agora só trabalham para atender ao pessoal dos condomínios. (D. A. Comerciante).

Dentre os problemas que toda essa movimentação traz para o Município, os entrevistados citam o trânsito como um entrave no período das grandes festividades que acontecem na Semana Santa e São João. Além dos transtornos pessoais, traz prejuízo para o

comércio em decorrência da ausência do pessoal dos condomínios e privês. Esses moradores evitam ir à cidade nesses períodos, mas participam dos festejos, promovendo suas festas no interior dos condomínios e privês. Como forma de minimizar a questão, a Prefeitura está concluindo, com recursos do Município e Governos Estadual e Federal, a obra da Perimetral.

Segundo o Prefeito esse problema se deve ao planejamento da BR – 232, mas ao contrário do que ele diz, acreditamos que a BR não isolou a cidade, uma vez que não podemos considerar a cidade apenas como o lugar, onde se encontra a praça principal no centro. Na verdade a BR corta a cidade. É o número de acessos à cidade que é reduzido, e distantes um do outro. A Perimetral realmente melhorará o acesso, mas há necessidade de se melhorar a organização do trânsito, e das vias de acesso aos pontos de estrangulamento nas imediações do pólo moveleiro:

Ele vai cortar a cidade por fora e vai desafogar o trânsito no Centro. Vai dar 03 novos acessos à cidade. O problema todo foi no planejamento dessa BR que isolou a cidade. O congestionamento acontece nos horários de pique, nos grandes eventos e no sábado. A Perimetral tem 10 Km e 02 pontes. Os recursos são municipal, estadual e federal. (J. N. Prefeito).

O DETRAN e a Prefeitura até melhoraram muito o trânsito, mas todo ano aumenta o número de gente pra cá. Mas tudo gente de fora, e dos hotéis. O pessoal dos condomínios, dos privês nem aparece aqui no comércio e dificilmente vem nas festas por causa do trânsito. Aí compram tudo em Recife. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa)

Engarrafa o trânsito e é aquela confusão, com tanta gente circulando. Então no sábado que é dia de feira, fica é coisa de doido! (A. M. S. Pequena Produtora de Orgânico).

Olhe que poderia rodar muito mais dinheiro aqui, e não entra mais porque não existe infra-estrutura para receber, porque o trânsito fica caótico. (L. Z. Produtor Rural e Presidente da Cooperativa).

Nem apareço na cidade, nessa época dos eventos. Prefiro ficar por aqui mesmo, nas nossas festas particulares. A gente já passa a semana no estresse de Recife, vir se estressar no trânsito de Gravatá, não dá! (T. V. Morador de Privê).

Para o pessoal que vem aqui para o Vila, e para as festas que promovemos é uma novela o trânsito. É um exercício de paciência que só muita vontade de estar aqui em Gravatá, pode explicar. E, quando chegam aqui não saem para canto nenhum, fazem tudo aqui mesmo, porque temos diversas atividades de lazer e recreação. (D. S. Gerente do Flat).



Criatura, você não tem noção de como vai ficar isso na próxima semana. Esse tanto de ônibus e carros que você vê agora, é muito pouquinho. Tomara que o planejamento no trânsito esse ano funcione, porque senão vai ser a mesma confusão do ano passado. Além de engarrafar aqui na entrada do Pólo, o trânsito empaca mais lá na frente por causa dos shows, tanto nos privês como no Pátio de Eventos da Prefeitura. Pense numa confusão, uns querendo encontrar lugar para estacionar e outros querendo seguir para Caruaru! E olhe se não tiver também gente cortando o caminho por aqui, indo para Campina Grande. Você sabe, não é, que de Caruaru para Campina Grande é um salto... Tem gente que quer estar em todo canto, ao mesmo tempo... Para quem dirige, a confusão no trânsito começa aqui em Gravatá. (D. A. Comerciante).

Especificamente, sobre a ampliação e duplicação da BR 232 – Luiz Gonzaga, pelo governo do Estado, além de ter possibilitado a diminuição do tempo nos deslocamento, de mais ou menos 2.00 horas (nos períodos de maio/agosto) para 50 minutos, fez triplicar o número de turistas e excursionistas. Porém, além do aumento da venda ou desmembramento das fazendas que é visto como uma boa iniciativa, também aconteceu a venda de pequenas propriedades de terras e, hoje, esses ex-proprietários se encontram em situação financeira difícil, uns sobrevivendo da aposentadoria rural e outros sem nenhuma fonte de renda:

Vixe que foi uma maravilha! A gente agora chega ligeirinho em Recife ou Caruaru! E a estrada ficou bonita... Tem até túnel, que nem no Rio de Janeiro e São Paulo! (L. S. Comerciante).

A estrada é um tapete e tem que segurar o pé no acelerador... Foi a melhor coisa que o Governador Jarbas podia fazer pra quem trafega nessa região. (T. V. Morador de Privê).

Depois da BR aumentou o número de condomínio e privês na cidade, e isso foi porque venderam ou desmembram as fazendas. Mas teve gente com pequenos sítios que vendeu também, e isso é uma situação delicada. Porque teve aquele pequeno agricultor que não era aposentado, que tinha seu sítio e vendeu digamos por R\$ 10.000,00, comprou uma casa na cidade por R\$ 5.000,00, comeu o restante e agora sofre com isso. Têm outros que ainda tem a aposentadoria... Já as grandes fazendas é um ponto positivo, porque Gravatá ganha com impostos, no comércio. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

Eu não tenho o que reclamar dessas minhas 02 lanchonetes que estão fora da cidade, porque cresceu muito o faturamento. Já a outra que eu tenho na cidade, ficou prejudicada pela BR, porque não tem acesso fácil. Minha clientela é só o pessoal de lá da área, e dos privês. (J. S. S. Comerciante).

Em nossas observações percebemos que é comum para o morador de condomínio e privê, seus visitantes e turistas de 01 dia, usufruir dos estabelecimentos hoteleiros como o Hotel-Fazenda Portal de Gravatá e Vila Hípica, principalmente os restaurantes. Tanto um como outro, oferecem uma ampla variedade de atividades de lazer no interior da propriedade. Já o Portal também oferece atividades fora da propriedade como as visitas à zona rural, como por exemplo, os passeios à produção de flores, ao Engenho Caranguejo:

.Acerca de 17 anos atrás quando o Portal foi construído pelos filhos de Valdir Cavalcanti, nos viemos aqui pela primeira vez. Nos íamos muito para Garanhuns, que é muito longe e tem um clima muito úmido. Verificamos que o clima de Gravatá é muito melhor e está mais próximo de Recife. Depois, passamos a vir durante 06 anos para o Portal. Posteriormente, compramos um apart no Portal. Nosso amigo Ricardo Monte resolveu fazer um loteamento, e nós compramos um lote. Não me arrependo porque Gravatá oferece alguma coisa de cidade média e muita coisa de cidade pequena, que é o que me interessa. (M. F. Moradora de Condomínio).

Eu freqüento o Portal desde quando ainda não tínhamos essa casa! Levo minhas filhas para brincar, andar a cavalo e conversar com os amigos que se encontram hospedados. No Portal me sinto em casa, Roberto e Eduardo recebem maravilhosamente. A cartola é irresistível! Minha sogra e as amigas preferem se hospedar no Portal a ficar aqui em casa ou na casa da filha, na Semana Santa. (G. R. B. A. Moradora de Condomínio).

Meu marido tem uma baia alugada no Vila, para o nosso cavalo. Eles cuidam de tudo. Sempre estamos por lá, porque as crianças fazem equitação e aproveitamos o restaurante. (T. R. M. Moradora de Condomínio).

Alguns moradores dos condomínios e privês já se tornaram moradores fixos, geralmente aposentados e alguns que se mudaram fugindo da violência de Recife. Sobre a questão do medo da violência urbana em Recife, apenas 01 morador assumiu, os demais, ou evitavam falar no assunto ou preferiram usar a palavra “segurança”, procurando logo mudar o assunto. A impressão que temos é que Gravatá, além de ser um lugar tranquilo para repouso e lazer das famílias, é o refúgio onde as pessoas da capital podem se libertar da tensão semanal provocada pela violência<sup>19</sup>. É o lugar onde eles gostariam de morar em definitivo, e há um sentimento de pertencimento ao lugar que é reforçado pela hospitalidade do povo:

Tem muita gente que comprou casa só para o final de semana, mas que na verdade já ficou morando definitivamente aqui, tem muito tempo. Aposentados são muitos. Mas já tem muita gente que trabalha aqui, e mora nos condomínios pra fugir da violência de Recife. E Gravatá tem ótimas escolas particulares, para oferecer para quem tem um poder aquisitivo mais alto. (R. F. Diretor de Turismo).

Tem gente que comprou casa aqui só pra os finais de semanas. Mas com medo da violência de Recife mora aqui, e trabalha em Recife. Tive hóspedes que hoje são meus amigos e a gente se visita. Sempre passam aqui na Pousada para dar um oi! (I. P. M. Proprietária de Pousada).

Hospedados em hotel ou nos condomínios, eles correm pra cidade, para passear na rua dos móveis, andarem a cavalo e ir para os shows. Esses adolescentes de fora adoram isso aqui, porque eles têm liberdade, de ir para todo lugar o dia inteiro e os pais não ficam no pé. A Van vai buscar nos privês e nos hotéis, depois trazem e os pais ficam tranquilos. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

---

<sup>19</sup> Sobre a questão da violência urbana em Recife, somos da opinião que existe uma cultura do medo enraizada nas pessoas em Recife. Ao que parece, a culpa não é mais do agressor e sim da vítima que se expôs, principalmente quando esses fatos acontecem à noite.

Eu pretendo, daqui uns anos morar aqui em definitivo... Daqui uns 5 anos. Gravatá é o sonho de quem quer uma casa no campo! Gravatá é tranquilidade e segurança! A gente vem muito atrás de segurança, e a cidade oferece isso. (M. F. Moradora de Condomínio).

Aqui no condomínio me sinto segura e deixo minhas filhas brincarem à vontade, soltas pelo condomínio. O tempo de Recife pra cá, é o mesmo que levo de minha casa no Recife para o trabalho, presa no engarrafamento, mas não me mudaria por causa das atividades escolares das minhas filhas. (G. R. B. A. Moradora de Condomínio).

Eu bem que gostaria de morar aqui porque teria mais tranquilidade e segurança, mas não posso porque tenho filhos adolescentes e você sabe como é nessa idade. O clima de Gravatá me atraiu, mas quem me conquistou foi a acolhida da população. Definitivamente, Gravatá está no meu coração! (S. C. Moradora de Privê).

Não posso afirmar por todos, mas não duvido que todo mundo que tem casa aqui, gostaria de morar em definitivo em Gravatá. Aqui me sinto seguro e descanso minha cabeça daquela violência. (D. F. Morador de Privê).

Olhe, Gravatá é uma cidade muito calma. É difícil ter problema aqui. Quando tem é de gente de fora. Mas não vou mentir... com tanta festa, e tanta gente de fora aqui, tem que botar policia de toda qualidade porque senão a bandidagem de Recife toma de conta. E isso é uma coisa que já anda remoendo meus miolos... De Gravatá ficar como Recife. (A. F. Agricultor e Porteiro de Condomínio).

Vale ressaltar que apesar de nos identificarmos e estarmos em companhia de um morador da cidade, não foi permitida nossa entrada em um privê, uma vez que avisamos que apesar de não conhecer nenhum morador, gostaríamos de conversar com algum deles e tirarmos algumas fotografias. Segundo o vigia, a ordem do síndico era deixar entrar só pessoas conhecidas e autorizadas pelos moradores, caso estivessem no privê naquele momento, ou por ele próprio, que não se encontrava.<sup>20</sup>

Por outro lado, há também os novos moradores que são produtores de flores e plantas ornamentais como os descendentes de japoneses, oriundos de Atibaia/SP, ou mesmo de Recife:

Temos produtores cooperados e associados que chegaram aqui e quando conheceram Gravatá, se apaixonaram e viraram produtores. Os japoneses largaram Atibaia, por Gravatá e Bonito! (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

Eu moro aqui no sitio e só vou pra Recife no final de semana. Minhas raízes não são agrícolas, mas sou Técnico Agrícola e sempre gostei de terra! (A. C. Produtor Rural e Presidente de Associação).

Eu estou em Gravatá há 2 anos. Vim de Atibaia em São Paulo. Sou filho de japonês. Vim só conhecer, mas gostei muito do Nordeste e o mercado de flores, aqui, está começando a crescer. Eu fiquei aqui em Gravatá, minha esposa com meus filhos estão na periferia de Natal. Todos nós produzindo plantas ornamentais e de 15 em 15 dias, viajo pra lá. (A. S. Produtor Rural de Flores).

---

<sup>20</sup> Sobre segurança acrescentaríamos que ao participar de uma festa de inauguração do Coreto da Praça do Condomínio onde estávamos hospedadas, e que tinha por volta de uns 80 convidados, percebemos a presença de 12 seguranças particulares, tanto de alguns dos condôminos como de convidados presentes.

Sobre o desmatamento no Município, este é decorrência da necessidade de lenha pela população local. A ONG Associação dos Amigos do Meio Ambiente/AMA, a mesma que presta assistência técnica aos pequenos produtores de orgânicos, desenvolve trabalhos na área de plantio de mudas, manejo agroflorestal e de Educação Ambiental com a população dos sítios e vilas da zona rural. E, para a omissão da Prefeitura nessa questão, há críticas:

Esse desmatamento que está ocorrendo, é porque as pessoas precisam de lenha pra cozinhar. Sobre o desmatamento o pessoal da AMA faz um trabalho de educação ambiental na região, já fez plantio de mudas de arvores nativas e tentou um trabalho de manejo agroflorestal. Já a Prefeitura não vejo fazer nada sobre isso... (L. Z. Produtor Rural e Presidente de Cooperativa).

Tinha que ter um uma fiscalização da Prefeitura. O pessoal que produz orgânico como eu, está aumentando a produção. Porque estamos vendendo muito. Eu não desmatei nada, porque nem tenho mata... Até plantei umas mudinhas de árvores que o pessoal da AMA me deu, mas tem gente com mata ainda no terreno que está cortando tudo. (M. S. Produtor de Orgânico).

Ainda no âmbito do meio ambiente, havia em Gravatá, até recentemente, antes da ampliação e duplicação da BR – 232, um lixão localizado à margem da estrada, em plena serra das Russas. Segundo as informações do Prefeito, já há 02 anos o Município tem um Aterro Sanitário, e além do plano de gerenciamento dos resíduos sólidos, também pretendem fazer coleta seletiva. Em dezembro de 1998, foi feito o “Mapeamento dos Problemas Ambientais de Pernambuco”, que indicou que a poluição do rio Ipojuca e o lixão como os grandes problemas do Município de Gravatá. A Associação dos Amigos do Meio Ambiente/AMA foi a entidade recomendada para desenvolver trabalhos de conscientização com a população local, sobre despoluição e reciclagem do lixo.<sup>21</sup> Apenas 01 comerciante informou que faz a reciclagem de lixo:

Esse rio Ipojuca é muito mal tratado! É o esgoto da cidade! Tudo cai nele! A AMA trabalha muito nesse problema pra o pessoal não poluir. (J. M. Produtor de Orgânico).

Temos um aterro sanitário novo que tem 02 anos e estamos com um plano de gerenciamento dos resíduos sólidos, que vai contemplar educação ambiental e coleta seletiva. (J. N. Prefeito).

Sei que tem um aterro novo, mas não sei onde fica. Também aquele lixão na BR não podia continuar... (A. C. Produtor Rural e Presidente de Associação).

Olhe, a AMA volta e meia está fazendo campanhas, por aqui com a população. ((M. S. Produtor de Orgânico).

---

<sup>21</sup>Disponível

<http://www.proext.ufpe.br/cadernos/meio%20ambiente/MAPEAMENTO%20DOS%20PROBLEMAS%20AMBIENTAIS%20DE%20PERNAMBUCO.doc>. Acesso em: 19/03/2007.

O meu lixo é reciclado porque tem um rapaz que vive disso, e ele mesmo faz a separação do plástico e da latinha. (J. S. S. Comerciante).

Em relação ao aspecto do transporte urbano na cidade, percebemos haver uma organização no seu uso, com cadastramento e pontos fixos. A empresa de ônibus Soares é responsável pela linha regular entre a cidade e seus distritos, mas observamos que os veículos, externamente, se apresentavam em péssimo estado de conservação e manutenção, como faróis quebrados, pneus “carecas” e queimam muito óleo diesel. Ao ser argüido sobre isto, nos informou o Prefeito que a empresa foi advertida para trocar a frota. Realmente, em nosso retorno, observamos que a empresa já oferecia um transporte em melhores condições de uso e segurança, mas ainda havia circulação dos antigos:

Foi dado a ele um prazo, que vence agora em março, pra ele ordenar a frota dele. Se ele não se enquadrar, nos vamos abrir uma licitação para fazer o transporte aqui do município. (J. N. Prefeito).

Olhe nesses ônibus a gente anda porque não tem outro jeito! É uma demora e sempre estão atrasando... De noite, pra gente que mora nos Distritos, fica difícil. Numa emergência, temos que depender da boa vontade e da caridade dos vizinhos. Eu canso de ajudar, mas é aquela coisa, tem a gasolina e todo mundo por lá vive com muito sacrifício. (A. M. S. Produtora de Orgânicos).

O meio de transporte mais utilizado para se locomover na cidade é o mototaxi, onde o condutor, além de um colete padronizado obedece às normas de segurança, como uso do capacete, limite de velocidade e as motocicletas estão em perfeito estado de manutenção. Os mototaxistas são extremamente educados, pontuais e excelentes guias, conhecem bem o Município e as pessoas, tanto da zona rural como da urbana. O preço da corrida dentro da cidade é de R\$ 1,00, mas para outras localidades o preço varia um pouco, em função da quilometragem e da “esperteza” do condutor. Os mais espertos, sabem que a concorrência é grande, e negociam um preço menor quando existe a possibilidade deles ficarem à disposição da pessoa o dia inteiro.

Porém, há uma grande reclamação da população que reside nos sítios, nas áreas rurais, que têm que se deslocar a pé, às vezes andando até 06 Km até a BR 232 e só podem contar com transporte alternativo, superlotados, oriundos de Chã Grande ou de Caruaru. Essa reclamação foi por nós constatada, uma vez que, além do mototaxi, era o transporte que usávamos para nos deslocarmos à cidade, já que nos encontrávamos em um dos condomínios à margem da rodovia.

Isso de tirar os ônibus daqui da BR foi coisa desse Prefeito, que fez acordo com o pessoal do transporte alternativo. Antes o ônibus passava e pegava a gente. Agora, a gente depende só das “bestas”! Tem muita “besta”, mas não busca a gente lá dentro nos sítios. Eu mesmo tenho que andar uns 06 km até a pista, quando não pego carona na bicicleta do meu marido. Isso todo dia, porque trabalho no condomínio e moro no sítio. (A. S.

Empregada Doméstica).

A Van ou a Kombi, são utilitários que fazem transporte da população para os Municípios vizinhos e atende a essa população da zona rural. A grande maioria apresenta placas de Municípios vizinhos, como Bezerros e Chã Grande. Em relação ao estado de conservação e manutenção, diríamos que metade está em perfeitas condições de uso. Acrescentaríamos que esses utilitários excedem no número regular de passageiros permitidos, e ultrapassam os limites de velocidade.

As observações indicam que os turistas e moradores de segundas-residências, não utilizam os meios regulares de transportes. Além da população local, são pessoas que estão a trabalho na cidade que fazem uso dos transportes. Para atender os privês e condomínios foi aberto uma pequena empresa de entrega que utiliza os serviços dos mototaxistas:

Eu também faço entrega de compras nos condomínios e privês, principalmente esses, que estão mais distantes do centro. Foi D. Marta que deu essa idéia, o dono abriu e cadastrou uns mototaxistas conhecidos dele. Quando precisa, ele telefona e a gente atende. (T. B. Morador e Mototaxista).

Já sobre abastecimento de água, pudemos verificar que depois da Barragem de Jucazinho, a população da cidade já não sofre com a falta d'água. Quanto à zona rural essa tem um rico manancial, inclusive com água mineral. Porém, ao longo de nossa entrevista com o gerente da FLORAPE e FLORAGRESTE, ele citou um fato curioso sobre o clima em Gravatá. Segundo ele, indo no sentido Recife/Caruaru do lado esquerdo da BR a água é salobra, o clima é quente e chove menos. Já do lado direito a água é boa, o clima é frio e chove mais. É justamente nesse lado direito, que encontramos o maior número de condomínios e privês. Porém, o interessante foi ele chamar a atenção para o fato que o gado das fazendas que ficam do lado esquerdo da BR, ou seja, do lado onde o clima é quente, a água salobra e como menos chuva serem mais gordos que o gado das fazendas do lado direito de clima frio, água boa e com mais chuvas:

Olhe, sobre a questão do problema de abastecimento de água na cidade, como antes, temos mais não! E na área rural, problema de seca não temos. No meu terreno mesmo, tenho 03 cacimbas que nunca secaram! A maioria dos agricultores tem uma fonte no terreno. Agora é engraçado o clima aqui! Parece até mentira eu dizer isso: o boi do lado de cá é mais gordo do que do lado de lá, que chove mais. O lado que chove menos o gado é mais gordo do que do lado que chove mais. O clima para criação é melhor do lado que a água é salobra. O lado de cá é frio o lado de lá é seco. A água daqui é ruim a do lado de lá é boa, e o gado se dá melhor com a água ruim porque o clima é mais quente. Na seca, na estiagem, o gado é mais gordo, já o outro o gado sofreu por causa do frio. E os condomínios, estão justamente do lado mais frio. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

As pousadas, pequenos hotéis ou hospedarias na cidade, só oferecem café da manhã. Já os demais, oferecem toda uma infra-estrutura gastronômica e de lazer aos hóspedes. As acomodações variam desde o apartamento ao chalé:

Só ofereço café da manhã. Não tenho área de lazer. (R. S. Dono de Pousada).

Além do café da manhã, oferecemos um buffet variado no almoço e no jantar. Temos ainda toda uma infraestrutura para lanches, e um bar funcionando. Já no lazer você escolhe. Tem piscinas, cavalos para passear, jogos variados, organizo passeios com os hóspedes, tanto o histórico-cultural como visitas à área rural para eles conhecerem a produção de flores. (E. C. Hoteleiro).

O hóspede não precisa sair do Hotel, para se alimentar e se divertir. Nossa gastronomia é variada, e na área de lazer temos parque aquático com piscinas térmicas, passeios e o complexo poli-esportivo. (N. S. Gerente de Hotel).

Se por um lado os eventos e festividades aumentaram o número de turistas e visitantes ao município, por outro os empresários parecem não depender deles para terem seus lucros. Os pequenos empresários do setor informam que recebem o ano inteiro, porque seus hóspedes são basicamente trabalhadores que estão em trânsito por Gravatá. Por outro lado, esses mesmos pequenos empresários não aceitam hóspedes mensalistas:

Tenho hóspedes o ano inteiro! Tem um médico que dorme aqui 01 vez por semana. Tem vendedores que passam até 02 semanas por mês. O pessoal do SENAR que vem dar cursos, também fica aqui. Eu não dependo das festividades e também abri mão dos mensalistas, porque pra mim não é interessante. Eu posso ficar com um ou dois apartamento fechados 02 ou 03 dias e, de repente, chegar um grupo de 05 ou 06 pessoas. (I. P. M. Dona de Pousada).

Sempre estou com gente na pousada. Meus hóspedes são pessoas que estão aqui, a trabalho. São eles que sustentam a pousada, os que chegam com as festividades, são extras que entram no caixa. (R. S. Dono de Pousada).

Já Hotéis como o Portal de Gravatá e o Casa Grande pudemos perceber que o seu forte, é o turismo de convenções e negócios. Ou seja, eventos realizados dentro do hotel, como exposições, leilões, congressos, treinamentos, etc. Muito embora recebam famílias, grupos da “Melhor Idade”, oriundos de diversas cidades do Nordeste. Mas essa modalidade de hóspede, geralmente é de finais de semana:

Veja bem, estamos agora em janeiro, que para Gravatá é baixa estação e eu estou com o hotel com 110% de ocupação, porque saí do apartamento que ocupo com minha família, para ceder para uma família que chegou, sem reservas, de Natal. Se eu não cedo, eles iam para Recife e tanto o Hotel como a cidade perdem. Nos finais de semana os hóspedes são famílias ou grupos da “Melhor Idade” e durante a semana, sempre há seminário, reunião, exposição. E, quando não tem nada agendado, eu invento um, como o Encontro de Carros Antigos, que já entrou na agenda cultural da cidade. (E. C. Hoteleiro).

Seja em qualquer estação do ano, o hotel está sempre com 100% de ocupação. Dificilmente alguém, sem reserva, consegue ficar aqui. Final de semana nossos hóspedes são famílias de diversas partes do Nordeste, e durante a semana temos as convenções. Temos 07 salões só para convenções, totalmente equipados. (N. S. Gerente de Hotel).

O Portal de Gravatá, por enquanto, é o único Hotel que além da infraestrutura hoteleira, também oferece o serviço de Apart-Hotéis, dentro da própria propriedade. São 142 unidades, de 02 a 04 suítes totalmente vendidas. O serviço prestado pelo Apart-hotel é de camareiras, antena parabólica, telefone, jardineiro, segurança, manutenção, mensageiros, serviço de quarto, serviços de bar e restaurante. Atualmente estão em fase de construção e comercialização, mais 12 apartamentos.

Já o Vila Hípica agiu de maneira inversa, ao Portal de Gravatá. Começou como Apart-Hotel e Clube Hípico em 2004, e agora diversificou para a construção de hotel. São 124 apartamentos do tipo Studio (com 62 m<sup>2</sup>) ou Loft (88 m<sup>2</sup>), com toda infraestrutura de camareiras, antena parabólica, telefone, jardineiro, segurança, manutenção, mensageiros, serviço de quarto, serviços de bar e restaurante:

Aqui no Vila, nós fazemos toda a parte de “home service” nos apartamentos. Temos o Centro Hípico onde você pode aprender equitação, alugamos baias, tomamos conta dos cavalos e temos uma boutique. Também temos o Restaurante Boteco da Vila, salão de jogos, piscinas aquecidas, lojas de cafés, sorveterias, doces e lanches. Em construção temos a quadra poliesportiva, de tênis e golf. O Hotel deve ser inaugurado em 2007. (D. S. Gerente de Flat).

No Centro Hípico encontramos 02 pistas oficiais de hipismo, uma com redondel coberto para aulas e adestramento dos cavalos, e outra descoberta. São 60 baias para alugar, onde os cavalos recebem assistência médica veterinária 24 H, manejo nutricional e higiênico. Além disso, tem uma loja de produtos para quem pratica o hipismo e promove enduros eqüestres, caminhadas e passeios a cavalo. Os cursos oferecidos de hipismo são para adultos e crianças e se dividem nas modalidades: básico e avançado. As aulas, segundo a gerente, são ministradas por um especialista no assunto, que veio de Brasília. As aulas podem ser de 01 a 03 vezes por semana, com 01 hora de duração.

Quem toma conta do Centro Hípico é um especialista no assunto, que Dr. Luiz trouxe de Brasília. Não sei te informar os preços dos aluguéis das baias, e das aulas. Sei que são aulas para adultos e crianças, tanto para quem está iniciando como para quem já pratica hipismo, com 01 hora de duração, e você escolhe de 01 a 03 vezes por semana. Promovemos enduros e passeios a cavalos, também. (D. S. Gerente do Flat).



Em visita ao “site”<sup>22</sup> do Vila Hípica apuramos que o preço da mensalidade estava em torno de R\$ 390,00 (pacote: aluguel de baia, e cuidados médicos, higiênicos e nutricionais). Já os preços da hora/aula dos cursos: Básico e Avançado estavam entre R\$ 59,00 e R\$ 65,00 respectivamente para 01 hora/aula por semana, a R\$ 110,00 a R\$ 138,00 para 03 horas/aulas semanais.

Informa o site que o hotel terá 100 apartamentos, com telefone, televisão a cabo, frigobar, sala de massagens e terapias alternativas, piscinas aquecidas, bar, restaurante, sala de ginástica, salão de convenções com capacidade para 500 pessoas. Será totalmente independente da área que compõe o Apart-Hotel e Centro Hípico.

Outro empreendimento diferenciado oferecido é a Pousada Sempre Verde Vivências e Cavalgadas, localizada em plena área rural de Gravatá. Em conversas informais e pesquisa na internet, conseguimos saber que esta pousada não é Fazenda-Hotel, como nos havia informado o Diretor de Turismo. Apesar de oferecer um serviço diferenciado, a principal atividade da fazenda não é a agricultura, mas sim o turismo de hospedagem.

O proprietário é advogado, brasileiro e a esposa uma sueca, que veio ao Brasil em 1995, financiada por um projeto sueco de ensino sobre a produção de orgânicos para crianças pobres. Moram numa propriedade vizinha, conhecida como Fazenda Vale Verde, que utiliza energia solar para gerar energia, aquecer a água e secar frutas, moinhos de vento para bombear a água, trabalha com a agricultura orgânica do café, criam animais. Essa propriedade é considerada Fazenda-Modelo e, sua filosofia é norteadas pelos princípios da agroecologia. Logo mais adiante, voltaremos a falar dessa fazenda.

A pousada cobra diária com café da manhã, mas, oferece todas as refeições. Os hóspedes têm a opção de usarem as cozinhas das 02 casas. A menor tem 03 quartos duplos, 01 banheiro e 01 cozinha. A maior tem 05 apartamentos duplos, com banheiros individuais e 01 cozinha.

Há um guia, que além do inglês fala o sueco. Dentre as atividades de lazer oferecidas estão passeios, cavalgadas, caminhadas pelos sítios dos produtores de orgânicos, aulas de ecologia, produção de orgânicos, construção tradicional, visitas ao projeto sócio/ambiental que os proprietários desenvolvem com as crianças das redondezas, visitas aos haras e à cidade.

---

<sup>22</sup>Disponível em: <http://www.vilahipica.com.br> Acesso em: 20/02/2007.

No ramo da gastronomia, Gravatá realmente oferece serviços diversificados entre restaurantes, bares, lanchonetes, cafeterias, sorveterias, soparias. Além dos restaurantes que servem o “tradicional” fondue, os mais conhecidos são Picanha da Serra e Oficina da Charque. Em relação a café, a referência é o Café do Abel que além do café, oferece o chocolate quente ou frio, doces e salgados finos.

Mas o que chamou nossa atenção foi que apenas 01 empresário informou a média mensal, do seu faturamento líquido. Todos os demais empresários de qualquer atividade, sempre nos respondiam que era uma média difícil de fazer, porque havia uma variação grande.

Olhe, líquido de cada loja, tirando as despesas, eu tenho uma média de R\$ 3 mil a R\$ 3,5 mil. No período de março a setembro é mais uma coisinha. (J. S. S. Morador e Comerciante).

Assim, poderíamos concluir esse tópico afirmando que o turismo e as segundas residências são atividades que, aos poucos, foram se insinuando e tomando conta da vida de cada dia da população de Gravatá. E, nesse lento processo, promoveu a revitalização da cultura regional que por seu turno, reforçou o sentimento de pertença ao lugar. Ou seja, a cultura local foi convertida em um componente, da oferta turística de Gravatá. Nesse sentido, poderíamos conceber a cultura local como recurso social e, como tal, é o motor que dinamiza a economia do município.

### **3.2. A Moderna Agropecuária em Gravatá e suas Relações com o Turismo e o Lazer**

Como ficou evidente no capítulo anterior, o processo de transformação social em Gravatá, teve início a partir da iniciativa pessoal de um pecuarista em 1968. É daí que a modernização do meio rural começou a dar seus sinais, e Gravatá passou a ter visibilidade no cenário agropecuário estadual, regional. Essas informações vêm ao encontro do que está disponibilizado no site da empresa agropecuária Haras Passira<sup>23</sup>, de propriedade do Engenheiro Isnar Amorim. O pecuarista procurou diversificar, e investiu na pecuária bovina diferenciada. Só depois, na década de 1970, é que passou a investir na criação de cavalos que, até então, era apenas um “hobby”.

Tudo começou em 1968 com a criação de Gado Gir, o famoso "GIR DA PASSIRA", recebendo por 10 anos consecutivos o título de melhor criador e expositor do Nordeste, com 10 Palmas de Ouro e 2º melhor expositor da Exposição Nacional em Uberaba onde

---

<sup>23</sup> Disponível em: <http://www.haraspasira.com.br> Acesso em 12/10/2006.

ganhou vários campeonatos e o melhor Novilho Precoce. Foi pioneiro em todo o Nordeste na exportação de tourinhos GIR para a África (Moçambique), e de sêmen para o México.<sup>24</sup>

Atualmente, Gravatá é o local na região Nordeste de maior concentração de haras para a criação das raças Manga Larga e Quarto de Milha, sendo que o mais antigo e conhecido é o Haras Passira: o único que investe na criação e reprodução do Quarto de Milha, especificamente para Vaquejada. Os animais, ou seus filhos, estão sempre entre os vencedores dessa modalidade desportiva e o cruzamento com os garanhões custa em média, R\$ 3.000,00. Nos Estados Unidos, ganhou diversos campeonatos e o certificado "Register of Merit", pela American Quarter Horse Association.

O seu fundador, o Pecuário e Engenheiro Isnar Amorim, apaixonou-se desde cedo por cavalos tendo corrido vaquejada por esse Sertão a fora, pelos idos de 1968 a 1972, demonstrando até hoje um grande amor pelo cavalo. Neste período criou cavalos da raça Manga-larga Marchador e jumentos da raça Pêga, tendo obtido, com os seus animais, vários títulos importantes com destaque para Corisco da Passira, Campeão Nacional, da raça Pêga.<sup>25</sup>

Segundo o site, atualmente o Haras Passira tem um plantel de 60 matrizes, sendo que 90% são “éguas de trabalho e 10% de linhagem de corrida”. Como a especialidade é a criação de animais para vaquejada, a empresa está investindo forte no melhoramento genético uma vez que para cada 1.000 machos nascidos, apenas 01, talvez, venha a se tornar garanhão. Informa que “todos tentam ser selecionadores, mas, poucos conseguem ser”. Para isto, conta com uma equipe de geneticistas, composta por veterinários e zootecnistas, que vêm desenvolvendo pesquisas que visam criar um cavalo que conserve as características básicas da raça, ou seja, beleza e mansidão. Mas que ao mesmo tempo apresente características maiores de velocidade e “estrutura física para derrubar todo tipo de boi que se apresentar nas classificações e, principalmente, nas disputas finais das vaquejadas”.<sup>26</sup>

A empresa também conta com uma equipe de apoio, como tratadores e pessoal responsável pela parte do manejo, alimentação e controle sanitário dos animais. Desses, 05 moram no Haras com suas respectivas famílias. Além de veículo adequado para o transporte de animais, o Haras controla toda a parte de equipamentos necessários à criação tais como “cultivo da terra, manutenção de pastagens e de fenação ampliando, a cada ano, a sua capacidade de suporte”. Na parte de treinamento dos animais o Haras tem 02 redondels murados - sendo 01 em

---

<sup>24</sup> Disponível em: <http://www.haraspasira.com.br> Acesso em 12/10/2006.

<sup>25</sup> Disponível em: <http://www.haraspasira.com.br> Acesso em: 12/10/2006.

<sup>26</sup> Disponível em: <http://www.prefeituragravata.com.br>. Acesso em: 12/10/2006.

área coberta com 16 metros de diâmetro e o da área descoberta tem 37 metros de diâmetro – e uma pista de treinamento específica para Vaquejada, de 140 metros de comprimento “totalmente equipada”.

Não só os animais do Haras Passira são campeões de vaquejada, como também, os animais nascidos lá e vendidos posteriormente como foi o caso em janeiro de 2007 de Manchete filho de Mean and Lean, que ganhou a 1ª Etapa do Circuito Alagoano de Vaquejada em Teotônio Vilela. O Haras Passira é uma das empresas, que está sempre promovendo leilões em Gravatá.

Outra empresa envolvida mais recentemente na criação, inseminação artificial e leilões de cavalos Quarto de Milha é o Haras Nossa Senhora de Lourdes que possui uma área de 240 hectares. Seu plantel é de 160 cavalos, entre potros e adultos, também com um histórico de vitórias em campeonatos brasileiros de corrida, apartação, tambor e baliza.<sup>27</sup>

As informações da Prefeitura ainda dão conta que esse Haras possui uma infra-estrutura completa desde as instalações em baias, a campo para produção de capim e feno, redondel, pistas de treinamento, depósito de alimentação e controle sanitário rigoroso. São 41 matrizes selecionadas para inseminação artificial, e que só recebem o sêmen do garanhão Doc Jay Koko de 08 anos de idade. Há, ainda, mais 02 matrizes importadas dos Estados Unidos sendo que uma, Mary Pepita, foi quinta colocada no Campeonato Internacional de Apartação de 1994 e a outra, Foxy Prescription, foi campeã do Campeonato Brasileiro de Apartação de 1994.<sup>28</sup>

Sua produção anual está por volta de 40 cavalos que são comercializados para todo o país e seu preço pode chegar a R\$ 50 mil (valores de 1998), “dependendo do seu potencial genético”. Recentemente, o Haras adquiriu mais um reprodutor da raça Paint Horse importado do Texas, nos Estados Unidos. Segundo consta, essa raça é totalmente desenvolvida em laboratório “para transmitir linhagem genética e pelagem popularmente conhecida como ‘pampa’. É um animal homozigoto, transmitindo 100% de suas características para seus filhos”. O objetivo do Haras na importação do animal é fazer o cruzamento com 15 éguas da raça Quarto de Milha. Este Haras também promove leilões em Gravatá e Recife, e participa assiduamente de feiras e exposições.<sup>29</sup>

Outro Haras importante para o Município é o Vale das Acácias. Nesse, pudemos constatar que além da criação de cavalos da raça Manga Larga, aluguel de baias e cavalos para

---

<sup>27</sup>Disponível em: <http://www.prefeituragravata.com.br>. Acesso em: 12/10/2006.

<sup>28</sup>Disponível em: <http://www.prefeituragravata.com.br>. Acesso em: 12/10/2006.

<sup>29</sup>Disponível em: <http://www.prefeituragravata.com.br>. Acesso em: 12/10/2006.

passeios, possui uma pequena infraestrutura voltada especificamente para o turismo, como a “Cidade Country”. Esta “cidade” conta com bar e restaurante, além de um pequeno criatório de animais exóticos como os pôneis, mini-bois de olhos azuis, galinhas da China, avestruz e realizam passeios e cavalgadas guiadas.

Ainda no âmbito da agropecuária, outra empresa de destaque no cenário nacional é a Carotá Rebanho, criada em 1998, do pecuarista Luiz Felipe Brennand, conhecida pelo desenvolvimento do melhoramento genético da raça Bôer na caprinocultura, e das raças Doper e Santa Inês na ovinocultura.

A atual estrela do seu rebanho é o bode Bôer “Super Boy”, o mais valioso do mercado nacional, avaliado em mais de R\$ 1 milhão. Embora esteja na Fazenda Lagoa do Cavalo em Gravatá, pertence a um consórcio de proprietários. A criação se iniciou com a raça Santa Inês, através da compra de matrizes e reprodutores dos melhores criadores brasileiros. A raça Bôer se deu a partir da compra de campeões, ou filhos de campeões oriundos dos Estados Unidos e, posteriormente, a empresa importou embriões de cabras da África do Sul. Já a raça Dorper, teve início em 2003, se deve a excelente qualidade da carne.<sup>30</sup>

Devido à moderna tecnologia utilizada para a coleta de embriões, a empresa foi escolhida como a melhor criação da raça Bôer do Brasil. Ganhou inúmeros prêmios, participando ativamente de leilões, feiras e exposições não só como expositor, mas, também, através dos cursos ministrados por seus técnicos. Agora em abril de 2007, na Exposição Agropecuária de Brasília, a empresa “conquistou os principais prêmios da feira de criatórios de caprinos e ovinos – Grande Campeã Bôer, Grande Campeão Santa Inês, além dos títulos de Melhor Criador e Melhor Expositor Bôer para Luiz Felipe Brennand, e cinco vice-campeonatos”. (JORNAL DE BRASÍLIA, 2007).

Além de Gravatá, atualmente a empresa tem uma filial no Estado da Bahia, no Município de Baixa Grande, onde segue os mesmos padrões de qualidade desenvolvidos no Estado de Pernambuco. A empresa oferece, ainda, serviços de congelamento de sêmen, transferência de embriões, inseminação artificial, para rebanhos de caprinos e ovinos de todo o país.<sup>31</sup>

Segundo reportagem do Jornal Valor Econômico (2005) a empresa Rebanho Carotá é quem mais investe no país, na caprinocultura e ovinocultura e os “aportes chegaram a R\$ 6 milhões nos últimos anos, e outros R\$ 5 milhões foram aplicados pela empresa em uma unidade

---

<sup>30</sup>Disponível em: <http://www.caroota.com.br> Acesso em: 12/05/2007

<sup>31</sup>Disponível em: <http://www.caroota.com.br> Acesso em: 12/05/2007

inaugurada em 2003 na Bahia”. Os dados indicam que houve um crescimento na importação de carne ovina de 2, 3 mil, para 14,7 mil toneladas, no período entre 1992 e 2000.

O melhoramento genético das raças além de possibilitar um melhor aproveitamento da carne em 50% a 55 %, em relação à caprinovinocultura tradicional, reduz a idade do abate do animal de 120 dias, para 100 dias. A previsão da empresa é chegar a 5 mil embriões fecundados por ano, quando todas as fêmeas estiverem aptas a serem inseminadas. Segundo o produtor, Luiz Brennand "A manipulação genética altera o ciclo da natureza, de forma a ampliar o ganho para o produtor". Ganho este que o produtor espera faturar aproximadamente R\$ 4 milhões, nas empresas de Gravatá e da Bahia. (VALOR ECONÔMICO, 2005).

Mais recentemente, a Revista Algo (2007) fez uma reportagem sobre a formação de uma rede de veterinários “para atuar na Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas, Ceará, Piauí, Sergipe, Bahia, São Paulo e Paraná”. A finalidade dessa rede é a comercialização de sêmen de caprinos Bôer, e ovinos Santa Inês e Dorper no país. Ainda segundo a reportagem, o interesse de formar essa rede se deve ao fato de que o “número de espermatozoides viáveis, tem um nível superior ao exigido pelo Ministério da Agricultura”.

Os leilões promovidos em Gravatá, tanto pelo segmento da caprinovinocultura como pelo segmento equino, são transmitidos pelo Canal do Boi e captados pela antena parabólica.

Ressaltamos, ainda, que outro segmento que vem se fortalecendo a cada dia em Gravatá no meio rural, é a produção de flores e plantas ornamentais. Segundo informa o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas/SEBRAE/PE em 1995, resultado de uma pesquisa realizada em parceria com a Universidade de São Paulo/USP, em Pernambuco havia 197 produtores trabalhando em 125 hectares de terra (Recife, Gravatá, Bonito e Garanhuns). Destes, 32 produzem flores tropicais e 165 flores tradicionais.

Mesmo possuindo proporcionalmente um número menor de produtores de flores tropicais, Pernambuco é considerado o primeiro produtor nacional desse segmento, e o quinto produtor brasileiro de flores tradicionais. São movimentados recursos da ordem de R\$ 36 milhões, gerando 800 empregos diretos e indiretos, com rendimentos superiores aos da produção de cereais e frutas. (SEBRAE, 1995).

O aspecto que justifica tal posição para a consultora em desenvolvimento de mercado, se deve ao associativismo e cooperativismo existente na categoria de produtores rurais de flores, e plantas ornamentais. No Estado de Pernambuco havia na época da pesquisa, 04 associações e uma cooperativa, cuja produção era voltada para o mercado externo. Um dos entraves para a melhoria do setor no Estado se deve a não isenção do ICMS como acontece em outros estados brasileiros, como Ceará, Alagoas e Maranhão. (SEBRAE/PE, 2007)<sup>32</sup>.

---

<sup>32</sup> Disponível em: <http://www.pe.sebrae.com.br/>. Acesso em: 15/05/2007.

Nesse sentido, o SEBRAE/PE estabeleceu parcerias com diversos órgãos com vista a promover o fortalecimento da cadeia produtiva de flores, no estado de Pernambuco. São os seguintes os órgãos envolvidos: Delegacia Regional do Ministério da Agricultura, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária/EMBRAPA, Instituto Brasileiro de Floricultura/IBRAFLO, Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária/IPA, Empresa de Abastecimento e Extensão Rural do Estado de Pernambuco/EPABE, Companhia de Abastecimento e de Armazéns Gerais do Estado de Pernambuco/CEAGEPE, Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE, Federação da Agricultura do Estado de Pernambuco/FAEPE.<sup>33</sup>

Em nossas entrevistas pudemos constatar a parceria e a atuação do SEBRAE entre os 150 produtores de Gravatá, que possuem, em média, uma área de produção de 04 a 06 hectares podendo ser cultivadas tanto no campo como na estufa. Em 2003, foi criada a Associação dos Produtores de Flores de Pernambuco/FLORAPE, e a Cooperativa dos Produtores de Flores do Agreste/FLORAGRESTE, em 2004. Tanto na primeira, como na segunda, os respectivos presidentes são os maiores produtores, o primeiro o maior produtor de flores do município e o segundo o maior produtor do Nordeste de lírios branco e laranja. Ao contrário do que pensávamos, a produção de flores e plantas ornamentais começou na região, no município de Bonito com os japoneses oriundos de Atibaia/SP.

Nossa flor aqui é só de corte e plantas ornamentais. A média de área da propriedade é relativa. Tenho de produtor com 04 a 06 hectares. Tenho produção no campo, e em estufa. Depende do tipo da flor! A FLORAPE foi criada em 2003 e a FLORAGRESTE em 2004. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa)

Foram os eventos promovidos pelo SEBRAE e Prefeitura de Gravatá, que deram projeção à produção, tanto de flores e plantas ornamentais como à produção de morangos e orgânicos. Graças aos eventos, novos negócios foram fechados pela Cooperativa, Associação e pela produção individual de morango e orgânicos:

Nossa flor aqui é só de corte, e plantas ornamentais. Eu gerencio tanto a FLORAPE, como a FLORAGRESTE. O Arnaldo Presidente da FLORAPE é o maior produtor de flor, daqui. Já o Lourenço, nosso Presidente da FLORAGRESTE, é o maior produtor de lírio branco e laranja do Nordeste. O SEBRAE dá um apoio monstruoso à gente! Foi Bonito que puxou pra Gravatá, e começou com os japoneses que vieram de Atibaia. Gravatá é mais conhecido como produtor, por causa do nosso trabalho de divulgação. A Festa das Flores e do Morango de 2005 foi coisa de cinema! O SEBRAE e a Prefeitura deram todo apoio na divulgação. Recebemos muita gente de fora. E eu consegui uma clientela

---

<sup>33</sup> Disponível em: <http://www.pe.sebrae.com.br/>. Acesso em: 15/05/2007.

excelente, com o pessoal de Juazeiro no Ceará. Mas o pessoal não cooperado ou associado, também ganhou clientes. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

Quem dá dar uma força muito grande é o SEBRAE, e mais nada. Nós estamos nas mãos de Deus, e da nossa vontade! (A. C. Produtor Rural e Presidente de Associação).

Ao perguntarmos se os produtores de flores recebem visitas de turistas ou moradores de segundas-residências, os entrevistados informam que elas acontecem por meio do agendamento porque há o risco de transmissão de vírus e pragas. Já a entrada de grupos de visitantes oriundos do Hotel Portal de Gravatá, é liberada porque o funcionário do hotel é treinado e sabe em que estufas podem entrar. Já no meio dos produtores de orgânicos eles informam que já receberam visitantes, mas que as visitas diminuiram porque as vias de acesso inviabilizam o interesse dos visitantes. Também, recebem turistas hospedados na Pousada Rural Vivências e Cavalgadas:

Recebo os hóspedes do Portal porque o Eduardo já tem um esquema com pessoa treinada, e essa pessoa sabe onde pode entrar, onde não pode e não me prejudica nada. Agora a visita aberta a qualquer pessoa não posso, porque tem o problema das pragas. Precisa agendar, porque tenho que estar presente. Mas sempre recebo o pessoal da Escola Técnica, e da Universidade Rural. (A. C. Produtor Rural e Presidente de Associação).

Nós recebemos muito turistas que ligam pra cá, querendo comprar ou fazer visitas. Nós entramos em contato com os produtores, e se eles autorizarem, marcamos pra ele. Porque flores é muito difícil trabalhar com elas... Tem todo aquele preparo e basta um vírus, que você leve na roupa quando entrar na estufa, pra contaminar toda a produção. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

Eu já até recebi muita gente e gostava, porque sempre vendíamos. Mas com essas estradas, fica difícil. Quem vai querer colocar seu carro novo, naquelas estradas? Uma vez ou outra, aparece alguém do Vivências... (M. S. Agricultor Orgânico).

Diante do exposto, podemos afirmar que a moderna agropecuária que vem sendo desenvolvida em Gravatá não só aproveita e se beneficia do turismo, como também cria novas oportunidades de negócios.

### **3.3. O Trabalho e o Lazer em Gravatá.**

#### **3.3.1. O Trabalho em Gravatá**

Diferente de nossa dissertação de mestrado que se ateve a apenas à categoria de pescadores, foram diversas as categorias de entrevistados. Desde o empregado de carteira assinada, ao autônomo como o mototaxista ou ambulante que vende comida em uma barraca, ao pequeno produtor rural tanto de flores como de orgânicos, empresários, comerciantes, artesãos, moradores de segundas-residências. Neste tópico, nos deteremos nos trabalhadores formais, autônomos e produtores rurais que mais diretamente lidam com o turismo e as segundas-residências. Em nossa dissertação identificamos que



para os pescadores o trabalho está mais relacionado ao mundo subjetivo que ao objetivo de que fala Kosik (1995, p. 207-208), indo ao encontro do que afirma Baczko (1985, p. 310) sobre a importância do mundo simbólico no imaginário social.

é uma necessidade do espírito que brota de dentro de si e tem a ver com a liberdade, independência e o prazer. Não é apenas uma questão de trabalhar, por necessidade para sobreviver. É algo mais subjetivo, que suplanta o âmbito da objetividade... Há, inclusive, aquele que exprime, além do pesar pela situação pesqueira, um sentimento de saudosismo que remete a uma visão mítica e simbólica dos pescadores como homens-heróis. (VIANA RODRIGUES, 2001).

Porém, não conseguimos identificar essa mesma visão, nem sentimento nos entrevistados de Gravatá. Nem mesmo nos artesãos que trabalham com a arte, enquanto processo de criação. A visão do mundo material se manifesta mais forte. Para eles, a mudança de vida ou de atividade profissional, é algo “normal”, porque eles acreditam que estão mudando para melhorar sua vida material objetiva. Ou mudam o tipo de produção agrícola que desenvolvem, como no caso do pequeno agricultor de orgânicos que estava desistindo da profissão, por conta da baixa lucratividade da agricultura tradicional. Rapidamente se adaptaram às novas condições. Não expressam o saudosismo do pescador tradicional, porque o passado, para eles, representa necessidade material e doença. Mas encontramos aqueles da zona urbana, que escolheram a agricultura como trabalho e fazem um curso de graduação:

Sair do sítio ruim? Pra mim, foi normal porque aqui pude estudar um pouco e prosperar. Se tivesse ficado lá, eu não tinha o que tenho. (J.S.S. Comerciante).

Eu e meu marido produzíamos com agrotóxicos. Meu marido se aposentou, e até hoje é doente, mas eu e meus filhos depois que estamos nos orgânicos tudo melhorou na saúde e no dinheiro. Eu comecei nos orgânicos trabalhando para os suecos<sup>34</sup>, só depois de uns tempos fiz minha própria horta. Meu marido ajuda, e meus filhos também. (A. M. S. Produtora de Orgânicos).

Olhe eu estava pra deixar de plantar porque só tinha prejuízo na agricultura tradicional, mas o pessoal da AMA me convenceu, e mudei para o orgânico. Só que tem uma coisa: a gente como a senhora está vendo está na feira de Gravatá, mas não estamos misturados no meio dela. Estamos separados, temos esse avental, nossa barraca é diferenciada, porque nosso produto não pode correr o risco de se contaminar. Ali está cheio de produtos com agrotóxicos. O morango mesmo é cheio! Com o que ganho hoje, vivo mais tranquilo e com mais saúde! Antes vivia doente! (M. S. Agricultor de Orgânico).

Eu trabalho só aqui, na feira de Gravatá. Antes eu trabalhava com agricultura tradicional, e só tinha prejuízo. (B. C. S. Agricultor de Orgânicos, Assentamento Perseverança).

Sou de Recife... Virei produtor há 12 anos, e com flores há 10 anos, porque é um excelente negócio. Como lhe falei sou Técnico Agrícola porque gosto da terra, mas estudo Administração. (A. C. Produtor Rural e Presidente de Associação).

Sou Agrônomo, mas me criei aqui na cidade. (L. Z. Produtor Rural e Presidente de Cooperativa).

---

<sup>34</sup> Ela quis se referir ao casal, donos da Fazenda Vale Verde.

Especificamente sobre a pluratividade foi percebida, em menor escala pelos produtores rurais de orgânicos, e mais ainda nos produtores de flores e plantas ornamentais que são consultores, servidores públicos, agrônomos, técnicos agrícolas, professor, etc. Os produtores orgânicos estão envolvidos com a AMA ou a FAEPE que dão assistência técnica na produção e na comercialização, em feiras tanto em Gravatá como em bairros do Recife. Um dos entrevistados de orgânicos ainda fornece para a Cooperativa Ecoorgânica<sup>35</sup> em Vitória de Santo Antão, que faz distribuição para os supermercados do Recife. Apenas um produtor de orgânicos vende “sulanca”, nos finais de semana:

Hoje vendo aqui nas feiras de Gravatá, em diversos bairros do Recife e entrego parte da produção para a Cooperativa de Vitória, que distribui para o supermercado. (M. S. Agricultor de Orgânicos).

Eu trabalho aqui nessa feira, e em mais dois bairros do Recife. É o pessoal da AMA que organizou a gente. (A. M. S. Agricultora de Orgânicos).

Temos produtores de ambos os sexos que além das flores exercem outras atividades não agrícolas como consultor, servidor público, professor, analista de sistemas, como tenho produtores que trabalham na agricultura produzindo verduras. Tenho produtor brasileiro, japonês e francês. Mas a renda mensal, com as flores dá para viver bem. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

Também sou Consultor do SEBRAE para flores tropicais de clima temperado, representante da Vicaflor. (L. Z. Produtor Rural e Presidente de Cooperativa).

Moça, eu faço de tudo! Produzo orgânicos e vendo roupa, porque sou novo no negócio, ainda. Pego minha moto no domingo, e saio pelos assentamentos vendendo. (B. C. S. Agricultor de Orgânicos, Assentamento Perseverança).

Encontramos também aqueles que residem no meio rural, mantém sua agricultura tradicional, mas trabalham em atividades urbanas. A agricultura tradicional para eles deixou de ser a atividade que provê a subsistência familiar e passou a ser fonte principal de alimentação e, no caso estudado, deixou também de ser negociada.

Nos deparamos com esse fato ao entrevistarmos os trabalhadores dos privês e condomínios como caseiros, eletricista, porteiros, vigias, jardineiros e empregadas domésticas. Para eles, os condomínios e privês representam carteira assinada, direitos trabalhistas e salário certo no final do mês, e conseqüentemente melhoria na qualidade de suas vidas. As mulheres quando perguntamos sua profissão, se dizem empregadas domésticas; o homem, acima de 40 anos, sua referência profissional é de agricultor, os mais jovens se dizem jardineiro, eletricista, vigia, caseiro.

---

<sup>35</sup> Disponível em: <http://www.hortaevida.com.br/inicial.html> Acesso em: 15/07/2007.

Segundo observamos e as entrevistas indicam, os acima dos 30 anos de idade quando não analfabetos são apenas alfabetizados. Já os mais novos estão estudando, ou concluindo o ensino médio. Para eles, chácaras, condomínio, privês e hotéis representam emprego e trabalho para as pessoas da zona rural. Outra observação nossa foi que os homens acima de 35 anos geralmente recusam empregos domésticos e, quando trabalham não permitem que assinem a carteira profissional para “não sujar”, criam problemas porque se sentem humilhados em fazer um serviço considerado de mulher. Aliás, um desses “evitou” a nossa entrevista, porque acompanhamos de perto todo o seu processo de “angústia existencial masculina”. Para os empregadores, apesar da falta de qualificação, eles se dizem satisfeitos porque são pessoas que não só tem boa vontade de aprender como são de sua total confiança; fazem o serviço com pontualidade, são respeitosos. Uma entrevistada ressaltou a diferença existente entre estes, e o trabalhador de área litorânea. Embora não tenha sido expressado em nenhum momento, a impressão que tivemos é que os elogios dos empregadores ao usar as palavras “confiança”, “ordeiro”, “disciplinado”, na verdade eles estavam ressaltando a humildade como uma qualidade intrínseca deles, principalmente quando uma entrevistada compara com a população praieira:

Trabalhar aqui nos condomínios só posso achar uma coisa boa, porque veio muito emprego para nós mulheres pra cozinhar, arrumar. Eu sou Empregada Doméstica, tenho minha carteira assinada, o meu salário certo. E o melhor, não trabalho aqui todos os dias. Venho na quarta pra começar a faxina, e só volto pra terminar na sexta. Aí fico até segunda. Meu marido também trabalha aqui, só que pro condomínio, de eletricitista. A senhora viu... ele perdeu o emprego ganhando muito mais, por causa da besteira de não querer pegar na vassoura! Ainda bem que o condomínio ficou com ele. A gente mora no sítio de meu pai que é vigia, num sítio aqui perto. A gente planta e cria para comer apenas, não vendemos nada. O que sobra a gente dá na vizinhança, que é muito pobre. Aqui que eu saiba é todo mundo da zona rural e os que não são analfabetos, é como eu que só tem ensino até a quinta série. (A. S. Empregada Doméstica de Condomínio).

Eu tenho 45 anos e só assino o meu nome. Sou agricultor pequeno de 1 hectare, mas sou sindicalizado. Eu planto junto com meus meninos, só para o consumo de casa. Meu menino também é caseiro numa chácara. Eu trabalho há 10 anos como vigia, de condomínio e de chácara. Aqui nesse condomínio estou há 4 anos, e tenho minha carteira. Nunca fiz curso nenhum. É melhor trabalhar no condomínio, porque o salário da gente é melhor. São 05 empregados do condomínio, fora os empregados particulares das casas. Isso de condomínios, chácaras e hotéis dá muito emprego, para o pessoal daqui da zona rural. (J. S. S. Agricultor e Vigia).

Tenho 28 anos e tenho pouco estudo. Minha profissão é de jardineiro na carteira. Eu ajudo meu pai no sítio porque a gente planta e tem criação. Não, é para comer! A gente não vende mais, não! Lá em casa todo mundo trabalha fora! Eu não, mas meu pai é sindicalizado. Eu só sei que se não fosse esses condomínios e privês a dá emprego, a gente estava era passando fome. Esse turismo está dando muito emprego, pra o povo daqui. (L. M. B. Jardineiro).

Minha agricultura e meus bichinhos são para o uso de minha família. Sou agricultor sindicalizado e vigia na carteira, faz muito tempo... Se não fosse esses condomínios a gente estava era passando necessidade porque a agricultura só, não dá pra viver. (J. F. M. Agricultor e Vigia).

Eu já trabalhei com doméstica, mas como copeira assim de carteira assinada é a primeira vez. Eu estudo e aqui minha patroa me ensina tudo. Eu trabalhei na agricultura, pra ajudar meu pai. Eu prefiro trabalhar como doméstica. Na agricultura o serviço é mais pesado, é mais duro... Aqui é mais fácil, e ganho mais. Na minha casa a gente produz para comer, porque meu pai é vigia num sítio. Assim, esses condomínios e privês tirou muita gente da agricultura, da miséria. Muita gente agora tem seu salário, sua carteira assinada. Agora eu trabalho a semana toda aqui, e folgo um dia. (J. L. L. Copeira).

A minha empregada chegou sem saber de nada. Eu ensinei a fazer tudo. É gente muito simples, semi-analfabeta, mas vale a pena ensinar porque eles querem aprender e são de confiança. Hoje eu só dou uma orientação do que quero, e tudo é feito com perfeição. Entrego minha casa a ela sem nenhum medo, porque ela zela e cuida, como se fosse dela. (G. R. B. A. Moradora de Condomínio).

Eu tenho fixos nessa casa 04 empregados, Sendo 03 daqui de Gravatá e a cozinheira é de Recife. O pessoal aqui é ordeiro, disciplinado, gosta e tem vontade de trabalhar. Não é o praieiro. Há uma diferença. Eu tenho casa na praia, e sofro com empregados lá. (M. F. Moradora de Condomínio).

Aqui no privê os nossos empregados, são todos da zona rural. A minha empregada não sabia, nem forrar uma cama! Hoje faz tudo para mim! Nunca vi ninguém aqui se queixando, dos seus empregados. Até os empregados do privê são prestativos, não se negam a fazer nada, se por acaso precisarmos dele. Essa gente daqui dá gosto fazer alguma, ajudar porque são muito prestativos. Não são arrogantes. Pena que em Recife a gente não encontra mais gente assim, disposta a querer aprender a fazer as coisas diretas. (S. C. Moradora de Privê).

Nos segmentos da hotelaria, gastronomia, comércio e indústria em geral, o empregado é oriundo basicamente da área urbana. Para eles, o trabalhador não precisa mais sair em busca de empregos, em outras localidades. Ficar próximo à família e amigos, à terra que nasceram são referências importantes para eles:

Não ter que sair da minha terra para procurar emprego, já é muito bom. Aqui tenho minha família, meus amigos. (A. J. Garçom).

Essa coisa de turismo, dos privês foi muito importante para o povo daqui. Ninguém mais vai embora atrás de trabalho! Quem quer estudar, tem escola e nas cidades perto tem até faculdade! Eu nem tenho muito estudo, mas dou força para quem quer se melhorar, estudar como faço como um empregado meu que faz faculdade em Vitória. (G. F. Artesão, Comerciante).

Se não fosse esse meu emprego aqui eu acho que tinha ido ser empregada doméstica lá em Recife, ou ido para São Paulo e Rio de Janeiro, como tanta gente que já foi. Eu nem gosto de pensar nessas coisas, prefiro ficar pensando no meu emprego aqui onde estou perto da minha família. (M. D. S. Camareira).

Eu trabalho na terra ainda, para ajudar meu pai. Mas cansei dessa vida faz tempo. Se não fosse meu emprego de jardineiro, eu tinha ido embora daqui faz tempo. (L. M. B. Jardineiro).

Diante do exposto, evidencia-se que o turismo e o lazer (segundas-residências) em Gravatá, têm promovido a geração de emprego e contribuído para a melhoria da qualidade de vida da população, principalmente a rural. Tem também sido um instrumento importante, que está contribuindo para conter o êxodo rural.

### **3.3.1.1. O Associativismo em Gravatá**

Esclarecemos que chegamos às formas de Associativismo e Cooperativismo em Gravatá encaminhada pelos entrevistados, porque reconhecem a importância dessas formas associativas como instâncias não de luta política, mas antes de tudo como espaços negociados na esfera da necessidade material. Isso nos reporta à Tauk Santos (2000, p. 32) quando afirma que a participação com vistas ao desenvolvimento local se dá como “um processo de construção de oportunidades de melhores condições de vida para as populações locais, mobilizando forças endógenas”.

No caso dos agricultores de flores e plantas ornamentais associados e/ou cooperados, a iniciativa de organização se deu a partir da conscientização de que eles não estavam conseguindo sozinhos conciliar os cuidados com a produção diária do corte da flor com a comercialização. Estavam perdendo a produção, porque a flor é um produto que tem que ser rapidamente comercializado. Além disso, também perceberam que estavam sendo lesados pelos “atacadistas”<sup>36</sup>.

Os produtores sentiram necessidades de se unirem porque o mercado de flores é perecível. Todo dia eu tenho flor e tenho que vender hoje, no mais tardar amanhã. Eles perceberam que estavam sendo lesados pelos atacadistas. Por exemplo: Eles vendiam 100 pacotes ao atacadista, que só vendia 80 e devolvia 20, e assim eles ficavam no prejuízo de 20 porque deixavam de vender para outra pessoa. Foi isso que fez eles se unirem, e contrataram pessoas capacitadas para fazer estudos sobre o mercado de flor. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

Segundo o gerente, nem todo associado é cooperado, mas todo cooperado é associado. A Associação tem como função, ser o local onde os produtores recebem capacitação profissional, assistência técnica e fazem encomendas dos produtos que necessitam. Já a Cooperativa comercializa e faz estudos de mercado. Quando o gerente se refere aos cooperados como mais “ativos” que os associados, ele está se referindo aos lucros do cooperado ser maior:

---

<sup>36</sup> Percebemos a existência de produtor independente da Associação e Cooperativa, que têm sua produção comprada antecipadamente por atacadistas.

Todos os cooperados são associados. Embora eu tenha mais associados, eles não são tão ativos quanto os da FLORAGRESTE. A FLORAPE é mais um ponto de pedidos de encomendas pelos produtores, dos materiais que eles precisam. Só tem capacitação profissional e assessoria técnica e sobre mercado, mas tudo que eles querem tem que solicitar. A Associação não tem venda. Isso só quem faz é a Cooperativa. Já a FLORAGRESTE é responsável pela comercialização e faz estudos do mercado de flor. Pela Cooperativa eles ganham mais. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

Uma vantagem que percebemos para esses associados e cooperados foi a questão da aliança, ou convergência, entre interesse pessoal e o conhecimento técnico especializado existente de alguns membros do grupo como Técnico Agrícola e Agrônomos. Além disso, para eles conta ainda que o Presidente da Cooperativa seja representante de uma empresa de sementes e consultor do SEBRAE especialista em flores. A Cooperativa tem seu próprio veículo, para buscar as flores na propriedade dos cooperados:

Nosso Presidente é consultor do SEBRAE! Foi dele a idéia de comprarmos um veículo para buscar as flores nos sítios. As sementes vêm de São Paulo da Vicaflor que o representante é o Sr. Lourenço, o Presidente, Agora temos todo um acompanhamento técnico de outros produtores Agrônomos ou Técnico Agrícola, desde a preparação do solo e do processo com o Arão Zito e o Arnaldo. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

A Cooperativa além de negociar todo o processo de comercialização das flores e plantas, funciona em suas instalações como ponto de distribuição. Já os associados não utilizam a estrutura física da Associação, porque sua produção é retirada na propriedade diretamente pelos clientes. A Cooperativa vende tanto para atacadistas de diversas localidades da região Nordeste, como também vende para pessoas físicas. Pudemos perceber a compra de flores por pessoas moradoras da cidade, moradores de segundas-residências, como pessoas oriundas de cidades vizinhas:

Aqui é o centro de distribuição, aonde os atacadistas vem buscar nossas flores. Nós temos atacadistas de Recife, Caruaru, Maceió, Juazeiro do Norte, Fortaleza, Salvador. Geralmente eles vêm buscar com veículo com ar refrigerado, e também agora estamos começando a usar o aeroporto. Os associados são produtores antigos que tem seus clientes certos, e por isso não quiseram entrar na Cooperativa. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

A Associação tem 21 associados que pagam uma taxa de R\$ 30,00 por mês, e estão em dia com as mensalidades. Já na Cooperativa apesar de ter registrado 21 cooperados, apenas 8 atuam efetivamente. Isso se deve ao fato deles estarem mais envolvidos, em suas outras atividades de trabalho. E mesmo assim, com esse reduzido número de cooperados atuando, estão conseguindo competir e ganhar mercado. Tanto pela qualidade das flores e plantas produzidas, que podem chegar a 10 dias de duração, como pelo excelente senso de aproveitamento das

oportunidades através da participação ativa em feiras e eventos. Segundo, ainda, o gerente, a Cooperativa é muito conhecida porque trabalha muito no marketing utilizando folders, outdoors, propaganda em revistas e jornais e pelo projeto Oficina de Buquê. Esse projeto, desenvolvido com as floriculturas do Recife, tem como objetivo “criar o hábito nas pessoas de comprar flor” para estimular a demanda e assim, baixar o preço. Em notícia do site do SEBRAE, esse projeto visa, ainda, consolidar a marca FLORAGRESTE como referência no Nordeste, “ser referência no Nordeste é a nossa ambição, define Lourenço, traduzindo o sentimento dos produtores do Agreste”<sup>37</sup>:

A Associação tem 21 sócios que pagam a taxa de R\$ 30,00 por mês, e não temos problemas com atrasos. Na Cooperativa temos 21 cooperados, mas atuando são 08 produtores. Esse pessoal anda afastado, porque está ligado nas suas outras atividades. Nossa Cooperativa é a única ativa no mercado aqui no Estado. Tenho flor que dura 10 dias! Nós temos também um trabalho de buquês que chamamos Oficina do Buquê, todas as quartas-feiras, para determinadas lojas do Recife. Nós queremos criar o hábito nas pessoas de comprar flor para enfeitar a sua casa! Com o aumento da demanda a tendência da gente é baixar o preço para vender mais, e conquistar mais clientes. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

A nossa produção tem mais de 30 anos, mas o volume que produzimos é recente. A gente chega indiretamente aos outros estados, porque quem faz a distribuição são nossos clientes. E temos muito divulgação. (A. C. Produtor Rural e Presidente de Associação).

Para nós ficou claro, a existência de um conflito entre os cooperados, associados e os intermediários ou atravessadores. Os cooperados e associados estão conscientes da qualidade dos seus produtos e que o grande problema deles, no mercado, é a atuação do intermediário. Tanto é verdade, que não existe negociação entre membros da Associação e da Cooperativa com eles. Para os associados e cooperados, o alto preço cobrado no mercado de flores e plantas ornamentais, se deve aos intermediários. Eles entenderam que para enfrentar esse problema, deveriam se capacitar e buscaram ajuda no SEBRAE e na Microlins:

A minha flor é a mais cara do mercado porque tenho ponto, tenho qualidade. Os atacadistas têm medo da nossa Cooperativa porque somos estruturados, temos preço de mercado e o atacadista muitas vezes são atravessadores. Eles estão matando o preço nessa intermediação. Tem muito atacadista que prefere comprar direto no produtor. Tem atacadista que custeia a plantação do produtor, mas não são meus produtores associados ou cooperados. Olha, nessa situação tem uns 12 produtores que o atacadista compra a produção, eles botam o preço, e o produtor não vende para ninguém. Pra enfrentar essa gente aqui, tanto nós técnicos como os produtores, fazemos muito cursos de capacitação profissional tanto com o SEBRAE como na Microlins. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

---

<sup>37</sup>Disponível em: [http://www.sebrae.com.br/br/revista\\_agro/index.asp](http://www.sebrae.com.br/br/revista_agro/index.asp) Acesso em: 15/05/2007.

No âmbito do crédito nos informa o Presidente da FLORAGRESTE que o PRONAF está fechado para o município, devido ao índice de 2% de inadimplência. Porém, além desse há outro entrave burocrático que atrapalha e inviabiliza ao produtor rural o acesso ao crédito. Como exemplo, cita a taxa de R\$ 300,00 cobrada pelo uso da água pelo Governo do Estado através da Companhia Pernambucana de Recursos Hídricos/CPRH.

O Presidente da FLORAPE também culpa a burocracia existente para o crédito. Ambos os presidentes, desconhecem a existência de recursos disponíveis para o produtor investir em turismo. O Presidente da FLORAPE vai mais longe, e faz a sugestão que esses recursos fossem aplicados na infra-estrutura de acesso, com sinalização e estradas. Segundo esse Presidente, o Banco do Brasil está querendo investir na cadeia produtiva de flores no Município por recomendação da Prefeitura de Gravatá:

Existe o entrave do PRONAF fechado para a pequena produção de Gravatá por causa do índice de 2% de inadimplência, que o gerente do Banco me falou. Mas existem outros também, como a outorga do uso da água que é o Governo do Estado que libera. Então sem outorga o Banco não pode financiar, e se não há uma liberação dessa outorga não tem crédito para pequenas áreas. Então isso dificulta muito o acesso ao crédito pela pequena produção. Porque um financiamento geralmente é de R\$ 20.000,00, um valor muito baixo, que pra você tirar uma outorga dessa lá no CPRH, com toda aquela burocracia, você ainda paga uma taxa de R\$ 300,00. Quer dizer ,totalmente fora de nexo! Inviabiliza, tem uma burocracia enorme, tem um custo, e no final o valor que você vai financiar não compensa isso. Sobre crédito para o produtor investir em turismo, não estava sabendo. (L. Z. Produtor Rural e Presidente de Cooperativa).

Isso de crédito é inviável para a gente, por causa da burocracia. Botar a mão nesse dinheiro é difícil. Nós perdemos o acesso ao PRONAF, e só contamos com a FAEPE. Não sei que existe financiamento do PRONAF para o turismo. Pra o turismo daqui é mais interessante que esses recursos fossem investidos na infraestrutura de acesso, sinalização do que eu colocar uma pousada na minha região. Já existe tanto hotel aqui... O que eu estou sabendo é que existe uma diretriz no Banco do Brasil para investir no negócio de flores de Gravatá, porque houve uma recomendação da Prefeitura. (A. C. Produtor Rural e Presidente de Associação).

Outro grande problema enfrentado por esses produtores está nas estradas. Para eles, a má conservação está prejudicando os negócios, uma vez que não estão produzindo flores em jarros devido a esse problema que inviabiliza o transporte. A média de área terra do produtor é 04 a 06 hectares e as flores e plantas podem ser produzidas no campo ou estufa. Como eles já conseguiram um espaço no Aeroporto em Recife para embarcar seus produtos, reivindicam também uma câmara fria:



Temos muita reclamação das estradas, o acesso é muito complicado. Sempre que solicitamos a prefeitura passa a máquina, mas a chuva vem e acaba tudo. Se não fosse isso, a gente já estava produzindo flor em vaso. No aeroporto estamos precisando de uma câmara fria para embarque e desembarque de flores, como tem em Fortaleza uma infraestrutura montada. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa)

O transporte é muito inadequado, para transportar a produção. Tem moto fazendo isso, porque tem hora que carro não passa. Também precisamos de uma câmara fria para o aeroporto. Existe propriedade de todo tamanho. Somos médios produtores que eu considero e que estão aqui na Cooperativa. Médio que digo, não em tamanho, mas em receita. (L. Z. Presidente de Cooperativa).

Os demais pequenos produtores rurais são sindicalizados, mas recebem apoio técnico de outras entidades, como, por exemplo, a Federação de Agronomia do Estado de Pernambuco/FAEPE que dá apoio técnico para cultivo e comercialização aos pequenos produtores de orgânicos do Assentamento Chico Mendes. Em conversa informal com esses produtores na feira de Orgânicos do Bairro de Casa Amarela em Recife, nos relataram que esses produtos – legumes, frutas e verduras - são comercializados, tanto na feira de Gravatá para os moradores, e principalmente para os proprietários de segunda-residência, como também em Recife através de uma parceria com a Prefeitura da Cidade do Recife.

Outro entrevistado produtor de orgânico do Assentamento Perseverança e que já trabalhou com a agricultura tradicional, manifestou o desejo de diversificar a produção para flores, mas foi impedido em virtude da incompatibilidade no manejo da produção. A propriedade é pequena e quem trabalha com agricultura orgânica, não pode produzir utilizando as técnicas da agricultura tradicional como o uso de defensivos e agrotóxicos:

Aqui a gente imita tudo que for bom pra gente! Deu pra mim fazer, estou imitando... Imitei nos orgânicos e já andei pensando na possibilidade de produzir flores, mas aí complicou por causa dos agrotóxicos. O pessoal da AMA já explicou direitinho porque a gente não pode misturar... (B. C. S. Agricultor de Orgânicos, Assentamento Perseverança).

Pelas informações que nos foi dada pelos produtores de Orgânicos, outra Associação responsável pela capacitação profissional e assistência técnica na produção de orgânicos, é da Associação dos Amigos do Meio Ambiente de Gravatá/AMA.

Com exceção de alguns produtores de flores e plantas ornamentais que formalmente exercem outra atividade todos os entrevistados estão vinculados ao Sindicato Rural, mas são poucos o que realmente participam das reuniões. Tampouco participam do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural. Aliás, só confirmaram filiados ao Sindicato, por conta da aposentadoria. Há uma descrença generalizada, desde o agricultor com formação acadêmica

àquele analfabeto, em relação à política dos movimentos sociais de base, como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, bem como aos Conselhos e Fóruns institucionalizados como o Conselho de Desenvolvimento Rural. Salientamos que não entrevistamos o pessoal do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, porém, ouvimos a opinião dos entrevistados sobre a atuação do Sindicato local:

Conselho de Desenvolvimento Rural nós temos, mas nem participo porque é um balaio de gato! Tem muita interferência política então a gente fica de fora. Tem um monte de associação metida lá, que não são agrícolas. Tem reunião uma vez por mês e é deliberado quando tem recurso, por exemplo, do Banco do Mundial, do BID. Então obviamente que num Fórum como esse, há muita interferência. Mas a gente prefere nem participar. A FLORAGRESTE não participa do Conselho de Desenvolvimento Rural, nem nossos produtores. (L. Z. Produtor Rural e Presidente de Cooperativa).

A FLORAPE tem assento no Conselho de Desenvolvimento Rural e sempre tem reunião, um sócio que vai. Mas aquilo lá só tem confusão. De útil para nós não trouxe nada! (A. C. Produtor Rural e Presidente de Associação).

Eu sou sindicalizado e sou assentado pelo INCRA, mas agora só continuo por causa da minha aposentadoria. Quero distância dessa politicagem. Se eu fosse depender de Sindicato, estava morrendo de fome. Fui a tanta reunião que não resolvia nada, que deixei pra lá. Quem sempre me ajudou foi o pessoal de fora do Sindicato, da AMA e do INCRA. (B. C. S. Produtor de Orgânicos do Assentamento Perseverança do INCRA).

Sou agricultor dos antigos aqui. Fui um dos primeiros no Sindicato, e já atuei muito! Já fiz muita zoada, mas vi que estava perdendo meu tempo, e deixei pra lá. Só estou interessado na aposentadoria. (M. S. Produtor de Orgânicos).

Pago o sindicato só por causa da aposentadoria, mas não freqüento. Depois desses condomínios, eu meus filhos estamos todos trabalhando neles de carteira assinada. (J. F. M. Agricultor e vigia).

Sobre a Associação dos Amigos do Meio Ambiente de Gravatá/AMA, apesar de ter um escritório na cidade, não conseguimos encontrar ninguém na sua Sede. A informação que recebíamos dos agricultores era que deveríamos nos dirigir à Fazenda Vale Verde, onde os encontraríamos. Pelo que apuramos a AMA é resultado da idéia do casal proprietário da Fazenda do Vale Verde, e foi criada em 1997 por diversos amigos que compartilham as idéias da agroecologia. No Estado de Pernambuco essa Associação foi a primeira a ser criada com o objetivo de estabelecer o mercado de orgânicos, para o pequeno produtor rural. São 40 famílias de pequenos produtores assistidos. E no mercado estadual já existe a marca AMA em 07 produtos. São esses pequenos produtores associados no entorno da Fazenda, que recebem os turistas que estão hospedados na Pousada Rural Vivências e Cavalgadas.

Além da produção de orgânicos, desenvolvem projetos socioambientais com as crianças dos produtores rurais de orgânicos e nas escolas do Município tais como: educação ambiental, despoluição do rio Ipojuca, de conscientização de reciclagem de plásticos, metais, papel e vidros.

O financiamento dessa Associação se dá através de recursos oriundos de parcerias como, por exemplo, a do projeto Brasil e Canadá para a Promoção da Equidade. Os recursos são da Agência Canadense de Desenvolvimento Internacional (CIDA/ACD)<sup>38</sup> que tem por objetivo promover a formação de 180 lideranças comunitárias de Pernambuco e Bahia, na metodologia Germinar. A AMA além dos produtores de orgânicos de Gravatá presta assessoria aos pequenos produtores dos municípios vizinhos e é sócia da empresa Comadre Fulozinha, em Vitória de Santo Antão, que comercializa produtos orgânicos dos pequenos produtores rurais dos municípios de Bezerros, Chã Grande, Feira Nova, Glória do Goitá, Goiana, Gravatá, Lagoa do Itaenga, Pombos e Vitória. A filosofia dessa empresa é o “comércio justo e solidário”<sup>39</sup>.

No âmbito associativo, de cunho organizativo político Gravatá, em maio de 2006, fundou a Associação de Turismo de Gravatá com 28 associados que contou com o apoio da Prefeitura Municipal e do SEBRAE. Segundo o Presidente, em entrevista, os empresários sentiram a necessidade de se organizarem em virtude do crescimento das atividades diretamente ligadas ao setor. Sua finalidade é defender os interesses dos empresários do turismo em Gravatá, melhorando a cadeia produtiva do turismo e qualificando a mão-de-obra. Os sócios são da hotelaria, gastronomia e prestação de serviços:

O turismo em Gravatá cresce a cada ano, tanto em números de empreendimentos, como em números de turistas. Precisamos crescer organizados, o poder público fazendo sua parte e nós do setor privado fazendo a nossa. A Associação terá a finalidade de promover o desenvolvimento de seus associados. Empresários de toda a cadeia produtiva do turismo, em seus aspectos tecnológicos, legais, gerenciais, de recursos humanos, econômico e financeiro. (E. C. Hoteleiro).

Recentemente, essa Associação ganhou espaço político na Secretaria de Turismo do Estado, sendo convidada a participar do projeto do atual Governo: Planejamento Turístico de Pernambuco até 2020<sup>40</sup>. Dentre os projetos para o ano de 2007 estão o Encontro de Motos do Nordeste em julho, com previsão de reunir 2.500 motociclistas; o Museu de Carros Antigos e o Museu do Cinema de Pernambuco. Na verdade, essa Associação iminentemente política. Porém,

---

<sup>38</sup> Disponível em <[http://www.canadainternational.gc.ca/brazil/assets/2-CIDA\\_Brasil\\_2005-2010.pdf](http://www.canadainternational.gc.ca/brazil/assets/2-CIDA_Brasil_2005-2010.pdf)> Acesso em: 24 jun 2007.

<sup>39</sup> Disponível em: <http://www.comadrefulozinha.com.br/> Acesso em: 15/05/2007.

<sup>40</sup> Disponível em: <<http://www.prefeituradegravata.com.br.>> Acesso em: 06 jun 2007.

em conversas recentes com o Presidente ele se queixou da baixa participação dos associados no dia-a-dia da Associação, e da baixa frequência de reuniões:

Como toda Associação que se preza, acaba uma minoria trabalhando e uma maioria reclamando... Mesmo assim, já temos o site, <http://www.turismogravata.com.br>, folders. Já fizemos propaganda com banners, cartazes, eventos como o Festival Gastronômico, Encontro de Motos, etc. A última reunião foi há 06 meses, vamos fazer uma agora para o São João. (E. C. Hoteleiro).

No âmbito estadual outra associação de cunho político voltada para o turismo é a Associação Pernambucana de Turismo Rural/APTURR, porém não existe a filiação de nenhum estabelecimento de Gravatá.

Outra no mesmo estilo é a Associação de Secretários de Turismo do Estado de Pernambuco/ASTUR, criada em 1990, com reuniões bimensais, cujo Secretário de Turismo de Gravatá assumiu a Presidência em meados de 2005. O objetivo dessa Associação é promover o desenvolvimento dos municípios pernambucanos com potencial turístico, seguindo os princípios de sustentabilidade. Segundo “folder” seus objetivos são

consolidar o turismo como atividade econômica, aperfeiçoar o debate em torno das questões relacionadas à melhoria da qualidade dos equipamentos turísticos e do atendimento ao turista, divulgar as potencialidades turísticas dos municípios associados, defender a prática do turismo integrado, firmar convênios, acompanhar e interferir em tudo que seja do interesse dos municípios associados no tocante às políticas públicas voltadas ao turismo, viabilizar a participação dos Municípios associados em eventos a nível estadual, nacional e internacional em parceria com o Governo do Estado, EMPETUR, SEBRAE, FUNDAÇÃO CTI/NE, Governo Federal, Ministério da Cultura e Ministério do Turismo.

Pelas observações que fizemos e algumas conversas informais, o que podemos inferir sobre a ASTUR, embora ela exista desde 1990, só após a posse da nova diretoria ações políticas com vistas ao desenvolvimento do turismo no Estado estão sendo traçadas. Em conversas com o Secretário de Turismo, Rildo Feitosa, ele nos informou que seu plano era pressionar o Governo Estadual na formulação de uma política mais efetiva para o turismo no Estado de Pernambuco. O projeto do atual do Governo do Estado: Planejamento Turístico de Pernambuco até 2020, contou com a atuação política da ASTUR<sup>41</sup>.

Diante do exposto, podemos inferir que nas associações de organização do trabalho dos produtores de rurais de flores, o processo de organização associativa voltada para o trabalho contribuiu para a melhoria da vida material de suas vidas. Já no caso dos produtores de orgânicos

---

<sup>41</sup>Disponível em: <<http://www.prefeituradegravata.com.br>> Acesso em: 06 jun 2007.

assistidos pela AMA, tem contribuído não só para a melhoria da saúde como também dos rendimentos financeiros.

No âmbito da organização associativa política, pudemos perceber que com menos de 01 ano, já existe um esvaziamento no que tange ao número de reuniões para decidir estratégias de atuação, como na participação efetiva dos associados que delegam à diretoria toda a responsabilidade de decisões de projetos e propostas. Em relação à ASTUR, pelas informações obtidas no site e nos diversos informes que recebemos da Secretaria de Turismo de Gravatá, desconfiamos que suas últimas conquistas se devem às ações e iniciativas desenvolvidas pelo Presidente, Secretário de Turismo de Gravatá – Sr.Rildo Feitosa.

### **3.3.2. O Lazer em Gravatá**

Segundo Dumazedier (1999, p. 15), o lazer é um advento que tem suas raízes na Revolução Industrial, uma vez que “pensadores sociais do Século XIX, previram a importância do lazer, ou antes, do tempo liberado pela redução do trabalho industrial”. Para o autor (1999, p. 85), não é só a redução do trabalho, ou a economia, que sejam responsáveis pelo seu surgimento. Contribui, também, o fato da “valorização social da expressão do Eu através do lazer”.

O autor (1999, p. 19-20) considera que uma atividade para ser considerada lazer necessita, em primeiro lugar, ser de livre escolha, ou seja, não está vinculada a rituais como os religiosos, por exemplo; e nem esteja ligada ao trabalho. Em segundo, o lazer representa uma mudança na maneira dos trabalhadores de se situarem, e atuarem na sociedade. Nas palavras do autor, "todos associaram o desenvolvimento do lazer ao progresso da cultura intelectual dos trabalhadores, e ao aumento de sua participação nos negócios da cidade...". Nesse sentido, Dumazedier (1976, p. 34) define o lazer como

Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Em nossas entrevistas com os produtores de plantas e flores ornamentais, percebemos que eles trabalham de segunda a sábado. Tanto a Associação como a Cooperativa, estão fechadas a partir das 12.00 horas do sábado. Devido ao corte diário de flores e plantas ornamentais, o gerente desconfia que eles tenham alguma atividade voltada para o lazer, nos intervalos quando

vêm à cidade. Para esse grupo, percebemos que as atividades de lazer são ir ao cinema, conversar com amigos, jogar bola, embora 01 tenha dito que, “por enquanto”, não tem lazer porque o trabalho absorve todo o seu tempo e a família mora em Natal. Já na produção de orgânicos, para 01 não existe lazer porque trabalha, vendendo roupas no dia livre, embora outros tenham dito que o lazer deles é descansar, ouvir rádio, televisão e conversar com vizinhos, mas que não deixam de trabalhar, também, no domingo porque tem que “aguar a plantação”. Apenas a produtora de orgânicos, moradora do Distrito de São Severino, diz assistir aos eventos da Prefeitura quando eles acontecem:

Olhe, sabe que não sei qual o lazer deles... Deve ser quando aproveita pra vir na cidade fazer alguma coisa, porque produtor de flor trabalha de domingo a domingo. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

Lazer... olhe trabalho o dia inteiro, à noite tenho faculdade, moro aqui e só no sábado é que vou para Recife ver minha mulher, família e aí me distraio indo ao cinema, encontrar os amigos, dou uma olhada nas festas quando têm. (A. C. Produtor Rural e Presidente de Associação).

Sobre o meu lazer? Tenho tanto trabalho aqui, como na produção que quando tenho tempo eu saio com a família, encontro com os amigos. (L. Z. Produtor Rural e Presidente de Cooperativa).

Eu não sei o que é isso, não! Porque quando não estou na produção, estou na feira. O único dia livre que tenho que é o domingo, eu vou vender roupa... (B. C. S. Produtor de Orgânicos do Assentamento Perseverança).

Eu só vou ver a família em Natal, de 15 em 15 dias. O resto fico direto no sítio, trabalhando. Por enquanto, não posso ter lazer. (A. S. Produtor de Flores).

No domingo eu descanso depois de aguar a plantação. Meu descanso é escutar um rádio, ver uma televisão. Às vezes vou aos sítios dos vizinhos, ou eles vêm aqui, pra conversar. Aqui no Brejo nunca tem nenhuma distração, diferente pra gente. Só os turistas quando aparecem... (M. S. Produtor de Orgânicos).

Minha distração é conversar com os vizinhos, ver televisão quando tenho tempo, porque tenho a casa para cuidar. Mas deixar de trabalhar não posso, porque a gente sempre tem que aguar. Não pode se descuidar! Quando fazem eventos aqui, eu sempre vou ver. (A. M. S. Produtora de Orgânicos).

No âmbito do empresariado do comércio, nos setores de móveis, artesanato, roupas, gastronomia, supermercado ou padaria as respostas são muito parecidas. Os entrevistados dizem trabalhar muito, e ter pouco tempo para atividades de lazer. Para um, o trabalho e conversar com os clientes são suas diversões porque como proprietário tem que ficar a frente dos negócios. A televisão e conversar com amigos são citados por todos, como atividades de lazer. Poucos vão aos shows, oferecidos na cidade:

Eu trabalho aqui na Lanchonete de domingo a domingo! Comércio a gente tem que ficar de olho em tudo! Para você ver, esse ano, depois de tanto anos, foi que fiz a minha primeira viagem para conhecer o Rio de Janeiro com a mulher. Mas olhe que até me divirto com uns clientes que já são até meus amigos, e eles quando param aqui, botamos a conversa em dia. Nos shows nunca vou... (J. S. S. Comerciante).

Meu lazer é coisa rara porque tenho trabalhado muito na loja. Então época de festividade ou de férias, não tenho sossego. Quando posso vou a Recife, Caruaru passear no Shopping, ao cinema, brincar com os netos, reunir a família e amigos. Nunca vou aos shows, porque é gente demais e prefiro ir pra casa descansar. (N. F. Comerciante).

Meu lazer é conversar com os amigos, ver televisão. Mas sair com meu marido para passear faz tempo que não saímos, porque quando não é ele, sou eu na loja. E a gente ainda tem as peças para produzir! Quando tem show, dependendo de quem vai ser, eu vou assistir. (A. M. Artesão).

Eu me divirto demais aqui! Ora, conversar com os clientes, conhecer gente nova eu gosto demais. Adoro ver a cidade cheia, e não perco festa aqui! Quando está na calmaria eu me sossego na televisão, conversando com os amigos nos bares. (D. S. Comerciante).

No segmento de hotelaria, os nossos entrevistados das pousadas informam que ver televisão, passear na cidade, conversar com os amigos são suas atividades de lazer, e que não podem se afastar muito do trabalho. Sempre fazem revezamento. Às vezes, assistem aos shows. Na grande hotelaria, entrevistamos apenas um proprietário<sup>42</sup> e este nos informou que o hotel ou as atividades relacionadas ao turismo em Gravatá absorvem muito o seu tempo, mas gosta de ler livros, jornais e internet. Nos finais de semana a família vem para o Hotel e como os hóspedes são geralmente amigos, sempre tem com quem conversar:

Aqui em Gravatá meu lazer é conversar com amigos, a família, fazer compras. Quando posso vou a Recife ou Caruaru. Cinema? Faz tempo que não vou... A pousada é pequena e eu ou meu irmão, tem que está sempre por aqui. Já fui a vários shows, mas hoje só a um ou outro. (I. M. P. Moradora e Proprietária de Pousada).

Eu trabalho aqui no Hotel, e quando estou em Recife também estou trabalhando, fazendo contatos, fazendo reuniões para os eventos que se realizam no Hotel. Leio livros, jornais, navego pela internet. Na sexta a família vem pra cá, e sempre tem um amigo hóspede, ou dos condomínios e privês por aqui. E, pra te ser sincero, me divirto. Já fui a alguns shows na cidade, mas a trabalho serve? (E. C. Hoteleiro).

Já para os trabalhadores formais, o lazer é bem definido no tempo, como o momento de liberação do horário de trabalho. Já para os autônomos ou ambulantes, essa definição é mais limitada, porque eles não têm salário fixo. Quanto mais horas trabalhadas, maior possibilidade de aumentar a renda. Mas ao mesmo tempo alegam que mesmo trabalhando, encontram uns momentos para se distraírem. Ou seja, para essa categoria o trabalho se mescla ao lazer:

---

<sup>42</sup> A pessoa que entrevistamos do outro grande Hotel de Gravatá foi a gerente, que nos informou que os donos além desse hotel, desenvolvem outras atividades econômicas em Recife.

Eu saio com os amigos, jogo bola. Vou aos shows, essas coisas... Depois que saio do trabalho, meu mundo é outro. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

Meu lazer é quando saio do trabalho. Uma televisão, encontrar com os amigos, passear com a família visitando parentes. (A. J. Garçom).

Lazer só depois que cumpro minhas obrigações do trabalho e as coisas de casa. Aí se dá tempo me distraio na televisão, conversando com as amigas. Isso é o que mais gosto de fazer, conversar... (M. D. S. Camareira).

Quando tenho tempo, eu dedico à minha família. Eu trabalho direto como mototaxista, de segunda a segunda. Quando têm festas na cidade, o trabalho aumenta, mas a senhora sabe que eu me divirto... Enquanto espero cliente, eu estou vendo show ou conversando com os colegas. (T. B. Mototaxista).

Sabe de uma? Eu me divirto muito nesse trabalho, converso muito com meus fregueses, que muitos já viraram amigos... Assisto aos shows de graça! Onde é que eu ia poder pagar um show do Zezé? (T. S. Vendedora Ambulante de Comida Regional).

Já no segmento dos empregados de privês e condomínios, para os entrevistados o trabalho com carteira assinada possibilitou uma melhoria na qualidade do lazer desfrutado. Se, por um lado estão presos ao ritmo imposto pelo horário determinado pelo patrão por outro, eles reconhecem que autonomia de antes não os deixavam com tempo para diversão por conta do trabalho intenso na agricultura e falta de recursos financeiros:

Ah! agora eu tenho tempo nas minhas folgas, vou a Gravatá me distrair, passear nas lojas, no cinema, tomar sorvete com a família. Vejo televisão e escuto rádio. Antes era mais difícil sair, porque a responsabilidade era maior. Agora não, meu trabalho na agricultura diminuiu, porque eu só planto para comer e o gasto é pouquinho. (J. S. S. Agricultor e Vigia de Condomínio).

Quando não estou trabalhando, estou estudando então meu tempo é pouco... Mas vejo televisão, leio alguma revista e nas folgas vou ver minha família, passear com o namorado. Quando não trabalhava aqui, eu só saía para a escola... (J. L. L. Copeira).

Lazer a gente vai à cidade tomar um sorvete, passear... escuto rádio, vejo televisão. (A. S. Empregada Doméstica).

Os Moradores de Privês e Condomínios nos informam que não há nada dirigido no Município, voltado para o lazer das crianças. E que por isso, os que não têm ainda área de lazer infantil utilizam as instalações do Hotel Portal. O que pudemos observar é que durante os saraus<sup>43</sup>, bate papos com amigos tanto nos privês, condomínios ou mesmo no Portal, são ocasiões que esse grupo social também procura ampliar e fortalecer seus laços de amizades. Inclusive negócios são discutidos, e fechados nesses encontros. Nesse sentido, lazer e trabalho se

---

<sup>43</sup> Nestes saraus além da música clássica executada no piano de calda, também são executadas músicas de serestas. Também é utilizado o acordeón, para a execução de músicas parisiense e argentina. Na cidade há um morador, músico que é contratado para esses saraus. Quando não, é possível vê-lo passeando e tocando “La vie en rose” no seu acordeón, pelo Pólo Moveleiro, divertindo os turistas e vendendo os seus CDs.



entrelaçam, também. Só que no sentido contrário dos trabalhadores autônomos, que aproveitam alguns minutos para se divertirem no horário de trabalho. Aqui eles usam o lazer, também, como uma forma de estabelecer relações de negócios:

Quando estou aqui em Gravatá procuro descansar, ler, estudar, conversar com os amigos, brincar com as minhas filhas. Elas, jogam, andam de bicicleta pelo condomínio, brincam com os amigos de outros condomínios. Frequentamos muito o Portal que oferece inúmeras atividades recreativas. (G. R. B. A. Moradora de Condomínio).

Para as crianças não existe nada direcionado no Município para o lazer, ainda. Por isso, estamos pensando em fazer isso aqui no condomínio. Por enquanto, levamos para o Portal. Meu lazer aqui é caminhar, ler, ir ao comércio, descansar. Aqui nesse condomínio somos todos amigos e temos de outros, também. Já fizemos muitos saraus aqui com pessoas de outros condomínios. Já na cidade nossos contatos são com os comerciantes que nos servem todos, muitos bons. (M. F. Moradora de Condomínio).

Aqui no privê temos o costume de nos reunirmos sempre, para bate papo. Aproveito para descansar e relaxar, lendo um bom livro ou uma boa música. Temos uma pequena área de recreação para crianças, e uma piscina. (S. C. Moradora de Privê).

Pelo que pudemos perceber para as categorias de empregados existe uma desvinculação temporal, entre lazer e trabalho que é menos perceptível entre Empresários ou autônomos, onde as atividades relacionadas ao trabalho praticamente absorvem todo o seu tempo. Já nas atividades de lazer desenvolvidas pelos moradores de condomínios e privês, existe uma brecha que possibilita que ele usufrua em seu benefício profissional as relações sociais estabelecidas. Porém, o lazer em Gravatá, para essa categoria social, também é um momento de compensação das “tensões conseqüentes” da vida cotidiana em Recife, principalmente como lugar de refúgio à violência urbana, como afirmam Elias e Dunning (*apud* RUGISKI E PILATTI, 2005, p.1-8).

A pesquisa indica que a preferência ou o gosto dos contextos populares como os maiores consumidores de produtos da indústria cultural como shows, revistas, jornais. Já as “elites” preferem ou gostam de atividades ligadas à cultura erudita, como o livro, o sarau.

E que sendo assim, poderíamos inferir que se, por um lado, essa nova dinâmica promovida pelo turismo e o lazer (segundas-residências) em Gravatá, está possibilitando uma melhoria na qualidade de vida da população local, por outro, lembramos que a esfera da necessidade e a consciência dela, por parte da população local, são fatores importantes para a construção desse novo rural de Gravatá. A consciência dessa necessidade em alguns indivíduos fez com que eles percebessem que unidos são mais fortes. E sendo assim, o que move toda essa nova dinâmica em Gravatá é o capital social acumulado e mobilizado ao longo dos anos tanto na gestão pública, população local, como também nos moradores de segundas-residências. Nas

relações sociais estabelecidas na gestão política, na organização associativa ou nas relações interpessoais, percebe-se a existência de “vinculação” a um grupo social que além dos *hábitus* comuns, também estão “unidos por ligações permanentemente e úteis” (BOURDIEU, 1998, p. 67).

Os conflitos existentes como, por exemplo, entre alguns membros da FLORAGRESTE e a atual gestão municipal tem um papel construtivo nas relações sociais servindo como “cola”, no sentido dado por Hirschman (1998, p. 265-270), de contribuir para o aumento do capital social. No caso específico dessa categoria, ativos foram conquistados como a abertura de linha de crédito e espaço no aeroporto, intermediado pela gestão atual.

Em suma, tem razão Souza Martins (1998, p. 6) quando afirma “que só quem tem necessidades radicais, pode querer e fazer a transformação da vida” e, conseqüentemente, a História.

No próximo capítulo discutiremos as políticas públicas de turismo e lazer (segundas-residências) no Município e suas articulações com as demais políticas dos governos Estadual e Federal, e o papel do poder público local e do empresariado no âmbito da geração de emprego, renda e capacitação profissional.

## CAPÍTULO 4

### GRAVATÁ: USINA SOCIAL DE PROJETOS?

#### 4.1. As Políticas Públicas de Turismo e Lazer em Gravatá

No capítulo anterior, procuramos demonstrar que o processo de construção da cotidianidade em Gravatá não foi algo imposto, deliberado ou impulsionado por determinação governamental. Ao contrário, foi um processo lento e gradual cuja origem está na iniciativa individual de determinadas pessoas que detinham tanto capital financeiro como conhecimento técnico, mas, principalmente criatividade e senso de oportunidade. Enfim, detinham capital social. Outro fator a considerarmos nessa análise é que esse processo de mudança em Gravatá é decorrente das transformações que acontecem na vida prática cotidiana, ou comum, das pessoas, ou seja, o momento onde “se instalam as condições de transformação do impossível em possível”. (SOUZA MARTINS, 1998, p. 6). Momento onde as visões do mundo objetivo e subjetivo se mesclam, mas a materialidade ou necessidade da vida cotidiana se sobrepõe à subjetividade, e que vem ao encontro do que afirmamos em nossa dissertação (VIANA RODRIGUES, 2001, p. 120) apoiada por Kosik (1995, p. 83) e Lefebvre (1995, p. 90).

a cotidianidade é uma construção deliberada da cultura hegemônica com o objetivo de consolidar a modernidade. Para isto modela, estrategicamente, a vida cotidiana nos modos de viver – produção de bens materiais e simbólicos – da vida moderna fundamentada no capitalismo.

Nesse sentido, podemos entender que a cotidianidade ou transformação de Gravatá como um processo de sedução, ao qual a população local aos poucos foi se enredando em “suas malhas, criando tramas e dramas diários, que o aprisionaram ao modo de viver da vida moderna”. (VIANA RODRIGUES, 2001, p. 120).

Segundo entrevista realizada com uma moradora, proprietária de pousada e representante dos empregadores do Conselho Municipal de Emprego e Renda, o turismo nunca foi profissionalizado porque a política desenvolvida pelos antigos prefeitos era assistencialista; e o máximo que havia eram ações isoladas, decorrentes das pressões dos empresários e da própria população:

As festas aqui eram organizadas pelo comércio! Antes havia muito aquela política paroquial. Aquele pessoal que cercava os prefeitos não tinha conhecimento sobre turismo. Essa vivência que a gente diz que o Eduardo tem! Eles só viam Gravatá. Não viam Gravatá dentro de um contexto maior. (I. P. M. Proprietária de Pousada).

Nós, empresários, é que tocamos nossos projetos sozinhos, e o resultado é esse que você pode ver! Aqui nós nunca tivemos uma política específica pra desenvolver o turismo. (E. C. Hoteleiro).

Olhe, nunca ouvi falar da Política Nacional de Turismo. No Estado já ouvi falar, mas só isso de Circuitos. Os políticos daqui só passaram a se interessar pelo turismo e trabalhar nisso aqui, há muito pouco tempo. Olhe, o pessoal se hospeda em Gravatá e vai tanto para a Semana Santa de Nova Jerusalém, Carnaval de Bezerros como São João de Caruaru. E olhe que São João em Caruaru é histórico, mas nem sei mais se vão tanto assim pra lá depois dessas nossas últimas festas. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa)

Sobre o Conselho Municipal de Turismo do antigo e extinto Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT/CMT) nos informa a mesma senhora que foi a partir de sua criação, nos anos de 1990, que o turismo começou a ter alguma visibilidade política em Gravatá. Mas isso se deve à iniciativa do hoteleiro Eduardo Cavalcanti, que trouxe para o Município a proposta do PNMT. Ele chegou a ser implantado, e houve treinamento dos membros. Pelo que entendemos não houve apoio às iniciativas propostas pelo Conselho por parte do poder local que não conseguiu enxergar a importância do turismo como agente gerador de emprego e renda para a população, e a tendência foi que o Conselho perdeu forças e deixou de existir:

Conselho, no governo passado, teve, mas não foi pra frente. (R. F. Diretor de Turismo).

Quando fui Secretário de Turismo eu fiz o que pude, mas o governo do Estado por seu lado também não ajudava em nada e não tinha nenhuma política. (E. C. Hoteleiro)

O Conselho só aconteceu porque a esposa de Eduardo trabalha na EMPETUR, e aí a gente começou a participar e a tomar conhecimento das coisas que acontecia. Com o CMT, o turismo foi institucionalizado em Gravatá! Aí foi que a coisa começou a partir pro lado profissional, de haver orientação, organização. Mas encontramos muita dificuldade! Quando queríamos fazer uma reunião de estruturação sobre algum evento com o Prefeito vinha aquele pessoal que não entende nada, com os palpites: “não precisa não! tragam uma banda e acabou”. (I. P. M. Proprietária de Pousada).

No início dos anos 2000, Gravatá entra no Circuito do Frio organizado pela Secretaria Estadual de Turismo quem nesse período, começou a desenvolver os projetos denominados “Circuitos” cujo objetivo foi interiorizar o Turismo. Aliás, na Região do Agreste Central apenas o Município de Bezerros incorporou a proposta do PNMT/CMT, criando uma Cooperativa voltada para o desenvolvimento do turismo rural e que se encontra até hoje em funcionamento:

Mas ainda assim, com esse arremedo de Conselho, o Prefeito Silas Salgado trouxe Pepe Cal que é muito ligado a Cadoca, Foi quando veio pra Gravatá o Circuito do Frio! (I. P. M. Proprietária de Pousada)<sup>44</sup>.

Do extinto PNMT pela região, só existe um projeto de cooperativismo na área do turismo em Bezerros. (R. F. Secretário de Turismo).

Esse Conselho do PNMT veio pra Gravatá, mas por falta dos antigos gestores que me antecederam Gravatá perdeu. O Prefeito de Bezerros, que era competente, absorveu esse plano de municipalização e Gravatá perdeu por falta de interesse do governo do prefeito Silas Salgado. (J. N. Prefeito)<sup>45</sup>.

Conselho de Turismo e Política de turismo aqui, não sei de nenhuma! (L. Z. Produtor Rural e Presidente de Cooperativa).

Foi na gestão municipal anterior, que a Prefeitura realmente passou a investir e a procurar viabilizar ações mais voltadas para o turismo. Ressaltamos que o Prefeito no segundo ano de mandato faleceu, e foi substituído pelo Vice, o atual Prefeito, Dr. Joaquim Neto. As iniciativas, ao que indica as entrevistas, foram decorrentes de ações isoladas, e não fruto de um planejamento específico para o turismo:

O Dr. Sebastião quando assumiu tinha outros horizontes e trouxe gente do Recife pra trabalhar, e a coisa começou a tomar outra dimensão. A cidade começou a se profissionalizar e não paramos mais porque o Joaquim deu continuidade. (I. P. M. Proprietária de Pousada).

O prefeito anterior foi que conseguiu patrocinadores de peso e aí montou palco, com camarotes e começou esse negócio de grandes eventos. (L. Z. Produtor Rural e Presidente de Cooperativa).

Nas entrevistas realizadas, o Prefeito Dr. Joaquim Neto e o Secretário de Turismo Sr. Rildo Feitosa fizeram duras críticas às políticas públicas tanto dos governos Federal como Estadual. E, nesse sentido, exemplificam comentando como se deu a entrada de Gravatá no Circuito do Frio e o que efetivamente em termos de recursos financeiros o município recebeu desses governos, e o excesso de burocracia para o financiamento:

Há um grande plano do Governo Federal, mas no campo virtual, no discurso! Na prática eu não acredito em nada de ação, se você não tem recursos! Pra você ter uma idéia, o município de Gravatá, até hoje, obteve do Governo Federal apenas R\$ 100 mil para investimento no Centro de Informações Turísticas, e R\$ 30 mil para um evento. Foi todo o dinheiro que eu tive para investimento em turismo, desde o começo da minha gestão. (J. N. Prefeito).

---

<sup>44</sup> Pepe Cal é empresário do setor hoteleiro e foi Presidente da EMPETUR e Carlos Eduardo Cintra da Costa Pereira (Cadoca) foi Secretário Municipal de Turismo da Cidade do Recife entre 1993 a 1998, e Secretário Estadual de Turismo no período de 1999 a 2002. Hoje é Deputado Federal pelo PMDB, cumprindo o terceiro mandato.

<sup>45</sup> Joaquim Neto, Prefeito de Gravatá é Médico Veterinário, formado pela UFRPE e filiado ao PSDB.

As políticas públicas do Governo Federal estão na teoria, e muito pouco na prática. No papel está muito bonito e os consultores que prepararam esse Programa entendem do assunto. Porém, nada está acontecendo do que está ali! A burocracia é muito grande, as linhas de acesso a financiamento e crédito para o turismo rural é muito difícil. Na prática, para construção desse Centro de Informações Turística o Governo Federal está entrando com contra partida de R\$ 100 mil e a Prefeitura com contra partida na construção de R\$ 20 mil, mas entrou com R\$ 100 mil pra aquisição do terreno. (R. F. Secretário de Turismo)

Sobre o atual Programa de Interiorização do Turismo/PRT do Governo Federal nos informam que isso já vem sendo implementado desde 2004 com os Municípios vizinhos, bem antes desse Programa. Mesmo não havendo a exigência de Conselhos Municipais nesse Programa, o Secretário de Turismo entende o Conselho como um espaço importante de discussões. Foi a partir da visão dos administradores municipais da região, que se estabeleceu uma parceria com o SEBRAE:

A diferença do PNMT/CMT e do PRT atual é que o Conselho pode ou não, existir. A vantagem do Conselho é que ele é mais democrático e por isso, vamos reativar. Quanto ao Programa de Regionalização nos já vínhamos praticando isso, já há algum tempo. Através da Prefeitura e do SEBRAE nos já nos reuníamos, desde 2004, com cidades próximas como Caruaru, Brejo, Taquaritinga do Norte e Bezerros. Nós vínhamos trabalhando essa política de interiorização e quando o Governo Federal lançou o Programa, e que chegou ao nosso conhecimento, nos já havíamos dado início a criação de uma rota. Hoje, Gravatá faz parte da Rota Luiz Gonzaga que envolve diversos municípios. Outras rotas foram criadas, seguindo essa diretriz do PRT do Governo Federal. (R. F. Secretário de Turismo).

Há o reconhecimento pelo atual Prefeito que o governo estadual promoveu investimentos em obras infra-estruturais, como a duplicação da BR 232, ampliação e reforma do Aeroporto e no Porto de SUAPE. Reconhece que no âmbito municipal houve um parcial investimento nas áreas de abastecimento de água, com a Barragem de Jucazinho, e no saneamento básico do Programa Alvorada do Governo Federal. Porém não mede críticas às políticas do governo no que tange à interiorização do turismo, principalmente à EMPETUR empresa responsável pela implementação das políticas de turismo no Estado de Pernambuco:

O Governo do Estado, fora à duplicação, só fez investimento na água e parte do saneamento. Em termos de turismo tivemos 0! E eu falo isso em todo canto, que a EMPETUR é 0! Turismo e Meio ambiente em Pernambuco o Governador se esforçou, com grandes obras estruturadoras tipo Aeroporto, a BR 232, Porto de Suape, mas investimento direcionado para o turismo nos municípios não foram priorizados. Nós temos que carregar o nosso turismo nas costas aqui... (J. N. Prefeito).

Observamos que a atual política que norteia as ações da EMPETUR é no âmbito da divulgação dos potenciais turísticos do Estado através das Rotas Turísticas<sup>46</sup>, e na organização de eventos como já citamos no capítulo 1.

A EMPETUR elaborou um software denominado “Inventário Turístico do Estado”, onde constam 86 municípios. A metodologia desse inventário é uma adaptação feita pela Empresa, recomendada pela Organização dos Estados Americanos/OEA. Lembramos que o Inventário Turístico é o principal instrumento norteador de uma política de turismo.

Esse Inventário foi resultado de uma parceria estabelecida em 1998 entre EMPETUR, SEBRAE e SUDENE. Em 2000, por meio do Programa de Desenvolvimento Sustentável da Zona da Mata/PROMATA da Secretaria de Planejamento do Estado de Pernambuco/SEPLANDES e da Agência de Desenvolvimento do Estado de Pernambuco/AD-DIPER foram incorporados mais 02 municípios: Nazaré da Mata e Buenos Aires e atualizados os dados dos municípios de Aliança, Vicência e Tracunhaém. Em 2002, com o apoio da SEPLANDES e pelo Projeto Renascer e GTZ - com recursos do PRORENDA Microempresa-PE - a EMPETUR incorporou os municípios de Catende e Água Preta perfazendo, assim, um total de 86 municípios inventariados. Consta no referido software, que as atualizações dos dados são de responsabilidade das prefeituras<sup>47</sup>.

Sobre a EMPETUR, salientamos que atualmente no seu portal<sup>48</sup> há uma ferramenta que informa todos os Roteiros Turísticos, no Estado de Pernambuco. Porém, quando buscamos acessar a Rota Luiz Gonzaga, o que encontramos são apenas informações gerais dos municípios participantes (com seguinte chamada de página: “Rota Luiz Gonzaga resgata o que Pernambuco tem de original”), e 02 links onde devemos nos dirigir para obter informações de “onde se hospedar” e “onde comer”. Esse link nos remete para outra página, onde informa que devemos procurar acessar o site CADASTUR do Ministério do Turismo, e para isto disponibiliza o link de acesso. Ao entrarmos no referido site<sup>49</sup> percebemos que o acesso só é permitido às prestadoras de

---

<sup>46</sup> As Rota Turísticas tem como objetivo dotar esses municípios de pólos para atividades culturais, recreativas e de lazer o ano inteiro, aproveitando as suas potencialidades locais.

<sup>47</sup> Informamos que recebemos uma cópia desse software e recentemente pedimos, através de “e-mail” uma confirmação se os municípios estão atualizando os dados oficiais dos seus Inventários Turísticos. Mas, infelizmente, não obtivemos resposta. Pela pesquisa que realizamos no site, percebemos que o de Gravatá não está atualizado.

<sup>48</sup> Disponível em: <http://200.238.107.167/web/empetur> Acesso em: 21/02/2007.

<sup>49</sup> Disponível em: <http://www.cadastur.turismo.gov.br/> Acesso em: 21/02/2007.

serviços turísticos cadastradas no sistema, bem como informações gerais para o cadastro de Guias de Turismo e Bacharel em Turismo.

Apesar de está incluso no programa Rota Luiz Gonzaga ou conhecida também como Rota do Forró do Governo do Estado, o Município ainda estava em fase de elaboração do seu Inventário Turístico quando fizemos nossa entrevista em 2005. O que implica dizer que não havia até aquela data, uma política pública municipal específica para desenvolver o turismo de Gravatá. Informação que veio a ser confirmada pelo Secretário de Turismo:

Não temos ainda uma política de turismo porque nosso Inventário Turístico, está em fase de elaboração. (R. F. Diretor de Turismo).

Como forma de justificar a ausência do Inventário Turístico e de uma Política específica para o setor, o Secretário de Turismo ressalta a visão que o Prefeito tem sobre o potencial que representa do turismo para a região do Agreste:

Nós entendemos nossas falhas, e que elas existem ainda nas nossas ações de governo. Mas, nenhum governo e nem o Governo Federal, consegue resolver a Política Pública de Turismo no Brasil. Eu garanto que nós estamos nos esforçando, ao máximo, em profissionalizar o turismo em Gravatá. O Prefeito tem uma visão empreendedora! Ele entende da importância da interiorização do turismo e do turismo integrado porque através do turismo integrado a gente consegue fazer uma política sustentável, com planejamento. (R. F. Secretário de Turismo).

Como consta da Política Nacional de Regionalização do Turismo um programa de liberação de financiamento pelo Programa Nacional da Agricultura Familiar/PRONAF para financiar os pequenos agricultores interessados no setor, o Diretor de Turismo diz desconhecer esses financiamentos. Já o Secretário de Turismo e o Prefeito conhecem, mas não há liberação desses créditos no município. Segundo o primeiro, isso se deve à burocracia existente para a liberação do crédito. Já o Prefeito se diz contra financiamento se não há infra-estrutura, porque só endividaria o investidor, principalmente se ele for um pequeno agricultor:

Não tenho conhecimento de financiamento do PRONAF para desenvolver o turismo, e não sabia dessas cartilhas do Ministério. (R. F. Diretor de Turismo).<sup>50</sup>

O problema é que burocratizam o acesso ao crédito. (R. F. Secretário de Turismo).

Não adianta eu dar um crédito para o empresário X, na zona rural, principalmente um pequeno agricultor, fazer um equipamento turístico se não construir uma estrada transitável com sinalização pra que o turista vá lá gastar dinheiro. Eu sou contra financiamento de equipamento, se você não tem infra-estrutura. Tem que primeiro ter esses investimentos que seria do PRODETUR, Ministério das Cidades, Ministério do Turismo. (J. N. Prefeito).

---

<sup>50</sup> R. F. é Ricardo Fernandes, Diretor de Turismo.



Quando argüidos sobre a falta de sinalização para os atrativos turísticos de Gravatá que se encontram na área rural, nos informam que o turismo tem sido um aprendizado que acontece na vida prática do dia-a-dia. Onde eles procuram atender às necessidades, à medida que elas aparecem e que não é oferecido o serviço de guias turísticos especializados. E exemplificam com a construção do Centro de Informação Turística e a contratação de pessoal qualificado não só para trabalhar nesse Centro como também especialista em planejamento de trilhas ecológicas. Porém, existem contradições nas respostas sobre esse projeto de sinalização:

A sinalização para os atrativos na área rural é uma meta para 2006. Desde quando o Prefeito assumiu a gente tem priorizado o turismo, e nós temos aprendido muito do turismo com a prática. Primeiro está sendo concluindo a obra do Centro de Informações Turísticas de Gravatá onde lá vai trabalhar um pessoal daqui, com formação na área de turismo. A intenção é o próximo ser a sinalização. Tanto é que já contatamos com o SEBRAE que vai indicar um especialista em turismo, pra fazer esse projeto de sinalização. (R. F. Secretário de Turismo).

Não existe sinalização para o turismo, na área rural. O que existe é um projeto pra esse ano junto com a Faculdade de Turismo de Vitória pra, junto com esses alunos, fazer a sinalização pra zona rural. (R. F. Diretor de Turismo).  
Estou contratando um profissional de Canela/RS, especialista nessa parte mais bonito que temos aqui de natureza. Ele vai fazer planos, como trilhas de acesso de identificação junto com nosso mapa turístico. (J. N. Prefeito).

Ainda no âmbito do turismo no espaço rural a grande queixa dos agricultores tanto os produtores de orgânicos, como dos produtores de flores e plantas ornamentais está na dificuldade de acesso às propriedades. Alguns já receberam visitas de turistas ou moradores de segundas-residências que compravam na propriedade os seus produtos. Segundo eles, como relatamos no capítulo anterior, o afastamento dessas pessoas se deve à péssima situação das estradas. Em sua defesa, o Prefeito diz fazer o que pode pelas estradas, e alega que as críticas são de adversários políticos. Por outro lado, há quem reconheça os esforços do poder local em tentar viabilizar o turismo no espaço rural, mesmo se dizendo não eleitora do Prefeito, buscando parcerias com os municípios vizinhos e estimulando as atividades do turismo de trilhas de aventuras:

Já tem interesse de alguns hotéis como Portal que leva os seus hóspedes para conhecer a produção de flores, que são conhecidos pela mídia. A gente tem as portas abertas à visitação! Mais isso não tem acontecido com muita frequência ultimamente, por conta da situação das estradas. A nossa topografia é muito acidentada e fica realmente difícil, porque é área de Brejo. Nosso problema é a dificuldade para passar a máquina. (L. Z. Produtor Rural e Presidente de Cooperativa).

Esses atrativos na zona rural como o plantio de flores, não existe infra-estrutura turística. O pessoal de flores e dos orgânicos já recebeu a visita de turistas, mas realmente para qualquer morador da zona rural a maior preocupação dele é com estrada. Mas algumas vezes o camarada não vê isso, que o Prefeito não pode atender só a ele. Existe uma programação para passar a máquina, e os recursos não são suficientes pra fazer manutenção a toda hora. Nessa área do Brejo chove demais, faz a manutenção hoje e daqui a 02 meses já está ruim de novo. Eu já acompanhei várias pessoas à cachoeira da Palmeira em carro pequeno, e nunca tive problema. (R. F. Diretor de Turismo).

Não teve ninguém que investiu mais nas estradas na zona rural do que eu! Quem está reclamando deve ser adversário político. Esse ano choveu 2.400 milímetros na região do Brejo, e não tem estrada que agüente... Já o pessoal que participa das competições de Jeep e Motocross gosta da buraqueira e da lama. Vai entender... (J. N. Prefeito).

Acho que o Prefeito Joaquim se preocupa com o turismo rural também e está se mexendo. Por exemplo, no turismo rural, trilhas alternativas, ele se juntou com o pessoal de Bonito, Bezerros, sobre isso. Lá em Bonito, estão trabalhando muito o arborismo! Esse tipo de atividade rural pode ser explorado aqui, porque Gravatá tem muito lugar bonito. Olhe, não votei nele, mas pelo que ele já fez por Gravatá eu dava meu voto agora. (I. P. M. Proprietária de Pousada).

Em janeiro de 2006, o Inventário Turístico de Gravatá foi parcialmente concluído e, segundo consta, os Atrativos Turísticos estão divididos em Atrativos Naturais e Atrativos Artificiais.

Os Atrativos Naturais na área rural são as Serras das Cãibras, Estrela, do Maroto; Pedras Brancas, do Cruzeiro, Dourada, da Moça, do Tao e Vermelha; Rio Ipojuca, Lago Mágico, Banho de Amaraji, Balneário Dona Nadir; Cachoeiras do Galo, da Palmeira, do Tao; Trilhas Ecológicas da Estrada de Chã-Grande, das Flores, da Fonte de Água Mineral, do Karawatá, da Palmeira, da Pedra do Tao, Três Vendas, Trilha dos Trilhos; Mirantes do Cruzeiro, da Pedra do Tao, da Serra das Russas; Açude do Valença; Alto do Caboclo; e Parque de Pedras do Mocó.

Dentre os atrativos artificiais há uma subdivisão entre os histórico-culturais que são as Igrejas, Capelas; o Conjunto Arquitetônico - como o Memorial, Casarões, Casario, Palácio, Palacete, Salão 3 S; Estação Ferroviária e Engenho Caranguejo; Painéis; Construção Civil - Túnel Rodoviário e Conjunto de 14 túneis da estrada de ferro, Caverna do Túnel 16º e a Ponte Cascavel; Museus de Carros Antigos e Memorial de Gravatá; Biblioteca Pública; Manifestações Culturais; Gastronomia típica local, regional e internacional; Artesanato - couro, madeira, bronze e alumínio, bonecos de pano, cestaria e transados de sisal, coco, palha, caniço e cipó; cerâmica; Grupos Folclóricos - bacamarteiros, Banda de Pífano Dacitara, Banda de Pífano Tabocais, Centro Cultural Arte Lua N'golo Capoeira, Grupo Teatral Cena Aberta, Grupo de Teatro Amador de Gravatá, Mamulengos e Quadrilha; Feiras e Mercados; Artistas Populares e Bandas Musicais;

Agremiações Carnavalescas; Artistas Plásticos e Eventos Turísticos - Festas Populares, Feiras e Exposições, Eventos Esportivos.

Os equipamentos e serviços turísticos de hotelaria e gastronomia oferecidos no Município de Gravatá não constam no referido documento que nos foi repassado oficialmente. Segundo os dados encontrados no software do Inventário Turístico da EMPETUR, de 1998, os equipamentos são 02 Hotéis, 04 Pousadas, 07 Auditórios, 03 Bares, 01 Boate, 01 Casa de Chá/café, 02 Casas de Show, 04 Praças, 05 Centros Comerciais, 04 Sorveterias, 01 Prive de temporada/veraneio, 01 Centro de Convenções, 04 Clubes Recreativos, 01 Cyber Café, 06 Restaurantes de comida típicas, 29 Restaurantes de comidas regional e internacional, 01 Pizzaria. No meio rural são 02 Fazendas, 05 Haras e 01 Sítio que oferecem atividades recreativas, de lazer e dessas apenas o Sítio e 02 fazendas oferecem Hospedagem, 03 Hotéis-Fazendas, 02 Aparts Hotéis, 01 Spa, 02 Parques de Vaquejada/cavalhada, Pavilhão de Exposição.

Já no âmbito do SEBRAE, nos documentos do seu Programa SEBRAE de Turismo, consta no Banco de Dados do Catálogo denominado Roteiros de Pernambuco, que em Gravatá existem 04 empresas responsáveis pelo Turismo Receptivo especializados: Lagos e Montanhas, Expedições Tarântula, Tarântula Esportes Radicais e 01 Guia Turístico para City Tour. No que tange às atividades cultural, rural, natural e de aventura, de eventos, terapêutica e de compras as empresas que desenvolvem tais atividades são: Expedições Tangará, Sítio Vale Verde, Verde Cavalgada, Tarântula Esportes Radicais, Pousada Rural Pedra do Tao, Spa Oásis, Orquidário Dois Amigos, Haras Vale das Acácias, Memorial de Gravatá, Arte em Alumínio, Arte da Serra, Deda Móveis e Artesanato, Tavares & Soares Móveis e Decorações, Casa Bonita Móveis e Silva Móveis. Na gastronomia, são citados os restaurantes, bares e cafés: Pàs de Três, Spa Oásis, Restaurante 4 Estações, Passaredo Café, Hotel-Fazenda Céu Aberto, Picanha da Serra, Restaurante Faisão Dourado, Taverna Suíça, Buchadinha do Gordo, Café do Abel, Moinho Lê Cottage, Bode da Serra. Já os meios de hospedagem, citam as pousadas, hotéis rurais, haras pousadas, hotéis-fazendas, fazendas-hotéis e hotéis que são: Pousada Rural Pedra do Tao, Hotel-Fazenda Céu Aberto, Spa Oásis, Hotel Casa-Grande, Petur Hotel Centro Gravatá, Hotel-Fazenda Portal de Gravatá, Haras e Pousada Ipojuca, Highlander Hotel<sup>51</sup>, Hotel Centro de Gravatá, Hotel-Fazenda Colinas de Gravatá, Pousada Bom Clima, Pousada Center, Pousada Hildebrando, Pousada Lar de Santana, Pousada Tropical, Pousada Rural; os Apart-Hotéis são: Le Chalet

---

<sup>51</sup> Esse Hotel, na verdade, está localizado no município vizinho de Chã Grande e, portanto, não pertence à Gravatá.

Country Flat, Manibu Residence, Apart-Hotel Portal de Gravatá; os privês de temporada/veraneio são: Pousada Vivenda São José e Privê Maison Delfino. Enquanto o SEBRAE informa que existe um Guia de Turismo cadastrado em Gravatá, o Diretor de Turismo nos afirma o contrário:

Pra fazer turismo na zona rural como ir à Cachoeira da Palmeira, no Balneário de D. Nadir ou conhecer o plantio de flores quem se interessa em ir, a pessoa vai por conta própria. Nós ensinamos o caminho, informamos quem pode fazer esse tipo serviço. Ainda não temos aqui em Gravatá, profissionais pra esse tipo de serviço. Isso acontece de forma aleatória. Aqui em Gravatá, não temos guias turísticos formados. (R. F. Diretor de Turismo).

Pelo que pudemos observar, o catálogo do SEBRAE em relação ao Inventário Turístico de Gravatá e ao Inventário Turístico da EMPETUR, é o mais atualizado. Muito embora em seu documento não informe datas, deve ter sido elaborado após a duplicação da BR 232 uma vez que ela é citada no texto. Uma observação é que há divergências de dados entre as 03 fontes: SEBRAE, EMPETUR e Prefeitura em relação aos equipamentos e serviços de turismo oferecidos em Gravatá.

Nas entrevistas realizadas com o Diretor de Turismo sobre o número exato dos meios de hospedagem e restaurantes, tanto na área urbana como na rural, as informações foram:

De grande porte temos 03 grandes hotéis: o Portal de Gravatá, Casa Grande e o Céu Aberto. Temos 02 em construção de grande porte, o Resort Asa Branca e o Vila Hípica. Aqui em Gravatá nos temos hotéis de grande porte e Pousadas. Não temos de médio porte. Pousadas chega perto de 20 estabelecimentos regulares. A rede hoteleira, considerando os Flats do Portal de Gravatá, existia em 2004, 2.546 leitos porque fui eu mesmo que levantei esses números, mas hoje é mais. Já de restaurantes temos uns 120, desde a comida típica regional até a internacional. Só temos 02 Haras Pousadas que recebem turistas e visitantes: o Ipojuca e o Cavalgadas Sempre Verde e Vivências. O Vale das Acácias oferece passeios e tem a Cidade Country. Percebemos um aumento de procura por esse atrativo. (R. F. Diretor de Turismo).

Por outro lado, verificamos que entre os Museus citados no Inventário turístico do Município, o Museu de Carros Antigos é de propriedade privada e não é aberto ao público para visitação. Seus veículos só podem ser vistos nos eventos promovidos no Hotel-Fazenda Portal de Gravatá, quando acontece o Encontro de Veículos Antigos do Nordeste. Sobre essa recusa do proprietário em abrir à visitação, nos informa o Prefeito quando argüido sobre o assunto:

Não é nem uma tentativa, mas uma insistência de convencer o proprietário dos carros antigos a abrir sua garagem à visitação. Mas é difícil! A gente lutou para ele construir aquele espaço aqui, agora vai ser outra luta abrir a visitação. E a quantidade carros que temos ali é bem maior que o numero de carros do Museu do Automóvel de Gramado. (J. N. Prefeito de Gravatá).

Percebemos, ainda, que a Lanchonete Rei das Coxinhas não é citada em nenhum dos Inventários, uma vez que o estabelecimento é parada obrigatória de todos que sobem ou descem a Serra seja ônibus de turismo ou mesmo carros particulares.

O Orquidário Dois Irmãos que, recentemente, foi transformado em ONG e em “Bem de Utilidade Pública” pelo Município, também ficou fora do Inventário Turístico Municipal. Infelizmente, não pudemos entrevistar o proprietário, mas as informações que obtemos junto a diversos entrevistados dão conta que são 2.200 orquídeas de 183 gêneros, 830 espécies, 200 formas híbridas de várias regiões do Brasil, assim como da Europa, África, Ásia, Oceania e Américas Latina, Central e do Norte. Nesse Orquidário encontra-se a orquídea considerada a maior do mundo. Além disso, é possível encontrar orquídeas silvestres, bromélias, jasmims, ipês, dentre outras: Sobre esse orquidário nos informam:

O Orquidário é um atrativo na zona rural embora não receba visita diariamente, só com agendamento. Ele é importante, inclusive é referência nacional pelas espécies raras que tem de orquídeas. (R. F. Diretor de Turismo).

O Orquidário agora é um bem de utilidade publica. O Odilon é um entusiasta, e a gente tem dado o apoio que ele precisa. É uma coisa particular, mas a gente decretou como um Bem de Utilidade Publica e ele está lutando por incentivo na área ambiental junto ao IBAMA, na capacitação e no projeto de abrir ao publico. (J. N. Prefeito).

As orquídeas são belíssimas! É desse Orquidário a maior orquídea do mundo! É uma riqueza de variedade de espécies, que você não faz idéia. (M. F. Moradora de Segundas-residências).

Em maio de 2006, foi inaugurado o Centro de Informações Turísticas de Gravatá, que além de pessoal técnico com formação em Turismo e disponibilizar variado material de divulgação dos principais pólos atrativos – hotelaria, gastronomia, artesanato, móveis - conta com um caixa eletrônico do Banco do Brasil. O calendário oficial de Eventos procura privilegiar quase todos os meses do ano: janeiro – Festa de Reis, fevereiro – Carnaval, março – Aniversario e Emancipação Política da Cidade, abril – Semana Santa, maio – Festividades Religiosas, junho – São João, julho – Padroeira Nossa Senhora de Sant’Ana, agosto – Circuito do Frio, setembro – Festival Cultural, Feira de Negócios e Festival Gastronômico, dezembro – Natal da Paz e Reveillon.

O Secretário de Turismo afirma que, só recentemente, em sua administração, o turismo passou a ser considerado como um forte instrumento gerador de emprego e renda para a população local. E, nesse sentido, o município tem investido no Turismo de Eventos e na capacitação profissional. Há um projeto também de implantação de uma disciplina

“Conscientização e Educação para o Turismo”, na rede municipal de ensino:

A partir da minha administração, é que se começou a ter essa visão de turismo. A questão da profissionalização, isso foi quando assumimos. Uma meta nossa foi investir no turismo como prioridade número 01 do governo porque dentro de aquilo que falei de geração de emprego e renda o turismo não era tratado, não existia. Existiam aquelas situações... Mas não existia turismo, como estamos procurando fazer! Trouxemos o SEBRAE como parceiro pra dentro do município, e temos investido em capacitação profissional e equipamentos turísticos. Temos a intenção de implantar uma disciplina na rede de ensino, esse ano ou no próximo, chamada “Conscientização e Educação para o Turismo” para começar educando as crianças sobre a importância do turismo pra cidade. (R. F. Secretário de Turismo).

Na área do Marketing, o Município procura participar dos eventos nacionais e estaduais na área do turismo, através da EMPETUR. Podemos observar que o meio de divulgação mais utilizado é o “folder”, porém em períodos de grandes eventos como a Semana Santa, São João ou o Festival Cultural e Feira de Negócios, há também cobertura pelos jornais, televisão e internet. Através dos provedores de internet existentes no Município, é possível acompanhar “ao vivo” a todos os shows realizados no Pátio de Eventos no São João, organizados pela Prefeitura. Pelo que pudemos perceber nas entrevistas, é importante o apoio do SEBRAE ao turismo, e o município espelho para as ações desenvolvidas é Gramado/RS, inclusive para a implantação da disciplina “conscientização do turismo” no currículo escolar. Pelo que percebemos, não há uma relação apenas política entre o Prefeito de Gravatá e o Prefeito de Gramado/RS, há uma admiração e respeito pelo trabalho que esse político vem desenvolvendo na cidade gaúcha, ao longo de 40 anos:

Gravatá participa assiduamente de todos os eventos de turismo como encontros da ABAV<sup>52</sup>, Salão do Turismo. O Prefeito e o Secretário sempre estão em Gramado em Missões Técnicas com o SEBRAE. Através da EMPETUR, a Secretaria de Turismo de Gravatá leva material suficiente pra expor nos Standards. O material de divulgação é todo nosso. No Salão de Turismo a Secretaria participa dessas feiras. (R. F. Diretor de Turismo).

Aprendi muito com o Prefeito da cidade de Gramado, Pedro Bertolucci, eleito pela quarta vez. Quando ele começou, e era ainda vereador a 40 anos atrás, implantou essa disciplina de “conscientização do turismo” nas escolas. O menino começa na creche já sabendo da importância do turismo para o pai dele ter emprego, da cidade estar limpa. (J. N. Prefeito).

Há muito investimento no marketing, na imprensa dos jornais e na TV. Eu já apareci no comercial da Globo! (I. P. M. Proprietária de Pousada).

Há muita divulgação dos eventos de Gravatá tanto na televisão como na imprensa escrita, e na internet. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

---

<sup>52</sup> ABAV – Agência Brasileira de Agências de Viagens.

Pudemos realmente constatar que houve uma recuperação nos prédios públicos, casario e casarões antigos da cidade, bem como da feira pública com barracas padronizadas e recuperação física do Mercado Público.

Segundo o Prefeito, foi na sua administração no meado da gestão passada, que ele iniciou as diversas “missões técnicas” à cidade Gramado, no Rio Grande do Sul, de onde trouxe diversas idéias para implantar em Gravatá. Também foi na sua gestão que apareceram os investidores para a construção do Resort Asa Branca, pertencente ao Grupo empresarial Shopping Center Guararapes, e do Flat e Club Vila Hípica do Grupo da Fonte já concluído e atualmente em fase de conclusão do hotel. Sobre isso nos informam:

Aprendi muito nas minhas missões à Gramado! Eu despertei o interesse dos investidores e aí começaram a aparecer os grandes condomínios. As pessoas entenderam o propósito do governo! Começaram a surgir os grandes Resorts como está sendo construindo o primeiro, o Asa Branca, o Vila Hípica que já está aí. Estamos investindo na recuperação de todos os prédios públicos como a Casa da Cultura, o Mercado Público. Nós estamos fazendo uma feira de maneira que traga os turistas pra dentro da feira. Temos investindo o tempo todo nas capacitações nas áreas de hotelaria, gastronomia para que a população daqui tenha emprego e não precisemos trazer pessoal de fora. (J. N. Prefeito).

Os projetos a serem implementados na infra-estrutura turística são: a construção de mais um mercado público dentro da feira em parceria com a Fundação Gilberto Freire, o funcionamento do passeio de Trem na Maria Fumaça ao Distrito de Russinhas, e a construção de mais uma pousada e um hotel de grande porte:

Temos um projeto de mais um Mercado Público em parceria com a Fundação Gilberto Freire, para ser instalado na feira livre. Estamos correndo com o projeto do trem turístico pra o distrito de Russinhas, que vai ser o primeiro do Norte e Nordeste operado com Maria Fumaça. Tivemos agora a pouco a proposta de uma pousada diferenciada do estilo nosso, que vai entrar na Rota da Pousada do Charme e tem a proposta de um grande empreendimento de um hotel. (J. N. Prefeito).

O projeto do trem turístico tem 17 km e vai até Russinha e quando o turista chegar lá vai encontrar os pólos, de artesanato e gastronômico. O que está faltando agora é a reforma dos trilhos. O trem foi reformado, e pertence a um empresário. E as informações que temos é que os recursos foram liberados, mas que está em negociação a questão da manutenção com estação ferroviária. (R. F. Diretor de Turismo).

Pelo que pudemos perceber, o poder local decidiu investir no Turismo de Eventos de maneira mais forte, porque entendeu que essa modalidade é a forma mais rápida de gerar emprego, trabalho e renda para a população local, devido à facilidade de acesso e a proximidade da capital. Na verdade, pudemos acompanhar de perto o aumento do número de pessoas à cidade, nos períodos festivos, tanto hospedadas nos hotéis ou nos privês e condomínio como o aumento da população que se deslocava apenas para os shows, oriundas de Recife e dos Municípios

vizinhos. Pelos cálculos do Secretário de Turismo são de 2 a 3 mil empregos diretos gerados, e em média 4 mil indiretos:

O Turismo de Evento é um instrumento de inclusão social, que tem proporcionado isso muito pra cidade. Estamos investindo muito, porque entra muito dinheiro em Gravatá. Tem evento aqui que recebemos mais de 1 milhão de pessoas, e isto movimento o comércio de forma geral. Até o pessoal da feira livre se beneficia. O Turismo se consolidou em Gravatá através do Turismo de Eventos e gera, nas altas temporadas, cerca de 2 a 3 mil empregos diretos e uma média de 4 mil indiretos. E hoje o governo se preocupa em explorar também as outras potencialidades em todas as instancias que seria o turismo ecológico, de aventura, rural. (R. F. Diretor de Turismo).

Quando assumimos o Município, procuramos vocacionar Gravatá para o turismo porque entendemos que hoje, no mundo atual, o maior desafio do gestor público é gerar emprego e renda pra nossa população. E o turismo é uma das maneiras mais rápidas de você gerar emprego, você investe e rapidamente dá o retorno na geração de emprego. E atrelada a isso a vocação do município, a situação geográfica, o clima alguns investimentos que já tinha, e então foi por isso a decisão de investir maçicamente no turismo em Gravatá. Até porque no Estado de Pernambuco tem “n” praias, mas cidades serranas só têm Gravatá, Garanhuns e Triunfo. E como Gravatá está a 80 km da capital, numa estrada duplicada, então levamos grande vantagem nesse aspecto e isso foi a decisão que ajudou a investir no turismo justamente por conta da vocação natural. (J. N. Prefeito).

Os Eventos realizados no Município são de 03 tipos: O primeiro é decorrente da participação do Município no Circuito do Frio, recebe patrocínio do Governo do Estado e acontece no Pátio de Eventos. Já o segundo como Semana Santa, São João, Festival da Cultura, Feira de Negócios, etc. são iniciativas e promoção do poder local, com recursos patrocinados por políticos e empresas e, também, acontecem no Pátio de Eventos. Segundo observamos, e as entrevistas confirmam, as barracas são todas padronizadas, a população que trabalha nos eventos é do Município e, além do cadastramento, essas pessoas passaram por uma capacitação profissional no âmbito das Boas Práticas do manuseio e trato com alimentos. Percebemos, ainda, uma preocupação por parte do poder local em dar apoio a esses trabalhadores em relação ao cuidado dos filhos, permitindo a abertura das creches durante as festividades enquanto os pais trabalham:

Em todos os shows no Pátio de Eventos, só trabalha gente de Gravatá! Damos toda a infra-estrutura de barracas padronizadas, e pra isso fazemos parcerias de patrocínio com empresas e políticos. O governo do Estado patrocina no Circuito do Frio, e também temos o apoio do DETRAN e da Polícia Rodoviária Federal. São todos cadastrados e fazem capacitação para trabalharem com comida. (R. F. Secretário de Turismo).

Aqui nos eventos da Prefeitura só deixo trabalhar quem é daqui! E tem mais, que o Rildo não falou! Os filhos desse pessoal que trabalha nas nossas barracas são proibidos de ajudarem os pais. Se eles não têm com quem ficar em casa, ficam nas creches enquanto os pais trabalham. (J. N. Prefeito).



A vantagem desses shows na cidade é que eles dão preferência para os moradores de Gravatá. Há um cadastramento e capacitação do povo que vai trabalhar, e todas as barracas são padronizadas. É tudo organizado! (I. P. M. Moradora e Proprietária de Pousada).

O grande público presente nos eventos promovidos pela Prefeitura estimula a iniciativa privada, que também passou a investir nesse segmento. Por outro lado, como mostra as entrevistas, são os eventos que estão trazendo sérios transtornos à população:

Esse crescimento desordenado de transformar Gravatá numa grande balada, não é por aí! Depende de quem vai tomar conta! Quer um exemplo de uma polêmica foi o show de Ivete Sangalo, na Semana Santa do ano passado. Bloqueou a estrada, quem tinha ido pra Nova Jerusalém não conseguia voltar pra casa porque a BR estava bloqueada. Tinha virado estacionamento de carro! A própria Ivete só chegou ao Haras, com auxílio da Polícia Rodoviária e pela contramão. Esse ano ela veio de helicóptero! (I. P. M. Proprietária de Pousada).

Depois do que aconteceu ano passado no trânsito, por conta do show de Ivete Sangalo, eu nem saio mais à noite do condomínio nesses eventos. (S. C. Moradora de Prive).

Nem piso na cidade quando tem eventos por lá. Fica um caos o trânsito. (G. R. B. A. Moradora de Condomínio).

Essa terceira modalidade de grande evento, que se realiza na Semana Santa e no São João, está no âmbito da iniciativa privada e acontece em um Haras às margens da BR - 232, após a entrada da cidade no sentido Bezerros. Ele acontece paralelo aos shows do Pátio de Eventos e além da forte concorrência com o evento da iniciativa da Prefeitura, já estabeleceu disputas no âmbito do judiciário que ganhou repercussão na mídia impressa e televisa do Estado. Pelo que apuramos, a Prefeitura entrou com uma ação na justiça, em 2006, tentando embargar o show alegando os transtornos ocorridos no trânsito na BR – 232 em 2005, e que causaram sérios problemas não só para a população local como, também, para aqueles que se dirigiam ou voltavam da cidade cenográfica de Nova Jerusalém. A decisão judicial favorável à empresa organizadora do evento no Haras só aconteceu depois da apresentação de um projeto de estacionamento para os veículos e do ordenamento do trânsito, com o aval do Departamento Nacional de Trânsito/DETRAN e Polícia Rodoviária Federal. Outro fator importante, é que não beneficia a população local. Fora o pagamento do alvará, toda a infra-estrutura é de fora do município:

E tem mais, o cara vem de fora, faz o show leva o dinheiro de Gravatá e o que entrou pra cidade financeiramente? Ele paga o alvará a Prefeitura e só! Ninguém de Gravatá se beneficia com esses shows no Haras! Ele vem pra Gravatá pega o dinheiro, paga os artistas e vai embora. Eu achei a exigência do Joaquim esse ano, muito cabível. O cara teve que alugar uma área do lado. A Polícia Rodoviária veio arrumou tudo porque ele não pode, por conta do evento dele, parar a cidade e atrapalhar a vida de quem está em viagem na BR. Quem tinha restaurante, hotel ou morava pro lado de lá teve prejuízo. (I. P. M. Proprietária de Pousada).

Esses shows no Haras, nem vendedor de sacolé daqui entra! Tudo vendido lá dentro é de fora! (D. A. Comerciante).

Olhe os shows são bons, mas beneficiar a população não beneficia porque não contratam ninguém daqui. O povo daqui, não ganha o suficiente, pra pagar o ingresso. Só quem ganha são o dono do show, o pessoal do Haras e os artistas. Só quem vai mesmo é o pessoal dos condomínios, privês, hóspedes, mas a confusão só é grande por causa do povo que vem de fora e volta depois que acaba. Vem gente de Recife a Caruaru. Imagina que tem gente que está deixando de ficar em Caruaru, a Capital do Forró, pra vim pra cá... Junte isso, mais o trânsito para Nova Jerusalém e você vê a confusão que fica... (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

Nos âmbito dos privês e condomínios<sup>53</sup> os loteamentos e a construção civil fizeram de Gravatá, o município de maior alta na taxa de crescimento dos setores imobiliário e da construção civil no Estado. (GRAVATÁ, 2006, p. 13):

Gravatá é a menina dos olhos do pessoal de Recife. Tudo que é de gente importante tem casa aqui! (I. P. M. Proprietária de Pousada).

O pessoal de Recife com poder aquisitivo está comprando tudo aqui! Terra em Gravatá vale ouro e o pior é que vende! (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

Principalmente após a duplicação da BR – 232, cresceu muito a oferta de terrenos para a construção de privês e condomínios. Para o setor imobiliário, o Município tem o metro quadrado mais caro do Estado. Em média são 200 casas licenciadas por mês, e entregue 05 casas construídas por dia. No total são 150 condomínios/privês com 13 mil residências:

Temos mais de 150 condomínios e privês, com uma média de 13 mil casas. São construídas uma média de 200 casas por mês, mas que já tinham sido licenciadas. (J. N. Prefeito)..

Por outro lado, isso promoveu a especulação imobiliária onde o preço tanto de lotes como de casas construídas, nas áreas urbanas e rurais, subissem de maneira assustadora. Em determinados condomínios, pudemos verificar que o preço de um terreno de 2.000 metros quadrados de área, estava à venda por R\$ 200 mil:

---

<sup>53</sup> A diferença entre privês e condomínios é que os privês são conjuntos residências com as casas padronizadas e toda infraestrutura de urbanização. Já os condomínios são terrenos, com toda infraestrutura de urbanização, os lotes individuais tem área maior que os privês e as casas são construídas de acordo com o interesse do proprietário.

O preço dos terrenos aqui é altíssimo! Tem um terreno que comprei por R\$ 18 mil, há uns 06 anos atrás, já colocaram R\$ 100 mil e olhe que é longe, acesso difícil lá na Serra do Boi e eu rejeitei. É um terreno que dá pra fazer um prive pequeno, porque têm 05 hectares, água mineral e tem uma casa muito boa. Você já viu o folder Gravatá lugar de colocar as pernas pro ar? Pois é, tem gente que quer comprar só pra colocar as pernas pro ar! Tem uma casa na minha rua que foi vendida por R\$ 80 mil e simplesmente o cara que comprou derrubou tudo para fazer outra, não aproveitou nada! A minha rua fica ali perto, do Pátio de Eventos. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

O lote aqui subiu muito! Tudo é acima de R\$ 100 mil. Tem uma casa aqui subindo a rua, que estão pedindo R\$ 1 milhão. Vizinho ao restaurante Portucale aqui nessa avenida, a dona está pedindo R\$ 600 mil na casa. Isso não existe... (I. P. M. Proprietária de Pousada).

Outra questão citada foi que a enorme quantidade de condomínios e privês construídos estariam contribuindo para que o Município perdesse seu principal atrativo, o Clima. Segundo as entrevistas, a urbanização das antigas fazendas para a construção dos condomínios e privês estaria provocando o aquecimento do Município. Por outro lado, o agrônomo Presidente da FLORAGRESTE, nega que essas construções contribuam para o aquecimento porque são construídos em antigas áreas de pastos. Para ele o desmatamento está ocorrendo em outras áreas do Município, se deve à produção agrícola e à necessidade de lenha das pessoas para cozinhar. E, segundo sua opinião, apenas a AMA desenvolve um trabalhos de conscientização sobre a importância de conservação da mata com a população carente da zona rural:

Eu lembro, quando criança, que as pessoas aqui dormiam de pijama de flanela e cobertor! Todos esses condomínios deveriam ter uma área verde. Mas o pessoal cimenta e o que acontece? Está esquentando o clima de Gravatá! Agora a água não tem mais pra onde correr. Nós tínhamos muito canteiros, jardins, então tinha pra onde a água ir e o solo ficava fresquinho. Agora os privês estão tomando conta de tudo e nos condomínios que tem área maior, eles constroem uma piscina e não colocam árvores e cimentam tudo. Quando chove a terra não respira... (I. P. M. Proprietária de Pousada).

Não está havendo muito desmatamento porque onde está sendo feito condomínio ou foi feito, é ou foi área de pasto. A parte que nós produtores trabalhamos essa sim é área de mata, tem restinho de Mata Atlântica que também já não tem porque tem produção agrícola. Eu mesmo, no meu caso, tenho problema porque tenho resquício de Mata e o pessoal de uma vila perto rouba muita madeira pra fazer lenha. Eu não quero que tire a madeira, mas o pessoal tira. Se você compra uma briga... Tem muita gente que depende da lenha para cozinhar, e não usa o gás. E não existe um trabalho da Prefeitura para minimizar isso. Só o pessoal da AMA que faz um trabalho nesse sentido, mas é aquela coisa da necessidade... (L. Z. Produtor Rural e Presidente de Cooperativa).

Ao entrevistarmos o Prefeito e expormos essa questão e a nossa observação sobre a falta de arborização na cidade, nos foi informado que havia um decreto proibindo novas construções e que a Prefeitura já estava providenciando mudas para arborizar as ruas da cidade. Isso realmente observarmos em nosso último regresso à cidade que as principais ruas e praças estavam com mudas de árvores plantadas, com uma proteção de madeira e a informação: “Obra da Prefeitura

de Gravatá”. Quanto a desenvolver iniciativas que minimizem o corte de madeira, preferiu mudar de assunto:

Está suspensa a liberação de licença pra construção de condomínios desde que assumi. Tem um decreto. Essas construções que estão fazendo, são porque já existia a licença. A gente está sendo criticado por muita gente, que quer fazer esses empreendimentos por aqui. Mas a única coisa que aprovei foi o Asa Branca. Já na arborização nos estamos providenciando as mudas, e vamos arborizar as ruas da cidade. (J. N. Prefeito).

Observamos que não havia um cadastro atualizado dos imóveis existentes no Município e que essa decisão de suspender a liberação de licenças para as novas construções objetivava fazer o recadastramento dos imóveis existentes no Município, para atualizar o valor cobrado no IPTU e aumentar a arrecadação do ISS. Essa atualização no IPTU das residências foi algo que também gerou polêmica, entre moradores fixos e de segundas-residências. E, como decorrência, em agosto de 2006, o Prefeito aprovou a Lei 3383/96 que regulariza a situação dos imóveis e regulamenta o uso do solo:

Agora estamos fazendo um recadastramento, e estamos com mais de 70% de inadimplência desse pessoal no pagamento do IPTU. Atualizamos o valor venal e base de cálculo. Temos uma grande quantidade de contribuintes que estão em débito inscritos na Dívida Ativa e ajuizados que serão executados, pra ver se as pessoas pagam os impostos. E a inadimplência está nos condomínios e privês. Gravatá tem como vocação o turismo e temos que receber ISS e IPTU e cada vez mais a cidade demanda de mais infra-estrutura, e se você não arrecadação, você já viu... (J. N. Prefeito).

Minha casa tem 400 metros quadrados de área construída e paguei R\$ 500,00 de IPTU. É um absurdo de imposto, pra uma cidade como Gravatá! (J. B. A. N. Morador de Condomínio).

O que acho caro aqui é o IPTU que era R\$ 200,00 passou para R\$ 900,00, só porque fiz primeiro andar. Se estou pagando pelo ar e então deveria pagar à Aeronáutica, eu não cresci no terreno. Essa coisa da lei ser por área construída, eu acho errado! (I. P. M. Proprietária de Pousada).

A justificativa do Prefeito para o aumento do IPTU se deve aos recursos transferidos pelo Governo Federal que, segundo informa, além de estarem diminuindo, estão vinculados aos dados da população fixa do IBGE que não considera os moradores das segundas-residências e a população flutuante de turistas que freqüentam a cidade. Para a Prefeitura dada a despesa causada pelo turismo, é vital para o município viabilizar o aumento da arrecadação:

Além de tudo o Governo Federal, cada vez, diminui as transferências federais. Nós temos que aumentar a nossa arrecadação própria. E Gravatá tem uma particularidade própria! Não só Gravatá, como essas cidades que tem potencial turístico, que recebe uma transferência para 68 mil habitantes, mas na verdade sou obrigado a manter uma infraestrutura para 300 a 400 mil habitantes, mantendo despesas com iluminação, limpeza urbana, pavimentação, de saúde. Enfim, um conjunto de obrigações que sou obrigado a manter os 365 dias do ano, e isso é um problema! (J. N. Prefeito).

Sobre os efeitos do cadastramento, as entrevistas indicam que não existem hotéis, pousadas ou estabelecimentos informais; construção irregular de moradia ou qualquer outro tipo de estabelecimento comercial. Alguns dizem que devido à forte fiscalização da Prefeitura:

Não existe hotel ou pousada informal aqui. Fiscalizam tudo, ninguém constrói ou reforma nada aqui escondido porque a prefeitura pega! (L. Z. Produtor Rural e Presidente de Cooperativa).

No que se refere a estabelecimento de infra-estrutura diretamente ligada ao turismo, não tenho conhecimento de irregularidade. Até porque, ano passado, eu mesmo fiz esse cadastramento. (R. F. Diretor de Turismo).

A fiscalização aqui é grande! Não acredito que alguém faça construção, ou reforma irregular. Os fiscais da Prefeitura encostam ligeiros e se não tiver licença, vem também a multa. (I. P. M. Proprietária de Pousada).

Ao analisarmos a Planta Diretora do Município, que Gravatá como potencial turístico, as críticas dizem respeito ao Pólo Cultural do Cruzeiro que precisa de infra-estrutura básica, e remoção de famílias residindo em área de risco; e ao Parque Ecológico considerado em abandono. (CONDEPE/FIDEM, 2004). Sobre isto, o Prefeito argumenta que as administrações passadas são as responsáveis pelo atual estado. Aproveita para informar que já estão em andamento as negociações com a Caixa Econômica Federal, de um projeto de construção de 243 casas populares para as famílias que serão removidas da área próxima aos trilhos por onde deverá passar o trem turístico:

Essa crítica é porque deixaram favelizar ela todinha. E agora a gente não pode tirar o povo dali, de uma hora pra outra. Estamos tentando melhorar as casas, tirando aqueles de riscos, fizemos calçamento e saneamento básico nos bairros do Cruzeiro, Boa Vista e Bairro Novo. Temos um projeto de 243 casas populares na Caixa para tirar a única favela que temos no Bairro de Maria Auxiliadora, na margem na rede ferroviária. Com esse passeio turístico vamos remover esse pessoal para uma área perto do CAIC. (J. N. Prefeito).

Se você for ver a concepção da cidade de Gravatá as grandes residências de luxo estão na periferia, e a favela está na cidade. Na feira eu já resolvi. Agora vamos começar a requalificação do Centro. Eu pedi um projeto de arborização e humanização às margens da Perimetral, como também no Centro da cidade. E, aprovei agora, que os condomínios novos vão ter que ter uma quantidade X de árvores pra plantar. Toda residência que for ser construída só vai ter seu habite-se, quando ela tiver uma árvore plantada na sua frente. Isso tudo vai ser contemplado no Plano Diretor. (J. N. Prefeito).

Ao nos informar sobre a construção das casas populares, aproveitamos para perguntar ao Prefeito se havia outros projetos nesse sentido. Como resposta, obtivemos que sua prioridade é geração de emprego e renda para que a própria população construa sua casa:

Essa construção popular é uma construção que não me interessa muito. Eu quero investidor que venha construir, casas importantes. Casa popular pra mim é só pra resolver esse problema social, que eu tenho no momento. Eu não vou correr em busca de casa popular. Eu quero é gerar emprego, para que um construa sua casa. (J. N. Prefeito).

Sobre a destinação dos recursos advindos dos impostos arrecadados diretamente relacionados às atividades de turismo e Lazer (segundas-residências), nos informa o Prefeito que sua prioridade é a aplicação na educação.

Estamos usando 100% na melhoria da qualidade de vida da população gravataense. Com a execução judicial quem tiver inadimplente vai ter que pagar e, eu vou investir mais ainda na educação, e na saúde. Assim de cabeça posso dizer que investimos 27,4% na Educação, 18% em Saúde, 8% em Turismo. Minha prioridade é a educação! Não se melhora o turismo e nem se muda a vida, se não se investir na educação. Tem que começar tudo pela educação. O sucesso depende da educação. J. N. Prefeito).

Quando argüido sobre o volume de dinheiro que circula no Município oriundo das atividades relacionadas ao turismo e ao lazer (segundas-residências), o Prefeito não soube fazer uma estimativa. Já o Secretário acredita que seja maior que R\$ 10 milhões, ao ano:

O turista não gasta menos de R\$ 100,00 por dia, aqui. Se você faz uma conta da quantidade só de casas que tem com 5 pessoas, mas que na verdade vem no mínimo 10 pessoas, fora as pessoas que vêm e voltam no mesmo dia, as que ficam nos hotéis, haras e fazendas, e as que vêm visitar os parentes, pra te dizer um número tem que ser um número preciso, e eu não tenho. (J. N. Prefeito).

Eu acho que ele ultrapassa a R\$ 10 milhões no ano. (R. F. Secretário de Turismo).

Ao comentarmos a resposta à nossa entrevista da não existência de uma política pública para o espaço rural pelo governo do Estado de Pernambuco pela a então Secretária Adjunta de Turismo Prof<sup>a</sup>. Sandra Pagano (citada no capítulo 1), o Prefeito Dr. Joaquim Neto nos informa que essa ausência se dá à falta de sinergias entre a Secretaria de Turismo e a EMPETUR. Na realidade, em conversas informais com funcionários da EMPETUR, percebemos haver uma disputa política entre Secretaria de Turismo e EMPETUR. É uma disputa que remonta ao primeiro governo Arraes, quando a EMPETUR perdeu sua autonomia e passou a ser uma empresa ligada à Secretaria de Turismo:

A política do Governo do Estado para o turismo no espaço rural é 0. A Dra. Sandra tem razão em dizer isso! Não existe sinergia, integração entre a Secretaria de Turismo do Governo do Estado e a EMPETUR. Existe apenas o Circuito do Frio que a EMPETUR faz. (J. N. Prefeito).

Porém, essa falta de articulação entre Secretaria de Turismo e EMPETUR não é impedimento, para que Gravatá busque viabilizar desenvolver o turismo. Como argumentos, utilizam a eleição do Secretário Rildo Feitosa para Presidente da Associação dos Secretários de

Turismo do Estado de Pernambuco/ASTUR, e a criação da Associação de Turismo de Gravatá como espaços para dar visibilidade ao potencial turístico oferecido tanto pelas cidades do interior do Estado, como de Gravatá. Aproveitam para informar que a criação da Associação de Turismo de Gravatá se deve à iniciativa do Prefeito que buscou mais uma vez a parceria do SEBRE, no âmbito do associativismo:

Agora Rildo se elegeu presidente da ASTUR e umas das coisas que vamos lutar agora, inclusive com os 50 e poucos municípios que são filiados a ASTUR, pra que se faça uma política direta para os municípios. Esse fórum de secretários vai trazer a discussão para os prefeitos, câmara de vereadores e a sociedade pra se cobrar uma política. (J. N. Prefeito).

Está sendo criada uma Associação de Turismo de Gravatá que foi uma idéia da Prefeitura, que provocou os empresários do setor de hotelaria e gastronomia e buscamos o SEBRAE como parceiro no setor de associativismo. E a idéia é quando essa Associação estiver preparada, nós vamos junto com o Conselho, estabelecer as políticas públicas de turismo do município. A preocupação do Prefeito Joaquim Neto é que não adianta só a Prefeitura querer fazer, sem haver um envolvimento da sociedade. Então foi preciso primeiro provocar a sociedade, principalmente os empresários beneficiados pelo turismo. Hoje está acontecendo a terceira reunião de 2006 e quando o grupo estiver formatado, equipe e pronto com a decisão do que eles querem, a Prefeitura vai reativar o Conselho Municipal de Turismo para estabelecer essa política de turismo. Quem participará do CMT serão os proprietários dos hotéis, restaurantes e o comércio através do artesanato e dos moveis. (R. F. Secretário de Turismo).

Quanto à falta de apoio em infra-estrutura básica por parte do Programa de Desenvolvimento Turístico (PRODETUR), informa o Prefeito que o interior do Estado não foi contemplado com recursos, porém a ASTUR já conseguiu assento no Conselho Estadual de Turismo/CONTUR-PE. Ressaltamos, aqui, as informações contidas no box do capítulo 1 sobre a criação do CONTUR, em 2006.

O que falta é investimento na área de infraestrutura porque tendo isso, você atrai o investidor de equipamentos. O PRODETUR I e II não funcionou nada aqui. Inclusive a ASTUR agora está com uma cadeira no Conselho Estadual de Turismo e umas das coisas que tenho colocado é que não terminaram ainda o Litoral Sul, não tem nada para o Litoral Norte. E para interiorização o PRODETUR não contempla nada. (J. N. Prefeito).

Para nós ficou claro que o Prefeito tem consciência que para haver desenvolvimento além de investimentos públicos, há necessidade de articulação política no nível regional, estadual e federal, entre os prefeitos para que as políticas realmente alcancem seus objetivos. Segundo ele, os prefeitos precisam compreender que o município é o ponto de partida e de chegada de qualquer reivindicação às instâncias governamentais superiores. Sobre a articulação política do Prefeito, alguns percebem e apóiam suas iniciativas. Já para o Presidente da FLORAGRESTE as iniciativas partem do setor privado e a Festa do Morango e Festival Cultural, ou como eles

denominam Feira dos Arranjos Produtivos Locais, não passa de uma “consequência” porque não foi idealizada com base em estudos:

As coisas não acontecem porque não há investimento e compreensão dos prefeitos, que tudo começa aqui na base. Não começa no Governo Federal. O Governo Federal pode ter a melhor intenção, mas se o município que é a base não comprar a idéia e não receber os recursos necessários para investir a política não vai funcionar. Nenhuma política funciona! (J. N. Prefeito).

Existe uma articulação sim, como, por exemplo, a ASTUR que é presidida pelo nosso Secretário. A articulação com o Estado é só de apoio nos eventos. Agora mais recentemente, com a Feira dos Arranjos Produtivos Locais, a Festa do Morango, o Governo Federal tem apoiado pela via do SEBRAE. (R. F. Diretor de Turismo).

A articulação política deve ser boa e deve surtir algum efeito porque o Prefeito daqui é aliado do Senador Sérgio Guerra que é amigo do Governador Jarbas, e não vai negar ao Governo de Mendonça Filho. Já aqui no município não posso dizer nada. (M. F. Moradora de Condomínio).

A não ser essa festa que acontece em setembro que eu acho que foi mais uma consequência, e não uma iniciativa baseada em estudo. Nessa festa, a Prefeitura procura colocar flores, móveis, artesanato, culinária dentro, para que todos os segmentos possam ser representados, e que os turistas possam conhecer e fazer negócio. É quase uma Feira de Negócio, mas também é uma feira pra turista ver: uma feira de rua. De todas as ações, essa é a única que tenta captar alguma coisa. Fora isso, todas as iniciativas que tem forte é tudo da iniciativa privada. Todas as ações são capitaneadas pela iniciativa privada. (L. Z. Produtor Rural e Presidente de Cooperativa).

O que podemos constatar em nossas entrevistas e observações à época é que nunca houve uma preocupação com o desenvolvimento do turismo em Gravatá como um fenômeno social, de inúmeras possibilidades de geração de emprego e renda para a população local por parte das autoridades públicas locais e estaduais, até a atual gestão. Todas as iniciativas partiram da iniciativa privada seja no campo da instalação dos equipamentos turísticos, como hotéis, pousadas e restaurantes, seja na organização de eventos que partia do comércio local.

A atual gestão vem empreendendo esforços e como eles mesmos afirmaram, “aprendendo na prática” diária, sem um plano estratégico de ação. A inexistência de sinergias ou articulação com o Estado não impede que a gestão atual procure buscar outras vias, como a parceria com o SEBRAE, municípios vizinhos e distantes como, por exemplo, Gramado e Canela no Rio Grande do Sul, e o estímulo a organização associativa dos segmentos mais diretamente ligados ao turismo, como a hotelaria e gastronomia. Além disso, no âmbito político reativar a ASTUR e conseguir eleger como Presidente o atual Secretário de Turismo de Gravatá, já denota que existe preocupação e interesse com o desenvolvimento dessa atividade no Estado.



## 4.2. A Geração de Emprego, Renda e Capacitação Profissional em Gravatá.

Na avaliação do ranking do PIB per capita de Gravatá em relação aos demais municípios, ele esteve de 2000 a 2004 nos seguintes lugares: 2000 em 78º com PIB de 1.994; 2001 com PIB em 61º com PIB de 2.284; 2002 em 73º com PIB de 2.621; 2003 em 75º com PIB de 2.825; e 2004 em 75º com PIB de 3.205. (CONDEPE/FIDEM, 2004). Ou seja, gradativamente seu PIB vem subindo.

Pelo que pudemos constatar, isso se deve prioritariamente ao crescimento do trabalho formal em atividades como o comércio, construção civil, indústria artesanal, gastronomia e hotelaria. Além disso, o Município por estar localizado nas proximidades do Pólo Regional de Confeções (Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe) e foi possível perceber a instalação de pequenas indústrias ligadas a esses segmentos, principalmente na moda íntima.

Ao visitarmos uma dessas confecções pudemos verificar que os compradores eram moradores não só dos privês e condomínios, como turistas a passeio pela cidade e moradores fixos. Pela qualidade do produto e volume de pessoas comprando, caso haja mais investimento na produção e dada à proximidade de Recife, é possível prever que Gravatá deverá entrar nesse mercado como forte concorrente nos próximos anos. A visão de que o turismo pode ser um agente de desenvolvimento do Município é compartilhada pelo Presidente da FLORAGRESTE, que comenta:

O turismo trás, com certeza, desenvolvimento para Gravatá porque estão chegando esses novos negócios. Eu acredito até que em termos de economia o próximo pólo de Gravatá será de confecção, porque é passagem da Rota do Pólo de Confeção. E já tem umas iniciativas, como essas das calçinhas. Tem outra de moda em uma galeria que está trazendo gente pra cá, e isso é turismo de negócio<sup>54</sup>. O pessoal vem passar o fim de semana e diz: vamos comer uma carne de bode em tal canto... em tal lugar tem umas roupas bonitas... e nisso a coisa vai andando... E como aqui é trânsito, e como muita gente tem casa aqui, facilita... Vem passar um feriadão aqui, chega nessa produção rapidinha. (L. Z. Produtor Rural e Presidente de Cooperativa).

No âmbito dos estabelecimentos de hotelaria, gastronomia, comércio e indústria em geral, o empregado é oriundo basicamente da área urbana. Onde não percebemos capacitação profissional foi na atividade de vigia, empregada doméstica e balconista, no segmento do

---

<sup>54</sup> Para ter acesso a esta loja citada tivemos que ficar 30 minutos na fila de espera. Pelas nossas observações, os produtos vendidos são originários de Minas Gerais, Caruaru, Toritama e Gravatá. Percebemos que a classe média usuária da moda mineira trocou o comércio desses produtos mineiros de Recife por Gravatá.

comércio. Já nos demais segmentos como hotelaria, gastronomia, artesanato, marcenaria, todos passaram por capacitações profissionais, por intermédio da Secretaria Municipal de Ação Social da Prefeitura, SEBRAE, Serviço Nacional de Aprendizagem Rural/SENAR, Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial/SENAC, Serviço Social da Indústria/SESI, Círculo dos Trabalhadores Católicos/CTC ou mesmo financiado pelo próprio empregador. Há, inclusive, uma empresa especializada em treinamento e capacitação profissional em informática. Pelas entrevistas, apenas cargos de Gerente ou de nível superior não estão com a população local e precisam ser trazidos de fora:

Eu trabalho de garçom já a muito tempo, e sempre estou me reciclando porque tem sempre novidade. Quando aparece um curso novo, estou lá. Aqui é tudo na legalidade e não tem isso de não assinar a carteira. Eu moro aqui mesmo na cidade. (A. J. Garçom).

Eu e meus empregados sempre estamos fazendo capacitações porque o pessoal dos privês, só quer coisa boa e a gente tem que fazer igual à revista. Mesmo como artesão, tem coisa para aprender como o curso que fiz de Atendimento ao Cliente do SEBRAE. Tenho poucos marceneiros empregados, mas estão com suas carteiras assinadas. (G. F. Artesão).

O Doutor Eduardo sempre está inventando capacitação e treinamento. Não só para nós aqui do hotel, como para o povo da cidade. Teve uma vez que ele cismou de contar jardim, e só sossegou quando saiu um curso de jardineiro. Aqui não tem moleza, é tudo treinado para atender da melhor maneira o hóspede. Aqui quem manda é o hóspede. E essa é a lei daqui. (M. D. S. Camareira).

As capacitações aqui são feitas pela Prefeitura, pelo SENAR, SENAC, Universidade e o SEBRAE. Os empregados são todos de Gravatá. É raro gente de fora, só para um cargo especial. (R. F. Secretário de Turismo).

Como eu te falei sou daqui mesmo. Mas antes de entrar no negócio eu e meu irmão, fizemos diversos cursos oferecidos pelo SEBRAE. Há muita capacitação, e ninguém pode reclamar disso por aqui. Todo dia, inventam uma capacitação, um treinamento. Só não faz quem não quer... (I. P. M. Proprietária de Pousada).

Sobre as capacitações e qualificações profissionais nos informaram o Prefeito e o Secretário de Turismo, que a Prefeitura e seus parceiros realizam diversos projetos. Inclusive, está sendo construído um prédio exclusivamente para isto, denominado de “Laboratório de Aprendizagem”:

Fazemos muito cursos de capacitação profissional resultante da parceria entre as Secretaria de Ação Social, a Secretaria do Turismo e a de Desenvolvimento Rural com recursos do SEBRAE, do SESI, do FAT, do SESC. (J. N. Prefeito).

O Prefeito está construindo um Laboratório de Aprendizagem num prédio do município, onde vamos capacitar periodicamente. Vai centralizar todas as capacitações lá. Vai ser um centro administrativo lá na Praça da Matriz. Isso é principalmente para o comércio e empresários onde vai ser um ambiente para 150 pessoas, com 03 salas polivalentes para capacitação e 01 auditório. (R. F. Secretário de Turismo).

Ainda no âmbito da capacitação profissional, recentemente, em 2006, a Secretaria de Desenvolvimento Social do Município em parceria com o SEBRAE, Universidade Federal de Pernambuco, Sindicato das Indústrias de Móveis de Pernambuco, Associação dos Fabricantes de Móveis de Gravatá e Círculo dos Trabalhadores Cristãos/CTC, desenvolveu o “Projeto Jovem Marceneiro”, com carga horária total de 80 horas teóricas e estágio de 03 meses em marcenarias do município. Foram qualificados jovens entre 16 e 21 anos de idade, que receberam uma bolsa no valor de R\$ 60,00. Outro projeto realizado foi o da Capacitação em Jardinagem, oferecido em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural/SENAR. Outro evento no âmbito da capacitação profissional realizado foi a “Jornada SEBRAE”, com duração de 01 semana e dirigido aos profissionais e empresários onde os assuntos tratados foram o gerenciamento empresarial.

Em relação à capacitação profissional dos professores do ensino fundamental, a Secretaria de Educação, em 2006, estabeleceu parceria com o Instituto Ayrton Senna, cujo objetivo foi qualificar esses professores com a finalidade de recuperar 550 crianças com problemas de déficit de aprendizagem.

Sobre o trabalho desenvolvido no Círculo de Trabalhadores Cristãos/CTC, pudemos perceber em nossa entrevista com o Diretor, que sua manutenção se deve, além das mensalidades de seus sócios, dos produtos ArtGravatá que são vendidos não só para o Brasil, como exportados para a Holanda. A exportação da produção é resultado da sua participação desde 1999, no Programa de Comércio Justo e Solidário da ONG Visão Mundial e que se dá através da empresa Comércio Ético e Solidário de Produtos Agropecuários e Artesanais do Brasil Ltda. Esses produtos são confeccionados por 10 artesãos que, além dessa atividade, são também professores do curso de Marcenaria oferecido, gratuitamente, à população carente do município em parceria com os projetos desenvolvidos pela Prefeitura. A produção do artesanato varia do decorativo ao utilitário, mas também pela confecção e recuperação do mobiliário escolar, brinquedos educativos, materiais pedagógicos. Sendo que são esses dois últimos itens que são exportados:

Como você está vendo o movimento aqui é intenso. Toda hora esse nosso salão está cheio com gente fazendo cursos, dando palestras. Nossa assessoria é toda da Visão Mundial e da Ética, empresa criada pela Visão Mundial para exportar produtos artesanais. Foi através dela que os brinquedos educativos e materiais pedagógicos começaram a ser exportados. É por causa deles que existe hoje a ArtGravatá! Quando saiu no Jornal Nacional o que estávamos exportando, choveu gente do Brasil inteiro procurando informações e querendo comprar. Infelizmente, não temos condições, ainda, de atender a todo mundo. Mas temos muitos planos e vamos expandir. Temos um quiosque no Shopping Center Recife, e estamos pretendendo colocar outro no Aeroporto (M. C. Diretor do CTC).

Dentre os entrevistados, como já relatamos, todos afirmaram, com exceção do empresário sócio-proprietário do Portal de Gravatá, desconhecer a Política Pública Nacional de Turismo, bem como o Projeto de Financiamento de Turismo Rural para o pequeno agricultor. Porém constatamos que, no período de 13 a 17/05/2005, houve, em Gravatá, o “Processo de Formação e Capacitação Continuada em Turismo Rural”, organizado pelo INCRA, SDT, FIR, IBAMA E EMATER/RN. O seu objetivo foi promover a capacitação para a formação da “Rede de Turismo Rural na Agricultura Familiar/TRAF/Região Nordeste.”<sup>55</sup>:

Houve aqui no Portal uma capacitação para Turismo Rural, com gente do Governo e Sindicatos de diversas partes do Nordeste. Mas agricultor mesmo e daqui, não vi nenhum. (E. C. Hoteleiro).

Durante o período de festividades e grandes eventos, é comum a contratação de mão-de-obra temporária. Não só no segmento de hotelaria e gastronomia, como também no comércio. Inclusive aqueles que já trabalham, ou que só estudam, aproveitam a temporada para ganhar dinheiro.

Temos que contratar mão-de-obra temporária, pra dar conta de tanta gente. (N. F. Comerciante).

Eu sou mototaxista e faço meus bicos de adestramento de cães. Mas, quando posso ainda arrumo trabalho, nos eventos. (T. B. Mototaxista).

Eu tenho fixo 180 funcionários, mas sempre estou tendo necessidade de contratar mão-de-obra temporária. Você não vai acreditar no que eu fiz outro dia... Recebi um grupo de senhoras da “Melhor Idade” que cismaram de fazer um forró, mas cadê com quem dançar? Não tive dúvida, fui à Escola e convidei uns 15 rapazes para vir dançar no Portal. Eles adoraram ganhar uns trocados dançando, e elas ficaram felizes da vida! (E. C. Hoteleiro).

No que diz respeito à geração de emprego e renda, todos os entrevistados concordam que as atividades de turismo e lazer (segundas-residências), e as demais atividades a elas ligadas são importantes. Tanto empregos formais com carteira assinada, como na contratação de mão-de-obra temporária. Além disso, são também importantes na melhoria da renda familiar das famílias das áreas rurais e urbana. Na rodoviária do Município, pudemos constatar a chegada e a partida, de diversas pessoas procurando emprego. Sobre essa questão de trabalho e renda nos informam:

Aqui em Gravatá só não trabalha quem não quer! Tem gente de fora, vindo atrás de emprego aqui e acha. (R. S. Mototaxista).

Nas minhas 05 lojas eu tenho 80 empregados. Só nessa loja são 38, e todos registrados de carteira. Os empregados já chegam treinados e os que não são, a gente ensina. Já os garçons fizeram curso no SEBRAE. (J. S. S. Comerciante).

---

<sup>55</sup> Disponível em: <http://www.pronaf.gov.br/home/relatorio%20certo.doc>. Acesso em: 29/03/2007.

Os empregos gerados aqui são de vigia, caseiro, empregada doméstica, garçom, balconista, jardineiro, cozinheiro, eletricitista, camareira. Olhe, 90% da mão de obra trabalhadora é daqui de Gravatá, até porque é uma mão-de-obra de baixa qualificação. Não é nada extraordinário. Para determinados cargos vem gente de fora. (L. Z. Produtor Rural e Presidente de Cooperativa).

Gravatá exporta mão-de-obra! Há vários restaurantes e hotéis em Recife que a mão-de-obra saiu daqui, treinada e capacitada! (E. C. Hoteleiro).

Tenho apenas 01 empregado na Pousada que é a arrumadeira. Eu, meu irmão e minhas sobrinhas, cuidamos do resto até porque, só tem 18 apartamentos. O grosso do serviço com lavar e passar roupa, entrega de compras, eletricidade, bombeiro, eu terceirizo. (I. P. M. Proprietária de Pousada).

Meu marido é aposentado e eu pra ajudar, faço comida regional e tenho minha barraca na rua. Esse pessoal dos condomínios é todo meu freguês e quando é período de festas, então eu tenho que contratar gente pra me ajudar a dar conta de tanto serviço. Aqui em casa eu tenho ajuda, do meu marido e dos filhos. (S. J. Ambulante).

Gera renda e emprego sim! Porque até a mulher que vende uma pamonha na barraquinha ela gera trabalho, porque ela não fica só que não consegue de tanta gente para atender, e tem que contratar alguém pra ajudar. (J. S. S. Comerciante).

Especificamente, no âmbito industrial damos destaque, e que foi muito citada pelos entrevistados como geradora de emprego na cidade, a empresa de laticínios Natural da Vaca, cuja mão-de-obra foi toda recrutada no Município e o processo de entrevista e seleção dos candidatos aconteceu no Hotel Portal de Gravatá:

A empresa Natural da Vaca utilizou as instalações do Portal, para as suas entrevistas e seleção de pessoal. Nós organizamos tudo. (E. C. Hoteleiro).

Os empregados são 100% todos daqui, teve uma seleção lá no Portal. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

A empresa Natural da Vaca, aberta em 1998, pertence ao grupo de empresas Mix Tecnologia, Maysa, Makplan e Nutir. A empresa é responsável pela compra de toda a produção leiteira da região, muito embora a produção leiteira em Gravatá tenha diminuído, e distribui para o Estado e Nordeste. Seu abastecimento vem de outros Estados do país, como Goiás. Seus principais produtos são: bebida láctea, coalhada comum e “light”, iogurtes comum e “light”, leite pasteurizado tipo C, manteiga em pote e de garrafa, queijos coalho tradicional e “light”, do reino, manteiga, minas frescal, minas padrão, mussarela, parmesão ralado, prato, ricota e requeijão:

Aqui em Gravatá, a produção de leite caiu muito embora a gente tenha uma indústria de laticínios a Natural da Vaca, que produz derivados do leite. Ela recebe leite dos pequenos produtores daqui, mas o grosso vem de fora como o leite de Goiás. É uma empresa monstruosa! Também é da Nestlé... A região aqui só não tem condição de abastecer essa empresa. (L. V. F. J. Gerente de Associação e Cooperativa).

Posteriormente à nossa entrevista com o Prefeito, em 2006, se instalaram no município mais 04 indústrias. A primeira foi a Móveis Estrela com sede no Paraná, que está produzindo estofado em Gravatá. Os investimentos foram da ordem de R\$ 350 mil. A previsão mensal da produção, de início, foi de 1 mil conjuntos estofados. De imediato, foram gerados 36 novos empregos e a empresa se responsabilizou pela capacitação da mão-de-obra. A previsão é de terminar o primeiro trimestre de 2007 produzindo mais de 2 mil conjuntos estofados por mês, e empregando 70 funcionários:

Mesmo não tendo nenhuma experiência fui contratada, pois o grupo tratou de realizar capacitação com todos os funcionários selecionados. (E. R. Moradora e funcionária da Fábrica).<sup>56</sup>

Outras 03 indústrias instaladas são as que fazem parte do grupo DBD, que industrializam caixa de papelão, papel e cosméticos. Segundo consta no “site” da Prefeitura esses investimentos vieram a somar aos investimentos realizados por empresários já estabelecidos na cidade, que constatarem a necessidade de continuar investindo, já que a cidade cresce no ritmo acelerado de 11% ao ano.<sup>57</sup>

No segmento hoteleiro, identificamos que a maior parte dos proprietários, é do Recife. A mão-de-obra mais especializada para cargos de direção é oriunda de Recife, ou de outro Estado. O Portal de Gravatá se diferencia dos demais, no que diz respeito ao treinamento e capacitação profissional. Como praticamente foi pioneiro no ramo de hotelaria, o próprio hotel se responsabilizou por essas atividades:

Eu e meus irmãos administramos tudo aqui. Nenhum de nós é filho de Gravatá, mas praticamente vivemos aqui já que estamos aqui todos os dias. Minha mão-de-obra é toda de Gravatá e os mais antigos, eu financeiei todas as capacitações e treinamentos. Hoje existe muita capacitação profissional e é aquilo que te falei de Gravatá ser exportador de mão-de-obra qualificada, para trabalhar com hotel e restaurantes. Vai ao Maruá ou no Porcão que te garanto que você encontra gente daqui. E olha, se já não estiverem por São Paulo e Rio de Janeiro. (E. C. Hoteleiro).

Os proprietários são de Recife, mas estão aqui quase todos os dias. Eu sou de Natal e formada em Hotelaria. Fui convidada a trabalhar aqui como Gerente, e tenho uns 03 anos de casa. Já o restante do pessoal é todo de Gravatá. Em termos de treinamento e qualificação para a hotelaria e gastronomia são oferecidos diversos cursos. Tanto por iniciativa da Prefeitura, como do SEBRAE, SENAC, SENAR, Universidades. (N. S. Gerente).

Dentre as ações do Governo atual, o Prefeito informa que são 76 escolas nas áreas urbanas e rurais, perfazendo um total de 97% de crianças nas escolas. Agora, em 2007, foi

<sup>56</sup> Disponível em: <http://www.prefeituradegravata.com.br> Acesso em 16/06/2007.

<sup>57</sup> Disponível em: <http://www.prefeituradegravata.com.br> Acesso em: 16/06/2007.

inaugurada a Escola Técnica de Gravatá, resultado da parceria público-privada entre o Instituto de Co-Responsabilidade de Educação/ICE, governos Estadual e Municipal. Em princípio visa matricular 166 alunos do ensino médio, distribuídos em 04 turmas no primeiro ano em horário integral. Segundo as informações obtidas na Prefeitura, o corpo docente passará por uma capacitação em centros semelhantes já existentes em Bezerros, Recife e Arcoverde. A avaliação dessa nova modalidade de Ensino tem um índice de repetência de 2,4 %, com 0 de evasão escolar. A unidade de Gravatá contará com Biblioteca, Laboratório de Informática, Química e Matemática, equipamentos de som, câmaras de vídeo, DVD e televisões de 29". Ainda no âmbito da educação, o próximo passo será a fundação de uma faculdade. Foi também em 2006 que foi criado o Conselho Municipal de Educação de Gravatá e os 140 candidatos a conselheiros foram eleitos pelo voto das 140 entidades representativas ligadas à educação do município, tais como representantes da sociedade civil, dos pais de alunos, servidores das escolas municipais, grêmios estudantis, conselhos escolares, escolas estaduais e privadas. São 10 conselheiros e 10 suplentes. Nas palavras do Prefeito<sup>58</sup>:

A educação sempre foi uma prioridade para a administração atual. Investimos na formação dos professores garantindo o pagamento regular dos salários, e partes dos seus custos com a formação universitária e, ainda, mantemos todos os serviços básicos para os estudantes da cidade e da zona rural, como merenda e transporte escolar. Agora, vamos avançar ainda mais, primeiro com Centro de Formação Técnica e num futuro próximo, com a implantação da primeira Faculdade de Gravatá. Projeto cujas negociações estão bastante adiantadas. (J. N. Prefeito).

Em 2006 também foi inaugurado mais um Posto de Saúde da Família, cuja proposta é o atendimento diário de 1.300 famílias do Bairro pobre do Jucá. A equipe técnica é composta por médico clínico geral, enfermeiro, dentista, auxiliar de escritório e 05 agentes de saúde comunitários. Além disso, contam com salas climatizadas de vacinação, curativos, consultórios médico e dentário. Segundo o Secretário de Saúde de Gravatá, Dr. Eduardo Jorge, “o PSF do Jucá atende a todas as especificações técnicas do Ministério da Saúde e é modelo não só para o Município, mas para todo o Estado de Pernambuco”<sup>59</sup>. Gravatá também é pioneiro como o único município a oferecer exame gratuito de AIDS, à população.

Sobre a questão do esgotamento sanitário, nos informa o Prefeito que atualmente encontra-se parado porque não há repasse de recursos, pelo Governo Federal. Do total previsto de

---

<sup>58</sup> Disponível em: <http://www.prefeituradegravata.com.br> Acesso em 16/06/2007.

<sup>59</sup> Disponível em: <http://www.prefeituradegravata.com.br> Acesso em 16/06/2007.

sanear 100% apenas 30% será concluído, caso haja o repasse de verbas. Isso se deve ao solo rochoso que encarece a obra:

Esgotamento sanitário temos o Projeto Alvorada com parceria do Governo do Estado, que foi um projeto que foi lançado, pelo Presidente FHC que está em andamento, mas que foi muito atrapalhado pelo ultimo governo. Se o governo liberar recursos fica concluído 30% do saneamento de Gravatá. O projeto inicial era de 100% da população, mas Gravatá tem uma particularidade: a questão do afloramento de rocha e encareceu muito a obra. No momento a obra está parada e a informação que tive, na semana passada, é porque falta liberar recursos. (J. N. Prefeito).

Dentre as ações desenvolvidas pela Secretaria de Ação Social diretamente dirigida à população mais carente do Município, como as crianças consideradas em “situação de risco” foram desenvolvidas programas de inclusão social nos Bairros do Cruzeiro e Prado. Nos anos de 2005, foram atendidas 260 crianças e suas famílias por Assistentes Sociais e Psicólogos; em 2006, 350 pessoas e suas famílias. Já no caso de crianças em estado de abandono ou de violência física e/ou sexual estão sendo atendidas 40, e os responsáveis encaminhados à justiça.

Ainda sobre as crianças pudemos perceber algumas pedindo esmolas, ou como “flanelinhas” no Pólo Moveleiro. Segundo o Prefeito, são crianças de municípios próximos que são “alugadas” para “pedir”. Quando acontece ser criança de Gravatá, o Conselho Tutelar é acionado e os pais chamados e advertidos que serão denunciados à justiça, caso as crianças sejam encontradas na rua:

Essas crianças não são daqui! São de Chã, de Bezerros que alugam elas para pedir. A nossa Secretaria de Ação Social está sempre fiscalizando e quando encontra uma criança, avisa ao Conselho que toma logo as providências. Se for daqui, os pais são advertidos que da próxima vez vão se entender com a justiça; Se for de fora, entrega para o Conselho de lá. Criança na rua eu não quero! Criança aqui vai pra escola! (J. N. Prefeito).

Quando argüidos sobre o tripé moderna agricultura, turismo e lazer (segundas-residências) como os grandes alancadores do atual processo de desenvolvimento de Gravatá, o Prefeito discorda e afirma que o tripé é educação, saúde e turismo. Os projetos para o meio rural, além do aproveitamento da produção leiteira local pela indústria de laticínios, ele destaca os pólos de criação da caprinovinocultura, equinocultura, das flores e produção de orgânicos. Um projeto em negociação, em parceria com a Alemanha e o Japão, é da instalação de uma fábrica de biodiesel a partir da extração da mamona que na sua visão vai segurar o homem no campo, evitando o êxodo para a cidade. Ele lembra que 85% da população total do município encontram-se na área urbana e apenas 15% na área rural:



O tripé que fazemos em Gravatá é na Educação porque se eu não educar o pessoal não vou ter saúde, turismo, e nem desenvolvimento. Eu não vou ter nada! Em segundo lugar, os investimentos em saúde da população e o terceiro em turismo. Nós já temos uma boa base de sustentação agrícola e agora conseguimos implantar uma indústria de laticínio que industrializa 150 mil litros de leite por dia, que é a empresa Natural da Vaca. Temos a produção de flores e orgânicos na zona rural, temos o pólo criador de caprinos, ovinos e eqüinos e estamos preparando para receber agora uma indústria de biodiesel da mamona. Isso é coisa que já está praticamente definida da minha viagem à Alemanha e ao Japão. Isso vai ser pra gerar emprego na zona rural, e segurar cada vez mais o homem no campo porque na zona rural você consegue gerar emprego com um custo bem menor evitando trazer problema social para cidade. Hoje 85% da população está na cidade e 15% na área rural, e aí a solução ideal era o inverso. E quem vem para a cidade, não volta mais para o meio rural. (J. N. Prefeito).

Ainda no âmbito de uma possível parceria, Gravatá recebeu em fevereiro de 2007 a visita de 22 agricultores de Salesópolis, Biritiba Mirim e Mogi das Cruzes em São Paulo, e pesquisadores da Universidade de Okinawa, no Japão. Os primeiros têm interesse de produzirem hortaliças porque “o clima da cidade é muito propício para a agricultura”. O agricultor destacou também, em sua entrevista à jornalista da Secretaria de Comunicação da Prefeitura, a “falta de geadas e chuvas de granizo, o que possibilita uma produção regular. Aqui percebemos muita matéria-prima, como esterco de gado para a agricultura”. Já os segundos o interesse gira em torno da instalação de uma fábrica de “plástico ecologicamente correto, biodegradável, a partir do bagaço da cana-de-açúcar. A expectativa é de que convênios e parcerias sejam desenvolvidos nas áreas de saúde, educação, cultura e tecnologia.”<sup>60</sup>

Caso essa parceria se concretize com os agricultores de São Paulo e pesquisadores japoneses, os produtores rurais do Distrito de Uruçu-mirim terão seus problemas de transportes de flores e visitas à sua produção pelos turistas e visitantes resolvidos. Pois o Prefeito em seu pronunciamento de recepção aos visitantes informou a realização, “das obras de asfaltamento da estrada de 22 quilômetros, que liga Gravatá ao distrito de Uruçu Mirim”.<sup>61</sup>

Sobre a não inexistência do Plano Diretor da cidade, nos informou, em 2005, que já houve licitação para contratação da empresa.

Vamos agora fazer a licitação pra contratar uma empresa pra fazer o Plano Diretor da Cidade. Isso consta na constituição de 1988, e Gravatá ainda não tem o seu. Depois que contratar são 06 meses pra ficar pronto, segundo o Ministério das Cidades. (J. N. Prefeito).

---

<sup>60</sup> Disponível em: <http://www.prefeituradegravata.com.br> Acesso em 16/06/2007.

<sup>61</sup> Disponível em: <http://www.prefeituradegravata.com.br> Acesso em 16/06/2007.

Porém, as notícias indicam que só em outubro de 2006 foram iniciados os debates sobre o assunto, no Município. Participaram “profissionais e representantes de entidades municipais responsáveis pela elaboração do documento, e sociedade civil”<sup>62</sup>:

Devido à proximidade de Recife e de Gravatá ter se tornado refúgio das classes abastadas da capital, conversamos com o Prefeito sobre a questão da violência urbana, uma vez que percebemos nos privês e condomínio um verdadeiro aparato de segurança circulando. Não só contratados pelos condomínios, como seguranças particulares no interior das residências. Nesse sentido, nos respondeu que fora o policiamento do Estado sua política trabalha basicamente na prevenção e combate às drogas, tendo como público-alvo as escolas.

Gravatá é uma cidade que apesar de ser tão próxima de Recife e receber essa monstruosidade de gente, é uma cidade muito tranqüila e calma. No ano de 2005, só tivemos 15 homicídios. E nada de crime de repercussão. E isso eu quero preservar com as parcerias e nas políticas de combate a droga, principalmente nas escolas. (J. N. Prefeito).

Já sobre a questão da despoluição do Rio Ipojuca, nos informa o Prefeito que há estudos sendo desenvolvidos pelo Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Ipojuca. No seu entendimento todos os 24 municípios deveriam se envolver nesse projeto. Pelo que entendemos o Prefeito Joaquim Neto participou, em fevereiro de 2007, de uma reunião em Brasília na Agência Nacional de Águas/ANA, e em conjunto com pesquisadores da Universidade de São Paulo/USP irá iniciar o plano diretor dessa bacia:

Dia 14 de fevereiro estou indo à USP pra uma reunião do Comitê da Bacia do Rio Ipojuca porque Gravatá, sozinha, não vai conseguir resolver só. Isso tem que ser feito em bloco partindo de Arcoverde até Ipojuca, envolvendo 24 municípios. Não adianta eu resolver aqui se as cidades pra cima como Bezerros, Caruaru, Arcoverde não resolver. Como não adianta Ipojuca que está abaixo querer resolver, se Gravatá não resolver. Eu tive em Brasília numa reunião da ANA, com o Presidente e o pessoal da USP e essa reunião foi pra iniciar o Plano Diretor dessa Bacia. O plano de investimento é pra começar por etapa e Gravatá é o município que vai dar o pontapé inicial nisso aí. Por enquanto, só podemos limpar, retirando as baronessas e construção não se faz mais. E as que estão construídas eu não posso retirar agora. (J. N. Prefeito).

Em agosto de 2006, foi instalado o Conselho Municipal de Meio Ambiente/COMDEMA, onde estão sendo discutidos a criação da Legislação Municipal de Meio Ambiente. “que terá como finalidade implantar mecanismos para ampliar a arrecadação de recursos para projetos associados ao meio-ambiente no município e a criação do Núcleo de Educação Ambiental de Gravatá, que vai funcionar no Aterro Sanitário”.<sup>63</sup>

---

<sup>62</sup> Disponível em: <http://www.prefeituradegravata.com.br> Acesso em 16/06/2007.

<sup>63</sup> Disponível em: <http://www.prefeituradegravata.com.br> Acesso em 16/06/2007.

Em relação específica às políticas de turismo do atual governo do Estado se antes não havia apoio, atualmente parece estar havendo um entendimento entre o atual Secretário José Chaves e os Prefeitos do interior do Estado sobre a questão da Interiorização do Turismo<sup>64</sup>. Segundo as palavras do Secretário, em maio de 2007, “falar de interiorização do turismo no Estado, é começar por Gravatá”. Suas promessas foram sinalização turística da cidade, aportes financeiros para conclusão da obra da Perimetral e construção de uma nova estrada que ligará a cidade ao pólo turístico de Urucu-Mirim que será o destino do passeio turístico no Trem Maria Fumaça. Segundo o Prefeito Joaquim Neto, “O Secretário José Chaves vem nos dando todo o apoio e intercedendo junto ao Ministério do Turismo na liberação de verbas, a exemplo da que trata da sinalização turística de Gravatá”<sup>65</sup>:

Eu particularmente sou encantado com o roteiro entre Russinhas e Gravatá onde temos 14 túneis ferroviários, belíssimas pontes. É um capítulo importantíssimo da história de Pernambuco. É um patrimônio arquitetônico, histórico e ecológico que deve ser explorado pelo Estado, pelo Município e pelos cidadãos. Para isso é necessário o engajamento das pessoas. Precisamos fazer com que o cidadão seja a parte mais importante da indústria do turismo”. (José Chaves, Secretário de Turismo)<sup>66</sup>.

Especificamente sobre o turismo, as ações atualmente giram em torno do recente Projeto de Estruturação do Turismo Equestre, de responsabilidade do SEBRAE, subdivididos em 07 roteiros de passeios, cavalgadas, visitação a Haras e um evento anual “que abranja todos os produtos relacionados às atividades equestres”. São 03 roteiros diferentes “a serem oferecidos aos turistas, invernistas e moradores da cidade”. O primeiro: passeios e cavalgadas com até 3 horas de duração; o segundo: viagem com 01 dia de viagem onde foram mapeados 07 destinos diferentes diários e noturnos; o terceiro: de 02 dias de viagem com hospedagem no Convento Carmelita e participação em trilhas e visitas à fazenda Monte Castelo<sup>67</sup>.

Antes de finalizarmos a descrição de nossa pesquisa empírica não podemos deixar de citar um fato, que nos chamou atenção. A importância do papel da mulher nesse novo dinamismo de Gravatá no que tange a sua participação nas pequenas empresas como os estabelecimentos comerciais e artesanais, ou na agricultura de orgânicos e flores. No novo segmento que se inicia de confecção de moda íntima, pudemos perceber que as mulheres estão à frente do negócio, desde a fabricação à venda. O marido tem como responsabilidade tomar conta do caixa, nos finais

---

<sup>64</sup> O Atual Governador do Estado, Eduardo Campos do PSB, é aliado do Governo Lula.

<sup>65</sup> Disponível em: <http://www.prefeituradegravata.com.br> Acesso em 16/06/2007.

<sup>66</sup> Disponível em: <http://www.prefeituradegravata.com.br> Acesso em 16/06/2007.

<sup>67</sup> Disponível em: <http://www.prefeituradegravata.com.br> Acesso em 16/06/2007.

de semana. Importante também é o trabalho das mulheres organizadas de forma associativa que trabalham o artesanato de tecido na confecção das “Bonequinhas da Sorte” que, também, começa a ser exportada para o exterior e restante do país pela Ética. Ressaltando que essas mulheres são donas de casa, trabalham em suas residências e estão, ainda, iniciando-se nessa atividade. A reportagem do Jornal Nacional da Rede Globo, em 2005, deu visibilidade ao seu trabalho e, atualmente, estão com muita dificuldade para conseguir atender à demanda de pedidos que chegam de todo o país:

Se você for ao comércio e andar por aí, vai ver 90% negócios em Gravatá, estão nas mãos das mulheres. Algumas não têm marido; uns são figurativos ou estão em outra atividade que não é a principal. Mas eles não influenciam no negócio. (I. P. M. Proprietária de Pousada)

Trabalho com agricultura a muito tempo. Eu e meu marido! Mas quem resolveu mudar fui eu para os orgânicos. Financeiramente melhorou muito porque vendo tanto em Gravatá, como também vou para algumas feiras em Recife. Meu filho também me ajuda. Enquanto vou pra um lugar, ele já vai para outro. Ah! Meu marido dá uma ajudinha ainda... mas quem fica de frente sou eu... (A. M. S. Agricultora de Orgânicos).

Essa Bonequinha da Sorte e os nossos brinquedos educativos quando saíram no Jornal Nacional, foi uma chuva de pedidos do Brasil inteiro querendo comprar. Essas mulheres ainda estão se organizando... A gente está dando uma força a elas no associativismo. A gente atende aos pedidos, ou então passa o telefone delas. (M. C. Diretor do CTC).

Olhe moça, a senhora acha que eu ia perder de ganhar um dinheirinho! Se todo mundo de casa é “doidinho” pela minha pamonha, canjica e tapioca imagina se os da rua, num iam gostar... Fui aproveitar e botei uma banca na rua nos dias de festa! Hoje não vou mais... Mas, meus filhos e netos estão lá vendendo o que faço em casa. Eu fico em casa atendendo a clientela que bate na minha porta... E meus filhos vão para a barraca com o pessoal que a gente contrata vender... Esse pessoal dos privês vêm direto aqui na minha porta, fazer as encomendas. Tenho freguesia certa o ano inteiro. Mesmo no verão quando não estão por aqui, eles me ligam, e mandam o motorista buscar. Olhe, meus produtos estão nas festas que os doutores dão em Recife! (T. S. Ambulante Vendedora de Comida Regional).

Essa loja é onde vendemos nossa fabricação. Nossos móveis são rústicos, mas como você pode ver tem de tudo que for artesanato. Da rede a imã de geladeira. Eu fico de frente no negócio da loja, e meu marido é que toma conta da fábrica. Eu tive a idéia de abrir a loja, porque não tinha nenhuma loja de móveis aqui. Minha loja foi a primeira daqui do Pólo. (C. V. C. Comerciante de Móveis).

Eu ajudo a divulgar as Bonequinhas da Sorte. Sempre tenho elas para distribuir com os hóspedes! Depois da reportagem do Jornal Nacional ligaram aqui para o Hotel, procurando informações. Eu mesmo fechei o negócio para elas, mesmo no prejuízo que fiquei porque o SEDEX foi mais caro que o valor da encomenda. 100 bonequinhas a R\$ 0,10 faça as contas... (E. C. Hotleleiro).

Diante do exposto, podemos finalizar que, de fato, em Gravatá, foi possível perceber um esforço, ao longo dos últimos 40 anos, de se buscar o desenvolvimento. Esforço decorrente do senso de oportunidade aproveitado pelo empresariado, logo seguido pelo desejo construído ao

longo dos anos pela população local de romper como uma situação de miséria, pobreza e doença. Situação embasada na necessidade vital de transformar, o “impossível em possível”. Quanto à gestão municipal, se antes não havia comprometimento com o desenvolvimento, nessa é possível perceber que esforços vêm sendo empreendidos nesse sentido, procurando captar novas parcerias e negócios que geram emprego e renda, capacitação profissional e envolver o empresariado e a população local nos projetos que visam desenvolver o Município. Ressaltando, nesse caso, da gestão Municipal, o reconhecimento dos próprios gestores, que a gestão atual é um aprendizado que vem se desenvolvendo na prática diária da vida cotidiana.

Sendo assim, podemos afirmar que há indícios apontando na direção que Gravatá está passando por um processo que poderá vir a se constituir em uma usina social de projeto no futuro próximo. O que falta? A articulação interinstitucional entre as políticas públicas nos âmbitos: federal e estadual.

A seguir, nas conclusões, responderemos nossas questões e hipóteses, e se, de fato, o processo que vem acontecendo em Gravatá atende ao marco teórico do conceito de desenvolvimento local.

## CONCLUSÕES

Como anunciamos na introdução desse trabalho de pesquisa, nosso objetivo foi analisar em que medida os fenômenos relacionados ao turismo e ao lazer (as segundas-residências) contribuem para o desenvolvimento local. Ou seja, a partir da compreensão do processo de transformação social, procuramos identificar e analisar como esses fenômenos contribuem para o atual processo de desenvolvimento no município de Gravatá no Agreste Central de Pernambuco.

Para entendermos esse processo de transformação social utilizamos como recurso metodológico o estudo da cotidianidade, com a finalidade de compreendermos o cenário onde se desenrola a vida cotidiana da população local, e suas relações com o turismo e o lazer (segundas-residências). As categorias de análise da vida cotidiana foram o trabalho, e o lazer.

Nesse novo cenário onde as novas ruralidades redesenham o espaço agrário, Gravatá é um município que vem passando por um processo de transformação social que não pode mais ser explicado apenas pela ótica do desenvolvimento agropecuário tradicional, uma vez que modernas atividades foram introduzidas e lhe dão um novo sentido. Atividades estas como o turismo e o Lazer (segundas-residências), ou a estas relacionadas, que são atividades que interferem diretamente não só na economia como na vida cotidiana da população local. E nesse sentido havemos de concordar com José Graziano da Silva (1997, p. 47) quando defende o termo Novo Rural ou Novas Ruralidades, para as alterações que vem ocorrendo no meio rural brasileiro na contemporaneidade.

A implantação do Chalé Suíço, a construção dos primeiros privês e condomínios, hotéis, a modernização da agropecuária tradicional na criação de cavalos de raças deram um novo estímulo ao comércio que por si só, iniciou o processo de transfiguração do cenário da cidade que se mesclou aos estilos suíço e country e que lentamente foram incorporados à vida cotidiana da população local através dos “novos valores, hábitos e técnicas”, como afirmou Carneiro (2000). E nesse sentido, a cultura local e suas manifestações gradualmente foram revitalizadas e resgatadas como os mamulengos, bacamarteiros, as festas e tradições religiosas, etc.

Os resultados às nossas questões indicam que os empregos gerados direta e indiretamente, tanto pelo turismo, e suas atividades relacionadas, como as segundas-residências exigem baixa ou média qualificação profissional. É prioritariamente como garçom, garçonete,

auxiliar de cozinha, cozinheiro, copeiro, camareira, auxiliar de serviços gerais e administrativos, recepcionista, vigia, jardineiro, caseiro, eletricista, bombeiro, porteiro, e empregada doméstica, balconista, caixa, segurança. Além do emprego, vem gerando renda para os trabalhadores autônomos, vendedores ambulantes e mototaxistas. Com exceção dos empregos de porteiro, vigia, caseiro, balconista e empregada doméstica, a todos os demais empregados, trabalhadores autônomos e produtores rurais são oferecidos uma ampla e variada capacitação ou qualificação profissional. Tanto pelo próprio empregador como decorrente das parcerias estabelecidas entre a Prefeitura com diversas entidades como o SEBRAE, SENAR, SENAC, SESC, SESI. Ou mesmo, por meio das ONGS: Círculo de Trabalhadores Cristãos/CTC e da Associação dos Amigos de Gravatá/AMA. E algumas financiadas com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador/FAT.

Para os trabalhadores, bem como para a população local em geral, o turismo e as segundas-residências significam a oportunidade de sair da pobreza extrema e da doença para uma melhor qualidade de vida. Mas é principalmente, sinônimo de esperança por dias melhores. Para alguns até impulsionou a volta e o gosto pelos estudos, ampliando suas perspectivas de vida. A impressão que tivemos é que para eles, sonhar agora é possível!

No caso de Gravatá pudemos perceber o turismo e o lazer (segundas-residências) como agregadores de sociabilidades, uma vez que foram inúmeros os entrevistados que diziam não ter hóspedes ou clientes, mas amigos. E de fato, percebemos a satisfação de ambas as partes serem tratados e reconhecidos pelo nome. Para os moradores de segundas-residências, Gravatá representa, também, o aconchego do sentir-se em casa e segurança.

Em suma, o que nossa pesquisa constatou por meio das nossas entrevistas e observações, é que nunca houve uma preocupação com o desenvolvimento do turismo em Gravatá enquanto um fenômeno social, de inúmeras possibilidades de geração de emprego e renda para a população local por parte das autoridades públicas locais e estaduais, até a atual gestão. Todas as iniciativas partiram da área privada, seja no campo da instalação dos equipamentos turísticos como hotéis, pousadas e restaurante, seja na organização de eventos que partia do comércio local.

Durante o período de nossa pesquisa não existia no município e nem no âmbito do Estado, uma política pública de turismo estruturada e implementada. O município de Gravatá apenas era mais um no único projeto existente: o “Circuito do Frio”. As ações, no âmbito do turismo, sempre foram resultado das decisões que partiam do empresariado local, e não

estruturada por meio de uma proposta política. A gestão atual ainda estava em fase de elaboração do seu Inventário Turístico e, portanto, não tinha idéia dos equipamentos e das potencialidades turísticas oferecidas pelo Município.

Aproveitando o período de inverno, quando as famílias trocam a casa de praia pela casa de campo e que os hotéis estavam com sua capacidade de ocupação no limite, a gestão atual passou a investir maçicamente na realização de 02 grandes eventos como forma de gerar emprego e renda de maneira mais rápida para a população local. Esses eventos são shows oferecidos no Pátio de Eventos, durante os períodos da Semana Santa e o São João que movimenta a região nas cidades próximas de Brejo da Madre de Deus (Espetáculo da Paixão de Cristo na cidade cenográfica de Nova Jerusalém) e Caruaru, respectivamente, patrocinados por grandes empresas.

A moderna agropecuária em Gravatá, também aproveita os grandes eventos promovidos no município e organiza seus próprios eventos como leilões, exposições e vaquejadas. Em outros meses do ano, mais 02 eventos são organizados pela Prefeitura em parceria com o SEBRAE, Cooperativa FLORAGRESTE, Associação FLORAPE, artesãos, comerciantes e empresários locais, especificamente voltados para a pequena agricultura e indústria artesanal local. O Festival do Morango ou o Festival Cultural, que além de atividades artísticas e culturais como Shows, Festival de Violeiros, Exposição de Artistas Plásticos, Teatro, Dança, apresentação da Orquestra Sanfônica de Gravatá, Bandas de Pífano, Orquestra Filarmônica de Gravatá, oferece oficinas em artesanato, arranjo floral, palestras e cursos sobre a produção flores e plantas ornamentais, marcenaria e administração e gerenciamento de negócios. E, principalmente, reúne, em um só lugar para exposição e comercialização a pequena produção local de flores e plantas ornamentais, morango, móveis, artesanato em geral, onde a cidade se torna um balcão de exposição e negócios.

Essa estratégia de ação deu resultados positivos não só para o comércio, hotelaria e gastronomia local como, também, para os pequenos produtores de orgânicos, flores e plantas ornamentais que ampliaram seus negócios como a exportação de flores para o Ceará, ou a participação em uma Cooperativa de pequenos produtores de orgânicos no município vizinho de Vitória de Santo Antão.

Atualmente, conforme foi anunciado pela gestão atual, que está em fase de elaboração o Inventário Turístico do Município foi concluído e com base nele, está sendo reativado o Conselho Municipal de Turismo. Já o Plano Diretor da Cidade encontra-se em fase de discussão. E serão as orientações deste Plano, em conjunto com as ações indicadas pelo Conselho Municipal de



Turismo, que embasarão a Política de Turismo em Gravatá. Enquanto isso não acontece, a gestão atual continua trabalhando com ações isoladas tanto de iniciativa própria em parceria com o SEBRAE, como apoiando as iniciativas dos empresários locais.

Os recursos financeiros advindos do turismo e das segundas-residências estão sendo aplicados, na sua maioria, em Educação e Saúde e, isto a população local concorda que ambas têm melhorado nos últimos anos. Pudemos constatar, no âmbito da educação, que além das escolas estarem em bom estado de conservação e equipadas, foi inaugurada, em início de 2007, a Escola Técnica de Gravatá e fechado uma parceria com a Fundação Ayrton Sena para qualificar professores na recuperação de crianças que apresentam déficit de aprendizagem. Houve um concurso público, em 2005, para a contratação de mais professores licenciados, e que não há atrasos nos salários. Já a saúde, além de consultórios e clínicas particulares, o Programa Saúde da Família conta com unidades equipadas e equipes formadas. O Hospital público, porém, para problemas de média e grande complexidade, não oferece condições de atendimento porque faltam equipamentos e, por isto, são removidos para Recife ou Caruaru os casos de urgência. Fala-se na instalação futura de uma unidade de emergência da Beneficência Portuguesa, para atender especificamente aqueles que têm planos de saúde.

Em relação às nossas questões e hipóteses podemos afirmar que, sem dúvida nenhuma, o poder da cultura hegemônica local relacionada às atividades de turismo, em conjunto com os moradores de segundas de segundas-residências e da moderna agropecuária se constituem atualmente numa força política, ordenadora do espaço e do imaginário social de Gravatá. A população local tem consciência das possibilidades que essas atividades, quando bem exploradas, podem surtir efeitos multiplicadores em toda a economia do município, que nos últimos tempos tem se expandido e diversificado, com a instalação de novas indústrias.

Nesse sentido, nossa primeira hipótese é confirmada uma vez que, ao longo dos últimos 40 anos, foi se construindo uma nova força política que não só reconfigura o espaço rural e urbano de Gravatá, como dá um novo sentido de territorialidade local se constituindo no Novo Rural ou Novas Ruralidades. De fato, houve uma renovação das antigas lideranças agrárias, por empresários que se modernizaram transformando antigas fazendas em empresas agropecuárias como os Haras Passira e Nossa Senhora de Lourdes, a Rebanho Carotá, ou que venderam ou lotearam parte das antigas fazendas para construção de condomínios, privês e hotéis e empregos foram criados para absorver a população rural.

A chegada desses novos moradores de segundas-residências oriundos de Recife ou de cidades próximas, dos hóspedes e visitantes possibilitou o aquecimento da economia local como, por exemplo, o comércio em geral, a pequena indústria artesanal e pequena produção de flores, plantas ornamentais e orgânicos. A nova dinâmica empreendida pelo turismo, segundas-residências e atividades diretamente relacionadas, como a hotelaria, gastronomia, artesanato, tem se mostrado uma forma eficaz na defesa das culturas populares e o revigoração das tradições e costumes locais possibilitou o reforço do sentimento de pertencimento dessa população, que tem orgulho de se dizer gravataense. A cultura local passou a ser concebida como recurso social e, como tal, foi convertida em mais um componente da oferta turística de Gravatá. Além disso, essas novas atividades estão possibilitando a geração de emprego e renda para a população, apesar da baixa qualificação profissional ainda existente. E sendo assim nossa segunda hipótese é confirmada.

Ao contrário das informações constantes na Planta Diretora do Município (CONDEPE/FIDEM, 2004), não encontramos algum “colono” que vendeu suas terras aos grandes proprietários e tenha se tornado morador de sua antiga propriedade. As entrevistas informam que os pequenos produtores que trabalhavam com a agricultura tradicional de subsistência, venderam suas terras para a construção de privês e condomínios. Além do mais até as grandes fazendas não produtivas estão totalmente, ou parcialmente, sendo transformadas em segundas-residências. O aumento populacional nos núcleos urbanos tanto na cidade, como nos distritos, se deve à saída desses pequenos produtores e seus familiares da área rural e, também, à chegada de moradores oriundos de cidades próximas que buscam emprego e trabalho em Gravatá.

Em relação à diminuição da produção agrícola tradicional de subsistência os resultados encontrados em Gravatá contrariam as informações de Laje e Milone (1996, p. 94), discutidos no capítulo 1. A diminuição da oferta de “produtos de baixa produtividade” como a agricultura tradicional de subsistência tem como causa principal não o turismo e as segundas-residências e, sim, o baixo preço praticado na comercialização em relação aos custos dos produtos agrícolas necessários ao manejo dessa atividade, a concorrência com os produtos orgânicos e as questões referentes à saúde dos produtores rurais. O turismo e as segundas-residências, no caso em questão, vieram contribuir não só para a melhoria da qualidade de vida em geral dessa população de produtores rurais, mas, e principalmente, contribuiu para a melhoria da saúde dessa população.

Outros indicativos importantes que encontramos em relação à população rural é que os pequenos produtores rurais estão trocando a produção agrícola tradicional de subsistência, pela produção de orgânicos. As entrevistas indicaram uma conjugação de fatores que contribuíram para essa decisão de mudar o tipo de produção como no caso dos produtores de orgânicos, tais como: saúde debilitada pelo uso intensivo do agrotóxico e o alto custo dos produtos agrícolas que, conseqüentemente, provoca o aumento nos preços dos produtos comercializados; concorrência com os produtores de orgânicos.

Acrescentaríamos, ainda, que o distanciamento existente entre essas categorias de produtores rurais entrevistados e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Gravatá é motivado pelo sentimento de desengano e desesperança de melhoria de vida advinda dessa forma associativa. Há uma descrença generalizada desde o agricultor analfabeto ao com formação acadêmica em relação à política dos movimentos sociais de base, como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, bem como aos conselhos, fóruns institucionalizados como o Conselho de Desenvolvimento Rural.

Encontramos a pluratividade entre os produtores de flores e plantas ornamentais, e em apenas um dos produtores de orgânicos entrevistados que, recentemente, trocou a agricultura tradicional pela produção de orgânicos. E, ao que tudo indica, os proprietários da Pousada Rural Vivência e Cavalgadas que possuem outra propriedade rural onde desenvolvem a agroecologia, e coordenam as ações da AMA.

Em relação à terceira hipótese, não existe êxodo rural decorrente do abandono das atividades agrícolas tradicionais da pequena produção, pelo turismo e segundas-residências. Esse grupo social, principalmente, jovens e mulheres, buscam a segurança do emprego com carteira assinada, os direitos trabalhistas e a certeza do salário, porém, eles não abandonam a moradia na zona rural e nem a agricultura tradicional de subsistência. Ao contrário, a conservam não mais para a comercialização e sim, apenas para o auto-consumo. As atividades relacionadas ao turismo e as segundas-residências, na verdade, têm se constituído em instrumentos que estão contribuindo para segurar o homem e a mulher no meio rural como foi relatado nas entrevistas. Ou seja, no caso de Gravatá, turismo e segundas-residências juntos estão impedindo o êxodo. E mais uma vez teremos que concordar com José Graziano da Silva (1997, p. 47) quando informa que os empregos não-agrícolas para a população rural além de impedir o êxodo rural, também traz melhoria na qualidade de vida dessas populações que consideram o trabalho mais leve e menos

cansativo, melhoria na saúde, aumento nas oportunidades de lazer, acesso e melhoria do ensino, do consumo de produtos industrializados.

O êxodo rural existente está relacionado aos pequenos produtores rurais que não trabalham nas atividades relacionadas ao turismo e as segundas-residências, e que se encontram residindo nos distritos e bairros pobres da cidade. A venda de suas propriedades para a construção de privês e condomínios, pelo que pudemos inferir, foi motivada pela atual situação da agricultura tradicional voltada para a pequena produção familiar como, por exemplo, o alto custo dos produtos agrícolas, concorrência dos produtos orgânicos, dificuldade de comercialização e acesso ao crédito como no caso do fechamento do PRONAF no município, e o alto valor da taxa cobrada para a outorga do uso da água pela CPRH. Ou seja, o êxodo rural existente em Gravatá é resultante da necessidade material imposta na vida cotidiana como a doença, pobreza e as dificuldades financeiras e burocráticas em relação à implementação das políticas públicas.

Acrescentaríamos, ainda, que pudemos verificar que Gravatá está se tornando um local de “atração” de desempregados e crianças, oriundas de outros municípios. Consequentemente, problemas de ordem social que são crônicos em médias e grandes cidades, como mendicância e exploração de crianças, são fatos existentes no município e que já fazem parte da vida cotidiana da população local, apesar da atuação do poder público local em contornar esses problemas através dos programas desenvolvidos pela Secretaria de Ação Social e Conselho Tutelar.

Em relação à nossa quarta e última hipótese, podemos afirmar que o processo de desenvolvimento que vem acontecendo em Gravatá realmente atende, em parte, o conceito de desenvolvimento local. Se, por um lado, está ocorrendo a melhoria da qualidade de vida da população local no que tange a emprego, renda, capacitação profissional, educação e saúde, através do aproveitamento dos recursos ociosos e das habilidades mal aproveitadas e da gradativa conscientização para o uso e a preservação dos recursos naturais, por outro, o sentido de “empoderar”, dar poder de decisão à população no processo de desenvolvimento não se cumpre ainda, uma vez que não houve discussões nos fóruns e conselhos sobre a implantação, viabilidade econômica e sustentabilidade ambiental desses novos empreendimentos. Ou seja, não participaram das negociações para a implantação de novas indústrias como a de móveis Estrela, Grupo DBD, e a Natural da Vaca, ou empreendimentos imobiliários como o Resort Asa Branca em construção.

O processo contínuo de busca de sinergias positivas estabelecidas entre Estado, Sociedade Civil e Mercado, baseadas na articulação entre as políticas públicas não se cumpre uma vez que não existe política pública municipal instituída, em nenhum âmbito, devido ao distanciamento existente entre a realidade local e o proposto pelas políticas públicas das esferas superiores dos governos - estadual e federal. Consequentemente, a articulação política institucional também não existe como é o caso da total desarticulação e disputas de poder existentes entre a Secretaria de Turismo e EMPETUR e de ambas, desarticuladas das políticas instituídas pelo Ministério do Turismo. Embora não tenha sido alvo de nossa pesquisa, arriscaríamos ainda afirmar o distanciamento da realidade local e a desarticulação política no que tange às políticas voltadas para a agricultura familiar, como no caso do PRONAF e da outorga para o uso da água pelo Governo Estadual através da CPRH.

Nesse sentido, o modelo de desenvolvimento obedece à antiga lógica de ênfase na modernização da economia, ou seja, verticalizado, de cima para baixo, comandado pelo atual Prefeito, empresários ou profissionais liberais proprietários de segundas-residências. Não é resultado de ação estratégica de um planejamento das políticas públicas nem do Município, e nem do Estado de Pernambuco. Tampouco do Governo Federal. São ações tecidas na *práxis* da vida cotidiana e que ainda vêm a reboque das iniciativas individuais do Prefeito, e da iniciativa privada. Como afirmou o Secretário de Turismo Sr. Rildo Feitosa: “estamos aprendendo na prática”.

Mas, ao contrário do que afirmamos em nossa hipótese ser o desenvolvimento de Gravatá apenas decorrência do senso de oportunidades empreendido pela iniciativa privada da moderna agropecuária, hotelaria e gastronomia que procuram privilegiar a população na geração de emprego e capacitação profissional, havemos de reconhecer o papel desempenhado pela população local de serem protagonistas de suas histórias. Como no caso da organização das mulheres na confecção da “Bonequinha da Sorte”, ou mesmo à frente de diversos negócios, tanto no artesanato como na pequena indústria fabril e artesanal de alimentos; dos pequenos comerciantes e artesãos que estão não só aproveitando as oportunidades surgidas como a capacitação profissional como também criando novas oportunidades de emprego. Principalmente de algumas categorias sociais como os produtores rurais da agricultura tradicional de subsistência que procuraram romper como o *status quo* de uma situação de miséria, pobreza e doença, transformando o “impossível no possível”, buscando trabalho em outras atividades ou que

mudarem para a produção de orgânicos; ou os produtores de flores e plantas ornamentais que reconhecem o associativismo/cooperativismo não apenas como espaços de luta política, mas antes de tudo, como espaços negociados na esfera da necessidade material que os fizeram perceber que unidos são mais fortes.

É a necessidade que os move da posição de expectador à posição de protagonistas de sua própria história. Uma dinâmica própria que se estabelece na trama do dia-a-dia das relações sociais que são desiguais, permeadas pelo poder, porém o senso de aproveitar as oportunidades está presente na população, independente da sua classe social. Ou seja, a participação popular em processos que visam o desenvolvimento local é antes de tudo um exercício construído na experiência da vida cotidiana, mas movida pela necessidade de transformar o “impossível no possível” e que nos remete às afirmações de Tauk Santos (2000, p. 36) sobre o desenvolvimento local compreendido como “um processo de construção de oportunidades de melhores condições de vida para as populações locais, mobilizando forças endógenas”.

Também há de se reconhecer o esforço desenvolvido pelo Prefeito, apesar da não participação da sociedade civil nessas decisões sobre a instalação dos novos empreendimentos, no sentido de procurar diversificar a economia municipal buscando captar parcerias e empreendimentos que gerem emprego, renda e a qualificação e capacitação profissional da população local, bem como a melhoria nos serviços oferecidos nos âmbitos da educação e da saúde.

Não podemos deixar de registrar que a ausência de sinergias ou articulação com as políticas públicas do estado de Pernambuco e com o Governo Federal não impede que a gestão atual procure buscar outras vias como a parceria com o SEBRAE, municípios vizinhos e distantes como, por exemplo, Gramado e Canela no Rio Grande do Sul, e o apoio e/ou estímulo à organização associativa de diversos segmentos econômicos produtivos como a produção de flores, orgânicos, indústria artesanal, hotelaria e gastronomia. Além disso, no âmbito político reativar a ASTUR, e conseguir eleger como Presidente o atual Secretário de Turismo de Gravatá, já denota que existe preocupação e interesse com o desenvolvimento da atividade do turismo no Estado.

Se, por um lado, conseguimos identificar a cooperação, aprendizagem, apoio aos arranjos produtivos locais e integração de serviço de apoio a micro e pequenos empreendimentos, como o trabalho que vem sendo desenvolvido pelo SEBRAE, e o protagonismo local, por outro a

ausência de “articulação intersetorial de políticas públicas” (SILVEIRA, 2002, p. 239) impedem que esse processo de desenvolvimento que vem ocorrendo em Gravatá, possa ser considerado desenvolvimento local.

No que tange a Gravatá ser considerada uma Usina Social de Projetos pudemos perceber que o município encontra-se em pleno processo de gestação dessa usina. Em alguns casos é possível perceber uma combinação institucional local entre o poder público, a sociedade civil organizada e o mercado como citamos acima. O que falta é a participação e poder de decisão da população local nas discussões das instalações dos novos empreendimentos, e articulação política com as políticas públicas nas esferas dos governos - estadual e federal - bem como, nas questões referentes aos problemas advindos da poluição do rio Ipojuca e o saneamento básico.

Também no âmbito do turismo sustentável se, por um lado, pudemos perceber que em Gravatá o turismo é resultado da união e interdependência de várias atividades econômicas onde seus bens e serviços, utilizados conjuntamente e classificados como produto turístico, são oferecidos para consumo e que existe uma complementação e articulação entre essas atividades com a população local, por outro lado a interação entre Estado, Sociedade Civil e Mercado - que são as molas mestras do desenvolvimento local – também não se faz presente. Diante desse fato, não podemos concordar que o turismo praticado em Gravatá seja considerado turismo sustentável, uma vez que, embora procure fomentar a diversificação das atividades econômicas, a autonomia e a auto-suficiência da população e a preservação da cultura da população local, há falhas no que tange às questões do uso e preservação do meio ambiente, falta de sinalização das trilhas ecológicas, educação ambiental e a não existência de articulação política institucional entre as políticas públicas nos âmbitos municipal, estadual e federal.

Sobre o lazer, pudemos perceber que para as categorias de empregados existe uma desvinculação temporal, entre lazer e trabalho, que é menos perceptível que entre os empresários ou autônomos, onde as atividades relacionadas ao trabalho praticamente absorvem todo o seu tempo. Já nas atividades de lazer, desenvolvidas pelos moradores de condomínios e privês, existe uma brecha que possibilita que ele usufrua em seu benefício profissional as relações sociais estabelecidas. O lazer em Gravatá, para todas as categorias, é momento de liberação das “emoções agradáveis” de que Elias e Dunning (*apud* RUGISKI E PILATTI, 2005, p.1-8), porém, sem “ameaçar a integridade física e moral das pessoas e sem afrontar a ordem estabelecida”. Para os moradores das segundas-residências essa modalidade de lazer é, antes de tudo, um momento

de compensação das “tensões conseqüentes” da vida cotidiana em Recife, principalmente como lugar de refúgio à violência urbana.

Vislumbramos a possibilidade de num futuro próximo ser possível afirmar que o processo de desenvolvimento que vem ocorrendo em Gravatá, caso haja continuidade desse processo, possa vir a ser classificado como desenvolvimento local. Pois, como vimos ao longo da pesquisa, há entendimento, intenções e esforços por parte da gestão atual da necessidade de articulação e interação entre Estado, Sociedade Civil e Mercado e da reativação ou criação de Conselhos nos âmbitos do Turismo, da Educação e do Meio Ambiente. Além disso, é expressiva a atuação de alguns segmentos organizados de forma associativa ou a atuação de ONGS, que trabalham na e pela organização dos contextos populares.

Nosso otimismo se deve ao fato que pudemos perceber que o que move toda essa nova dinâmica em Gravatá é o capital social, acumulado e mobilizado ao longo dos anos tanto na gestão pública, população local como também nos moradores de segundas-residências. Nas relações sociais estabelecidas na gestão política, na organização associativa ou nas relações interpessoais, percebe-se a existência de “vinculação” a um grupo social “unidos por ligações permanentemente e úteis”. (BOURDIEU, 1998, p. 67).

Os conflitos existentes como, por exemplo, entre alguns membros da FLORAGRESTE e a atual gestão municipal tem um papel construtivo nas relações sociais servindo como “cola”, no sentido dado por Hirschman (1998, p. 265-270), de contribuir para o aumento do capital social. No caso específico dessa categoria, ativos foram conquistados como a possível abertura de linha de crédito junto ao Banco do Brasil e espaço no aeroporto, intermediado pela gestão atual.

Nos momentos finais de redação de nossa tese, como relatamos no capítulo 4, Gravatá recebeu a visita de agricultores paulistas, que se mostraram interessados em produzir orgânicos. Nesse sentido, nossas preocupações se voltam para a pequena agricultura familiar tradicional e de orgânicos, já que a área citada é a região onde prevalecem essas duas culturas e não existem terras improdutivas e latifúndios.

Já em relação aos pesquisadores da Universidade de Okinawa, no Japão, de instalação de uma fábrica de plástico biodegradável a partir da cana-de-açúcar, acreditamos ser uma iniciativa que poderia vir a contribuir com o município. Muito embora a produção de cana-de-açúcar em Gravatá não tenha o significado econômico existente na Zona da Mata, é um município que está localizado nas proximidades e poderia absorver a produção do bagaço



produzido, o que também contribuiria para a geração de emprego e a diminuição da poluição produzida por esse dejetos.

E, nesse contexto, defendemos a necessidade de se redesenhar as políticas públicas de desenvolvimento rural em Gravatá e no Estado de Pernambuco, numa visão mais ampla, que procure considerar atividades alternativas que gerem riqueza, para além das atividades agrícolas nas áreas rurais.

Nossas sugestões são: mudanças na atual taxa de outorga do uso da água para os pequenos produtores pelo CPRH; revisão no índice de inadimplência que ocasionou o fechamento do PRONAF para o município; revisão nos percentuais do Fundo de Participação dos Municípios que comprovadamente são municípios turísticos para fazer face ao aumento da demanda com despesas como limpeza urbana, energia, água, etc.; liberação de recursos do PRODETUR para asfaltamento e sinalização dos pontos turísticos das estradas nas áreas rurais, o que possibilitaria tanto a melhoria no escoamento da produção como a visitação aos pontos turísticos e, conseqüentemente, melhoria na qualidade de vida da população dessa área; retorno do transporte coletivo para o atendimento da população da zona rural; instalação de uma câmara fria para embarque e desembarque da produção de flores no aeroporto; equipamentos e material de consumo para atendimento de emergência hospitalar; aumento dos recursos do Projeto Alvorada para que o saneamento básico atinja a toda a cidade o que contribuiria para a diminuição da poluição do rio Ipojuca; despoluição do rio Ipojuca; áreas de lazer e recreação em espaços públicos para crianças; interlocução, articulação e atuação do Ministério Público e Conselhos Tutelares entre municípios vizinhos para que inibam o “uso” de crianças para a mendicância. E, finalmente, sensibilidade e responsabilidade das esferas burocráticas formuladoras das políticas públicas em relação à realidade das localidades, no que diz respeito à articulação e implementação das e entre as políticas públicas. Não basta apenas determinar e formular, é preciso também participação e negociação das e entre esferas formuladoras nos locais onde essas políticas são implementadas.

Como estudos futuros, esta pesquisa nos aponta a necessidade de um maior aprofundamento das questões referentes à responsabilidade, comprometimento e articulação dos formuladores das políticas públicas com o local e, conseqüentemente, sobre os conflitos existentes entre esses formuladores nos níveis interinstitucionais que travam o desenvolvimento local; sobre a importância do capital social, na perspectiva de Bourdieu, nos processos

associativos e cooperativos; sobre o desenvolvimento local estudado na perspectiva do processo civilizador de Nobert Elias; sobre o afastamento dos agricultores dos movimentos sociais de base como, por exemplo, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Aponta, ainda, para as seguintes perguntas em relação ao apoio da gestão atual à possível instalação dos produtores rurais de orgânicos oriundos de São Paulo: haverá um movimento de indução para a venda das pequenas propriedades? De que maneira a gestão atual pretende atuar nessa questão? O que impediria que os agricultores que vendessem suas terras não viessem para a periferia da cidade e dos distritos aumentando a pobreza e a miséria dessas áreas? De proprietários passariam a empregados? Onde foi parar o projeto em parceria com a Alemanha da instalação da indústria de biodiesel a partir da extração da mamona, cujo objetivo era segurar o homem no campo? De forma geral esta pesquisa aponta para a seguinte pergunta: em que medida a ausência ou a falta de articulação política entre as políticas públicas não é parte do jogo de legitimação ideológica das forças hegemônicas capitalistas?

Ao finalizarmos nossas conclusões não poderíamos deixar de lembrar Moreira (2003, p. 123) quando afirmamos que o turismo e as segundas-residências estão contribuindo para que Gravatá se torne um espaço desenraizado. Onde o antigo, o tradicional está desaparecendo e se tornando globalizado, fazendo ressurgir o tempo do passado nostálgico e bucólico, mas, ao mesmo tempo moderno. Como, por exemplo, o agrobusiness desenvolvido nos Haras e Empresa Carotá; os estilos suíço, moderno e pós-moderno da arquitetura e decoração de suas segundas-residências; a moda country de Gramado e Barretos, que nada mais são do que “representações econômicas e culturais” desterritorializadas, que são reterritorializadas pela cultura local e pelos moradores de segundas-residências. Apesar de reconhecermos que as políticas públicas é parte da ideologia de legitimação de forças hegemônicas capitalistas, podemos afirmar que sem dúvida alguma, Gravatá é o lugar de gente que, por enquanto, faz acontecer! O folder tem razão: Gravatá é lugar de gente feliz!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSERALD, Henri. Territórios e Poder. In: FISCHER, Tânia. (Org.). Gestão do desenvolvimento e poderes locais: marcos teóricos e avaliação. Salvador: Casa da Qualidade. 2002. p. 33 – 44.

ALMEIDA, Joaquim Anésio, BLOS, Wladimir. O marketing do turismo rural e o desenvolvimento sustentável. In: CALLOU, Angelo Brás F. (Org.). Comunicação Rural e o novo espaço agrícola: Recife: UFRPE. 1999. p. 25-35. (Coleção GT'S INTERCOM).

AQUINO, Jackson A. As teorias da ação social de Coleman e Boudieu. Humanidades e Ciências Sociais. v. 2. nº 2. 2000. p. 17-29. (Revista Humanidades e Ciências Sociais).

AROCENA, José. El desarrollo local: un desafio contemporaneo. Caracas: Nueva Sociedad. 1995.

ASSOCIAÇÃO MUNICIPALISTA DO ESTADO DE PERNAMBUCO. Índice de Desenvolvimento Humano. Disponível em: <<http://www.amupe.org.br>> Acesso em: 12 abri. 2005.

BACZKO, Bronislaw. Imaginário social. Porto: Imprensa Nacional, 1985.

BARRETO, Margarita. Produção científica na área do turismo. In: MOESH, Marutschaka M; GASTAL, Susana. (Org.) Um outro turismo é possível. São Paulo: Contexto. 2004. p. 83 – 88.

BENEVIDES, Ireleno P. Para uma agenda de discussão do turismo como fator de desenvolvimento local. In: RODRIGUES, Adyr B. (Org.). Turismo e desenvolvimento local. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 23-41.

BERÇO de caprinos e ovinos campeões. Jornal de Brasília. Brasília, 06 mai. 2007. Seção Agronegócios. Disponível em: <<http://www.clicabrasilia.com.br/impresso/noticia.php?IdNoticia=293685&busca=caprinos>>. Acesso em: 11 mai. 2007.

BEZERRA, Márcia Maria de Oliveira. Turismo e financiamento: o caso brasileiro à luz das experiências internacionais. Tese. (Faculdade de Economia). Campinas: UNICAMP. 2002.

BLOS, Wladimir. O turismo rural na transição para um outro modelo de desenvolvimento rural. In: ALMEIDA, Joaquim Anésio; RIEDL, Mário. (Org.) Turismo rural. Bauru: EDUSC. 2000. p. 199 – 222.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Lisboa: Difel. 1989.

\_\_\_\_\_. Le capital social Actes de la recherche en sciences sociales, A. 1980, V. 31, N. 1. p. 2 – 3. Disponível em: <http://www.persee.fr>. Acesso em 05 fev. 2007.

\_\_\_\_\_. O capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). Escritos de educação. Petrópolis, Vozes, 1998.

CALLOU, Angelo Brás Fernandes; TAUKE SANTOS, Maria Salett. Programa de apoio ao pequeno produtor rural (PAPP): organização e participação comunitária. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 52. 2000. Brasília. Anais... Brasília: UNB, 2000. 1 CD.

CAMPANHOLA, Clayton; GRAZIANO DA SILVA, José. O agroturismo como nova fonte de renda para o pequeno agricultor brasileiro. In: ALMEIDA, Joaquim Anésio; RIEDL, Mário. (Org.) Turismo rural. Bauru: EDUSC. 2000. p. 145 – 179.

CARMEN, Rocio. Fundamentos para la planeación del turismo sustentable, hacia el desarrollo local. 2004. Disponível em: <<http://www.uemex.mx>> Acesso em: 04 mar. 2005.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade e novas identidades em construção. In: GRAZIANO DA SILVA, José (Coord.). Projeto Rurbano. Campinas: UNICAMP, 1999. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/projetorurbano>>. Acesso em: 05 mai 2005.

CAVACO, Carminda. Turismo e desenvolvimento local. In: RODRIGUES, Adyr. B. (Org.). Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 94-121.

\_\_\_\_\_. Turismo, comércio e desenvolvimento rural. In: ALMEIDA, Joaquim Anésio; RIEDL, Mário. (Org.) Turismo rural. Bauru: EDUSC. 2000. p. 69 – 94.

CAVALCANTE NETO, João Henrique e CAVALCANTE, Luciara Siqueira de Queiroz. Espaço e paisagem em Moreno/PE: o caso das modificações socioambientais de correntes da duplicação da rodovia BR-232. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização). Olinda: Fundação de Ensino Superior de Olinda, 2003.

CLETO DA COSTA CAMPELO FILHO Disponível em: <[http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcp\\_pe/vitoria.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcp_pe/vitoria.htm)>. Acesso em: 11/05/2005.

COLEMAN, James. Social capital in the creation of human capital. American Journal of Sociology, 94. p. 95-120. 1988. (Supplement).

COMERCIALIZAÇÃO de sementes de caprinos e ovinos, garantem boa genética. Revista Algo Mais. Recife, 06 mai 2007. Notícias online. Disponível em: <<http://www.revistaalgomais.com.br/>>. Acesso em: 06 mai 2007.

CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL, 1999. Piracicaba. Anais...; Turismo no espaço agrário. Piracicaba: FEALQ. 1999.

COOPER, Chris, *et al.* Turismo: princípios e prática. Porto Alegre: Bookman. 2001.

COSTA, Achyles B; COSTA, Beatriz Moren. Cooperação e capital social em arranjos produtivos locais. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 33, 2005. Natal. Anais... Natal: Hotel Blue Tree Park, 2005.

DELGADO, Nelson G. Extensão e desenvolvimento local: em busca da construção de um diálogo. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE EXTENSÃO E O NOVO ESPAÇO RURAL NO NORDESTE BRASILEIRO. Recife. Anais... Recife: Othon Park Hotel. 2002.

DOWBOR, Ladislau. O poder local diante de novos desafios sociais. In: FUNDAÇÃO PREFEITO FARIA LIMA. CEPAM. O município no século XXI: cenários e perspectivas. São Paulo. 1999. Disponível em: <<http://www.cepam.sp.gov.br/v8/cepam30anos/index2.asp>>. Acesso em: 10 ago. 2005.

DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e cultura popular. São Paulo: SESC, 1976.

\_\_\_\_\_. Planejamento de lazer no Brasil - valores e conteúdos culturais do Lazer, São Paulo: SESC, 1980.

\_\_\_\_\_. Sociologia empírica do lazer, São Paulo: SESC, 1999.

EMBAIXADA DO CANADÁ. Uma síntese da estratégia canadense no Brasil para o período 2005 – 2010. Disponível em: <[http://www.canadainternational.gc.ca/brazil/assets/2-CIDA\\_Brasil\\_2005-2010.pdf](http://www.canadainternational.gc.ca/brazil/assets/2-CIDA_Brasil_2005-2010.pdf)> Acesso em: : 24 jun 2007.

EMBRATUR. Diretrizes para o desenvolvimento do turismo rural no Brasil. 2003. Disponível em: <<http://www.embratur.gov.br>>. Acesso em: 11 mar. 2004.

\_\_\_\_\_. Programa de regionalização do turismo – roteiros do Brasil diretrizes políticas. 2004. Disponível em: <<http://www.embratur.gov.br>>. Acesso em: 11 mar. 2004.

\_\_\_\_\_. Plano nacional de turismo. Diretrizes, Metas e Programas 2003/2007. Brasília, 2003.

EMPETUR. Rota Luiz Gonzaga. Disponível em: <<http://200.238.107.167/web/empetur>>. Acesso em: 21 fev 2007.

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL Disponível em: <[http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcp\\_pe/vitoria.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcp_pe/vitoria.htm)> Acesso em: 11 mai. 2005.

FAVERO, Luiz A. *et al.* Caezar Park Cabo de Santo Agostinho. perspectivas de emprego junto a comunidades de pescadores. In: REUNIÃO ESPECIAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 4, Feira de Santana. Anais... Feira de Santana: UEBA, 1996.

\_\_\_\_\_. Estudo dos impactos sócio-econômicos e ambientais do complexo turístico Enseada de Suape/PE. CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 5. 1995, Recife. Anais... Recife: UFRPE, 1995.

FEATHERSTONE, Mike. Localismo, globalismo e identidade cultural. Sociedade e Estado. Brasília: Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. N. 1. V. XI. Jan/jun. 1996.

p.9-44. (Revista Sociedade e Estado).

FRANCO, Augusto de. Capital social e desenvolvimento local. [2004?]. Disponível em: <<http://www.aed.org.br>>. Acesso em: 31 jul. 2005.

\_\_\_\_\_. Porque precisamos de desenvolvimento local integrado e sustentável. Brasília: Instituto de Política, 2000.

FROEHLICH, José Marcos. Turismo rural e agricultura familiar: explorando (criticamente) o cruzamento de abordagens e estratégias para o desenvolvimento. In: ALMEIDA, Joaquim Anésio; RIEDL, Mário. (Org.) Turismo rural. Bauru: EDUSC. 2000. p. 181 – 221.

GALLICHIO, Enrique. Empoderamento, teorias de desenvolvimento e desenvolvimento local na América Latina. . In: ROMANO, Jorge e ANTUNES, Marta (Org.) Empoderamento e direitos no combate à pobreza. Rio de Janeiro: ActionAid. 2003.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. Consumidores e cidadãos - conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRRJ. 1996.

\_\_\_\_\_. Culturas híbridas y estrategias comunicacionales. Seminário "Fronteiras culturales: identidad y comunicación en América Latina". Universidad de Stirling. 16 a 18 de octubre de 1996.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar - como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOODE William J. HATT Paul K. Métodos em pesquisa social. São Paulo: Nacional. 1975.

GRAZIANO DA SILVA, José. O novo rural brasileiro. Nova Economia, Belo Horizonte, v. 7. mai. 1997. p. 43-81.

GRAZIANO DA SILVA, José *et al.* Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil. In: Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade de Santa Maria (Org.). Turismo rural e desenvolvimento sustentável. Santa Maria: UFSM, 1998.

GRISELLA, Juan. Garcia. Turismo y sustentabilidade. [2004?]. Disponível em: <<http://www.uemex.mx>>. Acesso em: 04 mar. 2005

HAGUETTE, Maria Tereza. Metodologias qualitativas na sociologia. Petrópolis: Vozes, 1992.

HARVEY, David. A condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1989

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

HIRSHIMAN, Albert. Auto-Subversão: teorias consagradas em xeque. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.

HOLANDA, Luciana; VIEIRA, Marcelo Milano F. Sobre a falácia da relação direta entre turismo e desenvolvimento local. In: (Org.) CARVALHO, Cristina Amélia; VIEIRA, Marcelo Milano F. Organizações, cultura e desenvolvimento local: a agenda de pesquisa do Observatório da Realidade Organizacional. Recife: UFPE. 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2000 Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/sidra/censo2000/cidadesat>>. Acesso em: 14 fev. 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Agropecuário 1996. Disponível em: <[http://www.sidra.ibge.gov.br/censos/Censo\\_Agropecuario\\_1995\\_96/Pernambuco](http://www.sidra.ibge.gov.br/censos/Censo_Agropecuario_1995_96/Pernambuco)>. Acesso em: 10 jul. 2004.

JARA, Carlos. A Sustentabilidade e o desenvolvimento local. Brasília: IICA/SEPLANDES, 1998.

KOSIK, Karel. Dialética do concreto. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

LAGE, Beatriz H. MILONE, Paulo César. Economia do turismo. São Paulo: Papirus, 1996.

LEFEBVRE, Henri. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ática, 1998.

LINS, Alberto Frederico. História de Gravatá. Recife: Inojosa, 1993.

MATTEI, Lauro. A pluriatividade no contexto do desenvolvimento rural catarinense. GRAZIANO DA SILVA, José (Coord.). In: Projeto Rurbano. Campinas: UNICAMP, 1999. Disponível em: <<http://www.unicamp.gov.br/projetorurbano>> Acesso em: 05 mai. 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: \_\_\_\_\_ (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes. 1999. p. 5-29.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Cadastro. Disponível em: <<http://www.cadastur.turismo.gov.br>> Acesso em 21 fev 2007.

MOREIRA, Roberto José. Cultura, política e mundo rural na contemporaneidade. Sociedade e Agricultura. Rio de Janeiro: CPDA e Mauad. N. 20. Abr. 2003. (Sociedade e Agricultura).

OLIVEIRA, Gilson B; LIMA José E. Elementos endógenos do desenvolvimento regional: considerações sobre o papel da sociedade local no processo de desenvolvimento sustentável. FAE, Curitiba, v.6, n.2, mai/dez. 2003. p. 29-37. (FAE).

OS POLÍTICOS DE VOTOS DE FREI DAMIÃO. Disponível em: [http://www.pe-az.com.br/politica/memoria\\_politica.htm](http://www.pe-az.com.br/politica/memoria_politica.htm) Acesso em: 11 mai. 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. Relatório Anual. Madrid. 2000.

PADILLA, Oscar de la Torre. El turismo: fenomeno social. México: Fundo de Cultura Econômica. 1997

PAIVA, Maria das Graças Globalização e segmentação: reflexão sobre o mercado de trabalho no Nordeste. In: LEMOS, Maria Amália.(Org.). Turismo e impactos sócioambientais. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 273-283.

\_\_\_\_\_. Sociologia do Turismo. São Paulo: Papirus, 1995.

PERNAMBUCANA Caraotá faz aposta em genética caprina. Valor Econômico. 29 ago 2005. Seção Agronegócios. Disponível em: <<http://www.valoronline.com.br>>. Acesso em: 30 ago 2005.

PERNAMBUCO (Estado) Municípios. Disponível em <<http://www.municipios.pe.gov.br>> Acesso em 20 mai 2005.

PREFEITURA DE GRAVATÁ. Notícias. Disponível em <<http://www.prefeituragravata.com.br>> Acesso em 06 mai 2006.

PREFEITURA DE GRAVATÁ. Notícias. Disponível em <<http://www.prefeituragravata.com.br>> Acesso em 06 jun 2007.

PORTUGUEZ, Anderson P. Agroturismo e desenvolvimento regional. São Paulo: Hucitec, 1999.

PUTNAM, Robert D. Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996

PRONAF. Relatório. Disponível em: <<http://www.pronaf.gov.br/home/relatorio%20certo.doc>> Acesso em 19 mar 2007.

REVISTA GRAVATÁ, Gravatá: Ed. Gravatá. A. 7. N. 12. jan. 2004. Semestral.

REVISTA GRAVATÁ, Gravatá: Ed. Gravatá. A. 9. A. 17. jun. 2006. Semestral.

RODRIGUES, Camila Gonçalves de Oliveira. O turismo e a reconstrução do espaço rural: o caso do Arraial de Conceição de Ibitipoca (MG). Dissertação. (Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade), Rio de Janeiro: UFRRJ, 2001.

RODRIGUES, Adyr B. Turismo rural no Brasil: ensaiando uma tipologia. In: RODRIGUES, Adyr. (Org.). Turismo Rural. São Paulo: Contexto. 2001.

\_\_\_\_\_. Turismo rural no Brasil: ensaio de uma tipologia. In: ALMEIDA, Joaquim Anésio; RIEDL, Mário. (Org.) Turismo rural. Bauru: EDUSC. 2000. p. 51 – 68.



RODRIGUES, Arlete. Desenvolvimento sustentável e atividade turística. In: RODRIGUES, Adyr. B. (Org.). Turismo e desenvolvimento local. São Paulo: Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. Desenvolvimento sustentável e atividade turística. In: RODRIGUES, Adyr. B. (Org.). Turismo e desenvolvimento local. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 42-64.

RUGISKI, Marcelo ; PILATTI, Luiz Alberto . Lazer e tempo livre: um olhar sobre a teoria elisiana. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR, 9, 2005, Ponta Grossa. Anais... Disponível em: <[http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/cd\\_Simposio/artigos/workshop/art11.pdf](http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/cd_Simposio/artigos/workshop/art11.pdf)>. Acesso em: 12 abri. 2007.

RUSCHMANN Dóris, O turismo rural e o desenvolvimento sustentável. In: Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria (Org.). Turismo rural e desenvolvimento sustentável. Santa Maria: UFSM, 1998. p. 49-56.

SEBRAE. Desenvolvimento do Agronegócio Flores no Brasil. 1997. p. 30. Disponível em <[http://www.sebrae.com.br/br/revista\\_agro/index.asp](http://www.sebrae.com.br/br/revista_agro/index.asp)> Acesso em: 15/05/2007.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DO ESTADO DE PERNAMBUCO. Planta Diretora do Município de Gravatá. Recife, 2004. 1. CD.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DO ESTADO DE PERNAMBUCO. Mostra do PIB Disponível em: <[http://www.condepefidem.pe.gov.br/pib/rd/mostra\\_pib\\_rds.asp?municipio\\_id=71](http://www.condepefidem.pe.gov.br/pib/rd/mostra_pib_rds.asp?municipio_id=71)>. Acesso em 14 nov. 2005.

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO DE PERNAMBUCO. Programa Nacional da Saúde da Família. Disponível em: <[http://www.pe.gov.br/frames/index\\_saude.htm](http://www.pe.gov.br/frames/index_saude.htm)> Acesso em: 23 jun 2006.

SECRETARIA DA FAZENDA DO ESTADO DE PERNAMBUCO. Recursos do ICMS no primeiro semestre de 2005. Disponível em: [http://www2.portaldatransparencia.pe.gov.br/flash/perfil\\_municipio/gravata/pdf](http://www2.portaldatransparencia.pe.gov.br/flash/perfil_municipio/gravata/pdf). Acesso em: 14 nov. 2005.

SEGRADO, Roman G. La sustentabilidad como alternativa social. 2004. Disponível em: <<http://www.uemex.mx>>. Acesso em: 04 mar. 2005.

SILVEIRA, Caio Márcio. Desenvolvimento local: concepções, estratégias e elementos para uma avaliação. In. FISCHER, Tânia. (Org.). Gestão do desenvolvimento e poderes locais: marcos teóricos e avaliação. Salvador: Casa da Qualidade. 2002. p. 239-244.

SOUZA, Marcelino de. Atividades não agrícolas e desenvolvimento rural no estado do Paraná. Tese. (Faculdade de Engenharia Agrícola). Campinas: UNICAMP. 2000.

SOUZA, Marcelo J. Lopes. Como pode o turismo contribuir para o desenvolvimento local? In. RODRIGUES, Adyr B. (Org.). Turismo e Desenvolvimento local. São Paulo: Hucitec, 1997.

SOUZA MARTINS, José. O senso comum e a vida cotidiana. Tempo Social; São Paulo: USP. 10(1), mai. de 1998. p. 1–8. (Revista Tempo Social).

SILVA SOUSA, Luziane. O turismo rural: instrumento para desenvolvimento sustentável. 2006. Disponível em: <<http://www.eumed.net/libros/2006c/194/>>. Acesso em: 20 jan. 2007.

SWARBROOKE, John. Turismo sustentável: setor público e cenários geográficos. São Paulo: Aleph, 2000.

TACUSSEL, Patrick. A sociologia interpretativa. FAMECOS • Porto Alegre • nº 18. agosto 2002. (Revista Famecos).

TAUK SANTOS, Maria Salett T. Comunicação rural e mercado de trabalho na era tecnológica: o desenvolvimento local está em pauta. p. 31-37. CALLOU, Angelo Brás Fernandes (Org.) Comunicação rural e era tecnológica. Recife: UFRPE, N. 3. 2000. p. 36. (Revista Fractais).

\_\_\_\_\_. Igreja e pequeno produtor rural: a comunicação participativa no programa CECAP/SERTA. Tese. (Ciência da Comunicação). USP: São Paulo, 1994.

\_\_\_\_\_. CALLOU, Angelo Brás Fernandes. desafios da comunicação rural em tempos de desenvolvimento local. Signo. João Pessoa. ano 2. n 3. 1995. p. 43-47. (Revista de Comunicação Integrada).

TEIXEIRA, Elenaldo. O local e o global: limites e desafios da participação cidadã. São Paulo: Cortez, 2001.

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL. Eleições 2006. Disponível em <<http://www.tre.gov.br>> Acesso em 12/01/2007.

TRIGO, Maria Helena, BRIOSCHI, Lucila R. Interação e comunicação no processo de pesquisa. In: Reflexão sobre a pesquisa sociológica, São Paulo, n. 3. Série 2. 1999. (Coleção Textos).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Pró-Reitoria de Extensão. Problemas Ambientais em Pernambuco. Disponível em: <<http://www.proext.ufpe.br/cadernos/meio%20ambiente/MAPEAMENTO%20DOS%20PROBLEMAS%20AMBIENTAIS%20DE%20PERNAMBUCO.doc>> Acesso em 18 mai 2007.

VEIGA, José Eli. Destino da ruralidade no processo de globalização. Estudos Avançados. 18 (51), 2004. (Revista Estudos Avançados).

VIANA RODRIGUES, Margarita de Cássia. Estratégias de Comunicação Rural para o desenvolvimento local: o caso do Conselho Municipal de Turismo na cidade do Conde, Bahia. Dissertação (Administração Rural e Comunicação Rural). UFRPE: Recife, 2001.

Sites Consultados

<http://www.apcurr.com.br>

<http://www.astur.com.br>

<http://www.comadrefulozinha.com.br>

<http://www.caroata.com.br>

<http://www.haraspassira.com.br>

<http://www.hortaevida.com.br>

<http://www.hotelcasagrandegravata.com.br>

<http://www.pe.sebrae.com.br/>

<http://www.portaldegravata.com.br>

<http://www.sempreverde.tur.br/cavalgada.htm>

<http://www.turismogravata.com.br>

<http://www.vilahipica.com.br>

[http://www.pe-az.com.br/politica/memoria\\_politica.htm](http://www.pe-az.com.br/politica/memoria_politica.htm)

[http://www.pe-az.com.br/politica/cleto\\_campelo.htm](http://www.pe-az.com.br/politica/cleto_campelo.htm)

## **APÊNDICES**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E**  
**SOCIEDADE – UFRRJ/CPDA**

**A. ENTREVISTAS COM AGRICULTORES TRADICIONAIS E ORGÂNICOS**

Nome:

Localidade:

Data:

Idade:

Escolaridade:

**1. Caracterização Fundiária**

1. O Sr. é o proprietário da terra? Desde quando mora em Gravatá?
2. Se sim, Quantos hectares possui no total e o que planta e cria?
3. Se não, Quantos hectares usa? qual a forma de ocupação da terra ( ) arrendatário, ( ) caseiro, ( ) assalariado, ( ) parceiro ( ) meeiro ( ) outro. Como é feito o seu pagamento? ( ) dinheiro, ( ) parte da produção ( ) outra forma
4. O Sr. mora na propriedade? Se não, onde?
5. O Sr. arrenda alguma parte de suas terras para outros? Se, sim como é feito o pagamento? ( ) em dinheiro ( ) parte da produção ( ) outra forma
6. Produz só para comercialização ou, também, para o auto-consumo?
7. Quantos dias na semana o Sr. trabalha?
8. Quem decide o quê e onde plantar?
9. O Sr. já fez empréstimo no Banco? Se sim, pra que?
10. Vende pra fora de Gravatá? Se sim, para onde?
11. Está satisfeito?
12. Como vê o turismo?
13. Modificou alguma coisa na sua vida?

**2. Uso da terra e o processo produtivo**

14. O que o Sr. Planta?
15. Quantos kgs ou pés por semana?
16. O Sr. comercializa sua produção onde? Pra quem?
17. O Sr. vende para os turistas? Ou para os moradores de final de semana? Já tem freguesia?
18. Tem animais? Quantos? Quais? Criação para vender ou para consumo?
19. O Sr. sempre trabalhou com orgânicos? Se, não, o que fez o Sr. mudar?
20. Quais os benefícios da agricultura orgânica/tradicional?
21. A Agricultura ecológica/tradicional trouxe algum problema? Quais?
22. A sua saúde melhorou?
23. Quem lhe dá assistência técnica?
24. O Sr. está satisfeito?
25. Quais os principais ganhos que o Sr. teve com o orgânico/tradicional?
26. O Sr. é sindicalizado? Se sim, está satisfeito?
27. O Sr. é Associado da AMA/FLORAPE/FLORAGRESTE? Se sim, a quanto tempo? Está satisfeito?

28. Que tipo de serviço elas prestam ao Sr.?
29. Trabalha em outra atividade fora a agricultura?
3. A Vida Cotidiana
30. Quantos membros têm a família?
31. Onde residem?
32. Qual idade dos seus filhos?
33. Todos residem na mesma casa dentro da propriedade?
34. Os filhos casados moram na sua casa ou em casa separado?
35. Outros parentes moram na casa ou na propriedade com vocês? Se sim, quem e quantos?
36. O Sr. ou algum filho além de trabalhar na propriedade trabalha em outra propriedade ou em outra atividade? Se, sim, onde? Fazendo o que?
37. Quantos da família trabalham na produção? Quem são?
38. O Sr. estimula os filhos a ser agricultor?
39. Eles estudam? Se sim, onde? Se não, por que?
40. A renda da família vem só da produção? Se não, de onde?
41. Quem faz a feira de alimentos?
42. Quem cozinha, cuida das crianças, arruma a casa, lava roupa?
43. Qual a sua religião? O Sr. e sua família freqüentam a igreja?
44. Tem carro? Quem dirige?
45. Quais as suas atividades de lazer?
46. Você faz compras em Gravatá? Se sim, o que compra? Como avalia os preços praticados?
47. Costuma fazer compras também para a sua casa de Recife?
48. Participa da vida social de Gravatá? Como?
49. Interage com as pessoas dos prives e condomínios, turistas? Se sim, de que forma?
50. No âmbito da diversão o que oferece Gravatá?
51. E para as crianças?
52. Alguém na família trabalha com artesanato ou alimentos (indústria caseira)?
53. A renda da família é de quantos salários mínimos?
54. Descontando todas as despesas sobra algum? Se sim, faz o que? Tem poupança? Investe em alguma outra coisa como ( ) comprar um terreno ( ) construir casa, ( ) algum beneficiamento na propriedade
55. O Sr. ou algum membro da família já trabalhou em alguma atividade que não fosse agrícola? Se sim, quem? em qual? Por quanto tempo? Por que deixou esse emprego?
56. Na sua casa o Sr. tem ( ) geladeira, ( ) energia elétrica ( ) rádio ( ) tv ( ) carro ( ) água encanada ( ) telefone ( ) som ( ) moto ( ) bicicleta ( ) freezer ( ) banheiro dentro de casa ( ) fogão à gás ( ) fogão a lenha ( ) chuveiro elétrico ( ) máquina de costura ( ) antena parabólica ( ) vídeo cassete/dvd ( ) computador ( ) outro
57. Escuta rádio? O que gosta? Com que freqüência?
58. Vê TV o que gosta? Com que freqüência?
59. Lê jornais, revistas? Se sim, quais? E o de que mais gosta?
60. Já foi ao cinema e internet conhece?
61. O lixo produzido como é coletado? Para onde ele vai?
62. Existe coleta seletiva?
63. E como fica a questão do consumo de água no período de alta estação?
64. Existe algum projeto de despoluição do rio Ipojuca?

#### 4. O Turismo em Gravatá

- 65. Como você vê o turismo antes e hoje em Gravatá?
- 66. O que representa a duplicação da BR 232 para o senhor? E para o turismo?
- 67. Já é possível perceber alguma mudança após a duplicação?
- 68. O Sr. Recebe turistas ou mesmo moradores para conhecer sua produção? Se sim, me conte como é. Quem leva? O que eles fazem lá?
- 69. Qual a sua opinião sobre o turismo?

#### 5. As Políticas Públicas de Turismo e de Desenvolvimento Rural

- 69 Você conhece a Política Nacional de Turismo Rural do governo federal?
- 70 o âmbito municipal existe uma política de turismo e de desenvolvimento rural em Gravatá? Se sim, qual?
- 71 O município oferece algum tipo de incentivo para a população local como capacitação profissional? Se sim, em quais? E como vocês avaliam essas capacitações?
- 72 Que sugestões de outras capacitações vocês fariam?
- 73 Você participa de alguma associação?
- 74 Há investimento público no marketing turístico?
- 75 Como você avalia a articulação do Estado e da Prefeitura na regulação e implementação do turismo?
- 76 Como você avalia a articulação institucional no município entre as pastas do turismo, desenvolvimento social e desenvolvimento rural?
- 77 Quando o poder público de Gravatá passou a considerar o turismo como setor econômico possível de ser desenvolvido?
- 78 Há um conselho municipal de turismo em Gravatá?
- 79 Você participa? Que categorias representam?
- 80 Há investimento público no marketing turístico?
- 81 Como você avalia a articulação do Estado e da Prefeitura na regulação e implementação do turismo?
- 82 Como você avalia a articulação institucional no município entre as pastas do turismo, desenvolvimento social e desenvolvimento rural?

#### 6. As Segundas-Residências

- 83 O que o Sr. acha das fazendas estarem sendo desmembradas para condomínios e prives?
- 84 O preço da terra e do terreno em Gravatá está por volta de quanto?
- 85 O Sr. sabe dizer se os empregos criados nesses condomínios e prives dão preferência a população local de Gravatá?
- 86 Qual a sua opinião sobre as segundas-residências?
- 87 Como você avalia o crescimento imobiliário em Gravatá de prives e condomínios?

#### 7. A Moderna Agropecuária

- 88 Quais as empresas que você acredita que possam ser classificadas de modernas nos âmbitos da agricultura em Gravatá? Por que?
- 89 Os empregados são daqui de Gravatá?
- 90 Da zona rural ou urbana?
- 91 Moram na propriedade?

Finalizando que reivindicação você faria nos âmbitos dos poderes local, estadual e federal para o turismo em Gravatá?



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E**  
**SOCIEDADE – UFRRJ/CPDA**

**B. ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROPRIETÁRIOS DE HOTÉIS, RESTAURANTES E SIMILARES, COMÉRCIO.**

Localização:

Razão Social:

Proprietários:

Nome:

Cargo:

Data da Entrevista

Escolaridade:

Idade:

Residência:

**1. O Estabelecimento:**

- 1 Conte um pouco da história do estabelecimento: ano em que surgiu, por que, quem começou tudo?
- 2 É propriedade familiar?
- 3 Vivem apenas dos rendimentos do estabelecimento? Se não, quais são os outros?
- 4 Sempre foi nesse lugar e instalação?
- 5 Quando foram feitas as melhorias das instalações?
- 6 Têm filiais onde mais?
- 7 Os móveis utilizados no estabelecimento são de onde?
- 8 Os produtos consumidos na elaboração dos alimentos são produzidos onde? O que vem de fora?
- 9 O estabelecimento utiliza que instrumentos para o seu marketing?
- 10 Tem pagina na internet e faz vendas pela internet ou telefone?
- 11 Quem é o cliente do estabelecimento?
- 12 O que o estabelecimento oferece no ramo de alimentação e bebidas?
- 13 Qual a capacidade de carga do Hotel/Pousada?
- 14 Oferece alimentação?
- 15 Oferece atividades recreativas e de lazer?
- 16 Participa de Sindicato ou Associação?

**2. O Faturamento**

- 17 Você pode dar a média anual de faturamento?
- 18 E a média mensal na alta-estação?
- 19 E na baixa estação?
- 20 Já utilizou algum programa de financiamento? Se sim, qual e pra quê? De que agência?
- 21 Há fiscalização sanitária? Se sim, de quem? E com que frequência?

**3. Os empregados**

- 22 Quantos empregados têm o estabelecimento?

- 23 Em quais serviços?
- 24 Todos com carteira assinada?
- 25 A mão-de-obra é de onde?
- 26 Como foi feita ou é feita a qualificação profissional dessa mão-de-obra?
- 27 No período de baixa estação o número de empregados cai?
- 28 Contrata mão-de-obra temporária?

#### 4. O Turismo em Gravatá

- 29 Como você vê o turismo antes e hoje em Gravatá?
- 30 Você tem idéia de quantos turistas visitam Gravatá na alta estação?
- 31 O que representa a duplicação da BR 232 para o o seu estabelecimento e para o turismo?
- 32 Já é possível perceber alguma mudança após a duplicação? Em que no faturamento? No aumento de visitas ao estabelecimento?
- 33 Além da hospedagem que outros atrativos, Gravatá oferece?
- 34 Você acredita que só os hotéis seriam capazes de atrair tantos turistas?
- 35 Qual a importância do seu estabelecimento para o turismo em Gravatá?
- 36 Quantos empregos você imagina que só o ramo da gastronomia, alimentação e bebidas oferece em Gravatá?
- 37 E nas demais atividades ligadas ao comercio e ao artesanato você tem idéia?
- 38 Você acredita que o embricamento de hotéis, segundas-residências e moderna agropecuária se constituem no tripê que dá sustentação ao processo de desenvolvimento que vem passando Gravatá?

#### 5. As Políticas Públicas de Turismo

- 39 Você conhece a Política Nacional de Turismo Rural do governo federal?
- 40 No âmbito estadual existe uma política pública especifica para o turismo?
- 41 No âmbito municipal existe uma política de turismo em Gravatá? Se sim, qual?
- 42 Quando o poder público de Gravatá passou a considerar o turismo como setor econômico possível de ser desenvolvido?
- 43 Há um Conselho Municipal de Turismo em Gravatá?
- 44 Você participa? Que categorias representam?
- 45 Há investimento público no marketing turístico?
- 46 Como você avalia a articulação do Estado e da Prefeitura na regulação e implementação do turismo?
- 47 Como você avalia a articulação institucional no município entre as pastas do turismo, desenvolvimento social e desenvolvimento rural?

#### 6. As Segundas-Residências

- 48 Você sabe em que ano começou a construção de prives e condomínios em Gravatá? Eram em áreas urbana ou rural?
- 49 Quantos condomínios e prives você imagina que tem Gravatá?
- 50 Você sabe o total de segundas-residências?
- 51 Hoje é comum o desmembramento de fazendas em condomínios e prives como você vê esse processo de urbanização?
- 52 O aumento do número de prives e condomínios interfere no faturamento do estabelecimento?
- 53 O preço da terra e do terreno em Gravatá está por volta de quanto?

- 54 Você sabe dizer se os empregos criados nesses condomínios e prives privilegiam a população local de Gravatá?
- 55 Como você avalia o crescimento imobiliário em Gravatá de prives e condomínios?
- 56 Costuma interagir com o morador de segunda-residência? De que maneira?
7. A Moderna Agropecuária
  - 57 Quais as empresas que você acredita que possam ser classificadas de modernas nos âmbitos da agricultura em Gravatá? Por que?
  - 58 Os empregados são daqui de Gravatá?
  - 59 Da zona rural ou urbana?
  - 60 Moram na propriedade?
8. A Vida Cotidiana
  - 61 Quantos membros têm a família?
  - 62 Onde residem?
  - 63 Qual idade dos seus filhos?
  - 64 Todos residem na mesma casa?
  - 65 Os filhos casados moram na sua casa ou em casa separado?
  - 66 Outros parentes moram na casa? Se sim, quem e quantos?
  - 67 O Sr. tem algum filho além de trabalhar no estabelecimento trabalha em outra atividade? Se, sim, onde? Fazendo o que?
  - 68 Quantos da família trabalham no estabelecimento? Quem são?
  - 69 O Sr. estimula os filhos a seguir na sua profissão?
  - 70 Eles estudam? Se sim, onde? Se não, por que?
  - 71 A renda da família vem só estabelecimento? Se não, de onde?
  - 72 Quem faz a feira de alimentos?
  - 73 Quem cozinha, cuida das crianças, arruma a casa, lava roupa?
  - 74 Qual a sua religião? O Sr. e sua família freqüentam a igreja?
  - 75 Tem carro? Quem dirige?
  - 76 Quais as suas atividades de lazer?
  - 77 Você faz compras em Gravatá? Se sim, o que compra? Como avalia os preços praticados?
  - 78 Costuma fazer compras também para a sua casa de Recife?
  - 79 Participa da vida social de Gravatá? Como?
  - 80 Interage com as pessoas dos condomínios, prives, turistas? Se sim, de que forma?
  - 81 No âmbito da diversão o que oferece Gravatá?
  - 82 E para as crianças?
  - 83 Alguém na família trabalha com artesanato ou alimentos (indústria caseira)?
  - 84 A renda da família é de quantos salários mínimos?
  - 85 Descontando todas as despesas sobra algum? Se sim, faz o que? Tem poupança? Investe em alguma outra coisa como ( ) comprar um terreno ( ) construir casa, ( ) algum beneficiamento na propriedade
  - 86 O Sr. ou algum membro da família já trabalhou em alguma atividade que não fosse a atividade atual? Se sim, quem? em qual? Por quanto tempo? Por que deixou esse emprego?
  - 87 Escuta rádio? O que gosta? Com que freqüência?
  - 88 Vê TV o que gosta? Com que freqüência?
  - 89 Lê jornais, revistas, livros? Se sim, quais? E o de que mais gosta?
  - 90 E cinema e internet?

- 91 O lixo produzido como é coletado? Para onde ele vai?
- 92 Existe coleta seletiva?
- 93 E como fica a questão do consumo de água no período de alta estação?
- 94 Existe algum projeto de despoluição do rio Ipojuca?

Finalizando que reivindicação você faria nos âmbitos dos poderes local, estadual e federal para o turismo em Gravatá?

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E**  
**SOCIEDADE – UFRRJ/CPDA**

**C. ROTEIRO DE ENTREVISTA MORADORES DE SEGUNDAS RESIDENCIAS**

Localização:

Nome:

Profissão:

Data da Entrevista:

Escolaridade:

Idade:

Residência:

**1. O Turismo em Gravatá**

- 01 Como você vê o turismo antes e hoje em Gravatá?
- 02 que representa a duplicação da BR 232 para Gravatá?
- 03 Já é possível perceber alguma mudança após a duplicação?
- 04 Quais atrativos turísticos você destacaria em Gravatá?
- 05 Você acredita que só os hotéis seriam capazes de atrair tantos turistas?
- 06 Há investimento público no marketing turístico?
- 07 Você acredita que o embricamento de hotéis, segundas-residências e moderna agropecuária se constituem no tripê que dá sustentação ao processo de desenvolvimento que vem passando Gravatá?
- 08 E sobre o artesanato o que você tem a dizer? O turismo contribui para o seu desenvolvimento?

**2. As Políticas Públicas de Turismo e de Desenvolvimento Rural**

- 09 Você conhece a Política Nacional de Turismo Rural do governo federal?
- 10 No âmbito municipal existe uma política de turismo e de desenvolvimento rural em Gravatá? Se sim, qual?
- 11 O município oferece algum tipo de incentivo para a população local como capacitação profissional? Se sim, em quais? E como vocês avaliam essas capacitações?
- 12 Que sugestões de outras capacitações vocês fariam?
- 13 Há investimento público no marketing turístico?
- 14 Como você avalia a articulação do Estado e da Prefeitura na regulação e implementação do turismo?
- 15 Como você avalia a articulação institucional no município entre as pastas do turismo, desenvolvimento social e desenvolvimento rural?
- 16 Você sindicalizado? Participa?

**3. As Segundas-Residências**

- 17 Ter uma residência em Gravatá significa o que pra você?
- 18 Com que frequência você vem a Gravatá?
- 19 Você tem empregados? Se sim, para que serviços?

- 20 São de onde?
- 21 Tem carteira assinada?
- 22 Como é feito o pagamento?
- 23 São fixos ou temporários?
- 24 Como você avalia os serviços prestados?
- 25 Como você avalia o crescimento imobiliário em Gravatá de prives e condomínios?
- 26 Você sabe em que ano começou a construção de prives e condomínios em Gravatá? Eram em áreas urbana ou rural?
- 27 Quantos condomínios e prives você imagina que tem Gravatá?
- 28 Você sabe o total de segundas-residências?
- 29 Hoje é comum o desmembramento de fazendas em condomínios e prives como você vê esse processo de urbanização?
- 30 O preço da terra e do terreno em Gravatá está por volta de quanto?
- 31 Você sabe dizer se os empregos criados nesses condomínios e prives privilegiam a população local de Gravatá?
- 32 Costuma interagir com a população local? De que maneira? E com as pessoas dos outros condomínios e/ou prives?

#### 4. A Moderna Agropecuária

- 33 Quais as empresas que você acredita que possam ser classificadas de modernas nos âmbitos da agropecuária em Gravatá? Por que?
- 34 s empregados são daqui de Gravatá?
- 35 Da zona rural ou urbana?
- 36 Moram na propriedade?

#### 5. A Vida Cotidiana

- 37 Você faz compras em Gravatá? Se sim, o que compra? Como avalia os preços praticados?
- 38 Costuma fazer compras também para a sua casa de Recife?
- 39 Participa da vida social de Gravatá? Como?
- 40 Interage com os residentes? Se sim, de que forma?
- 41 No âmbito da diversão o que oferece Gravatá?
- 42 E para as crianças?
- 43 Moraria definitivo em Gravatá se?
- 44 Gravatá é sinônimo de?
- 45 Sua casa é?
- 46 Quais atividades de lazer desenvolve?
- 47 Praia ou campo?
- 48 Hoje é comum o desmembramento de fazendas em condomínios e prives como você vê esse processo de urbanização?
- 49 O lixo produzido como é coletado? Para onde ele vai?
- 50 Existe coleta seletiva?
- 51 E como fica a questão do consumo de água no período de alta estação? Como os moradores resolvem essa questão?
- 52 Existe algum projeto de despoluição do rio Ipojuca?
- 53 Escuta rádio? O que gosta? Com que frequência?
- 54 Vê TV o que gosta? Com que frequência?
- 55 Lê jornais, revistas, livros? Se sim, quais? E o de que mais gosta?

56 E cinema e internet?

Finalizando que reivindicação você faria nos âmbitos dos poderes local, estadual e federal para o turismo em Gravata?

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E**  
**SOCIEDADE – UFRRJ/CPDA**

**D. ENTREVISTAS COM EMPREGADOS, AMBULANTES E AUTÔNOMOS.**

Nome:

Localidade:

Data:

Idade:

Escolaridade:

**1. Vida Profissional**

1. Qual a sua profissão? Tem carteira assinada? Gosta do que faz? Se ambulante o que te levou a montar a barraca?
2. Fez algum curso? Quem patrocinou?
3. Você mora na área urbana ou rural? Trabalhava na agricultura? Se sim, ainda trabalha? A produção o que faz com ela?
4. Qual a sua opinião sobre trabalhar com o comércio, turismo ou na segunda residência? É o primeiro emprego/trabalho?
5. Na família alguém trabalha no ramo do turismo ou da segunda residência?
6. Pode dizer uma estimativa de sua renda mensal?
7. Você sindicalizado? Participa?
8. Participa de Associação ou Cooperativa?

**2. A Vida Cotidiana**

- 57 Quantos membros têm a família?
- 58 Onde residem?
- 59 Qual idade dos seus filhos?
- 60 Todos residem na mesma casa?
- 61 Os filhos casados moram na sua casa ou em casa separado?
- 62 Outros parentes moram na casa? Se sim, quem e quantos?
- 63 O Sr. tem algum filho além de trabalhar no estabelecimento trabalha em outra atividade? Se, sim, onde? Fazendo o que?
- 64 Quantos da família trabalham no estabelecimento? Quem são?
- 65 O Sr. estimula os filhos a seguir na sua profissão?
- 66 Eles estudam? Se sim, onde? Se não, por que?
- 67 Quem faz a feira de alimentos?
- 68 Quem cozinha, cuida das crianças, arruma a casa, lava roupa?
- 69 Qual a sua religião? O Sr. e sua família freqüentam a igreja?
- 70 Tem carro? Quem dirige?
- 71 Quais as suas atividades de lazer?
- 72 Você faz compras em Gravatá? Se sim, o que compra? Como avalia os preços praticados?
- 73 Costuma fazer compras também para a sua casa de Recife?
- 74 Participa da vida social de Gravatá? Como?
- 75 Interage com as pessoas dos condomínios, prives, turistas? Se sim, de que forma?



- 76 No âmbito da diversão o que oferece Gravatá?
- 77 E para as crianças?
- 78 Alguém na família trabalha com artesanato ou alimentos (indústria caseira)?
- 79 A renda da família é de quantos salários mínimos?
- 80 Descontando todas as despesas sobra algum? Se sim, faz o que? Tem poupança? Investe em alguma outra coisa como ( ) comprar um terreno ( ) construir casa, ( ) algum beneficiamento na propriedade
- 81 O Sr. ou algum membro da família já trabalhou em alguma atividade que não fosse a atual atividade? Se sim, quem? em qual? Por quanto tempo? Por que deixou esse emprego?
- 82 Na sua casa o Sr. tem ( ) geladeira, ( ) energia elétrica ( ) rádio ( ) tv ( ) carro ( ) água encanada ( ) telefone ( ) som ( ) moto ( ) bicicleta ( ) freezer ( ) banheiro dentro de casa ( ) fogão à gás ( ) fogão a lenha ( ) chuveiro elétrico ( ) máquina de costura ( ) antena parabólica ( ) vídeo cassete/dvd ( ) computador ( ) outro
- 83 Escuta rádio? O que gosta? Com que frequência?
- 84 Vê TV o que gosta? Com que frequência?
- 85 Lê jornais, revistas, livros? Se sim, quais? E o de que mais gosta?
- 86 E cinema e internet?

### 3. O Turismo em Gravatá

- 87 Como você vê o turismo antes e hoje em Gravatá?
- 88 O que representa a duplicação da BR 232 para Gravatá?
- 89 Já é possível perceber alguma mudança após a duplicação?
- 90 Quais atrativos turísticos você destacaria em Gravatá?
- 91 Você acredita que só os hotéis seriam capazes de atrair tantos turistas?
- 92 Há investimento público no marketing turístico?
- 93 Você acredita que o embricamento de hotéis, segundas-residências e moderna agropecuária se constituem no tripê que dá sustentação ao processo de desenvolvimento que vem passando Gravatá?
- 94 E sobre o artesanato o que você tem a dizer? O turismo contribui para o seu desenvolvimento?

### 4. As Políticas Públicas de Turismo e de Desenvolvimento Rural

- 95 Você conhece a Política Nacional de Turismo Rural do governo federal?
- 96 No âmbito municipal existe uma política de turismo e de desenvolvimento rural em Gravatá? Se sim, qual?
- 97 O município oferece algum tipo de incentivo para a população local como capacitação profissional? Se sim, em quais? E como vocês avaliam essas capacitações?
- 98 Que sugestões de outras capacitações vocês fariam?
- 99 Há investimento público no marketing turístico?
- 100 Como você avalia a articulação do Estado e da Prefeitura na regulação e implementação do turismo?
- 101 Como você avalia a articulação institucional no município entre as pastas do turismo, desenvolvimento social e desenvolvimento rural?

### 5. As Segundas-Residências.

- 102 Como você avalia o crescimento imobiliário em Gravatá de prives e condomínios?

- 103Você sabe em que ano começou a construção de prives e condomínios em Gravatá? Eram em áreas urbana ou rural?
- 104Quantos condomínios e prives você imagina que tem Gravatá?
- 105Você sabe o total de segundas-residências?
- 106 Hoje é comum o desmembramento de fazendas em condomínios e prives como você vê esse processo de urbanização?
- 107O preço da terra e do terreno em Gravatá está por volta de quanto?
- 108Você sabe dizer se os empregos criados nesses condomínios e prives privilegiam a população local de Gravatá?
- 109Como você avalia o crescimento imobiliário em Gravatá de prives e condomínios?
- 110Costuma interagir com o morador de segunda-residência? De que maneira?

6. A Moderna Agropecuária

- 111Quais as empresas que você acredita que possam ser classificadas de modernas nos âmbitos da agropecuária em Gravatá? Por que?
- 112Os empregados são daqui de Gravatá?
- 113Da zona rural ou urbana?
- 114Moram na propriedade?

Finalizando que reivindicação você faria nos âmbitos dos poderes local, estadual e federal para o turismo em Gravatá?

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E**  
**SOCIEDADE – UFRRJ/CPDA**

**E. ENTREVISTAS COM ARTESÃOS (MOVEIS – ALUMINIO – BRONZE – CESTARIA)**

Nome:

Localidade:

Data:

Idade:

Escolaridade:

**1. O Artesanato produzido**

- 1 Quando o iniciou nessa arte?
- 2 Conte um pouco dessa história
- 3 Vive só do artesanato?
- 4 A família também trabalha com você no artesanato? Se sim, quem? Que fazem?
- 5 Participa de feiras, exposições? Se sim de onde?
- 6 Vende pra fora de Gravatá? Se sim, para onde?
- 7 Pode dizer uma estimativa de sua renda mensal?
- 8 Vende para turistas? E para os moradores de segundas residências?
- 9 O que representa os turistas e os moradores de segundas residências para o seu negocio?
- 10 Você é sindicalizado? Participa?

**2. A Vida Cotidiana**

- 11 Quantos membros têm a família?
- 12 Onde residem?
- 13 Qual idade dos seus filhos?
- 14 Todos residem na mesma casa?
- 15 Os filhos casados moram na sua casa ou em casa separado?
- 16 Outros parentes moram na casa? Se sim, quem e quantos?
- 17 O Sr. tem algum filho além de trabalhar no estabelecimento trabalha em outra atividade?  
Se, sim, onde? Fazendo o que?
- 18 Quantos da família trabalham no estabelecimento? Quem são?
- 19 O Sr. estimula os filhos a seguir na sua profissão?
- 20 Eles estudam? Se sim, onde? Se não, por que?
- 21 A renda da família vem só estabelecimento? Se não, de onde?
- 22 Quem faz a feira de alimentos?
- 23 Quem cozinha, cuida das crianças, arruma a casa, lava roupa?
- 24 Qual a sua religião? O Sr. e sua família freqüentam a igreja?
- 25 Tem carro? Quem dirige?
- 26 Quais as suas atividades de lazer?
- 27 Você faz compras em Gravatá? Se sim, o que compra? Como avalia os preços praticados?
- 28 Costuma fazer compras também para a sua casa de Recife?
- 29 Participa da vida social de Gravatá? Como?

- 30 Interage com as pessoas dos condomínios, prives, turistas? Se sim, de que forma?
- 31 No âmbito da diversão o que oferece Gravatá?
- 32 E para as crianças?
- 33 Alguém na família trabalha com artesanato ou alimentos (indústria caseira)?
- 34 A renda da família é de quantos salários mínimos?
- 35 Descontando todas as despesas sobra algum? Se sim, faz o que? Tem poupança? Investe em alguma outra coisa como ( ) comprar um terreno ( ) construir casa, ( ) algum beneficiamento na propriedade
- 36 O Sr. ou algum membro da família já trabalhou em alguma atividade que não fosse comércio? Se sim, quem? em qual? Por quanto tempo? Por que deixou esse emprego?
- 37 Na sua casa o Sr. tem ( ) geladeira, ( ) energia elétrica ( ) rádio ( ) tv ( ) carro ( ) água encanada ( ) telefone ( ) som ( ) moto ( ) bicicleta ( ) freezer ( ) banheiro dentro de casa ( ) fogão à gás ( ) fogão a lenha ( ) chuveiro elétrico ( ) máquina de costura ( ) antena parabólica ( ) vídeo cassete/dvd ( ) computador ( ) outro
- 38 Escuta rádio? O que gosta? Com que frequência?
- 39 Vê TV o que gosta? Com que frequência?
- 40 Lê jornais, revistas, livros? Se sim, quais? E o de que mais gosta?
- 41 E cinema e a internet?
- 42 O lixo produzido como é coletado? Para onde ele vai?
- 43 Existe coleta seletiva?
- 44 E como fica a questão do consumo de água no período de alta estação?
- 45 Existe algum projeto de despoluição do rio Ipojuca?

### 3. O Turismo em Gravatá

- 46 Como você vê o turismo antes e hoje em Gravatá?
- 47 O que representa a duplicação da BR 232 para o senhor? E para o turismo?
- 48 Já é possível perceber alguma mudança após a duplicação?
- 49 O Sr. Recebe turistas ou mesmo moradores para conhecer sua produção artesanal? Se sim, me conte como é. Quem leva? O que eles fazem lá?
- 50 Qual a sua opinião sobre o turismo?

### 4. As Políticas Públicas de Turismo em Gravatá

- 51 Você conhece a Política Nacional de Turismo Rural do governo federal?
- 52 No âmbito estadual existe uma política pública específica para o turismo?
- 53 No âmbito municipal existe uma política de turismo em Gravatá? Se sim, qual?
- 54 Quando o poder público de Gravatá passou a considerar o turismo como setor econômico possível de ser desenvolvido?
- 55 Há um conselho municipal de turismo em Gravatá?
- 56 Você participa? Que categorias representam?
- 57 Há investimento público no marketing turístico?
- 58 Como você avalia a articulação do Estado e da Prefeitura na regulação e implementação do turismo?
- 59 Como você avalia a articulação institucional no município entre as pastas do turismo, desenvolvimento social e desenvolvimento rural?
- 60 Está satisfeito com a política estadual e municipal para o artesanato? Por que?

5. As Segundas-Residências

- 61 O que o Sr. acha das fazendas estarem sendo desmembradas para condomínios e prives?
- 62 O preço da terra e do terreno em Gravatá está por volta de quanto?
- 63 Você sabe dizer se os empregos criados nesses condomínios e prives dão preferência a população local de Gravatá?
- 64 Qual a sua opinião sobre as segundas-residências?
- 65 Você sabe em que ano começou a construção de prives e condomínios em Gravatá? Eram em áreas urbana ou rural?
- 66 Quantos condomínios e prives você imagina que tem Gravatá?
- 67 Você sabe o total de segundas-residências?
- 68 Você sabe dizer se os empregos criados nesses condomínios e prives privilegiam a população local de Gravatá?
- 69 Como você avalia o crescimento imobiliário em Gravatá de prives e condomínios?

6. A Moderna Agropecuária

- 70 Quais as empresas que você acredita que possam ser classificadas de modernas nos âmbitos da agropecuária em Gravatá? Por que?
- 71 E da pecuária?
- 72 Os empregados são daqui de Gravatá?
- 73 Da zona rural ou urbana?
- 74 Moram na propriedade?

Finalizando que reivindicação você faria nos âmbitos dos poderes local, estadual e federal para o turismo em Gravatá?

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E**  
**SOCIEDADE – UFRRJ/CPDA**

**F. ENTREVISTAS COM O PODER PÚBLICO. (Secretária Adjunta de Turismo, Prefeito, Secretário e Diretor de Turismo).**

Nome:

Localidade:

Data:

Idade:

Escolaridade:

Cargo:

**1. O Turismo e as Segundas-Residências em Gravatá**

- 1 Como você vê o turismo antes e hoje em Gravatá?
- 2 O que representa o Turismo para Gravatá?
- 3 O que representa a duplicação da BR 232 para Gravatá?
- 4 Já é possível perceber alguma mudança após a duplicação?
- 5 A produção artesanal seja do artesanato, seja produção agropecuária recebe turista ou moradores de segundas-residências? Se sim, me conte como é. Quem leva? O que eles fazem lá?
- 6 Qual a sua opinião sobre o turismo?
- 7 Além da hospedagem que outros atrativos, Gravatá oferece?
- 8 Você acredita que só os hotéis seriam capazes de atrair tantos turistas?
- 9 Quantos empregos formais diretos e indiretos o turismo e suas atividades afins geram em Gravatá? E informais?
- 10 Quantos empregos diretos as segundas-residências geram?
- 11 De onde são esses trabalhadores?
- 12 Você acredita que o embricamento de hotéis, segundas-residências e moderna agropecuária se constituem no tripê que dá sustentação ao processo de desenvolvimento que vem passando Gravatá?
- 13 Quantos Hotéis/Pousadas e Leitos?
- 14 Quantos Condomínios e Prives? Total de habitações?
- 15 Quantas em construção?
- 16 Os moradores de segundas-residências freqüentam os pontos turísticos de Gravatá?
- 17 Quantos turistas por final de semana? E na alta estação?
- 18 Tem morador de prive /ou condomínio que more em Gravatá e trabalhe em Recife?
- 19 Qual o volume de recursos que o turismo e suas atividades afins fazem circular em Gravatá?
- 20 Só os hotéis atrairiam o turista?
- 21 Qual a importância do pólo moveleiro e do artesanato para o turismo em Gravatá?
- 22 Os restaurante e bares funcionam diariamente? Mesmo na baixa estação?
- 23 Por que não achamos placas de sinalização dos pontos turísticos em Gravatá?

24 Quais medidas estão sendo tomadas para melhorar o trânsito e o acesso ao centro da cidade?

## 2. As Políticas Públicas e as Articulações Institucionais

25 Você conhece a Política Nacional de Turismo Rural do governo federal?

26 O turismo que vem sendo desenvolvido em Gravatá procura se adequar à Política Nacional?

27 No âmbito estadual existe uma política pública específica para o turismo?

28 No âmbito municipal existe uma política de turismo em Gravatá? Se sim, qual?

29 Por que Gravatá não tem ainda seu Plano Diretor de Turismo e seu Inventário Turístico? E o Conselho Municipal de Turismo existe?

30 Existe um município espelho para Gravatá? Se sim, por que?

31 Quando o poder público de Gravatá passou a considerar o turismo como setor econômico possível de ser desenvolvido?

32 Há investimento público no marketing turístico? Quem financia?

33 Como você avalia a articulação do Estado e da Prefeitura na regulação e implementação do turismo?

34 Qual a atuação do Governo estadual no âmbito do turismo?

35 Existe articulação institucional no município entre as pastas do turismo, desenvolvimento social e desenvolvimento rural? Como se dá essa articulação?

36 Em que medida o turismo em Gravatá pode beneficiar o desenvolvimento rural e social de Gravatá?

37 Quais são os planos para o desenvolvimento do turismo em Gravatá?

38 Há uma política pública de capacitação profissional para a população local voltada para as atividades relacionadas ao turismo? E, para outras atividades?

39 Conhece o programa de capacitação profissional para atividades ligadas ao turismo e à produção artesanal de alimentos do Departamento de Economia Doméstica da UFRPE?

40 Os recursos advindos com impostos das atividades relacionadas ao turismo e ao IPTU dos prives e condomínios estão sendo aplicados onde e de que maneira?

41 Qual o valor da arrecadação com ISS e IPTU?

42 Qual o valor da Dívida Ativa?

43 Gravatá está participando do Projeto Alvorada do Governo federal? Quantas habitações serão beneficiadas com saneamento básico?

44 Gravatá tem Aterro Sanitário?

45 Que providências a Prefeitura está tomando em relação à despoluição do Rio Ipojuca?

46 Existe algum projeto para remoção e/ou melhoramento das residências no Alto do Cruzeiro?

47 Existe algum projeto para construção de habitação popular?

48 Há rumores de implantação de uma fábrica de biodiesel, a partir da mamona, aqui em Gravatá. Isso é verdade? Se sim, explique melhor esse projeto.

49 Além das atividades relacionadas ao turismo e a construção de condomínios e prives, quais outras atividades a Prefeitura se interessa que se instalem em Gravatá?

50 E quanto às críticas dos pequenos produtores rurais sobre o estado das estradas?

## 3. A Moderna Agropecuária

51 Quais as empresas que você acredita que possam ser classificadas de modernas nos âmbitos da agropecuária em Gravatá? Por que?

52 Os empregados são daqui de Gravatá?

53 Da zona rural ou urbana?

54 Moram na propriedade?

4. As Segundas-residências

55 Qual a opinião sobre as fazendas estarem sendo desmembradas para condomínios e prives?

56 O preço da terra e do terreno em Gravatá está por volta de quanto?

57 Você sabe dizer se os empregos criados nesses condomínios e prives dão preferência a população local de Gravatá? De qual área?

58 Qual a sua opinião sobre as segundas-residências?

59 Você sabe em que ano começou a construção de prives e condomínios em Gravatá? Eram em áreas urbana ou rural?

60 Quantos condomínios e prives você imagina que tem Gravatá?

61 Você sabe o total de segundas-residências?

62 Como o poder público vê o crescimento imobiliário em Gravatá de prives e condomínios?

63 Existe uma política de uso e ordenamento do solo em Gravatá?

64 Que providências estão sendo tomadas para o IPTU em atraso?



## **ANEXOS**



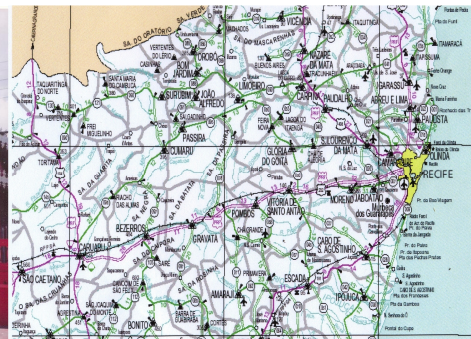
**F.3.** Fotografia Bromélia Karatas ou Gravatá. Fonte: Acervo pessoal da Pesquisadora em 28/12/2005.



**F.4.** Fotografia Igreja Matriz de Sant'Ana no Centro de Gravatá. Fonte: CONDEPE/FIDEM (2004) e **F.5.** Fotografia da Capela São Miguel. Fonte: Viagravatá. Disponível em: <http://www.viagravatá.com.br>. Acesso em: 12/12/2004.



**F.6.** Fotografia do Memorial e Biblioteca Pública e **F.7.** Prefeitura Municipal de Gravatá. Fonte: Viagravatá. Disponível em: <http://www.viagravatá.com.br>. Acesso em 12/12/2004.



**F.8.** Fotografia do Casario antigo de Gravatá. Fonte: Acervo pessoal da Pesquisadora em 15/06/2006, e **F.9.** Fotografia do Percurso que corresponde à duplicação e ampliação da Rodovia BR 232. Fonte: CAVALCANTE e CAVALCANTE (2005).



**F.10.** Fotografia da Rodovia Luiz Gonzaga, BR 232 - Eixo de entrada no Município de Gravatá. Fonte: Acervo pessoal da Pesquisadora em 23/12/2005.





**F.11.** Fotografia do Pólo Moveleiro de Gravatá. Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora em 23/12/2005, e **F.12.** Fotografia do Artesanato em Barro em Madeira. Fonte: Prefeitura de Gravata. Disponível em: <http://www.prefeituradegravata.com.br>. Acesso em: 15/12/2005.



**F.13.** Fotografia do Artesanato em Bronze e **F.14.** Fotografia do Artesanato em Trançado. Fonte: Prefeitura de Gravata. Disponível em: <http://www.prefeituradegravata.com.br>. Acesso em: 15/12/2004.



**F.15.** Fotografia da Casa do Artesão e **F.16.** Fotografia dos Artesãos. Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora em 15/01/2006.





**F.17. e F.18.** Fotografias de uma loja de Móveis em Gravatá. Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora em 10/01/2006.



**F.19.** Fotografia de um Grupo de Forró de Pé de Serra e **F.20.** Fotografia do Fondue gravataense. Fonte: Prefeitura de Gravata, Disponível em: <http://www.prefeituradegravata.com.br>. Acesso em: 12/12/2004.



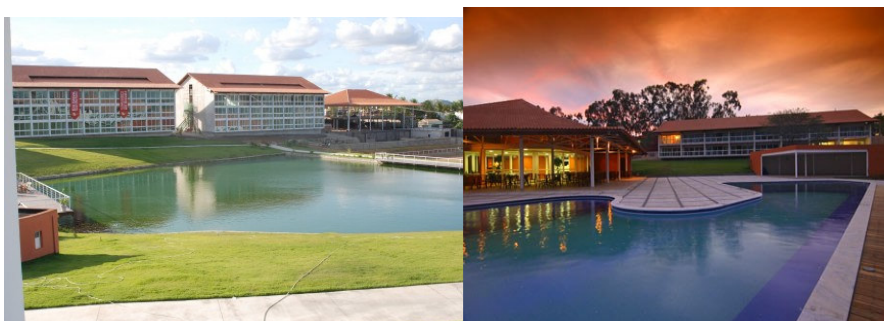
**F.21.** Fotografia do Privê Mapuquara em Gravata, e **F.22.** Fotografia de Condomínio Asa Branca. Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora em 22/06/2006.



**F.23.** Fotografia do Apart-hotel Vila Hípica e **F.24.** Fotografia do Redondel do Centro Hípico Vila Hípica. Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora 18/06/2006.



**F.25** Fotografia das Baías no Centro Hípico. Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora em 18/06/2006. e **F. 26.** Fotografia do Treinamento de Salto no Centro Hípico. Fonte: Vila Hípica. Disponível em: <http://www.vilahipica.com.br>. Acesso em 21/03/20007.



**F.27.** Fotografia do Hotel Vila Hípica em Construção e **F. 28.** Fotografia Restaurante do Flat Vila Hípica. Fonte: Vila Hípica. Disponível em: <http://www.vilahipica.com.br>. Acesso em 21/03/20007





**F.29.** Fotografia da Recepção do Hotel-Fazenda Portal de Gravatá. Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora em 21/06/2006 e **F. 30.** Fotografia do Restaurante do Hotel-Fazenda Portal de Gravatá. Fonte: Hotel-Fazenda Portal de Gravatá. Disponível em: <http://www.portadegravata.com.br>. Acesso em 21/03/2007.



**F.31** Fotografia da Recepção do Hotel Casa Grande. Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora em 22/06/2006 e **F.32.** Fotografia do Parque Aquático do Hotel Casa Grande. Fonte: Hotel Casa Grande. Disponível em: <http://www.hotelcasagrandegravata.com.br>. Acesso em: 21/03/2007.



**F.33.** Fotografia do Mini-boi e **F.34.** Fotografia do Avestruz no Haras Vale das Acácias. Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora em 23/06/2006.



**F.35.** Fotografia do Haras das Acácias, e **F. 36.** Folder da Associação de Turismo de Gravatá. Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora em 23/06/2006.

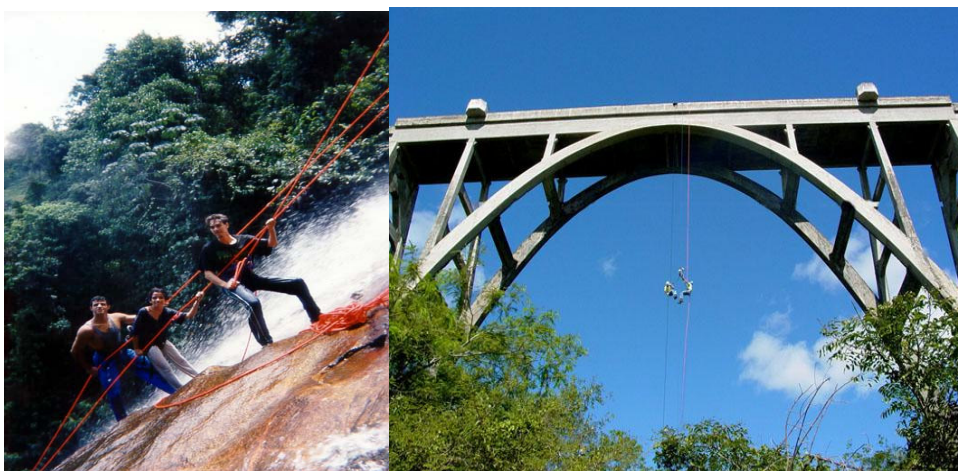


**F.37.** Fotografia do Centro de Informações Turísticas de Gravatá, e **F.38.** Fotografia da Placa de Sinalização. Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora em 22/06/2006.



**F.39.** Fotografia do Show no Palco do Pátio de Eventos. Fonte: Prefeitura de Gravatá. Disponível em: <http://www.prefeituradegravata.com.br>. Acesso em: 21/03/2007. E **F.40.** Fotografia da Área do Pátio de Evento. Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora em 18/06/2006.





**F. 41.** Fotografia - Esportes Radicais na Cachoeira e **F. 42.** Fotografia - Esportes Radicais no Túnel Cascavel. Fonte: Prefeitura de Gravatá. Disponível em <http://www.prefeituragravata.com.br>. Acesso em: 21/03/2007.



**F. 43.** Fotografia da Cachoeira da Palmeira. Fonte: Prefeitura de Gravatá. Disponível em <http://www.prefeituragravata.com.br>. Acesso em: 21/03/2005.

**FLATS E BANGALÔS  
PRONTOS PARA VOCÊ.**

**SEU LUGAR EM GRAVATÁ**

O Asa Branca Residence oferece lazer e descanso para toda família. Juntinho do centro de Gravatá - pista local da BR 232, Km 92 - é o lugar perfeito para quem quer descansar da correria da capital ou curtir este simpático e atrativo município.





**CORRETORA**  
**GILDA - CRECI-7000**  
(boa apresentação)  
**Tel 9987.4239**  
**81 9971.2507**

**ASA BRANCA**  
RESIDÊNCIA

Aproveite esse clima.

[www.ourazul.com.br/asa branca](http://www.ourazul.com.br/asa branca)

**Realize seu Sonho!**  
**Privê Chalés da Serra**

**Estrutura completa**

- Piscina do adulto com cascata
- Piscina Infantil
- Piscina aquecida
- Sauna a vapor
- Salão de jogos
- Salão de festas, bar e 3 churrasqueiras
- Área para exercícios
- Campo de futebol (gramado)
- Speed ball
- Quadra poliesportiva
- Parque infantil
- Mini cidade
- Mini anfiteatro para crianças
- Vários equipamentos esportivos
- Pista de cooper numa área de 10.483 m²



**melhor negócio em Gravatá**

Excelente localização (próximo ao Hotel Casa Grande)  
Conheça o empreendimento em nosso site: [www.otl.com.br](http://www.otl.com.br)

**F.44.** Panfleto de propaganda do “Resort” Condomínio Asa Branca, e **F. 45.** Panfleto de propaganda do Prive Chalés da Serra. Acervo pessoal da Pesquisadora em 20/12/2005.



**F.46.** Fotografia do “Resort” Condomínio Monte Castelo. Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora em 18/06/2006.



**F.47.** Fotografia do Mercado Público reformado. **F. 48.** Fotografia da plantação de Morangos. Fonte: Prefeitura de Gravataí. Disponível em: <http://www.prefeituradegravatá.com.br>. Acesso em 11/05/2007.



**F.49.** Plantação de repolho da agricultura tradicional. E **F.50.** Fotografia da Agricultura Tradicional e Estufa de Flores. Fonte: Acervo pessoal da Pesquisadora em 23/06/2006.





**F.51.** Fotografia das Barracas da Feira Livre. Fonte: Prefeitura de Gravatá. Disponível em: <http://www.prefeituradegravata.com.br>. Acesso em 15/12/2005, e **F.52.** Fotografia das Barracas da Feira de Produtos Orgânicos. Acervo pessoal da Pesquisadora em 22/12/2006.



**F. 53. e 54.** Fotografias das Flores Cultivadas em Estufas. Acervo Pessoal da Pesquisadora em 22/06/2006.



**F. 55.** Fotografia das Flores em Pacotes e **F.56.** Fotografia do Buquet de Flores . Acervo Pessoal da Pesquisadora em 22/06/2006.



**F. 57. e F. 58.** Fotografias de Gérberas cultivadas em estufas. Fonte: Acervo pessoal de Eduardo Cavalcanti. Em 15/12/2005.



**F.59.** Fotografia de Orquídea. Fonte: Prefeitura de Gravatá. Disponível em <http://www.prefeituradegravata.com.br>. Acesso em 30/05/2007.



**F.60.** Fotografia do Cavalo da raça Quarto de Milha (Reprodutor, Mean and Lean). Fonte: Haras Passira. Disponível em: <http://www.haraspasira.com.br>. Acesso em 30/05/2007.





**F.61.** Fotografia do Bode Bôer, “Super Boy”. Fonte: Rebanho Caroatá. <http://www.caroata.com.br>. Acesso em 30/05/2007.



**F.62.** Fotografia da ovelha da raça Dorper e **F.63.** Fotografia da ovelha da raça Santa Inês. Fonte: Rebanho Caroatá. Disponível em: <http://www.caroata.com.br>. Acesso em 30/05/2007.



**F. 64.** Cartaz do I Leilão Caratá 2007 em Gravatá. Fonte: Rebanho Caratá. Disponível em; <http://www.carata.com.br>. Acesso 30/05/2007.



**F.65.** Fotografia da Fábrica de Móveis Estrela e **F.66.** Fotografia da Fábrica do grupo DBD. Fonte: Prefeitura de Gravatá. Disponível em: <http://www.prefeituragravatá.com.br>. Acesso em: 30/05/2007.



**F.67.** Fotografia da Capacitação Profissional de Jovens em Marcenaria. Disponível em: <http://www.prefeituragravatá.com.br>. Acesso em: 30/05/2007.



**F. 68.** Mapa Turístico de Pernambuco. Fonte. EMPETUR. Inventário Turístico de Pernambuco, 2004.



**www.prefeituradegravata.com.br**



212